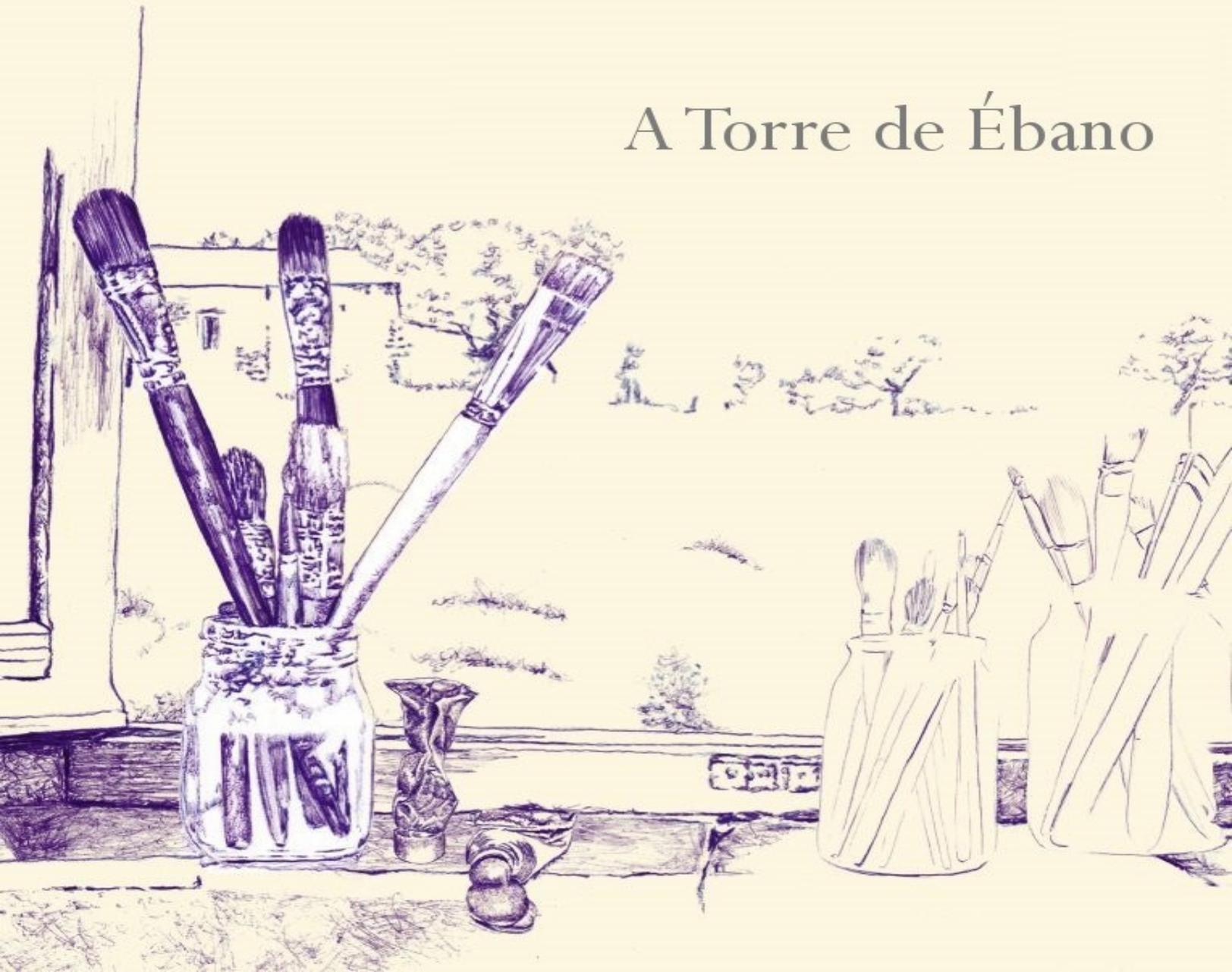


# *Exilado dos livros*

## A Torre de Ébano



# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

John Fowles

# **A TORRE DE ÉBANO**

Título original: The Ebony Tower

Tradução de Alfonso Blacheyre

Editora Artenova

**Este e-book:**

Digitalização: Argo/PDL

Epub: SCS

## Sinopse

Em **A Torre de Ébano**, um jovem pintor e crítico de artes visita velho pintor contemporâneo em seu retiro na Bretanha, vendo-se inesperadamente diante do desafio sexual e intelectual de um ménage extraordinário. A vida de egoísmo apaixonado do velho, sua coragem como pintor, acima de tudo suas duas amantes jovens, finalmente obrigam o visitante a uma reavaliação profunda de si próprio — como artista e como ser humano.

Em **Pobre Koko**, o escritor que foi vítima de ato insensato de vandalismo nas mãos de um invasor descobre que não foi ele próprio, mas algo muito mais profundo, que recebeu o ataque.

O desaparecimento intrigante de um Membro do Parlamento, por todas as aparências feliz e bem sucedido, em **O Enigma**, não pode ser solucionado pelas técnicas policiais comuns; ao fim somente a intuição. pode desvelar o mistério.

Em **A Nuvem**, o tema central — narrado no contexto de longo dia de verão — é o isolamento amargo de uma jovem e recém-enviuvada inglesa que mora com a irmã expatriada e família da mesma, na França.

A quinta obra da coleção é **Eliduc**, a tradução vivaz que John Fowles fez de uma história de amor e auto-renúncia medieval, na França. Nesse período da literatura, ao que ele acredita, encontra-se a origem da novela.

Muitíssimo satisfatórias pelas idéias que criam e imagens que sugerem, essas novelas são modelos da arte em que seu narrador é mestre — cada qual uma jornada em que a viagem constitui prazer tão grande quanto a própria chegada.

# Sumário

[A Torre de Ébano](#)

[Eliduc](#)

[Pobre Koko](#)

[O Enigma](#)

[A Nuvem](#)

## A Torre de Ébano

*... Et par forez longues et lees  
Par leus estranges et sauvages  
Et passa mainz felons passages  
Et maint peril et maint destroit  
Tant qu'il vint au santier tot droit...*

CHRÉTIEN DE TROYES, Yvain

David chegou a Coëtminais na tarde após aquela em que desembarcara de avião em Cherburgo e seguira de carro até Avranches, onde passara a noite de terça-feira. Isso lhe permitira uma perambulação agradável, cobrindo a distância que faltava, a visão distante do sonho espetacular e espiralado do Monte St. Michel, passeios em torno de St. Maio e Dinan, depois rumo ao sul naquele tempo esplêndido de início de setembro, percorrendo o campo de vegetação renovada. Gostara imediatamente das paisagens tranquilas, plantadas e de colheita feita, bem definidas e podadas concentradas em si próprias e evolvendo o aroma de fertilidade gaste. Por duas vezes estacara, observando combinações especialmente agradáveis de tonalidade e profundidade — faixas paralelas de aquarela com notas a lápis de ampliação em seu punho firme. Embora houvesse alguma indicação da origem das formas nessas anotações verbais — que uma faixa de cor se ligava a um campo, àquela muralha ensolarada, ao morro distante — não desenhou coisa alguma. Também

registrou a data, a hora do dia e o tempo predominante, antes de prosseguir.

Sentia-se um pouco culpado por estar-se divertindo tanto, achar-se ali tão inesperadamente a sós, sem Beth e depois de ter criado tamanho problema; mas o dia, a sensação de descoberta e, está claro, o objetivo de todo aquele exercício a se apresentar de modo formidável e, no entanto, agradável, bem à frente, tudo conspirava para conferir-lhe uma ilusão saborosa de liberdade de homem solteiro. E depois os poucos quilômetros finais, atravessando a floresta de Paimpont, um dos últimos remanescentes maiores dos antigos bosques e matas da Bretanha, tudo se apresentava deliciosamente certo: estradas rurais verdes e cobertas de sombras, com vistas ensolaradas e ocasionais pelas trilhas estreitas que serpenteavam entre as árvores sem fim. Os fatos referentes à fase mais recente e celebrada do velho ajustaram-se imediatamente. Nenhuma medida de dedução inteligente ou de leitura poderia suplantiar aquela vivência de primeira mão. Muito antes de chegar David sabia que não perdera a viagem. Enveredou por trilha florestal ainda menor, uma *voie communale* onde não se via viva alma; e mais ou menos um quilômetro após tê-la tomado chegou ao letreiro que lhe havia sido prometido. *Manoir de Coëtminais. Chemin prive*. Via-se ali um portão branco, que teve de abrir e fechar. Mais ou menos meio quilômetro de caminhada novamente pela floresta e descobriu o caminho impedido, pouco antes de as árvores darem para a luz do sol e um pomar relvado? por outro portão. Havia letreiro pregado na barra de cima e suas palavras fizeram-no sorrir por dentro, já que por baixo do letreiro *Chin méchant*, estava em inglês: *Strictly no visitors except by prior arrangement*. Mas como a confirmar que o letreiro não devia ser desprezado encontrou o portão trancado a cadeado pela parte interna. Deviam ter-se esquecido de que ele chegaria àquela tarde. Por momentos sentiu-se perturbado. Teria o velho demônio esquecido por completo

sua vinda? Ali ficou na sombra profunda, fitando a luz do sol além. Não teria podido esquecer-se, pois David lhe enviara um bilhete de aviso e agradecimentos antecipados na semana anterior. Em algum lugar próximo, nas árvores por trás, um pássaro emitiu seu curioso canto de três sílabas como se fosse uma flauta de lata, muito mal tocada. Olhou ao redor mas não conseguiu divisá-lo. Não era ave inglesa e de algum modo obscuro isto fez David lembrar-se de que ele o era. Cão de guarda ou não, não se podia... voltou para o automóvel, desligou o motor e fechou as portas, regressando em seguida ao portão e passando por cima do mesmo.

Seguiu a pé pelo caminho de acesso que atravessava o pomar, cujas árvores antigas estavam cheias de maçãs pequenas e outras, vermelhas, de fazer sidra. Não se distinguia qualquer sinal de cachorro, latido algum. O *manoir*, ilhado e ensolarado na abertura em meio ao mar de carvalhos e bétulas imensas, não era exatamente o que ele esperava, talvez porque falasse pouquíssimo francês — e mal conhecia o campo em volta de Paris — e traduzira a palavra de modo visual, bem como verbal, em termos de uma *manor* inglesa. Na verdade tinha mais a aparência de fazenda que já fora próspera; nada se notava de muito aristocrático na fachada de emboço cor de ocre pálido amplamente treliçado por vigas avermelhadas e contrabalançadas por venezianas em marrom-escuro. Para o nascente via-se pequena ala em ângulo reto, parecendo construção feita em data mais recente. Mas o conjunto tinha encanto, era antigo e compacto uma face cálida de caráter, uma boa sensação de solidez. Simplesmente contara com algo mais grandioso.

Notava-se um pátio de saibro em frente à ala setentrional da casa. Gerânios ao pé da parede, duas antigas rosas trepadeiras, um salpicado de pombos brancos sobre o telhado; todas as persianas estavam fechadas, o lugar adormecido. Mas a porta principal encimada por escudo de pedra heráldica, os entalhes apagados pela intempérie e

colocada de modo excêntrico, voltada para a extremidade ocidental da casa, achava-se aberta. Em passos cautelosos David atravessou o saibro até lá. Não havia aldrava nem sinal de campainha; tampouco, felizmente, qualquer sinal do cachorro com que fora ameaçado. Viu o saguão com lajes de pedra, a mesa de carvalho ao lado de antiga escadaria de madeira onde os corrimões exibiam seu aspecto medieval, dando para cima. Mais além, na extremidade distante da casa, outra porta aberta emoldurava o jardim cheio de sol. Hesitou, percebendo que chegara mais cedo do que anunciara e depois bateu na porta principal com os nós dos dedos. Alguns segundos depois, compreendendo a futilidade do som assim emitido, atravessou o umbral. À direita estendia-se uma sala de estar comprida, parecendo-se a uma galeria. As divisões antigas deviam ter sido derrubadas, mas parte dos pilares negros e principais fora mantida e se apresentava em destaque contra as paredes brancas, ostentando-se como um esqueleto. O efeito era levemente Tudor, muito mais inglês do que o exterior da casa. Peça muito bela de espaço denso, porém arejado, móveis antigos de madeira entalhada, jarras de flores, um grupo de poltrona e dois sofás mais além; tapetes roxos e vermelhos, antigos e, de modo inevitável, a arte... o que não constituía surpresa — só que alguém a pudesse encontrar com tanta naturalidade — já que David sabia que havia pequena e distinta coleção ao lado do trabalho artístico do velho. Os nomes famosos já se anunciavam. Ensor, Marquet, aquela paisagem lá ao canto deve ser um Derain "fresco", e sobre a lareira...

Era preciso anunciar-se, entretanto. Percorreu o chão de pedra ao lado da escadaria até a porta no canto distante do aposento. Lá se estendia um gramado amplo, canteiros, grupos de arbustos, algumas árvores ornamentais. Achava-se protegido do norte por muro alto e David percebeu por ali outra fileira de edifícios mais baixos, ocultos da parte dianteira da casa; paióis e estábulos de vacas, de quando

aquele lugar fora fazenda. No meio do gramado via-se uma catalpa podada na forma de enorme cogumelo verde e à sua sombra, viam-se, como em pose, conversando, uma mesa de jardim e três cadeiras de vime. Mais além, em fechado círculo de calor, duas jovens despidas estavam deitadas lado a lado na grama. A que estava mais distante, semi-oculta, achava-se de costas, como a dormir. A mais próxima deitara sobre o estômago, o queixo apoiado nas mãos, lendo um livro. Usava chapéu de palha de aba larga, a copa ostentando alguma fita frouxa em vermelho-vivo. Ambas estavam bem tisonadas, de modo uniforme, e pareciam não perceber o estranho que se colocara no umbral à sombra, a vinte metros de distância. Ele não entendia que não houvessem ouvido o ruído de seu automóvel, no silêncio da presta. Mas realmente chegara mais cedo do que na "hora de chá" que propusera na carta; ou talvez houvesse uma campainha à porta, algum criado que devesse tê-lo ouvido. Por alguns segundos observou as tonalidades quentes das duas figuras femininas indolentes, o verde à sombra do catalpa e o verde da grama, o carmesim intenso da fita no chapéu, o muro roxo mais além, com suas fruteiras antigas de latada. Depois fez meia-volta e regressou à porta principal sentindo-se mais divertido do que embaraçado. Voltou a pensar em Beth, como ela teria adorado esse mergulho direto na lenda... o velho fauno imoral e as famosas tardes que passava.

Onde entrara pela primeira vez notou de imediato o que, na curiosidade de antes, deixara de enxergar. Uma campainha de bronze achava-se no chão de pedras, por trás de uma das ombreiras da porta. Apanhou-a então e tocou — logo desejando não o ter feito, pois o tilintar estridente e colegial atacou a casa em silêncio, sua paz ensolarada. E nada ocorreu, não ouviu passos lá em cima, nenhuma porta se abriu na extremidade distante do aposento comprido em que se achava. Continuou esperando no umbral. Talvez decorresse meio minuto e depois uma das jovens, não sabia

qual delas, apareceu à porta do jardim e veio em sua direção. Usava agora um *gala-biya* simples de algodão branco, era jovem esguia com pouco mais do que estatura média e vinte anos de idade, cabelos castanhos e dourados, braços regulares; olhar firme, olhos bastante grandes e estava descalça. Era iniludivelmente inglesa. Estacou a alguma distância dele, ao pé da escada.

— David Williams?

Ele fez um gesto, como a pedir desculpas.

— Estavam à minha espera?

— Sim.

Ela não estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Sinto muito entrar assim, furtivo. O portão de vocês, lá fora, está trancado.

Ela sacudiu a cabeça.

— É só empurrar. O cadeado. Sinto muito — não parecia sentir coisa alguma e estar desconcertada. Disse, então: — O Henry está dormindo.

— Nesse caso, pelo amor de Deus, não o acorde — pediu David, e sorriu. — Cheguei um pouco cedo. Julguei que seria mais difícil encontrar este lugar.

Ela o examinou por momentos, o pedido do recém-chegado, o de ser bem recebido.

— Ele fica uma porcaria, se não puder fazer a sesta. David sorriu.

— Olhe, eu aceitei a carta dele literalmente... no que dizia de me acomodar aqui, sabe?... Mas se...

Ela olhou mais além de David, pela porta aberta, depois voltou a examinar-lhe o rosto, com leve toque indiferente de indagação.

— E sua esposa?

Ele explicou que Sandy apanhara catapora, ocasionando assim uma crise no último instante.

— Ela vai de avião a Paris na sexta-feira. Se minha filha houver melhorado. Eu a apanharei lá.

Os olhos firmes voltaram a avaliá-lo.

— Nesse caso vou mostrar-lhe a casa?

— Se tem a certeza...

— Não há problema.

Ela fez um gesto vago para que a seguisse e voltou para a escada, muito simples, alva, estranhamente modesta e serviçal após aquele primeiro olhar.

— Ele comentou:

— Sala maravilhosa.

Ela tocou o corrimão enegrecido pela idade, que subia ao lado deles.

— Isto é do século quinze. Dizem. — Mas não olhou para ele, nem para o aposento, e não fez pergunta alguma, como se David houvesse percorrido apenas alguns quilômetros na viagem para chegar lá.

No topo da escada entrou para um corredor à direita. Um comprido tapete de junco estendia-se pelo meio do mesmo. Ela abriu a segunda porta a que chegaram e deu um passo para dentro, segurando a vela, observando, estapafurdidamente parecida à *patronne* no hotel onde ele se hospedara na noite anterior. David quase contava ouvi-la determinar o preço.

— O banheiro fica ao lado.

— Está muito bom. Vou apanhar meu automóvel.

— Como desejar.

Ela fechou a porta. Havia naquela jovem algo sobrenaturalmente sério, quase victoriano, a despeito do *garabiya*. David sorriu como incentivo enquanto regressavam pelo corredor, rumo às escadas.

— E você é...?

— Henn me chama de A Ratinha.

Finalmente surgira leve *secura* em seu semblante, ou seria um desafio, não podia ter certeza.

— Faz muito que o conhece?

— Desde a primavera.

Ele procurou despertar alguma solidariedade.

— Eu sei que ele não adora este tipo de coisa. O dar de ombros, nela, foi quase imperceptível.

— Basta saber enfrentá-lo. Não passa de latidos, na maior parte. Ela procurava dizer-lhe algo, e dizê-lo com muita clareza; talvez que se a vira no jardim era aquela a distância verdadeira que sabia manter quanto às visitas. Afigurava-se a algum tipo de equivalente a sua anfitriã mas mesmo assim se comportava como se a casa não tivesse grande coisa a ter com ela. Chegaram ao pé das escadas e ela voltou-se para o jardim...

— Lá fora? Meia hora? Eu o desperto às quatro.

David voltou a sorrir observando o tom de voz da jovem, como o de uma enfermeira, tom indiferente quanto a tudo que o mundo externo pudesse pensar do homem a quem ela chamara "Henry" e "ele".

— Ótimo.

— Fique *comme chez vous*. Certo?

A jovem hesitou por instante, como se percebesse que estava sendo distanciada e sibilina além da conta. Percebia-se até um leve traço de desconfiança e a sombra muito distante

de um sorriso acolhedor. Depois baixou o olhar, voltou-se e seguiu em silêncio rumo ao jardim; ao passar pela porta o *galabiya* perdeu por momentos seu caráter opaco contra a luz do sol mais além; e era uma sombra despida e efêmera. David percebeu então que esquecera de perguntar sobre o cachorro, mas era de presumir que a jovem o houvesse providenciado e procurou lembrar-se de quando fora menos acolhido em casa alheia... como se houvesse presumido em demasia, quando tal não ocorrera — e, com certeza, não a presença dela. Fora informado de que o velho deixara tudo aquilo para trás.

Voltou, passando pelo pomar até o portão. Pelo menos ela não o enganara naquele particular. O fecho do cadeado abriu-se, assim que o puxou. Tomou então o volante e estacionou à sombra da castanheira em frente à fachada da casa, desembarcou a bolsa de objetos pessoais e pasta de documentos, bem como um terno comum, que trazia ao cabide. Relanceou o olhar pela porta, fitando o jardim por trás, ao subir, mas as duas jovens pareciam ter sumido. No corredor acima deteve-se para olhar duas pinturas que observava quando ela lhe mostrara a parte de cima da casa, e não conseguira descobrir o pintor... mas agora, era bem claro, tratava-se de Maximilien Luce. Velho de sorte, ter comprado antes que a arte se tornasse um ramo da cobiça, fazendo assim um investimento astuto. David esqueceu-se da recepção fria que lhe fora dispensada.

Seu quarto era mobiliado com simplicidade, a cama de casal feita de algum estilo rural e canhestro de móveis do Império, o guarda-roupa de nogueira cheio de cupins, uma cadeira, a antiga *chise-longue* com estofado verde e fatigado; espelho emoldurado, manchas no amálgama de mercúrio. No aposento tresandava odor levemente bolorento, demonstrando que era pouco usado; fora mobiliado com peças tiradas dos leilões locais. O incongruente era o Laurencin assinado, acima da cama. David tentou suspendê-lo do gancho para ver o quadro em luz melhor mas a moldura estava aparafusada à

parede. Sorriu e sacudiu a cabeça. Se ao menos a pobre Beth estivesse ali...

David fora advertido pela casa editora londrina — e pelo sócio principal da mesma, que organizara aquela empreitada — dos recifes, muito mais formidáveis do que os portões trancados, a dificultarem qualquer visita a Coëtminais. A irascibilidade, os nomes que não devia mencionar em hipótese alguma, a linguagem grosseira, os vexames a que estaria sujeito; não haviam deixado dúvida alguma de que esse "grande homem" também sabia ser o maior dos filhos da puta. Era-lhe igualmente possível, ao que parecia, mostrar-se encantador — caso gostasse da pessoa. Ingênuo como criança em alguns modos, dissera o editor. E mais a recomendação: não discuta com ele sobre a Inglaterra e os ingleses, basta aceitar que ele exilou-se por toda a vida e não tolera que alguém o lembre do que pode ter perdido. E por fim: ele quer desesperadamente que façamos o livro. David não devia deixar-se levar a pensar que o tema desse livro não se importava coisa alguma com a opinião nacional.

De muitos modos sua viagem não fora, a rigor, necessária. Já rascunhara a introdução, sabia muito bem o que ia dizer; e existiam os ensaios nos catálogos maiores, principalmente aquele da Retrospectiva Tate 1969... o galardão artístico inglês; também os catálogos de duas apresentações recentes em Paris e o de New York, a pequena monografia de Myra Levey na série Métodos Modernos e a correspondência com Matthew Smith; e toda uma série de entrevistas úteis, concedidas a revistas diversas. Alguns detalhes biográficos ainda estavam por ser esclarecidos, embora pudessem ter sido feitos por carta. Havia, naturalmente, toda uma série de indagações artísticas que se podia apresentar ao grande pintor — ou David teria vontade de fazê-las, mas o velho jamais se mostrara muito prestativo

nesse aspecto; na verdade, em grande maioria de casos registrados sobre sua vida apresentara-se inapelavelmente crítico, propositalmente enganador ou pura e simplesmente grosseiro. Aquela, portanto, era de modo fundamental a oportunidade de conhecer o homem que ele passara tempo estudando e cujo trabalho ele admirava, genuinamente e sem qualquer reserva... e o bom que era, poder dizer que o conhecera. Afinal de contas a criatura alcançara agora o destaque maior, era preciso colocá-la juntamente com os Bacons e Sutherlands. Podia-se até afirmar que era o mais interessante de todo esse grupo seletivo, embora fosse provável afirmar, falando de causa própria, que ele era apenas o menos maldito dos ingleses.

Nascido em 1896, estudante em Slade nos grandes dias do regime Steers-Tonks, pacifista caracteristicamente militante quando fora preciso preencher os cartões de 1916, em Paris (e espiritualmente fora da Inglaterra para todo o sempre) em 1920, depois mais de dez anos na duvidosa — a própria Rússia se bandeava para o realismo socialista — terra de ninguém entre o surrealismo e o comunismo, Henry Breasley tivera outro decênio a esperar até merecer qualquer tipo de reconhecimento sério em seu país — a revelação, durante seus cinco anos de "um exílio para outro" no Gales durante a Segunda Guerra Mundial, dos desenhos feitos na Guerra Civil espanhola. Como a maioria dos artistas Breasley estivera bem à frente dos políticos. Para os ingleses a exposição de 1942, em Londres, de seu trabalho feito a partir de 1937-38 viera, de repente, a fazer sentido; também eles haviam aprendido o que era a guerra, a loucura amarga de dar o benefício da dúvida ao fascismo internacional. Os mais inteligentes sabiam que nada havia de muito presciente sobre seus registros do sofrimento espanhol. Na verdade, em espírito aquilo remontava diretamente a Goya. Mas sua força e habilidade, seu desenho soberbamente incisivo, eram inegáveis. Fizera sua marca, bem como se tornara assinalada,

ainda que em caráter mais particular, a reputação de Breasley como pessoa "difícil". A lenda de seu humor negro contra tudo que era inglês e, por convenção, da classe média

— ainda mais se tivesse algo a ver com as opiniões oficiais sobre as artes, ou sua administração pública — ficara muito bem esclarecida à altura em que ele voltara a Paris em 1946.

Por mais uma década, em seguida, não aconteceu grande coisa a seu nome, em questões de popularidade. Mas ele se tornara artista de quadros colecionáveis e havia um número crescente de admiradores influentes tanto em Paris quanto em Londres, embora, como qualquer pintor europeu, sofresse com a ascendência desenfreada de New York como árbitro mundial nos valores da pintura. Na Inglaterra ele jamais se aproveitara de todo o impacto selvagem, do "sarcasmo negro" famoso dos desenhos espanhóis, mas ainda assim demonstrava autoridade crescente, madureza no trabalho. A maioria dos grandes nus e interiores viera desse período, o humanista desde muito oculto começara a virá tona embora, como sempre, o público se achasse mais interessado pelo aspecto boêmio

— os relatos de suas bebedeiras e suas mulheres, transmitidos em meio à perseguição espasmódica que sofria por parte da parcela mais chauvinista e difamatória da Rua Fleet. Antes da década de sessenta, todavia, tal modo de vida já se tornara coisa com leve sabor histórico. Os boatos e realidades de seu estilo de vida divertidos... e até agradavelmente autênticos para o homem vulgar, com sua inclinação a confundir a criação séria com a biografia picaresca, a deixar que o ouvido de Van Gogh venha a obscurecer qualquer tentativa de encarar a arte como lucidez suprema, em vez de melodrama baboso. Deve-se reconhecer que o próprio Breasley não recusou de modo perceptível o papel que lhe era oferecido; se as pessoas queriam chocar-se,

em geral fazia-lhes a vontade. Mas seus amigos mais íntimos sabiam que por baixo dos acessos ocasionais e contínuos de exibicionismo ele mudara muito.

Em 1963 ele comprara a velha *manoir* em Coëtminais e abandonara sua amada Paris. Um ano depois surgiram suas ilustrações de Rabelais, sua última rodada como desenhista puro, em edição limitada que já se tornara um dos livros mais valiosos do gênero, no século atual; e no mesmo ano ele pintou o primeiro dos quadros da série final que viria determinar sua reputação internacional além de qualquer dúvida. Embora sempre houvesse rejeitado a idéia de uma interpretação mística — e nele restava bastante do antigo esquerdista para que qualquer intenção religiosa fosse expulsa — as telas enormes, tanto no sentido literal quanto no metafórico, com seus verdes e azuis dominantes que começavam a sair de seu novo estúdio, arraigavam-se em um Henry Breasley que o mundo exterior até então não soubera adivinhar. De certo modo era como se houvesse descoberto quem realmente era, muito depois da maioria dos artistas com sua capacidade técnica e experiência. Se não se tornara inteiramente recluso, deixara de ser um *enfant terrible* profissional. Ele próprio, certa feita, chamara as pinturas de "sonhos"; havia com certeza um traço surrealista de seu passado, dos anos vinte, uma queda para as justaposições anacrônicas. De outra vez ele as chamara de tapeçarias e, na verdade, o *atelier* de Aubusson efetuara trabalhos relacionados a seus desenhos. Havia um sentimento — "um casamento improvável de Samuel Palmer e Chagall", como afirmara um dos críticos, ao examinar a obra na Retrospectiva Tate — de ecletismo inteiramente absorvido, algo que se tornara evidente por toda a sua carreira mas não chegara à maturidade real antes de Coëtminais; um laivo de Nolan, embora o tema fosse muito menos explícito, mais misterioso e arquetipal... "Céltico" fora a palavra usada com

frequência, com o reaparecimento do motivo florestal, as figuras e confrontos enigmáticos.

O próprio Breasley em parte confirmava isso, quando alguém tivera a temeridade vitoriosa de lhe perguntar qual a fonte central — e pelo menos dessa vez recebera resposta em parte honesta: Pisanello e Diaz de La Pena. A referência a Diaz e à Escola de Barbizon fora sarcasmo contra si próprio, nem é preciso dizer. Mas ao ser pressionado no tocante a Pisanello Breasley citara uma pintura na galeria nacional de Londres, a *Visão de São Estácio* e confessara que a mesma o perseguira por toda a vida. Se a referência à primeira vista parecera claramente distante, logo se fez ver que Pisanello e seus patronos no início do século quatorze haviam sido embrutecidos pelo ciclo arthuriano.

O que levava o jovem David Williams (nascido no mesmo ano em que Breasley lavrara seu primeiro êxito na Inglaterra, em 1942) a Coëtminais em setembro de 1973 fora precisamente este último aspecto da obra do velho. Ele não sentira qualquer interesse especial por Breasley antes da Retrospectiva Tate, mas fora então pressionado por certas correspondências com uma arte ou melhor, um estilo, o Gótico Internacional, que sempre interessara seu lado erudito. Dois anos depois formulara os paralelos que vira, em um artigo. Um exemplar de cortesia fora enviado a Breasley, mas não recebera qualquer reconhecimento do mesmo. Um ano decorrera, David quase se esquecera de tudo aquilo e com certeza não se dedicara a qualquer interesse especial pela obra do velho. O convite vindo dos editores a fim de escrever a introdução biográfica e crítica em *A Arte de Henry Breasley* (com a informação suplementar de que a oferta fora feita com a aprovação do pintor) surgira de modo inteiramente inopinado.

Não se tratava de um jovem desconhecido a visitar um velho mestre. Pai e mãe de David Williams eram arquitetos,

casal que continuava trabalhando e adquirira certo renome. O filho demonstrara aptidão natural ainda bem jovem, agudo sentido das cores e nascera no tipo de ambiente onde recebera apenas incentivo. Ao decorrer do tempo fora à faculdade de artes e finalmente escolhera a pintura. Era estudante dos mais destacados no terceiro ano de estudos e já produzia obras vendáveis. Nisso se revelava não apenas uma *avis rara*, pois diversamente da maioria dos colegas era muito bem dotado de expressão e comunicação. Criado em casa onde a arte contemporânea e todas as suas questões eram acompanhadas e debatidas constante e coerentemente, sabia escrever e falar bem. Tinha algum conhecimento real de história da arte, auxiliado por muitas fitadas na fazenda dos pais na Toscana, o que levava além de qualquer entusiasmo apenas pessoal. Apercebia-se de sua sorte em tudo isso e da inveja que tal poderia provocar em seus colegas social e naturalmente menos dotados. Sempre muito achegado a que gostassem dele, formara modos cuidadosamente combinados de sinceridade e tato. Talvez o mais notável a seu respeito como estudante fosse que, de modo global, se tornasse inteiramente benquisto; assim como se tornaria benquisto mais tarde, como professor e prelecionador — e nem mesmo totalmente detestado por suas vítimas como crítico de artes. Nunca vasculhava apenas pelo prazer de fazê-lo. Era muito raro, na verdade, não descobrir algo que louvar em um artista ou em uma exposição.

Por sua própria escolha passara um ano no instituto Courtauld, após a faculdade. Por dois anos após isso combinou o ensino da pintura a palestras de apreciação geral da arte. Seu próprio trabalho surgiu sob a influência de Op Art e Bridget Riley e beneficiou-se da estrela desta artista. Tornou-se um dos jovens substitutos passáveis para os que não podiam comprar o próprio Riley e depois (o que sucedera em 1967) teve um caso com uma das alunas de terceiro ano, caso que realmente se tornara concreto. Casaram-se e

compraram, com a ajuda dos pais, uma casa em Blackheath. David resolveu tentar a sorte, vivendo apenas da pintura, mas à chegada de Alexandra, a primeira de suas duas filhinhas, e diversas outras coisas — uma das quais pequena crise de dúvidas quanto a seu próprio trabalho, afastando-se agora da influência de Riley — levaram-no a procurar mais rendimentos. Não queria voltar a ensinar em estúdios, mas voltou em parte às preleções. Um encontro casual levou-o a convite para fazer algumas críticas e, um ano mais tarde, isso se tornara proveitoso o bastante para que abandonasse as preleções. Tal fora sua vida, a partir de então.

Seu próprio trabalho começou a obter reputação suficiente, ao sair da proteção da Op Art, auferindo muitas estrelas vermelhas em suas exposições. Embora continuasse a ser artista inteiramente abstrato no sentido comum da expressão (um pintor de cores, no jargão atual), sabia que se inclinava para a natureza e se distanciava dos artificios de sua fase Liley. Seus quadros apresentavam precisão técnica, qualidade arquitetônica sólida herdada das predileções paternas e sutileza acentuada de tonalidade. Dizendo-o às claras, eram quadros que se saíam bem nas paredes com que alguém tinha de viver, o que era um dos bons motivos (por ele conhecidos e aceitos) pelos quais vendia; outro era que sempre trabalhara em escala menor do que a maioria dos pintores não-figurativos. Também isto devia ser algo que adquirira de pai e mãe, pois se mostrava duvidoso quanto ao monumentalismo transatlântico, pintando diretamente para as vastas galerias dos museus de arte moderna. Tampouco era o tipo de pessoa que se envergonhava em pensar no seu trabalho colocado em apartamentos e lares, desfrutado em particular, em sua própria escala por ele escolhida.

Se lhe desagradava a pretensão, por outro lado não estava despido de ambição. Continuava ganhando mais em sua pintura do que ganhava escrevendo, e isso significava muito para ele; tanto quanto o que poderia ser chamado de

situação de sua posição em meio à sua própria geração de pintores. Teria desdenhado a noção de uma corrida, mas ainda assim mantinha olho vivo sobre os rivais e nas menções públicas por eles recebidas. Não se desapercibia disso e na menção pública formada por seu próprio trabalho de crítica sabia que errava mais por generosidade com aqueles de quem mais se arreceava.

O casamento fora muito bem sucedido, a não ser por período ruim e breve, quando Beth se revoltara contra a "maternidade constante" e desfraldara o estandarte da Libertação das Mulheres; mas agora a esposa contava com dois conjuntos de ilustrações para livros infantis em seu cabedal, um outro contratado e um quarto a caminho. David sempre admirara o casamento dos pais e o seu próprio começara a adotar aquela mesma atmosfera de camaradagem e colaboração. Quando o abordaram sobre a introdução de Breasley aceitou como mais um sinal de que as coisas, de modo geral, caminhavam bem.

Viera a Coëtminais tendo apenas um receio pequeno, o de que Breasley não compreendesse ser ele um pintor — para ser exato, que tipo de pintor ele era — bem como autor sobre matéria artística. De acordo com a editor, o velho não fizera pergunta nesse sentido. Vira o artigo e achara que o mesmo "lia bem"; e mostrara-se muito mais preocupado sobre a qualidade da reprodução de cores no livro proposto. A opinião de Breasley de que a abstração completa fora o caminho errado era amplamente conhecida, e diante disso não podia ter tempo para o trabalho de David. Mas talvez se houvesse abrandado neste aspecto — embora tivesse muitas brasas para usar quando se achava em Londres em 1969, lançando-as sobre a cabeça de Victor Pasmore; o que era ainda mais provável, por estar tão distante do cenário artístico londrino, achava-se genuinamente inciente da serpente parcial que levara a seu seio. David contava que a questão pudesse ser evitada, e se tal não fosse possível teria de improvisar na hora

— e procurar mostrar ao velho que o mundo já se afastara de tal estreiteza de pontos de vista. Sua aceitação da comissão constituía prova disso. Breasley "trabalhava" — e que ele trabalhava emocional e estilisticamente de modos totalmente diferentes ou distantes daqueles que alguém preferiria em sua própria ascendência (De Stijl, Ben Nicholson e os demais, entre eles o arqui-renegado Pasmore) na arte do século vinte, não vinha ao caso.

David era um jovem que, acima de tudo, se apresentava tolerante, de espírito aberto e inquisidor.

Valeu-se da meia-hora antes de "Henry" acordar a fim de olhar a arte no pavimento térreo. De vez em quando relanceava o olhar pelas janelas por trás da casa. O gramado continuava vazio, o silêncio da casa era como aquele em que tinha chegado. Por dentro do salão achava-se apenas um exemplo do trabalho de Breasley, porém havia muito mais o que admirar. A paisagem era certamente um Derain, como David adivinhara. Três desenhos magníficos de Permeke. O Ensor e o Marquet. Um Bonnard inicial. Um esboço a lápis caracteristicamente febril, sem assinatura, porém iniludivelmente Dufy. Depois um esplêndido Jawlensky (como teria o velho conseguido aquilo?), uma prova assinada por Otto Dix muito bem justaposta com um desenho de Nevinson. Dois Matthew Smith, um Picabia, uma pequena pintura de flores que devia ser um Matisse iniciado, embora não parecesse muito certo... havia esses, e eram numericamente sobrepujados pelas pinturas e desenhos cujos autores David não podia adivinhar. Se alguém aceitasse a ausência dos movimentos mais extremados, tinha-se toda uma sala cheia de arte do início do século vinte que os museus teriam feito tudo para conseguir. Breasley colecionara antes da guerra, naturalmente, e ao que parecia sempre dispusera de renda particular. Como filho único devia ter herdado soma

substancial quando a mãe falecera em 1925. O pai, um desses cavalheiros victorianos que parecem ter vivido em conforto sem fazerem coisa alguma, falecera em incêndio de hotel em 1907. Pelo que Myra Levey afirmara também ele andara mexendo com coleção de artes, à maneira de diletante.

Breasley concedera a si a primazia de lugar — e de espaço — por cima da antiga lareira de pedra, no centro do aposento. Ali estava o imenso *Caçada à Lua*, talvez a mais bem conhecida das *oeuvres* de Coëtminais, pintura sobre a qual David dissertaria mais prolongadamente e que queria muitíssimo voltar a estudar com calma... talvez até mesmo para confirmar a si próprio que não estava superestimando o trabalho. Sentia de longe o alívio de que o quadro voltasse a se apresentar bem ao novo encontro — ele não o vira, o original, desde a exposição Tate, quatro anos antes — e vinha a anunciar-se até mesmo melhor do que a recordação e as reproduções o tinham apresentado. Como acontecia com tão grande parte do trabalho de Breasley, havia uma iconografia prévia e evidente — neste caso, a *Caçada Noturna* de Uccello e toda a sua progênie, ao correr dos séculos; o que, por sua vez, vinha a apresentar-se como comparação provocante, um risco deliberado... exatamente como os desenhos espanhóis haviam desafiado a grande sombra de Goya, aceitando sua presença, até mesmo usando-a e parodiando-a, também a recordação do Uccello ashmoleano, de algum modo, acentuava e reforçava a pintura diante da qual David se sentava. Proporcionava uma tensão essencial, na verdade: por trás do caráter misterioso e da ambiguidade (não se viam cães de caça, nem cavalo, nem presa... figuras noturnas em meio às árvores, mas o título era necessário), por trás da modernidade de tantos dos elementos superficiais, destacava-se ao mesmo tempo uma homenagem e uma espécie de desafio à tradição antiquíssima. Não se podia ter toda a certeza de que fosse uma obra-prima, mas havia certo ar coagulado em algumas passagens, um uso distintamente brusco do impacto, a exame

mais detido; algo vagamente estático em demasia no conjunto, falta de relevo tonal (mas também isso talvez fosse apenas a recordação do Uccello). No entanto continuava considerável, tinha presença — podia apresentar-se muito bem, obrigado, contra qualquer outra coisa na pintura britânica desde a guerra. Talvez seu mistério mais verdadeiro, como com toda a série, fosse o de ter sido feito, afinal de contas, por um homem na idade de Breasley. A *Caçada à Lua* fora pintada em 1965, ao seu sexagésimo-nono ano de idade, e isso ocorrera oito anos antes.

E então, de súbito, como a solucionar o enigma, o próprio pintor vivo apareceu, vindo pela porta do jardim e dirigindo-se a David.

— Williams, meu camarada.

Adiantou-se, a mão estendida, calças em azul-claro e camisa azul-escuro, um clarão inesperado de Oxford e Cambridge, um quadrado de seda vermelha. Tinha cabelos claros, embora as sobrancelhas continuassem levemente castanhas, o nariz com bulbos, a boca enganadoramente exigente, os olhos cinzentos-azuis empapuçados em rosto corado. Aproximava-se com movimentos quase rápidos, como a perceber que estivera de algum modo em falta, e era menor e mais desempenado do que David imaginara, julgando pelas fotografias .

— Senhor, é uma grande honra para mim estar aqui.

— Bobagens. Bobagens. — E o cotovelo de David foi puxado, o sorriso e o olhar indagador naqueles olhos, a relíquia branca de uma madeixa na testa mostrando-se ao mesmo tempo indagadores e dispensando bobagens. — Cuidaram de si?

— Sim. MUITÍSSIMO bem.

— Não se deixe espantar pela Ratinha. Ela é um pouquinho gagá. — O velho se apresentava de mãos nas

ancas, na aparência de alguém que procurava parecer jovem, bem alerta, e da idade de David. — Ela julga ser Lizzie Siddal. O que torna aquela italianazinha loroteira e horrível muito insultante, não acha?

— Eu notei uma certa...

Breasley levantou os olhos para o teto.

— Meu caro rapaz, nem faz idéia. Mesmo assim. Essa idade é coagulante. Bem, que diz de tomarmos chá? Sim? Estamos lá fora, no jardim.

David fez um gesto em direção da *Caçada à Lua*, enquanto seguiam para a extremidade do aposento.

— E formidável voltar a ver aquilo. Só desejo que os impressores estejam à altura.

Breasley deu de ombros, como se não se importasse, ou estivesse impermeabilizado contra elogio tão direto. Depois lançou outro olhar indagador a David.

— E você? Ouço dizer que é dos bons.

— Não acredite.

— Li o seu trabalho. Todos aqueles camaradas de quem nunca ouvi falar. Foi um bom trabalho.

— Mas está errado?

Breasley pôs a mão em seu braço.

— Não sou um erudito, meu caro. Minha ignorância de coisas que você deve conhecer tão bem quanto conhece o seio de sua mãe deixá-lo-ia espantado. Não importa. Aguenta isto de mim, está certo?

Saíram para o jardim. A moça apelidada de Ratinha, ainda descalça e em seu traje branco e árabe, veio em trajetória oblíqua do relvado na extremidade distante da casa, trazendo uma bandeja de coisas para o chá. Não notou os dois homens.

— Vê o que quero dizer? — murmurou Breasley. Alguém precisa curtir-lhe o rabo.

David mordeu os lábios. Chegados à mesa sob o catalpa, viu a outra jovem sair de pequeno abrigo no relvado que, visto da casa, estava oculto por um banco de arbustos. Ela devia ter estado imersa na leitura e ele notou o chapéu de palha com a cinta vermelha na grama por trás da jovem, que veio na direção deles, ainda com o livro na mão. Se a Ratinha era singular, esta criatura se mostrava absurda. Ainda menor, muito magra, o rosto levemente murcho sob um feixe de cabelos encrespados que haviam sido avermelhados com Hena. A concessão que a jovem fizera à modéstia tinha sido a de vestir uma camiseta de homem ou de menino, por seu aspecto, tingida de preto. E a camiseta vinha apenas, mas somente apenas, ao ponto abaixo da virilha. As pálpebras também haviam sido enegrecidas. Ostentava o aspecto de uma boneca de trapos, um espantalho neurótico, figura vinda da extremidade mais tresloucada da estrada real.

— Esta é Anne — disse a Ratinha.

— Também conhecida por Aleijão — comentou Breasley.

Este acenou a David para que sentasse a seu lado. O convidado hesitou, pois faltava uma cadeira, mas o Aleijão veio sentar-se com bastante falta de jeito na grama ao lado da amiga. Assim é que as calcinhas vermelhas se tornaram visíveis ou melhor, evidentes, por baixo da camiseta preta. A Ratinha começou a servir o chá.

— Primeira visita que faz a esta região, Williams?

Isto permitiu a David mostrar-se educado, e com sinceridade, sobre o seu entusiasmo recém-chegado pela Bretanha e suas paisagens. O velho pareceu aprovar o que dizia, começou a falar sobre a casa, como a tinha encontrado, sua história, o motivo pelo qual dera as costas a Paris. Desmentia gostosamente sua tradição de patife, pois era

quase como se estivesse deliciado por ter outro homem com quem conversar. Sentava-se de costas para as jovens, ignorando-as por completo e David foi tomado por sensação crescente de que elas não gostavam de sua presença; quer por causa da atenção que ele merecia, pelo formalismo que ele trazia à cena ou por já terem ouvido tudo quanto o homem lhe dizia agora, mas não podia ter certeza. Breasley partiu novamente — desmentindo mais uma vez sua reputação — para as paisagens galesas, sua primeira infância antes de 1914. David sabia que a mãe dele fora do Cales, e sabia também da temporada de guerra em Brekanshire, mas não que guardava recordações e afeto pelo lugar, e que sentia saudade de suas montanhas .

O velho falava a seu modo, em palavras parecidas a rajadas intercaladas, entre afirmativas e experimentais. Usava gíria singularmente antiquada, com entremeio constante de palavrões. Não de modo intelectual ou sensível, em absoluto, mas muito mais como algum almirante (ao que ocorrera a David, com divertimento secreto) excêntrico e reformado. Eram tão arrebatadoramente inadequados todos aqueles maneirismos antiquados da classe superior inglesa, na boca de um homem que passara a vida negando globalmente tudo que merecia a defesa das mesmas classes superiores... Paradoxo semelhante encontrava-se nos cabelos lisos e brancos, escovados na testa em estilo que Breasley devia manter desde a juventude — e que Hitler desde muito havia tirado de moda junto aos homens mais jovens. Aquilo lhe conferia uma meninice, mas o rosto rubro, que começava a se tornar colérico, os olhos pálidos, sugeriam algo muito mais antigo e muito mais perigoso. Ele procurava, do modo mais transparente, aproximar-se o mais que podia de um velho idiota genial do que realmente era, e devia saber que não conseguia enganar pessoa alguma.

Se, no entanto, as duas jovens não guardassem tamanho silêncio — o Aleijão fora a ponto de mover-se para descansar

as costas na parte dianteira da cadeira ocupada pela outra pequena, apanhando o livro e retomando a leitura — David teria ficado relativamente à vontade. A Ratinha sentava-se em elegância alva e ouvia, mas era como se seu pensamento estivesse em outra parte — em uma peça de Millais, talvez. Quando David lhe procurava o olhar, ela decompunha seus traços bastante belos, levando-as à aparência de uma confirmação formal de que continuava presente; o que dava a impressão clara de que não estava ali. Ele tornou-se curioso, queria saber qual era a verdade, verdade oculta além do evidente. Não contara encontrar isso, tendo obtido do editor a informação de que o velho vivia agora sozinho — isto é, tendo em sua companhia apenas uma velha dona de casa francesa. Durante o chá a relação pareceu mais filial do que qualquer outra coisa, apenas uma vez as garras do leão surgiram à luz.

David mencionara Pisanello, sabendo que assim estava em terreno firme — e os afrescos recém-descobertos em Mantua. Breasley os vira em reprodução, parecera genuinamente interessado em ouvir um relato de primeira mão sobre os afrescos e parecera também genuinamente ignorante — David não levava muito a sério a advertência feita pelo velho — quanto às técnicas em jogo naqueles trabalhos. Mas David mal começara a entrar nas complexidades de *arricie*, *intonaco*, *sinopie* e os demais, quando Breasley o interrompeu.

— Aleijão, meu querido borrão, pelo amor de Deus pare de ler este puto livro e escute.

Ela ergueu o olhar, depois baixou o livro e cruzou os braços.

— Desculpe.

Isso foi dito a David, e não ao velho e com tédio evidente: você é um chato, mas ele insiste.

— E quando você usar essa palavra, pelo amor de Deus, faça parecer que é de verdade.

— Eu não sabia que estávamos incluídas.

— Merda.

— Eu estava ouvindo, aliás.

Ela tinha leve sotaque londrino, fatigado e abusado.

— Não seja tão insolente.

— Eu ouvia.

— Merda.

Ela fez careta, lançou um olhar para a Ratinha.

— Henry. David sorriu.

— Que livro é esse?

— Meu caro, não se meta nisto. Se não se importa — o velho inclinou-se à frente, o dedo enristado para a pequena.

— Agora, chega. Aprenda alguma coisa.

— Sim, Henry.

— Meu prezado camarada, sinto muito. Faça o favor de continuar.

O pequeno incidente produziu reação inesperada da Ratinha. Ela lançou aceno sub-reptício à David, por trás das costas de Breasley; se para dizer-lhe que aquilo era normal, ou sugerir que ele continuasse, antes que uma briga completa se desencadeasse, eis algo que não se tornou claro.

Mas ele prosseguiu e teve a impressão de que ela ouvia com um pouco mais de interesse. A jovem chegou, mesmo, a fazer uma pergunta e era evidente que sabia algo sobre Pisanello. O velho devia ter falado a esse respeito.

Pouco depois Breasley levantou-se e convidou David para examinar sua "sala de trabalho" nos edifícios por trás do jardim. As jovens não se moveram. Ao acompanhar Breasley,

passando por um portão de arcada na parede, David relanceou o olhar para trás e viu a figura tisonada e magra, na camiseta negra, voltar a apanhar o livro. O velho lançou-lhe uma piscadela de olhos, ao seguirem pelo caminho de saibro rumo aos edifícios enfileirados à esquerda.

— Sempre a mesma coisa. É ter as cadelinhas na cama e perder todo o sentido de proporção.

— Elas são estudantes?

— A Ratinha. Só Deus sabe o que a outra julga ser.

Mas era bem claro que não queria falar sobre elas, como se fossem mariposas em volta de sua vela, um par de grupetas de alta classe. Começou a explicar as conversões e modificações que havia feito, o que os edifícios tinham sido antes. Passaram por um umbral chegando ao estúdio principal, paiol cujo pavimento superior fora retirado. Ali via-se mesa comprida, cheia de esboços e papel, ao lado do janelão amplo dando para o norte sobre o pátio de saibro; mesa de tintas, os cheiros e apetrechos conhecidos e dominando o espaço em sua extremidade mais distante, outra da série de Coëtminais, três-quartas partes completas — uma tela de doze por seis pés sobre cavalete especialmente feito por carpinteiro em conjunto de degraus móveis na frente para se alcançar a parte superior da pintura. Era mais uma vez cenário de floresta, mas com clareira central, com muito mais gente do que o costume, muito menor a sensação subaquosa sob um azul de primeira classe, quase negro, que conseguia sugerir tanto a noite quanto o dia, tanto o calor quanto a tempestade, uma ameaça pairando sobre o componente humano. Desta feita havia um eco imediato (porque já se aprendera a procurá-lo) da família Breughel e, mesmo, um leve eco de si próprio, da *Caçada à Lua* que se encontrava na casa principal. David sorriu para o pintor.

— Está oferecendo alguma pista?

— Quermesse? Talvez. Ainda não tenho certeza. — O velho examinava o quadro que pintava. — Ela está se fazendo de gostosa. Esperando, sabe como é?

— A mim, parece muito boa. Já parece.

— Por que preciso de mulheres ao redor. Noção do tempo. Perda de sangue e tudo o mais. Aprendendo quando não trabalhar. Aí temos nove partes da coisa. — Ato contínuo, fitou David. — Mas você conhece tudo isto. Você também é pintor, não?

David respirou fundo e partiu deslizando apressadamente sobre gelo fino, explicando a respeito de Beth, o fato de que a esposa partilhava seu estúdio em casa e ele sabia a que Breasley se referia. O velho abriu as mãos, como a concordar, e pareceu amavelmente desinteressado em continuar com a questão do trabalho executado por David. Voltou-se e sentou-se em tamborete perto do banco à janela, depois estendeu a mão para uma natureza morta, desenho a lápis de flores silvestres: cardos de diversas espécies, espalhados sobre a mesa. Havia sido desenhados com precisão marcante, ainda que bastante sem vida.

— A Ratinha. Começo de boa mão, você não acha?

— Boa linha.

Breasley acenou na direção da tela enorme.

— Eu a deixei ajudar. O trabalho de burro. David murmurou:

— Nessa escala...

— Menina esperta, Williams. Não se iluda com ela. Não se deve zombar dela. — E o velho voltou a fitar o desenho. — Merece coisa melhor. — E depois: — Não saberia viver sem ela, na verdade.

— Tenho a certeza de que ela aprende muito. .

— Eu sei o que as pessoas dizem. Velho patife, e coisas assim. Homem com a minha idade.

David sorriu.

— Não dizem mais.

Mas Breasley parecia não ouvir.

— Não me importo merda nenhuma com isso, nunca me importei. Quando se começa a usar as mentes delas.

E começou a falar sobre a idade, voltando-se para a pintura e David em pé ao lado, fitando-a; como a imaginação, a capacidade de conceber não se atrofiava, como julgara nos dias em que era mais jovem. O que declinava era a resistência física e psicológica — "como o pobre e velho John Thomas que se tem" — para executar. Era preciso contar com ajuda, nesse particular. Ele parecia envergonhado por se ver obrigado a confessá-lo.

— Caridade romana. Conhece? Um velhote chupando leite da testa de uma coisinha nova. Muitas vezes penso nisso.

— Não posso acreditar que seja tão unilateral como diz — e David apontava para o desenho das flores. — Devia ver que tipo de educação artística a maioria dos jovens está recebendo, hoje em dia, em nossa terra.

— Você acha?

— Tenho a certeza. A maioria deles nem mesmo sabe desenhar.

Breasley afagou os cabelos brancos e mais uma vez pareceu quase comovedoramente infantil, falto em confiança. E David sentiu-se até seduzido por essa criatura mais tímida, porém mais franca, que se escondia por trás das palavras e modos externos, que parecia ter resolvido confiar nele.

— Devia mandá-la embora daqui. Mas não tenho coragem.

— E isso não é para ela resolver?

— Ela não disse alguma coisa? Quando você veio?

— Fez uma boa imitação de anjo da guarda.

— Não podia negar fogo.

Tal foi dito com um laivo de tristeza sarcástica e continuou misterioso, pois o velho se levantou com repentino regresso de energia e breve toque, como a se desculpar, no braço de David.

— Ao diabo com isso. Veio interrogar-me, não é? David perguntou sobre as etapas preliminares à pintura.

— É tentar e errar. Desenho muito. Veja aqui.

Levou David à extremidade da bancada. Os esboços de trabalho eram produzidos com a mesma mistura singular de timidez e asserção que demonstrara ao falar sobre a jovem — como se ao mesmo tempo receasse a crítica e desconfiasse de sua ausência.

Essa pintura nova, ao que parecia, surgira de recordação muito difusa da primeira infância; de visita feita a uma freira, ele já não sabia onde, e estivera com cinco ou seis anos de idade, ansiara por aquela ocasião, desfrutara-a imensamente, ainda podia recordar-se de seu anseio avassalador — a recordação parecia permeada de desejo — de ver cada barraca e balcão, ver tudo, provar tudo. E depois uma tempestade, que deve ter sido percebida antes por todos os adultos, mas que por algum motivo lhe chegou como um choque e surpresa, um desapontamento terrível. Todas as indicações externas desse belo tema haviam desaparecido gradualmente através dos esboços de trabalho, muitos mais complexos e variados do que David esperara e achavam-se inteiramente exorcizados quanto ao imago final. Era bastante como se uma liberalidade desajeitada, uma correlação conceptual do modo pelo qual o velho falava, tivesse de ser lentamente exterminada para recomposição e refinamento constantes,

afastando-se da verbalização. Mas a estória explicava a introversão estranha, o esquecimento aceso da cena central da pintura. Os paralelos metafísicos, pequenos planetas de luz em noites infinitas e tudo o mais havia talvez permanecido um pouquinho óbvio em demasia. Tudo aquilo era um tanto olímpicamente sombrio demais; em palavras, algo como um axioma pessimista sobre a situação humana. Mas a tonalidade, o estado de espírito, a força da declaração ostentavam convicção — e mais do que suficiente para sobrepujarem qualquer preconceito pessoal que David sentisse contra o conteúdo abertamente literário na pintura.

A conversa se ampliava, David conseguiu levar o velho mais para trás no passado, à sua vida na França nos anos vinte, sua amizade com Braque e Matthew Smith. A veneração de Breasley pelo primeiro era algo desde muito conhecida, mas ele pareceu necessitar de levar David a conhecê-la. A diferença entre Braque e Picasso, Matisse "e companhia" era aquela entre um grande homem e grandes meninos.

Eles sabiam. Ele sabia. Todos, a não ser o maldito mundo em geral, sabiam disso.

David não discutiu. O nome de Picasso fora, na verdade, pronunciado como "pigarço". De modo geral, no entanto, os palavrões diminuía à medida que conversavam. A máscara nada ingênua de ignorância caiu, e o rosto do velho cosmopolitano que até então fora oculto começava a surgir. David, por "sua vez, começava a desconfiar que estava lidando com um tigre de papel, ou certamente com alguém que ainda vivia em mundo antes dele próprio ter nascido. A insinuação ocasional de agressão baseava-se em idéias ridiculamente antiquadas sobre o que chocava as pessoas, que trapos vermelhos conseguiam enfurecê-las; invertendo a comparação, era mais como fazer o toureiro para um touro cego. Somente o imbecil bombástico podia deixar-se apanhar por chifres tão evidentes.

Voltaram caminhando para a casa, pouco antes das seis horas. Mais uma vez as duas jovens haviam desaparecido. Breasley levou-o ao redor da sala no pavimento térreo a fim de examinar o trabalho ali presente. Surgiu o relato de alguns casos, algumas declarações peremptórias de afeição. Certo nome famoso recebeu nota zero por ser manhoso, "amaldiçoadamente fácil demais".

— Homem de uma dúzia por dia, compreendeu? Indolente até a medula. Foi o que o salvou. Exigente meu rabo.

E surgiu mais franqueza, quando David perguntou o que ele procurara, quando comprara os quadros.

— O valor em dinheiro, meu camarada. Seguro. Nunca pensei que minha própria obra valia grande coisa. E agora, que me diz deste camarada?

Haviam estacado diante da pequena pintura de flores que David atribuíra a Matisse, possivelmente. O visitante sacudiu a cabeça.

— Desde então, só pintou tolices.

Isso não chegava a ser uma pista, na companhia do velho. David sorriu.

— Estou engasgado.

— Miró. Feito em 1915.

— Santo Deus.

— Uma tristeza.

Sacudiu a cabeça, como sobre o túmulo de alguém que falecera na flor da juventude.

Havia outros pequenos tesouros que David não conseguiu identificar: um Sérusier, uma notável paisagem gauguinesca de Filiger... mas quando chegaram à extremidade do aposento Breasley abriu uma porta.

— Tem um artista maior ali, Williams. Você vai ver. Jantar esta noite.

A porta dava para a cozinha... um homem grisalho e com mandíbulas de lanterna, sentado à mesa e descascando legumes, uma mulher idosa que se voltou do fogão moderno, sorridente. David foi apresentado: Jean-Pierre e Mathilde que dirigiam a casa e o jardim. Havia também um grande cão alsaciano, que o homem fez sossegar, ao se pôr em pé. Chamava-se MacMillan, a fim de rimar com Villon e isso porque, Breasley explicou fungando, tratava-se de "antigo impostor". Falou francês pela primeira vez, em voz singularmente diferente, e de todo fluente, parecendo-se a francês natural aos ouvidos de David. Mas o inglês, a essa altura, devia ser a língua mais estrangeira. Calculou que o cardápio do jantar estava sendo examinado. Breasley levantava as tampas de panelas no fogão e farejava, como o oficial a examinar o rancho da caserna. Depois surgiu um lúcio, que foi examinado enquanto algum caso estava sendo narrado pelo homem, sendo de depreender que ele o pescara àquela tarde, o cachorro ficara em sua companhia e procurara atacá-lo quando o peixe caíra ao chão. Breasley se inclinou e sacudiu o dedo enristado sobre a cabeça do cachorro, dizendo-lhe que devia guardar os dentes para os ladrões. A David acorria a satisfação de verificar que, por sorte, chegara quando o animal se encontrara longe da propriedade. Teve a impressão de que essa visita noturna à cozinha constituía parte de certo ritual. Sua domesticidade e familiaridade, o tranquilo casal francês, vinham formar um contraste reconfortante com o tom vagamente pervertido que a presença das duas jovens introduzira à sua visita.

De volta no aposento comprido Breasley disse a David para se pôr à vontade, pois tinha algumas cartas a escrever. Encontrar-se-iam novamente ali para tomarem um *apéritif* às sete e meia.

— Espero que não seja muito formal.

— Esta é a Casa da Liberdade, meu rapaz. Venha pelado, se quiser. — Ele piscou. — As pequenas não se importam.

David sorriu.

— Certo.

O velho ergueu a mão e caminhou para as escadas. No meio da subida voltou-se e falou para David.

— O mundo não é feito apenas de peitos nus, não acha?

Um ou dois discretos minutos depois, David também subiu. Sentou-se na *chaise-longue*, fazendo suas anotações. Era uma vergonha não se poder transcrever diretamente as palavras do velho, mas aquelas duas primeiras horas haviam-se mostrado muito úteis e outras certamente viriam. Após algum tempo foi deitar-se na cama, as mãos por trás da cabeça, fitando o teto. O calor era grande, faltava arejamento, embora houvesse aberto as persianas. Por estranho que fosse, sentira um pequeno toque de desapontamento pessoal, afinal, em companhia de Breasley. Um pouco de pose demasiada e fingimento manhoso como produto final, dissonância grande demais entre o homem e sua arte. E, por ilógico que fosse, ali permanecia, embora David quisesse manter-se fora da questão, a mágoa minúscula de que nenhuma pergunta lhe fora feita sobre seu próprio trabalho. Era absurdo, naturalmente, apenas a reação à monomania tão gritante: e não vinha despida de um elemento de inveja... aquela casa antiga e tão magnífica, a disposição do estúdio, a coleção de quadros, a ambiguidade levemente animada que permeava o lugar após ter vivido com a velha e previsível Beth e os filhos em casa; o distanciamento de tudo, o caráter estrangeiro, os lampejos curiosos de sinceridade, uma pátina... fecundidade, todo o seu dia por aquele campo, tantas maçãs a amadurecerem.

Mas ele estava sendo injusto com Beth que, afinal de contas, fora mais responsável do que ele próprio nos debates frenéticos de último instante, travados na manhã de segunda-feira, quando a catapora de Sandy passara de ameaça a realidade. A mãe de Beth já estava em casa deles, pronta a assumir o comando quando partissem e perfeitamente capaz de enfrentar a situação... e pronta a fazê-lo, de modo que tomara o lado de David. Fora apenas a consciência de Beth, aquele traço antigo de obstinação na esposa — e um pouco de resto de culpa, ao que desconfiava ele, por causa do breve motim que ela ensaiara contra a tirania dos filhos, logo após o nascimento de Louise. Mesmo se não surgissem complicações, insistira ela, não ficaria satisfeita, deixando de sabê-lo. E David tinha de ir, afinal de contas tratava-se de trabalho. A semana que haviam pretendido passar no Ardèche, após a Bretanha, ainda poderia ocorrer. Haviam finalmente concordado quando ele partira rumo a Southampton na manhã de segunda-feira, que se não houvesse um telegrama em Coëtminais, na terça-feira, ela se encontraria em Paris no dia seguinte. Ele partira apressadamente e reservara a passagem antes de sair; trouxera também flores e uma garrafa de champanhe ao voltar para caia com a passagem. Isso lhe granjeara um ponto positivo com a sogra. Beth se mostrava mais seca. Em sua frustração inicial ele colocara seu ódio a viajar sozinho de modo demasiadamente evidente e ainda mais naquela viagem, acima da paternidade responsável. Mas as últimas palavras de Beth tinham sido: "Eu o perdoarei em Paris".

Uma porta no patamar superior da escadaria, aquela pela qual Breasley passara, abriu-se por instantes e ele ouviu o som de música, um rádio ou disco, parecendo-se a Vivaldi. Reinou novamente o silêncio, em seguida. Sentia-se como uma visita: periférico, sem ser realmente desejado. Seus pensamentos voltaram às duas pequenas. Era claro que ninguém se chocava com o fato de que dormissem com o

velho; acontecesse o que acontecesse, no caso de homens velhos. Presumia-se que fossem bem pagas pelos serviços que prestavam, tanto literal quanto figuradamente; deviam conhecer o tipo de preços que o trabalho dele obtinha agora, para não falar no que a coleção valeria em leilão. De algum modo importuno a presença delas irritava David. Deviam estar querendo algo, explorando as fraquezas do velho. Eram como uma cortina e David percebia um segredo do qual elas não queriam que tivesse conhecimento.

Desejou que Beth estivesse ali, pois a esposa sempre se mostrara menos receosa de ofender as pessoas, mais direta; e ela poderia ficar sabendo mais coisas, junto às pequenas, do que ele seria capaz de descobrir.

Achou bom ter finalmente resolvido vestir-se um pouco melhor — o terno de jeans, camisa e xale — quando desceu ao térreo. A Ratinha envergava blusa cor de creme e de pescoço alto, saia comprida e avermelhada, arrumando a comprida mesa de madeira na extremidade do aposento. As lâmpadas achavam-se acesas, os primeiros sinais do crepúsculo lá fora. David viu a parte traseira da cabeça branca de Breasley em sofá perto da lareira e depois, ao entrar no aposento, a cabeleira crespa do Aleijão encostada no ombro do velho. Ela se derreara para trás, os pés em tamborete, lendo alto em francês o que alguma revista dizia. Usava vestido de cetim negro, ombros nus e bainha de babados, com linha espanhola em volta. A mão do velho, no braço que a circundava, descera por baixo do tecido e se achava no seio esquerdo da moça. Ele não a retirou dali ao ver David, limitou-se apenas a erguer a mão livre e apontar na direção da Ratinha.

— Tome alguma coisa, meu caro rapaz.

Também ele mudara, pois envergava capote claro de verão, camisa branca, gravata borboleta purpúrea. A jovem torceu a cabeça e fitou David rapidamente, com olhos negros

de carvão, boca vermelha e ardente, em careta, depois começou lentamente a traduzir para o inglês o que lera. David sorriu, hesitou por momentos, sem jeito, e depois passou ao local onde a Ratinha se movimentava, em volta da mesa. Ela o recebeu com olhar calmo.

— O que posso servir-lhe?

— O mesmo que estiver servindo a si.

— Um Noilly Prat?

— Ótimo.

Ela foi a um *armoire* esculpido e antigo ao lado da porta, dando para a cozinha. Copos, toda uma coleção de garrafas, uma tigela de gelo.

— Limão?

— Por favor.

Ele tomou o copo e observou-a a servir dose semelhante para si própria; depois algum suco de frutas efervescente e finalmente um uísque... servido com cuidado, bem entregue, ela chegou a erguer o copo e com dois dedos mediu o nível da razão antes de cobri-la com quantidade idêntica de soda. A blusa, feita de algum tecido de fibras esgarçadas e na cor de renda antiga, que punha à vista interstícios minúsculos de carne nua, era de mangas compridas e punhos cerrados, gola alta, em estilo eduardiano; bastante formalista e pudibundo a não ser pelo fato, logo percebido por David, de que nada mais era usado por baixo do mesmo. Observou-lhe o rosto de perfil, enquanto servia as bebidas, a sua calma tranquila. Os movimentos dela eram destros, à vontade naquele papel doméstico. David ficou pensando no motivo pelo qual o velho tinha de zombar dela; o bom-gosto e a inteligência pareciam, afinal de contas, muito mais plausíveis do que a tolice. Tampouco parecia haver qualquer coisa pré-rafaelista nela, agora, e se limitava a ser o fragmento muitíssimo atraente de uma tela dos anos setenta... e muito mais fácil de entender do

que a boneca sexual absurda no sofá, que voltara a ler francês. Volta e meia o velho corrigia-lhe a pronúncia e ela repetia uma palavra. A Ratinha levou a bebida a eles, depois voltou ao local onde David aguardava. Ele lhe entregou o copo, percebeu-lhe os olhos muitos francos, mas com expressão de desconfiança, como se a jovem houvesse lido metade de seus pensamentos. Depois ela ergueu o copo, em silêncio, saudando-o e provando a bebida. Uma das mãos foi para o cotovelo e, afinal, ela sorriu.

— Nós nos comportamos bem?

— Perfeitamente. Isto ajudou muito.

— É só dar tempo a ele.

David sorriu. Do modo mais claro, começava a gostar dela. A jovem era dotada de traços muitos finos, muito regulares e bem proporcionados; bela boca, os olhos muito claros, olhos entre azuis e cinzentos, tornados mais ardorosos por sua tez tisonada de sol, e que haviam perdido seu aspecto de abstração. Estavam agora um pouco maquiados, tendo sido acentuada sua extensão levemente eslava e ostentavam um ar direto que lhe agradava. Uma de suas teorias começava a derruir. Tornava-se difícil acreditar que elas estivessem explorando o velho de qualquer modo mercenário.

— Ele me mostrou um de seus desenhos. Os cardos? Merecem respeito.

Ela baixou o olhar para o copo, por instantes, em hesitação muito deliberada, depois voltou a fitá-lo.

— Eu gostei de sua exposição no Redfern, no último outono. David teve um sobressalto que não era inteiramente fingido,

novo sorriso.

— Eu não sabia.

— Eu fui lá duas vezes.

— Onde estava? — perguntou ele.

— Em Leeds, para obter meu Diploma da Bacharel de Artes. Depois vieram dois anos no RCA.

Na expressão fisionômica de David transpareceu a devida reverência.

— Bem, santo Deus, você não deve...

— Estou aprendendo mais aqui.

Ele baixou o olhar, pois o assunto não era de sua conta, mas conseguiu sugerir que mesmo assim a aceitação pós-graduada pelo Colégio Real de Artes, instituição onde reinava critério rigoroso de seleção, não era algo que alguém pudesse encarar com menosprezo.

— Está tudo certo. Henry sabe que tem sorte por contar com minha presença.

Ela o disse com outro sorriso, mas não pretendia parecer irônica ou vaidosa e David fez nova revisão em sua opinião quanto à jovem, melhorando-a mais um grau. Ela dera referência de si própria e adquirira estatura imediata a seus olhos, bem como seriedade. Tornava-se evidente que ele misturara as coisas, e misturara muito, e que a sua primeira chegada haviam, de um modo obscuro, debicado dele. Percebeu imediatamente o auxílio muito concreto, no trabalho de estúdio, que ela devia estar proporcionando ao velho, e arriscou um palpite — os serviços de natureza sexual eram proporcionados apenas pela outra jovem.

— A nova pintura é notável. Não sei como ele consegue continuara produzi-las.

— Nunca pensa em qualquer outra pessoa, senão em si próprio. Principalmente.

— E o que você está aprendendo?

— Estou observando.

— Ele disse que é muito reconhecido a você.

— Na verdade, ele é uma criança. Precisa de brinquedos, como de afeição. De modo que possa experimentar e reduzir tudo a frangalhos.

— Mas a sua afeição continuou inteira?

Em resposta ela deu de ombros, aduzindo:

— Nós temos de insuflá-lo um pouco. Fazer de conta que nos espantamos com sua reputação antiga e ruim. Fazer aquele papelzinho do harém.

Ele sorriu e baixou o olhar.

— Confesso que andei pensando em qual fosse a realidade.

— Nosso último visitante foi informado por ele... dez minutos após ter chegado à casa... que tínhamos, as duas, sido devoradas três vezes, na noite anterior. Você não deve dar a impressão de que duvida do que ele diz. Nesse terreno.

David riu.

— Está certo.

— Ele sabe que ninguém acredita, mas a questão não é essa.

— Entendi.

Ela bebericou o vermute.

— E só para eliminar qualquer outra ilusão restante, Anne e eu não lhe negamos o pouquinho de vida sexual que ele ainda pode ter.

Tinha os olhos cravados nos de David. Havia por trás dessa franqueza um ar defensivo, alguma espécie de advertência. Baixaram o olhar, os dois, David por momentos, fitando a linha dos seios nus por baixo da blusa, depois olhando para outro lugar. Ela parecia despida de qualquer coqueteria, de qualquer vestígio da sexualidade flagrante da

amiga. O controle de si própria era tão forte que negava à sua beleza, aquele laivo repetido de nudez, qualquer significado, mas ainda assim chamava sigilosamente a atenção para os mesmos.

Ela prosseguia:

— Ele não é dos mais vocais. Como você já deve ter percebido. Em parte, deve-se ao fato de ter vivido no exterior por tanto tempo, mas há algo muito mais profundo. Ele tem de ver e de sentir. De modo inteiramente literal. A sombra de moças jovens em flor não basta.

— Estou começando a compreender que ele tem muita sorte.

— Estou mostrando a você apenas o lado devedor.

— Também compreendo isso.

Ela lançou olhar furtivo para onde o velho se achava sentado, depois voltou a fitar David.

— Se ele se tornar malcriado, você não se deve deixar abalar. De nada adianta recuar, pois ele odeia isso. Fique firme onde está, mantenha a calma. — Dito isso, sorriu. — Desculpe, se pareço uma sabe-tudo. Mas é que o conheço bem.

David fez girar o limão no fundo do copo.

— Na verdade, não tenho certeza total do motivo pelo qual me deixaram vir aqui. Se ele conhece meu trabalho.

— É por isso que eu o advirto. Ele me perguntou, tive de contar-lhe. Caso ele descobrisse, de qualquer modo.

— Oh, céus.

— Não se preocupe. Ele provavelmente ficará satisfeito com uma ou duas cutucadas perversas. E você não precisa rebater.

David lançou-lhe um olhar pesaroso.

— Desconfio que sou uma amolação infernal. Para você.

— Porque nós parecíamos entediadas, esta tarde. Não estávamos muito graciosas, fato?

Ela sorria, David retribuiu ao sorriso.

— Já que você o diz...

— Foi ótimo você ter vindo. Mas não devia demonstrá-lo de modo muito evidente diante de Henry.

— Eis algo que, agora, compreendo inteiramente.

De súbito surgia uma pontada de malícia nos olhos dela.

— Agora, você tem de ficar sabendo quem é Anne. Ela é muito mais difícil do que eu sou.

Nunca chegaram a Anne, todavia. A porta da cozinha se abriu e a cabeça grisalha da empregada francesa surgiu ali, olhando para o aposento.

— *Je peux servir, mademoiselle?*

— *Oui, Mathilde. Je viens vous aider.*

Ela foi para a cozinha e a outra jovem se pôs em pé, puxando Breasley para que se levantasse. Ela estava de costas nuas, vestido com decote absurdamente longo. Vieram de mãos dadas pela peça até onde David aguardava. Tinha-se de reconhecer nela algum tipo de estilo, Seus passos pareciam um pouco zombeteiros, um tanto simiescos, exprimindo alegria reprimida, provocantemente artificial ao lado da caminhada tranquila do companheiro encanecido. David duvidou de que viesse a "conhecê-la".

Apenas uma das pontas da mesa comprida fora arrumada. Breasley colocou-se à cabeceira, a jovem à sua direita. O velho fez um gesto.

— Williams, meu caro.

Este devia sentar-se ao lado do Aleijão. Mathilde e a Ratinha surgiram, pequena terrina de sopa, uma bandeja de

*crudités*, outra de diversos círculos róseos de salsicha, um prato de manteiga. A sopa era para Breasley que continuou em pé, aguardando em sua cortesia antiquada a fim de fazer a Ratinha sentar-se. Quando esta o fez ele se inclinou e beijou de leve o topo da cabeça da moça. As duas jovens trocaram um olhar neutro. A despeito de seu aspecto e inteligência aparentemente díspares, havia de modo evidente intimidade entre elas, uma ligação que não precisava de palavras. A Ratinha serviu sopa no prato diante do velho, que enfiou enorme guardanapo entre dois botões no peito de sua camisa e o estendeu sobre o colo. O Aleijão insistiu silenciosamente para que David se servisse em primeiro lugar. A ama dirigiu-se ao canto da sala e acendeu uma lâmpada de óleo, depois a trouxe, colocando-a no espaço vazio em frente a David. A caminho para a cozinha estendeu a mão para a chave e as luzes elétricas em volta se apagaram. Na extremidade do aposento uma lâmpada oculta no corredor lá em cima continuou acesa, formando a silhueta da bela diagonal da escadaria medieval. Uma última fosforescência pálida da luz noturna lá fora, por cima das árvores, os rostos banhados na tremulação tranquila vinda do difusor leitoso de luz; a Ratinha serviu vinho tinto de garrafa sem rótulo no copo de David, também para o velho e para si própria. O Aleijão, ao que parecia, não bebia e quase não comia. Sentou-se com os cotovelos dos braços tismados e nus sobre a mesa, apanhando pedacinhos de legumes crus e mordiscando-os, fitando a Ratinha com olhos escuros. Não olhou para David. Imperou algum silêncio quando iniciaram a refeição, como se estivessem esperando que Breasley declarasse o início da conversa. David sentia fome e sentia-se agora muito mais à vontade, uma vez que a jovem em frente viera limpar tão inteiramente a atmosfera. A luz da lâmpada tornava aquele cenário parecido a um Chardin, um Georges de la Tour, coisa muito tranquila. Depois o Aleijão engasgou, sem qualquer aviso. David lançou-lhe um olhar rápido — não fora comida, mas uma casquinada abafada. A Ratinha murmurou:

— Idiota.

— Desculpe.

Ela fez a tentativa absurda, comprimindo a boca e baixando-a, inclinando-se para trás a fim de controlar o nervosismo e depois levou abruptamente o guardanapo branco ao rosto e torceu-se, afastando-se da cadeira. Permaneceu a um metro de distância, dando-lhes as costas. Breasley continuou a comer calmamente a sopa. A Ratinha sorriu para David.

— Não é você.

— Devia ter o maldito rabo arrancado — murmurou Breasley. Ainda assim a jovem continuava em pé, mostrando-lhes a espinha nua e comprida, a penugem de sombra vermelho-escura encarapitada sobre o pescoço de espantalho. Depois afastou-se mais um pouco, rumo à lareira, sumindo na escuridão.

— A Ratinha é sua admiradora Williams. Ela lhe disse isso?

— Sim, já criamos uma sociedade de admiração mútua.

— Criatura muito exigente, a nossa Ratinha. David sorriu.

— Seguindo os passos de Pitágoras, é isso?

O velho continuou atento à sopa que tomava e David pediu ajuda à moça em frente, com o olhar.

— O Henry perguntou se você pinta abstrações.

Olhos cravados na colher cheia, o velho resmungou logo:

— Obstruções.

— Bem, sim. Eu... acho que sim.

Sabia que tinha cometido um erro, antes mesmo que recebesse o olhar da Ratinha. O velho, sorrindo, ergueu o olhar.

— E por que está com medo, meu caro? David respondeu, com leveza:

— Foi só uma figura de expressão.

— Coisa muito cerebrina, ao que ouço dizer. Muito admirada, diz a Ratinha.

David murmurou:

— "*Ais ich kann*".

Breasley voltou a fitá-lo.

— Como foi?

De repente, no entanto, o Aleijão se pusera atrás da cadeira. Segurava três cabeças roxas de crisântemos, retiradas da jarra que David vira na lareira. Colocou uma em sua mão, outra na mão do velho e a terceira na mão da Ratinha. Depois sentou-se com as mãos no regaço, como criança que castigava a si própria. Breasley estendeu o braço e bateu no dela, com um tapinha, assim como um tio faria com a sobrinha.

— Que estava dizendo, Williams?

— Que as faço tão firmes quanto é possível. — E apressou-se a aduzir: — Eu preferiria seguir humildemente os passos de... — mas viu, tardiamente demais, que marchava para outro erro.

— De quem, meu caro?

— Braque?

Fora, mesmo, um erro. David parou de respirar.

— Está falando daquela tolice cubista e sintética?

— Para mim, senhor, ela faz sentido.

Por momentos o velho não respondeu. Tomou mais sopa.

— Todos nós geramos bastardos, quando somos jovens. — David sorriu, fez parará língua. — Vi muitas atrocidades na

Espanha. Coisas inenarráveis. Acontece na guerra. Não são só eles. Nós também fazemos. — Tomou outra colherada de sopa, depois baixou a colher e inclinou-se na cadeira, examinou David. — A guerra acabou, meu caro. Fazer isso a sangue-frio, você comigo? Não caia nessa.

— Já me advertiram, Sr. Breasley.

De repente o velho afrouxou um pouco e notava-se até mesmo um distante brilho de divertimento em seus olhos.

David abriu as mãos, ele sabia. A Ratinha manifestou-se.

— Henry, quer mais sopa?

— Alho demais.

— Está exatamente a mesma de ontem à noite.

O velho resmungou, depois estendeu a mão para a garrafa de vinho. O Aleijão ergueu as mãos e passou os dedos abertos pelos cabelos, como a reçar que estivessem lisos; depois voltou-se um pouco para David, ainda com os braços elevados.

— Gosta de minha tatuagem?

Na axila raspada via-se uma pequena margarida azul-escura.

Por todo o resto da refeição David conseguiu, em aliança tácita com a Ratinha, manter a conversação fora das coisas artísticas. A própria comida ajudava nisso; as *queneles*, de lúcio em molho de *beurre blanc* que para ele era uma novidade gastronômica, o carneiro *pré-salé*. Falaram sobre a culinária francesa e o amor à comida, depois sobre a Bretanha, o caráter bretão. Ali estava uma Haute Bretagne, ao que David ficou sabendo, em oposição à Basse, o Bretagne Bretonnante mais para o oeste, onde continuavam a falar a língua nativa. Coët significava madeira ou floresta — *minais*, dos monges. A floresta em volta já fora terra de abadia. Entre si haviam deixado essa parte da palavra, e diziam

simplesmente Coët. A maior parte da conversa se dividiu entre a Ratinha e David, embora ela se voltasse de vez em quando para Breasley, a fim de obter confirmação ou maiores detalhes. O Aleijão não disse quase nada. David percebeu uma diferença de licença que era concedida às duas jovens. A Ratinha podia ser ela própria, a outra estava lá por simples tolerância. Também ela, ao que surgiu em determinada altura, fora estudante, mas de artes gráficas e não de belas-artes. Haviam-se conhecido pela primeira vez em Leeds, mas dava a impressão de que não levava muito a sério sua capacitação e que estava fora de sua classe, presente ali.

O velho, tendo tomado seu copo de sangue, parecia satisfeito e preparado para voltar, pelo menos em parte, à sua identidade anterior ao jantar. Mas se a Ratinha conseguira manter a conversa em nível inócuo, já não foi tão feliz em impedir que ele tomasse tanto vinho. Ela própria bebia pouquíssimo e David desistiu de acompanhar a cadência de bebida do anfitrião. Um segunda garrafa fora tirada do *armoire* e à altura em que a refeição se encerrara também esta se achava vazia e os olhos de Breasley luziam. Ele não parecia embriagado, nem encontrava dificuldades em achar o copo; apenas aquele sintoma ocular de possessão por um demônio antigo. Suas respostas tornaram-se cada vez mais curtas, ele mal parecia estar ouvindo o que diziam. A Ratinha se queixara de que jamais haviam ido ao cinema e a conversa passara para esse terreno; o que David assistira nos cinemas de Londres recentemente. Foi quando o velho interveio de modo abrupto.

— Outra garrafa, Ratinha.

Ela o fitou, mas ele evitou-lhe o olhar.

— Em homenagem a nosso convidado.

Ainda assim ela hesitou. O velho fitou o copo vazio, depois ergueu a mão e esmurrou a mesa. Não tinha força ou raiva no gesto, apenas uma vaga impaciência mas ela se

levantou e foi para o *armoire*. Pareciam ter chegado a um ponto em que ceder era melhor do que reagir. Breasley refestelou-se na cadeira, fitando David de modo quase benevolente, uma espécie de sorriso fixo. O Aleijão falou para a mesa que tinha em frente de si.

— Henry, posso sair?

Ele continuou fitando David, mas perguntou:

— Por quê?

— Quero ler meu livro.

— Você é uma bobalhona dos infernos.

— Por favor.

— Vá-se foder, então.

Ele nem olhara para a jovem quando a Ratinha voltou com a terceira garrafa e o Aleijão dedicou-lhe um olhar nervoso, como se sua permissão também fosse necessária. Houve leve aceno e David sentiu que alguém lhe apertava um pouco a coxa. A mão do Aleijão se estendera por baixo da mesa, ao que parecia para lhe dar coragem. Ela se levantou, atravessou a sala e subiu a escada. Breasley empurrou a garrafa na direção de David. Não era sinal de delicadeza porém de desafio.

— Para mim não, obrigado. Já tomei bastante.

— Conhaque? Calvados?

— Não, obrigado.

O velho serviu-se de mais um copo cheio de vinho.

— Essa coisa de maconha? — e ele meneou a cabeça de lado indicando a sala. — É o livro que ela quer ler. A Ratinha disse, tranquila:

— Ela parou. Você sabe disso muito bem. Ele serviu-se de uma golada de vinho.

— Pensei que todos vocês garototes se entregavam a isso. Calmo, David explicou:

— Eu, pessoalmente, não.

— Atrapalha aquilo de régua de calcular, não é?

— Creio que sim. Mas eu não sou matemático.

— A que chama isso, então?

A Ratinha aguardava, olhar baixo. Tornava-se evidente que não podia ajudá-lo agora, a não ser como testemunha silenciosa. Não valia a pena fingir que não sabia de que o velho falava. David enfrentou o olhar dele.

— Senhor Breasley, a maioria de nós acha que a abstração tornou-se expressão sem significado, já que nossa concepção da realidade mudou muito, nos últimos cinquenta anos.

O velho pareceu examinar aquilo mentalmente, depois arredou-o de si.

— Chame a isso traição. A maior traição na história da arte.

O vinho subira-lhe às faces e nariz, os olhos pareciam quase opacos. Achava-se mais apoiado na cadeira de braços do que encostado nela e a havia empurrado um pouco, a fim de encarar David. Isso também o punha mais próximo da jovem ao lado. David falara demasiadamente com ela durante o jantar, demonstrara interesse além da conta... percebia isso agora, e que o velho devia tê-los observado a conversar antes da refeição. De algum modo, o velho tinha de reconquistá-la.

— Triunfo do maldito eunuco. Desse modo.

— Pelo menos melhor do que o triunfo do maldito ditador?

— Merda. Tolice. Qualquer bobão. Até o bobão do Hitler. Ou nada.

Sem olhar para David, a Ratinha disse:

— Henry acha que a abstração completa representa uma fuga quanto à responsabilidade humana e social.

Por momentos ele achou que ela tomava o lado de Breasley, logo compreendeu que se apresentava agora como intérprete.

— Mas se a filosofia precisa de lógica? Se a matemática aplicada precisa de forma pura? Certamente existe lugar para os fundamentais também na arte, não acha?

— Porra. Fundamentais, não. Fundamentos. — Ele assentiu para a jovem ao lado. Par de tetas e uma pomba. Tudo que existe nelas. Isso é a realidade. E não os seus teoreminhos insignificantes e cores de veados. Eu sei o que sua gente quer, Williams?

Mais uma vez a Ratinha interpretava, em voz inteiramente neutra:

— Você tem medo do corpo humano.

— Talvez esteja apenas mais interessado na mente do que nos órgãos genitais.

— Que Deus ajude sua maldita mulher, então. David respondeu, sem se enervar:

— Pensei que falávamos sobre pintura.

— Com quantas mulheres já dormiu, Williams?

— Isso não é de sua conta, Sr. Breasley.

Era desconcertante, a fixidez do olhar na pausa, antes que a resposta pudesse ser estruturada, como se esgrimissem em câmera lenta.

— Castrado. É o seu jogo. Destruir.

— Existem destruidores piores do que a arte não-representativa.

— Porra.

— É melhor dizer isso a Hiroshima. Ou a alguém que já levou *napalm* por cima.

O velho deu um ronco, seguiu-se outro silêncio.

— A ciência não tem alma. Não consegue controlar-se. Um rato em labirinto.

Ele tomou o resto do copo e fez gesto impaciente para que a Ratinha voltasse a enchê-lo. David esperou, embora se achasse tentado a entrar em cena e perguntar por qual motivo havia sido convidado a Coëtminais. Sentia-se perturbado, a despeito do aviso prévio que lhe tinham dado. Era a natureza violentamente pessoal do ataque, a compreensão de que qualquer defesa ou debate racional serviria apenas para lançar mais lenha à fogueira.

— O que sua gente... — o velho fitou o copo cheio, pulou palavras. — Traiu o forte. Venderam-se. Chamam-se de *avant-garde*. Experimentais. Meu eu. Traição, é só isso. Bagunça de maconhagem científica. Venderam tudo, até a alma da mãe, ao demônio.

— A pintura abstrata não é mais *avant-garde*, e não é a melhor propaganda do humanismo baseada na liberdade criar como se deseja?

Nova pausa.

— Tolices.

David obrigou-se a sorrir.

— Estamos de volta ao realismo socialista, então? Ao controle pelo Estado?

— O que te controla, então, Wlson?

— Wlliams — corrigiu a Ratinha.

— Não me venha com esse papo liberal. Tive de viver com esse fedor toda a vida. *Le fairplay*. Pura cagonice. — De

súbito, enristava o dedo para David. — Estou velho demais para isso, meu camarada. Vi demais, gente demais morrendo pela decência tolerância. Mantendo os rabinhos fora da sujeira.

Terminou o vinho com um gole cheio de desdém, voltou a estender o braço para a garrafa. O gargalo da mesma estralejou na orla do copo e ele entornou demais, parte do vinho derramou-se. A Ratinha tomou o copo e tirou um pouco para o seu e, em seguida, limpou sossegadamente o líquido derramado sobre a mesa, diante do velho. David nada disse. Voltava a sentir-se calmo, porém embaraçado .

— Bons vinhos, sabem o que eles fazem? Mijam neles. Mijam na dorna. — A mão muito trêmula, levou o copo à boca, depois o baixou. As pausas tornavam-se mais longas entre cada eclosão de palavras. — Cabem dez ingleses no dedinho de um francês. — Outro hiato. — Óleo, não. Pigmento. Tudo merda. Se tem algum valor. *Merde*. Excremento humano. Excrementum. Aquilo que sai. Aí está o seu fundamental. E não os seus pedacinhos malditos e aviadados de bom gosto abstrato. — Voltou a fazer pausa, como se procurasse caminho à frente e tivesse afinal de recuar. — Eu nem limparia a bunda com eles.

Seguiu-se um silêncio carregado. Em algum lugar lá fora um mocho cantou. A jovem permanecia sentada, cadeira um pouco empurrada para trás, as mãos cruzadas no regaço e o olhar baixo, parecendo preparada a aguardar toda uma eternidade, até que cessassem as perorações do velho. David ficou pensando quantas vezes ela tivera de sofrer aquela inversão boêmia e monstruosa que o álcool libertara. Todas aquelas guerras antigas que tinham de ser travadas mais uma vez; quando a questão já se achava inteiramente, tanto *de facto* quanto *de jure*, acertada, e muito antes de David nascer. Toda a forma não era natural, e a cor desempenhava função não-representativa... não se podia mais discutir a esse

respeito, assim como não se podia discutir a famosa equação de Einstein. A fissão nuclear já ocorrera. Podia-se debater sobre a aplicação mas não sobre o princípio. Assim David pensava e parte de seus pensamentos deve ter transparecido no semblante. Também ele bebera mais do que o comum.

— Eu o desaponto, Williams? Acha que estou de porre? *In vino* a verdade?

David sacudiu a cabeça, em resposta.

— Está apenas exagerando sua posição. Mais silêncio.

— Você é mesmo pintor, Williams? Ou apenas um maldito e covarde torcedor de palavras?

David não respondeu. Seguiu-se outro silêncio, o velho tomou mais vinho.

— Diga alguma coisa.

— O ódio e a raiva não são coisas a que nos possamos entregar, em nossos dias. Em nível algum.

— Nesse caso, que Deus o ajude. David sorriu de leve.

— Ele também é uma não-opção.

A Ratinha estendeu o braço à frente e serviu mais vinho.

— Sabe o que oferecer a face significava, quando eu era novo? O camarada que oferecia a face?

— Não.

— Um bundeiro. Você é um bundeiro, Wilson?

Dessa feita a Ratinha não se deu ao trabalho de corrigir, nem David de responder.

— De joelhos e sem calças. Resolve tudo, não é?

— Não. Mas o medo também não resolve.

— Não resolve o quê?

— Ter medo de perder... qualquer que seja a disputa. O velho fitou-o prolongadamente.

— Que diabo ele está falando? A Ratinha interveio, tranquila:

— Ele diz que a sua obra e as suas opiniões sobre a arte não correm perigo algum, Henry. Existe lugar para todos.

Ela não fitou David, mas movimentou-se um pouco, à frente e distanciando-se do velho; colocou o cotovelo sobre a mesa, depois levou a mão ao queixo. Um dedo se ergueu momentaneamente, aos lábios. David não devia mais responder. Lá fora, McMillan começou a latir de repente, em paroxismos de suspeita. Uma voz, a voz do marido da ama, emitiu um grito. Nem o velho nem a jovem deram qualquer atenção, pois, para eles, aquele devia ser som noturno familiar. Para David afigurou-se altamente simbólico, cheio, refletindo a tensão dentro do velho.

— O papo é esse, agora?

A jovem fitou David com leve sorriso no olhar. .

— O Henry acha que não se deve demonstrar tolerância pelas coisas que reputamos más.

— É a mesma estória de sempre. Sentado na maldita neutralidade inglesa. Votar pelo Adolf.

Seguiu-se mais silêncio mas, de súbito, ela falou:

— Henry, você não pode deter as idéias totalitárias mediante métodos totalitários. Desse jeito você só ajuda a criá-las.

Talvez uma compreensão distante se fizesse sentir, de que ela agora tomava o lado de David. Os olhos do velho afastaram-se para as sombras na extremidade da mesa. Quando ela havia finalmente voltado a encher seu copo, colocara a garrafa bem para a esquerda, fora de seu alcance.

Ele disse, devagar:

— Estou tentando dizer-lhes uma coisa.

Não era bem claro a que se referia, se queria explicar que não desejava insultar alguém pessoalmente, ou se esquecera do que se tratara.

David murmurou:

— Sim, compreendo.

O olhar do velho para ele, com dificuldades para enxergá-lo bem.

— Qual é seu nome?

— Williams. David Williams.

A Ratinha disse:

— Acabe o seu vinho.

Ele não lhe deu atenção.

— Não sou bom com palavras. Nunca fui.

— Eu compreendo o que diz.

— Não odeie, não pode amar. Não ama, não pode pintar.

— Compreendo.

— Maldita geometria. Vale nada. Não dá certo. Todos tentaram. Entraram pelo cano. — Seu olhar para David, agora, demonstrava uma atenção desesperada, quase como a agarrar-se a ele. Parecia ter perdido o fio da meada.

A Ratinha incitou-o.

— Fazer é falar.

— Não posso escrever sem palavras. Frases.

A jovem olhava para a sala, falou muito tranquilamente:

— A arte é uma forma de palavra. A palavra deve basear-se nas necessidades humanas e não em teorias abstratas da gramática. Ou qualquer coisa, menos a palavra falada. A palavra verdadeira.

— Outra coisa. Idéias. Não me importa. David assentiu, com ar sério.

A Ratinha prosseguiu:

— As idéias são inatamente perigosas porque elas negam os fatos humanos. A única resposta ao fascismo é o fato humano.

— Máquina. O que é isso, computador... David disse:

— Eu compreendo, sim.

— Tachiste. Fautrier. Wols fellow. Como umas malditas ovelhas assustadas. Corre, corre. — Parou, fez silêncio. — Droga, qual é o nome dele?

David e a jovem o disseram juntos e Breasley não entendeu. A Ratinha repetiu o nome.

— Jackson Bollock. — E mais uma vez ele se pôs a fitar a escuridão. — É melhor a maldita bomba do que Jackson Bollock.

Eles nada disseram. David olhava para a superfície antiga da mesa que tinha diante de si; carvalho enegrecido, riscado e esfregado, com o brilho de uso secular; séculos de vozes idosas, dando ordens para que alguma onda ameaçadora e impiedosa recuasse. Como se o tempo conhecesse o fluxo e refluxo das marés.

Depois o velho falou, com lucidez estranha, como se estivesse antes apenas a fingir embriaguez e agora resumisse tudo com uma incoerência final:

— Torre de ébano. É como o chamo.

David relanceou o olhar para a jovem, mas esta não correspondeu. Impedir e prevenir pareciam ter-se tornado mais importantes do que interpretar. Tornava-se muito claro que Breasley não fingia, na verdade. David observou-lhe os olhos, como os mesmos vasculhavam na névoa à procura do copo, ou diversos copos que tinha em frente. Estendeu a mão,

no último esforço destinado a parecer firme e sóbrio. A Ratinha tomou-lhe a mão e colocou com gentileza a haste do copo entre os dedos do velho. Este encontrou dificuldades para levar o copo à boca, depois tentou engolir o vinho em último gole corajoso. Escorreu-lhe pelo queixo, depois caiu sobre o peito da camisa branca. A Ratinha inclinou-se à frente e limpou com o guardanapo. Disse então, com gentileza:

— Para a cama.

— Mais um.

— Não. — Ela tirou a garrafa pela metade, colocando-a a seu lado no chão. — Tudo acabou.

Os olhos do velho encontraram David.

— *Qu'est-ce qu'il fout ici.*

A jovem se pôs em pé e colocou a mão por baixo do cotovelo do velho a fim de que este se levantasse. Ele disse:

— Cama.

— Sim, Henry.

Mas ele continuou sentado, levemente inclinado à frente, homem muito envelhecido e entorpecido. A jovem aguardou pacientemente, seu olhar baixo encontrou o de David com seriedade curiosa, como se ela estivesse com o receio de encontrar o desdém no olhar dele, pelo papel que lhe cabia representar. Ele apontou para si próprio — podia ajudar? Ela assentiu, mas ergueu o dedo, avisando: ainda não. Momentos depois ela se inclinava e beijava o velho na têmpora.

— Venha. Procure levantar-se.

E agora, como garotinho obediente mas vagamente tímido, ele apertou as mãos na mesa. Não tinha firmeza alguma ao se pôr em pé e ia caindo à frente contra a orla da mesa. David dirigiu-se com rapidez para o outro lado e, de repente, ele voltou a cair na cadeira. Dessa feita eles o

levantaram. Não se percebeu o quanto estava realmente bêbado, até que começassem a caminhar com ele pelo aposento, rumo à escada. Breasley parecia achar-se em estado de coma, os olhos cerrados; apenas as pernas, por algum instinto antigo ou longa prática, conseguiam efetuar os movimentos de se adiantarem. A Ratinha puxou a gravata borboleta, depois desabotoou a parte superior da camisa. De algum modo fizeram-no subir as escadas, entrando para o aposento grande na extremidade oeste da casa.

David viu ali uma cama de casal e outra de solteiro, o Aleijão em pé perto da última. Continuava envergando o vestido negro mas tinha agora um macacão branco por cima. David teve um vislumbre de mais pinturas e desenhos nas paredes, uma mesa próxima da janela dando para o oeste com vidros cheios de lápis e *crayons*.

— Oh, Henry. Coisa velha e má.

A Ratinha falou sobre a cabeça inclinada do velho, dirigindo-se a David.

— Podemos arrumar-nos, agora.

— Tem certeza?

— Xixi — murmurou Breasley.

As duas jovens levaram-no em volta das camas para uma porta além. Puseram-no lá e todos os três desapareceram. David continuou indeciso, sem saber o que fazer e, de súbito, notou a pintura sobre a cama. Era um Braque, pintura que ele já vira em algum lugar, em reprodução. Devia ter sido relacionada como "coleção particular", pois nunca o ligara a Breasley. Pensou azedamente na loucura jejuna de ter lançado tal nome e tal relação sobre o velho, em sua própria defesa. O Aleijão veio do banheiro, fechou a porta ao sair. Mas aquela ironia vinha alcançá-lo... a pintura, que com certeza extrairia elevada soma em qualquer leilão — e a criaturinha de bagatela e aspecto indigno de confiança que o defrontava

do outro lado do aposento. Ouvia-se o ruído de alguém a vomitar.

— Ele é assim todas as noites?

— Só às vezes — e ela exibiu leve sorriso. — Não é você. Só outras pessoas.

— Posso ajudar a vesti-lo?

Ela sacudiu a cabeça, em negativa.

— Não se preocupe. Não se preocupe, mesmo. Estamos acostumadas. — David continuava em dúvida, ela voltou a dizer: — Realmente.

Ele queria dizer que as admirava, às duas, pelo que estavam fazendo, e descobriu que lhe faltavam palavras, o que era incomum.

— Bem... diga boa-noite à... nem mesmo sei o nome dela.

— Di. Diana. Durma bem.

— E você.

Ela apertou os lábios e assentiu de leve; David retirou-se.

De volta ao quarto e de pijama na cama ele se escorou no cotovelo, fitando o livro que trouxera. Achava que devia ficar pelo menos disponível, por algum tempo, caso precisassem de mais ajuda e embora se sentisse cansado não conseguiria dormir. Nem mesmo podia ler, a adrenalina tinha de acalmar-se. Fora uma noite extraordinária e pela primeira vez ele folgava pelo fato de que Beth não houvesse vindo. Ela teria achado demasiado, provavelmente perderia a estribeira, embora os abusos houvessem sido tão grosseiros e tão reveladores de todas as debilidades do velho. De modo fundamental, estava lidando com uma criança birrenta. E a Ratinha, Diana, como se soubera sair magnificamente bem, lidando com o velho! Uma moça e tanto, aliás um par de moças, devia haver algo melhor do que transparecia na outra, a fidelidade, uma espécie de coragem. Podia agora aceitar as

palavras da Ratinha, reconhecer a precisão de suas opiniões; e precisava da calma dela, era curioso saber se conseguira satisfazê-la. Recordou-se de certa extensão de piadas céticas entre Beth e ele próprio, como aquela sobre o velho que correspondia à sua reputação, Beth contando ser agarrada pelo menos duas vezes ou pedir seu dinheiro de volta... pelo menos isso havia sido esclarecido. Os relatos que teria para fazer em particular, quando voltasse a casa. Procurou ajeitar-se para ler o livro.

Talvez vinte minutos houvessem decorrido após ter deixado as pequenas ao tirano delas. A casa silenciara, mas agora ouvia alguém sair do quarto de Breasley, depois passos leves, o ranger de uma tábua no soalho diante de seu quarto. Seguiu-se uma hesitação, depois leve batida à sua porta.

A cabeça da Ratinha apareceu, aberta a porta.

— Vi sua luz acesa. Está tudo bem. Ele adormeceu.

— Eu não sabia até onde ele havia bebido.

— Temos de deixá-lo fazer isso, às vezes. Você se saiu muito bem.

— Foi ótimo você me avisar.

— Amanhã vai estar um santo. Tímido como um cordeiro. — Dito isso, ela sorriu e perguntou: — Desjejum por volta das nove? Mas você sabe. Durma quanto quiser.

Ela recuou para sair mas ele a fez parar.

— Que diabo era aquilo que ele disse por último? A torre de ébano?

— Oh — e ela sorriu. — Nada. Apenas um dos morcegos que ele tem no campanário da cabeça. — Dito isso, inclinou a sua. — O que ele acha que tomou o lugar da torre de marfim?

— A abstração?

Ela sacudiu a cabeça, em negativa.

— Qualquer coisa de que ele não gosta, na arte moderna. Que ele julga obscura, porque o artista tem medo de ser claro... você sabe. Em algum lugar, largamos tudo que estamos velhos demais para compreender, não é? Você não deve, ofender-se. Ele só sabe explicar o que pensa insultando as pessoas. — Voltou a sorrir, o corpo ainda oculto pela porta. — Certo?

Ele sorriu em resposta e assentiu.

A Ratinha desapareceu, não voltando para o quarto do velho porém seguindo mais pelo corredor. Uma porta emitiu leve estalido. David teria gostado de conversar um pouco mais. O velho mundo do ensino — estudantes de quem se gostava, que gostavam da gente um pouco, de algum modo a atmosfera de Coët o fazia pensar nos dias antes de Beth haver ingressado em sua vida; não que ele se houvesse dedicado muito a desfrutar a vida com estudantes. Tornara-se um criptomarido, muito antes de casar-se.

Leu um pouco, depois apagou a luz e submergiu, como de seu costume, quase imediatamente no sono.

Mais uma vez demonstrava estar certa. A contrição era flagrante desde o momento em que David apareceu, pontual às nove horas, no pavimento térreo. O próprio Breasley veio do jardim enquanto David se colocava ao pé das escadas sem saber onde a refeição matinal se efetuava. Para quem não tinha ciência dos poderes recuperativos das criaturas acostumadas a beberem por toda a vida parecia surpreendentemente esperto e vibrante, calças claras e camisa esportiva azul-escura.

— Meu *caro*. Sinto *muitíssimo* o que houve ontem à noite. As meninas me disseram que fui *horrorosamente* grosseiro.

— De modo algum. Pode crer.

— Inteiramente encharcado. Um papelão. David sorriu.

— Esqueci.

— É a maldição da minha vida, sabia? Nunca aprendi quando parar.

— Por favor, não se preocupe.

Ele tomou a mão que lhe era abruptamente estendida.

— Muito limpo de sua parte, meu caro rapaz. — A mão ficou retida, os olhos indagavam. — Diga lá, eu devo chamá-lo de David. Os sobrenomes estão por demais quadrados em nossos dias. Você não acha?

Dissera "quadrado" como se fosse alguma palavra de gíria muito audaciosa e nova.

— Faça o favor.

— Esplêndido. Bem. Eu sou Henry, então. Sim? Agora venha e vamos comer alguma coisa. A gente se espoja na cozinha, de manhã.

Percorrendo o aposento, Breasley disse:

— As meninas sugeriram um pequeno *déjeuner sur l'herbe*.

Boa idéia, não acha? Piquenique? — Reinava luz de sol lá fora, leve neblina sobre as árvores. — Gabo-me muito de minha floresta. Merece uma espiada.

— Eu gostaria muito.

As duas jovens, ao que parecia, já haviam levantado e saído — a Plélan, a aldeia mais próxima, a fim de comprarem comida... e, de passagem, ou era o que David adivinhara, para darem ao velho o tempo necessário a fim de se penitenciar com o hóspede. Foi levado a um passeio em volta do domínio após o desjejum. Breasley demonstrou orgulho pelo jardim, pequena vaidade sobre o que devia ter sido conhecimento relativamente recém-adquirido de nomes e métodos de cultivo. Encontraram Jean-Pierre trabalhando de enxada no

canteiro de legumes por trás da extremidade oriental da casa e ouvindo o velho e o marido da ama a falarem sobre uma tulipa jovem e doentia e que medidas podiam ser tomadas para salvá-la. David voltou à sensação agradável de que havia uma nota muito mais dominante vinda de Breasley do que a exibição de mau-humor "recessivo" na noite anterior. Ele aprendera de modo muito claro a viver em Coët e em suas estações do ano e pouco mais tarde, quando se achavam no pomar além dos legumes, havia uma velha pêra d'água já madura, David teve de prová-la pois precisavam ser comidas logo ao serem tiradas da fruteira e o velho começava a dizer, a confessar que havia sido um tolo em passar tanto tempo de vida em cidade; por ter dado a si próprio tão pouco tempo de desfrute daquilo que tinha ali. Entre as mordidas na pêra David perguntou por que razão levara tanto tempo a descobri-lo. Breasley emitiu leve fungado de desdém por si próprio, depois cutucou com a ponta da bengala uma árvore que o vento derrubara.

— Aquela puta de Paris, meu caro. Conhece aquele verso? O do Conde de Rochester, não é mesmo? "Onde o homem pode estar faminto e doente, mas onde nunca falta terra para sua semente", Muito bem dito. Conta tudo.

David sorriu, eles prosseguiram na caminhada.

— Eu devia ter casado. Seria muito barato.

— Mas não teria perdido muita coisa? Outro fungado de auto-recriminação.

— Uma é a mesma coisa que cinquenta, não acha?

Parecia não se aperceber da ironia, de que ele ainda não conseguiria arrumar-se com uma; e como se fosse a deixa, um pequeno Renault branco veio pela estrada particular, recém-chegado do mundo externo. A Ratinha dirigia e acenou pela vidraça em direção a eles, mas não parou. David e

Breasley voltaram para a casa. O velho indicou o automóvel com a bengala.

— Tenho inveja de vocês, camaradas. Elas não eram assim, em minha juventude.

— Pensei que as moças dos anos vinte fossem bastante estonteantes.

A bengala foi erguida em contradição cordialmente afrontada.

— Tolice completa, meu caro. Sem qualquer idéia. Levávamos metade da vida para que abrissem as pernas. A outra metade, desejando que não abrissem. Pegando gonorréia de alguma vagabunda. Vida de cachorro. Não sei como aguentamos.

David, entretanto, não se deixara convencer e sabia que Breasley visara isso. O velho nada deplorava, no íntimo, ou apenas o impossível, outra vida. De algum modo algo do galarote sexual anterior se prendia fisicamente em volta daquele corpo velho, que jamais poderia ter sido bem-apeado, mas devia ter havido um ataque, um demônio nele, um desafio permanente à monogamia. Dava para imaginá-lo inúmeras vezes rejeitado e indiferente a isso. Fantasticamente egoísta tanto na cama como fora dela; impossível, de modo que acreditavam nele. E agora até os muitos que deviam ter recusado acreditar tinham-se confundido: ele chegara a isto, a reputação, riqueza, as pequenas, a liberdade de ser exatamente o que sempre fora, tendo um halo em volta de seu egoísmo, um mundo à mercê de seu capricho, todos os outros mundos isolados e postos por fora, distantes por trás do mar de árvores. Para alguém como David, sempre inclinado a ver sua própria vida (como sua própria pintura) em termos de processo lógico, seus progressos futuros dependendo de escolhas atuais e inteligentes, não parecia de todo justo. Sabia-se, está claro, que o caminho para o cume jamais era o indicado pelo livro,

que o azar e tudo o mais tinha de desempenhar seu papel exatamente como a ação e a pintura aleatória formavam um setor pelo menos teoricamente importante no espectro artístico moderno. Mas alguma imagem assim, de alpinismo, vagava por seu pensamento. Havia-se adquirido o melhor equipamento que se podia — e olhava-se para cima. Lá, no cume, apresentava-se um sátiro velho e presumido, de chinelos, condenando deliciadamente todo o bom senso e todos os cálculos.

Às onze horas achavam-se *en route*. As jovens caminhavam à frente com cestas, por longo caminho na floresta e David caminhava atrás com o velho, levando um encosto dobrável e azul em estrutura de alumínio — sofá portátil para os senis, como Breasley o chamava depreciativamente, mas a Ratinha insistira em que fosse trazido. Ele caminhava com o paletó dobrado no braço, velho chapéu panamá de aba larga na cabeça, notavelmente senhorial, apontando as sombras com a bengala, as luzes, as qualidades especiais de perspectiva de "sua" floresta. A visita pudera voltar ao objetivo correto. O silêncio, à falta bastante singular de aves; como se representava o silêncio, com tinta na tela? Agora o teatro, David não percebia a qualidade do palco vazio?

David observara, muito mais, que tudo isso podia ser utilizado em sua introdução ao livro. *Quem quer que tenha tido a sorte de caminhar com o mestre, não, com Henry Breasley em sua amada floresta de Paimpont, essa evocação ainda poderosa...* a neblina desaparecera, o calor se mostrava surpreendente, parecendo-se mais a agosto do que setembro, um dia impecável; não se podia, na verdade, escrever em tempo assim. Mas continuava a refestelar-se — compreendendo que seu batismo de fogo fora uma bênção disfarçada — no favor do velho. A importância, difusa no estado de espírito ainda que tênue no simbolismo atual, da literatura medieval bretã na série de pinturas de Coëtminais

era agora aceita de modo geral, embora David não houvesse podido obter grande esclarecimento público junto ao próprio Breasley sobre a medida real da influência. Lera sobre a questão, apressadamente, antes de vir, mas agora se via um pouco ignorante e descobria que Breasley era muito mais erudito e letrado do que suas palavras lacônicas e secas, de início, tinham indicado. O velho explicou a seu modo casual a mania repentina, no século doze e treze, de lendas românticas, o mistério da ilha Bretanha ("Espécie de Norte Selvagem, entende, cavalheiros em lugar de cowboys"), infiltrando-se por toda a Europa via seu xará francês; a preocupação repentina com o amor, a aventura e as coisas mágicas, a importância da floresta antes interminável — da qual aquela Tioresta verdadeira em que caminhavam, ora chamada Paimpont, mas a Brocéliande do Laís de Chrétien de Troyes, constitui exemplo — como matriz de todas essas andanças; a abertura do jardim formal e fechado da outra arte medieval, o anseio extraordinário simbolizado naqueles cavaleiros errantes e donzelas perdidas, dragões e mágicos, Tristão e Merlin e Lancelot...

— Toda essa maldita bobagem — disse Breasley. — Exatamente aqui e ali, você não vê, David? Aquilo de que se precisa. Sugestivo. Estimulante, a palavra é esta. — Depois passou para Marie de France e *Eliduc*. — História desgraçada de boa. Li diversas vezes. Qual é o nome daquele velho trapalhão suíço? Jung, sim? Tipo de coisa dele. Arquetipal e tudo o mais.

A frente as duas jovens passaram para um caminho diagonal e mais estreito, mais ensombrado. Breasley e David acompanharam, uns quarenta metros atrás. O velho sacudiu a bengala.

— Aquelas duas pequenas, ali. Duas pequenas em *Eliduc*. Começou a fazer seu relato mas, consciente ou não, seu modo

eminentemente taquigráfico de narrativa fazia pensar mais em uma farsa de Noel Coward do que em relato medieval e nobre de amor contrariado e uma ou duas vezes David teve de morder os lábios para não rir. Tampouco as figuras reais das duas jovens, o Aleijão em saia vermelha, calças pretas e botas de cano alto, a Ratinha em camisa verde-escura (todos os porta-seios não estavam tismados, ao que David observara) e calças claras, vinham ajudar. Cada vez mais ele compreendia a verdade do que a última dissera: o problema do velho era o de uma inadequação quase completa com as palavras. Se não reduzia sempre o valor era certo que representava mal tudo de que falava. Tornava-se necessário não esquecer por um só momento o modo como sabia exprimir-se com as tintas e a lacuna se apresentava imensa. A arte afirmava um homem sensível e complexo e quase tudo em sua exterioridade o negava. Embora ele houvesse detestado tal comparação, não era diverso de certo tipo de antiquado Acadêmico Real — muito mais aflito em parecer uma coluna estilizada de sociedade morta do que ser qualquer outra coisa de que tratasse a arte séria. Seria muito provavelmente este um bom motivo para o exílio continuado: o velho devia saber que sua *persona* jamais se ajustaria à Bretanha dos anos setenta. Somente ali poderia continuar a conservá-la. Está claro que tudo isso eram coisas que não se podiam colocar na introdução ao livro mas David as achava fascinantes. Como a própria floresta, o velho tinha seus mistérios antigos.

Achegaram-se às duas jovens, que haviam estacado. Era o local para deixar a trilha e entrar em meio às árvores para a lagoa da floresta que fora escolhida como local para o piquenique. Havia um carvalho a assinalar o lugar, o tronco marcado por faixa de tinta vermelha. A Ratinha achou que o haviam perdido, mas o velho fez com que prosseguissem, e tinha razão. Com mais cem passos, mais ou menos, chegaram ao carvalho e começaram a descer uma inclinação suave em

meio às árvores. A vegetação rasteira tornou-se mais espessa, vislumbraram a primeira água à frente e minutos depois surgiam na orla relvada do *étange*. Parecia-se muito mais a um pequeno lago do que a uma lagoa, com seus trezentos metros ou mais de largura no ponto onde haviam chegado e curvando-se em ambos os lados. Cerca de uma dúzia de patos selvagens descansava no meio. A Floresta se estendia em volta de todas às margens, não se via uma só casa; a água em azul delicado à luz solar de setembro, lisa como espelho. O lugar havia surgido em duas das pinturas do último período e David teve a sensação de conhecimento, de *déjà vu*. Era muito encantador, milagrosamente intacto e incólume. Instalaram-se à sombra rala de um abeto solitário. A cadeira de encosto foi arrumada para Breasley, que parecia agora reconhecido por haverem-na trazido; sentou-se imediatamente e suspendeu as pernas, depois os fez ajustarem as costas para uma posição mais ereta.

— Venham, vocês duas. Tirem a roupa e tomem seu banho. O Aleijão lançou um olhar a David, depois fitou outra direção.

— Estamos tímidas.

— Você nada, não é, David? Faz companhia a elas?

David procurou orientação com a Ratinha, mas esta se inclinava sobre uma das cestas. Sentiu-se, dessa vez, totalmente desprevenido. Nadar era coisa que não tinha sido mencionada antes.

— Bem... talvez mais tarde?

— Está vendo? — disse o Aleijão.

— Não estão soltando sangue ou coisa assim, estão?

— Oh, Henry. Pelo amor de Deus.

— Homem casado, minha cara. Já viu pombas antes.

A Ratinha empertigou o corpo e lançou a David um olhar rápido, entre escusatório e de esguelha.

— Roupas de banho são contra a ética. Usá-las nos torna mais impossíveis do que de costume.

Ela, todavia, aliviou o escárnio com o sorriso dedicado ao velho. David murmurou:

— Está claro.

Ela olhou para o Aleijão.

— Vamos para a restinga, Anne. O fundo é mais duro por lá. Dito isso apanhou uma toalha e começou a afastar-se mas o

Aleijão parecia agora a mais tímida. Olhou para os dois homens com rancor.

— É mais fácil para todos os outros velhos sujos e observadores de pássaros.

O velho deu uma risadinha e ela lhe mostrou a língua mas também apanhou uma toalha e acompanhou a amiga.

— Sente-se, meu caro. Estão apenas embrulhando você. Tímidas meu rabo.

David sentou na relva de pontas aguçadas, julgando que aquilo fora preparado para ele como pequena demonstração do que as jovens tinham de fazer embora na noite anterior houvesse sido testemunha bastante concludente. Sentia-se debicado, alguém contra quem fora tramada leve conspiração: agora é nossa vez de chocá-lo. A restinga, pequeno promontório coberto de relva, estendia-se por uns sessenta passos. Ao caminharem por ali as jovens, os patos selvagens partiram em disparada do meio do lago, voando em curva longa sobre as árvores e distanciando-se. As jovens estacaram perto do extremo e a Ratinha começou a despir a blusa. Tirada a mesma voltou a virá-la, depois a deixou cair, desatou o porta-seios. O Aleijão lançou um olhar rápido sobre a água

lisa para o local onde David e o velho se achavam sentados, depois tirou as botas e soltou uma das ombreiras da calça comprida. A Ratinha desceu a calça comprida e a curta juntas, separou-as, colocou-as ao lado das roupas de ambas. Elas caminharam até a água e entraram na mesma. A outra jovem deixou cair as calças, depois tirou a camisa. Nada mais usava por baixo do corpo. Ao entrar também andando na água, voltou-se de lado para olhar os dois homens à distância e saiu-se com passo lateral zombeteiro e ridículo como se fosse uma dançarina de strip-tease, de braços abertos. O velho emitiu outra gargalhada curta e gostosa, batendo no braço de David com o lado da bengala. Ali permanecia entronizado como um sultão, observando suas jovens escravas, as duas figuras despidas e as costas quentes contra a água azul ao entrarem na direção do lago. Ao que parecia o fundo descia lentamente mas logo a Ratinha mergulhava em frente e começara a nadar, distanciando-se; era em *crawl* muito bem feito. O Aleijão mostrou-se mais cautelosa, entrando a pé em água mais funda e mantendo seus preciosos cabelos crespos acima da água; quando finalmente caiu à frente, com cautela, saiu-se com tímido nado de peito.

— Uma pena você ser casado — comentou Breasley. — Elas precisam de uma boa foda.

À altura em que estavam em meio ao almoço David sentiu-se muito mais à vontade. Fora muito estúpido, seu primeiro embaraço. Se Beth estivesse ali, por exemplo... muitas vezes nadavam assim nas férias, eles próprios, procurando deliberadamente praias desertas e ela ter-se-ia juntado às pequenas no mesmo instante.

Sua recuperação devia-se em parte ao velho que começara, quando as jovens estavam nadando, a falar novamente; ou melhor, afinal, em sua última prova de confissão, perguntara a David algo a seu próprio respeito. A

pergunta sobre como e o que pintava foi evitada mas Breasley parecia interessado em saber como ele "entrara no brinquedo" e também conhecer sua vida e antecedentes; indagou acerca de Beth e das crianças. Chegou até a fazer um convite: traga sua esposa e filhos um dia, eu gostaria de conhecê-los, gosto de meninazinhas... e David era vaidoso o bastante para sentir-se agrado. O que acontecera após o jantar fora, no contexto medieval em que haviam debatido a passeio, uma espécie de provação. De modo muito evidente ele passara pela prova, o que o deixava a imaginar quanto, além dos conselhos diretos, estava devendo à Ratinha. Ela devia ter dito ao velho algumas coisas claras, quando o mesmo despertara, e talvez o fizesse lembrar que sua reputação se achava, pelo menos temporariamente, um pouco nas mãos de David.

Entrementes as jovens haviam saído da água, secado o corpo e deitado lado a lado ao sol da restinga. A provação fora realmente como um recife e agora David alcançara, após o embate das ondas, a lagoa interna e calma. Outro eco, desta feita em Caugin; seios tismados e o jardim do Paraíso. Por estranho que fosse, como Coët e seu modo de vida pareciam compor-se com tanta naturalidade em momentos assim, no que era levemente mítico e fora do tempo. O incontemporâneo. E depois mais um momento e elas chegaram. As jovens se tinham posto em pé, deviam ter alcançado alguma decisão quando ao pudor, ou ao custo do mesmo diante da língua do velho, porque voltaram como se encontravam, trazendo as roupas; sem qualquer encabulamento externo, mas tendo agora algo daquela indiferença estudada e improvável das pessoas em uma colônia nudista.

— Ei, estamos com fome — disse o Aleijão.

Os pêlos púbicos tinham a mesma cor vermelha dos cabelos. Nua, ela parecia ainda mais desamparada. As jovens começaram a desarrumar as cestas, ajoelhadas ao sol,

enquanto David ajudava Breasley a chegar para mais perto da sombra. Gauguin desaparecera. Manet tomara seu lugar.

Depois, enquanto comiam, a nudez dos corpos das jovens parecia natural. Havia algo que acalmava o velho. Não havia mais obscenidade, mas uma espécie de alegria paga. O pão, os cartões que as jovens haviam trazido de Plélan... Nada de vinho. O velho bebia água, as garotas leite e David cerveja. O Aleijão se sentou, as pernas cruzadas. Havia alguma coisa nela, talvez o cabelo exótico, ou a cor da pele, ligeiramente negra, aborígine, andrógina, alguma coisa que repelia David. Não sabia bem o que era, mas o que parecia caridade e inteligência na Ratinha, nela assumia ares de perversidade e estupidez. Embora não desse a perceber, tinha-se a impressão de que as implicações sexuais do comportamento deles a divertiam e excitavam. Podia ser civilizado para os outros, com ela algo mais — não se tratava de inibição, mas uma suposição que ela fazia de David a estar usando para nada o que, afinal, combinava com a idéia dele detestá-la. Ela ainda se ressentia vagamente com a presença dele. O que ele tinha de aprender com ela... além de um pouco da habilidade para disfarçar, uma leve tendência para o narcisismo e de um estilo de vida que seguramente ocultava o fracasso... ele não podia nem imaginar. Ela parecia mais um simples parasita da honestidade e da estabilidade da outra jovem e sua única virtude aparente era a tolerância.

Talvez ela lhe causasse repulsa pelo contraste físico. A Ratinha, apesar da sua negligência, era uma figura muito feminina, de pernas longas, seios pequenos e firmes. Ela se sentou em frente a David, as pernas enrodilhadas para o outro lado. Ele lhe observou o corpo, quando ela se voltou para entregar uma coisa, quando David sabia que a direção de seus olhos não seria percebida. Conversaram de modo bastante banal e mais uma vez o fantasma da infidelidade irrompeu pelo espírito de David — não qualquer consideração de sua realidade, mas se ele não fosse casado, se Beth... quer

dizer, se Beth não tivesse às vezes certos defeitos, uma falta ocasional e ríspida de compreensão dele, um espírito prático mais do que mundano, que aquela senhora atraentemente fresca e sincera da situação seria inteligente demais (pois ele via nela algo que visava levar à sua própria pintura, um desligamento e ao mesmo tempo uma naturalidade) para demonstrar ou, de qualquer modo, para usar além da conta. Não que ele deixasse de achar Beth desejável, que a idéia de uma estada juntos na França sem as crianças, após Coët (pairando nela a nova aceitação tácita da maternidade por parte de Beth, em mais uma criança gerada, o filho que ambos queriam)... só que se era tentado. Podia-se, se não fosse o que se era, e se fosse oferecido — isto é, era uma impossibilidade segura e uma improbabilidade muito distante, de qualquer modo.

As luzes na pele da Ratinha estavam bronzeadas onde o sol incidia nela, mais escura, porém mais macia nas sombras. Os mamilos, a linha das axilas. A cicatriz fechada em um dos dedos do pé. O modo como seu cabelo trigueiro secava, levemente emaranhado, descuidado e uma pequenez, uma delicadeza de *Quattrocento*, as roupas e as saias compridas que usava eram enganadoras, contrastadas com uma animalidade, o ninho de pêlos entre as pernas. Sentava-se de lado, de frente para o lago e descascava uma maçã; passou parte dela ao velho, depois ofereceu outra a David. Era antisséptico, aquilo, e perturbador.

Henry precisava fazer sua sesta. O Aleijão se pôs em pé e baixou a parte traseira da cadeira. Depois ajoelhou-se ao lado do velho e cochichou-lhe algo ao ouvido. Ele estendeu a mão para a cintura da jovem e subiu com ela devagar até o braço, depois puxou-a à frente; e ela se inclinou, tocou-lhe a boca com a sua. Ele lhe afagou o busto nu, depois cruzou as mãos sobre o estômago enquanto ela arrumava um lenço purpúreo sobre os olhos de Breasley. A boca bem talhada, a ponta roxa

do nariz. A jovem se pôs em pé e olhou-o por momentos, depois fez uma careta para os outros dois.

A Ratinha sorriu para David e murmurou:

— Período livre. E melhor irmos para onde não sejamos ouvidos.

Puseram-se em pé, as duas jovens apanharam as toalhas e o Aleijão vasculhou em uma das bolsas, encontrando o livro. Depois caminharam de volta para a restinga, cerca de trinta passos de distância, de onde não podiam ser ouvidos. Estenderam as toalhas, as jovens se estenderam também sobre os estômagos, de pés para o lago, os queixos apoiados nas mãos. David sentou-se, depois deitou sobre o cotovelo, a cinco ou seis palmos de distância pelo lado da terra. Ocorria-lhe recordação curta e muito mais absurda de uma pintura: dois meninos pequenos ouvindo o que contava um marinheiro elizabetano. Dava para ler o título do Aleijão: *The Magus*. Calculou que fosse astrologia, pois ela certamente estaria levando a sério toda essa bobagem, mas a jovem agora sorria para ele, de repente.

— Desejou não ter vindo, então?

— Santo Deus, não.

— Di foi quem me contou. Ontem à noite. Sinto muito. Eu sabia, não podia aguentá-lo.

Ele sorriu.

— Eu próprio teria pedido para sair, se compreendesse.

O Aleijão levou dois dedos à boca e transferiu o beijo para o ombro da Ratinha.

— Nossa pobre e velha Di. Sempre deixo com ela. A pobre e velha Di sorriu e baixou o olhar.

David disse:

— Por quanto tempo vocês acham que vão durar?

O Aleijão fez um gesto pequenino na direção da Ratinha, indicando que cabia à mesma responder. Esta sacudiu a cabeça.

— Não penso no futuro.

— Como ex-professor de artes...

— Eu sei.

O Aleijão fez outra careta para David.

— O bom senso não o levará a lugar algum. A Ratinha disse:

— Não é isso.

— Só que é difícil sair?

— A oportunidade, ao que suponho. Você sabe. Foi ela quem trouxe a pessoa aqui, logo de início. E de algum modo deverá levá-la.

— Como foi que a trouxe aqui?

Ela olhou para o Aleijão, em alguma ironia secreta.

— Vá em frente. Conte a ele.

— Foi tão estúpido — e evitava o olhar de David. Ele murmurou:

— Sou todo ouvidos.

Ela deixou a mão cair do queixo e apanhou folhas de grama, os seios na sombra, deu de ombros.

— No último verão. Agosto. Eu estava aqui na França com um amigo. Outro estudante de artes, escultor. Ele pegou uma onda neolítica e estávamos acampando para chegarmos a Carnac. Dito isso, olhou para David. — As avenidas megalíticas? Por pura sorte achamos uma carona na N-24 saindo de Rennes, de um mestre-escola em Ploermel. Passava pela estrada. Dissemos que éramos estudantes de artes e ingleses e ele nos contou a respeito de Henry. Está claro que

conhecíamos o nome dele, e tudo o mais, e eu até sabia que ele morava em algum lugar da Bretanha. — Ergueu uma das pernas ao ar. As costas encovadas, as faces tismadas e delicadas. Sacudiu a cabeça. — Foi uma dessas coisas absurdas. Vamos adoidar e bater à porta do homem. Por isso acampamos em Paimpont. Aparecemos na casa de Henry por volta de onze da manhã seguinte. Fingindo que não tínhamos visto o letreiro no portão. Contando levarmos um pé, e quase levamos. Mas falamos como doidos. Dissemos o quanto amávamos o trabalho dele. Inspiração para toda a nossa geração. Coisas assim. De repente ele acreditou, éramos uns malditos corajosos... você sabe. Tudo isso foi à porta. Depois entramos e ele nos mostrou um bocado da propriedade. As coisas na sala comprida. Na maior parte do tempo procurávamos não rir. Do modo como ele fala, parecia um impostor fóssil. — Estendeu as mãos para a grama, pôs-se a contemplá-las. — Depois veio o estúdio. Vi o que ele estava fazendo. Talvez você o tenha sentido ontem. Pum! Você se acha em outro mundo.

Voltou a escorar o queixo e fitou as árvores atrás deles, prossequindo:

— Você gasta três anos para chegar às atitudes certas em pintura. Sabendo ainda menos o que está fazendo, ao final, do que sabia de início. Depois vem conhecer este trapo velho e ridículo, com todas as atitudes erradas. E ele está ali. Todos os nossos triunfinhos de esperteza, nossos progressos, são de repente reduzidos à escala certa. — Ela se apressou a dizer: — Sinto muito, não quero dizer que você tenha sentido isso. Mas eu senti.

— Não, sei exatamente a que se refere. Ela sorriu.

— Nesse caso, não devia saber. Você é muito, muito melhor do que isso.

— Duvido, mas não faz mal.

— É tudo, na verdade. Oh, a não ser ao fim, porque Tom se tinha afastado para apanhar a máquina fotográfica, tínhamos deixado as mochilas lá fora. Henry me diz que sou uma pequena muito atraente, desejava ser mais jovem. Eu ri, disse que desejava ser mais idosa. E de repente ele me tomou as mãos. Beijou uma delas. Tudo muito idiota. Aconteceu tão depressa! Tom voltou, tirou algumas fotografias. Depois Henry, de repente, perguntou se gostaríamos de ficar para almoçar. Mas achamos que era apenas um gesto educado... gesto que devíamos recusar. Tolices, ele nunca tem gestos educados. Sem motivo. Talvez eu já o houvesse percebido, alguma coisa no olhar dele. E eu sabia que Tom queria prosseguir. De qualquer modo, aquilo como que escangalhou tudo. Você sabe como é, quando se rejeita alguém porque a gente pensa que não tem importância e compreende, tarde demais, que tem importância, sim. — Ela lançou olhar de esguelha para o abeto. — Acho que deixamos a impressão de que tínhamos feito aquilo só para nos divertirmos. Que não estávamos realmente interessados nele. O que era verdade, de um certo modo. Ele não passava de mais um nome famoso. Foi tudo tão estúpido... apenas perseguição às celebridades. — Ela fez uma pausa, prosseguiu então: — Foi singular. Mesmo ao nos afastarmos eu me sentia mal. Queria voltar.

Por momentos nada disse. O Aleijão abriu os cotovelos no chão e deitara com o rosto oculto, voltando-se para a Ratinha.

— Dois períodos de estudo, nove meses depois, não me sinto bem em Londres. Tudo acabou com o Tom. Acho que não estou obtendo resultado algum na Faculdade. A culpa não é deles. Está no modo como sou. — Voltou a mexer com a grama. — A gente conhece alguém que é famoso, começa a ver o trabalho deles de modo diferente. Observando, notando. Eu não parava de lembrar aquele dia, em agosto. Como tínhamos sido ruins com o que era essencialmente um homem muito solitário, de língua presa. Oh, e... todos os tipos de outras

coisas. Tendo a ver com meu próprio trabalho. Certo dia sentei-me e escrevi uma carta para ele. Sobre mim mesma. De quanto desejava termos ficado para almoçar e não ter saído como saímos. E se, por alguma casualidade, ele precisava de empregados domésticos. Um misturador de tintas. Qualquer coisa.

— Ele se lembrou de quem você era?

— Mandei-lhe umas fotografias tiradas por Tom. Henry e eu em pé, juntos. — Sorriu para si própria, aduziu: — Foi o tipo de carta que começa a fazer a gente tremer de embaraço, no momento em que a pomos no correio. Eu sabia que ele não responderia.

— Mas respondeu.

— Um telegrama. "Sempre posso usar uma bela pequena. Quando?"

O Aleijão disse:

— O velho querido. Foi diretamente ao maldito assunto. A Ratinha fez careta para David.

— Eu vim muito inocentemente. Está claro que conhecia o passado dele. A reputação que tem. Mas achei que poderia controlá-lo. Manter um tipo de papel como o de neta. Ou simplesmente sair, se a coisa se tornasse difícil. — Baixou o olhar. — Mas Henry tem uma qualidade extraordinaríssima. Uma espécie de mágica. Fora da pintura que faz. O modo como ele consegue... dissolver as coisas em você. Fazer com que elas não pareçam ter importância. Como essa, ao que creio. Aprender a não se envergonhar do corpo que se tem. E a nos envergonharmos por causa das convenções que temos. Ele o disse muito bem, certa vez. Disse que as exceções não provam as regras, que elas são apenas exceções às regras. — Tomava-se claro que lhe faltavam as palavras, e ela sorriu. — Não posso explicar isso a pessoa alguma. Você tem de ser nós, para compreender.

O Aleijão disse:

— De qualquer modo, parece-se mais a ser ama-seca. Seguiu-se curto silêncio, e David perguntou:

— E como foi que você veio para cá, Anne? Foi a Ratinha quem respondeu.

— Começou a ficar um pouco demais para mim. Ninguém com quem conversar. Tínhamos morado juntas em um apartamento em Leeds. Mantínhamos contato e eu sabia que Anne não estava muito satisfeita fazendo o doutorado dela. Por isso, assim que terminasse...

— Eu vim, para ficar uma semana... ah, ah. David sorriu para o rosto oculto da moça.

— Era, pelo menos, mais interessante do que ensinar?

— E pagava melhor.

— Ele pode pagar. A Ratinha disse:

— Eu tenho de reconhecer uma coisa nele. Não houve qualquer acordo. Ele simplesmente joga maços de notas sobre nós. Cem libras. Duzentos. Se formos a Rennes com ele, quase não nos atrevemos a olhar as roupas nas vitrines. Ele sempre quer comprá-las .

— Ele é mesmo uma doçura — disse o Aleijão, voltando-se de costas. Os mamilos de menino, de extremidade escura, o tufo de cabelo avermelhado; ela ergueu o joelho e coçou-se logo acima dele, depois deixou-o cair.

A Ratinha disse:

— Trabalhar com ele é muito estranho. Ele nunca perde paciência com uma pintura. Ou, mesmo, desenho. Você sabe, eu às vezes odeio o que fiz. A gente rasga o desenho, não é? Henry joga as coisas fora mas sempre com uma espécie de pesar. Ele dá ao trabalho uma espécie de qualidade sacrossanta. Mesmo quando não está marchando bem. Tudo que ele não é com as pessoas. — Fez uma pausa, sacudiu a

cabeça. — E ele quase não fala no estúdio. É quase como se fosse mudo, como se as palavras estragassem tudo.

O Aleijão falava para o céu:

— É bem o modo como ele as emprega. — E imitou a voz do velho. — "Você está sangrando, ou coisa assim?" é o que pergunta. — Estendeu a mão ao céu, como a arredar dali a recordação.

— Ele precisa compensar-se.

O Aleijão estalou a língua, concordando.

— Oh, eu sei. O pobre cachorro velho. Deve ser horrível, na verdade. — Ela se voltou de lado, sobre o cotovelo, olhou a Ratinha, não acha, Di? Ele ainda é bem dotado de sexo, a seu modo velho e engraçado. — Dito isso, fitou David. — Você sabe, quando eu comecei... você pensa em camaradas de sua própria idade e tudo o mais. Mas ele deve ter sido sensacional. Quando era jovem... e oh, meu Deus, você devia ouvir os casos que conta. — Ela fez outra careta de palhaço para David. — Nos bons e velhos dias. Como foi aquela coisa da outra noite, Di?

— Não seja boba. Não passam de fantasias.

— Eu espero muito que sejam. A Ratinha disse:

— É o contato, não o sexo. Recordações. A coisa humana. O que ele estava tentando dizer ontem à noite.

David percebeu uma diferença entre as duas pequenas. Uma queria reduzir o lado sexual, a outra reconhecê-lo. Teve a intuição repentina de que o Aleijão usava a presença dele para ventilar uma discordância entre elas e que, nesse contexto, ele se achava a seu lado.

— Aquela ama e o marido devem ser muito compreensivos. A Ratinha baixou o olhar para a grama.

— Você não deve contar a pessoa alguma, mas sabe como Jean-Pierre passou seus anos quarenta e cinquenta?

Em resposta, David sacudiu a cabeça.

— Na prisão. Por assassinato.

— Santo Deus.

— Ele matou o pai. Uma briga de família por causa de terras. Camponeses franceses. Mathilde foi ama da casa de Henry quando ele voltou a Paris em 1946. Sabia de tudo acerca de Jean-Pierre. Soubemos de tudo isto porque Mathilde nos contou. Henry não sabe cometer injustiças. Ficou ao lado deles.

O Aleijão fungou.

— E mais. Com Mathilde. A Ratinha indagou a David:

— Aquele modelo bastante obeso que ele usou em alguns dos primeiros nus pós-guerra. Lembra-se?

— Meu Deus. Eu não percebia.

— A própria Mathilde não fala sobre esse aspecto da coisa. Só que "Monsieur Henri" lhe deu coragem para viver. Para esperar, é o que diz. Ela também é a pessoa com quem Henry nunca perde a paciência. Noutro dia ele perdeu as estribeiras no jantar com Anne, por algum motivo. Saiu andando furioso para a cozinha. Cinco minutos depois, entrei lá. Lá estava, comendo com Mathilde à mesa, ouvindo enquanto ela lia uma carta enviada pela irmã. Exatamente como um vigário, com seu paroquiano preferido. — Seu sorriso foi leve, ela aduziu: — Dava para sentir ciúmes.

— Ele desenha vocês duas?

— As mãos estão muito trêmulas, agora. Existem um ou dois de Anne. Um, de piada, que é lindo. Você conhece aquele famoso cartaz de Lautrec, de Yvette Guilbert? Ele fez uma paródia.

O Aleijão passou os dedos pelos cabelos crespos e na direção do céu.

— E fez *tão depressa*. Não pode ter sido mais de trinta segundos. Um minuto, no máximo. Não foi, Di? Fantástico. Francamente.

Ela se voltou sobre o estômago, o queixo nas mãos. Unhas pintadas de escarlate.

A Ratinha voltou a fitar David.

— Ele conversou com você sobre seu artigo?

— Só para afirmar que nunca ouviu os nomes deles. Além de Pisanello.

— Não creia nisso. Ele tem memória inacreditável no que toca a pinturas. Guardei alguns dos esboços que ele faz. Está tentando falar-lhe sobre alguma pintura e você não sabe ao certo a qual se refere; e então, às vezes, ele as desenha. É como a Anne diz. Como um relâmpago. Recordação quase total.

— Isso restaura um pouco o meu moral.

— Ele jamais teria concordado em que você escrevesse o livro, se você não estivesse razoavelmente perto da verdade.

— Eu começava a dar tratos à bola.

— Ele está sempre muito mais a par do que faz do que imagina. Mesmo quando alcança o máximo da afronta. Eu o levei a Rennes certo dia, antes que Anne viesse, para ver *Morte em Veneza*. Tivera alguma idéia doida de que o Henry verdadeiro gostaria muito. Da parte visual, pelo menos. Ele se comportou muitíssimo bem nos primeiros vinte minutos. Depois aparece aquele rapaz de aspecto divino. Na própria vez em que aparece na tela, Henry pergunta: guria bonita, essa aí... fez muitos filmes, fez?

David riu, e os olhos dela estavam cheios de luz e de risadas. De repente ela voltara à idade que tinha, a seriedade desaparecera.

— É impossível, você não consegue imaginar. Ele começa a discutir para saber se se trata de uma moça ou rapaz. E em voz alta. E em inglês, está claro. Depois passamos para bundeiros e a decadência moderna. As pessoas em volta começam a dizer-lhe para calar a boca. E aí ele engrena com elas, em francês. Henry não sabia que havia tantos veados em Rennes e... — ela levou à cabeça uma pistola imaginária. — Houve quase uma arruaça. Tive de arrastá-lo dali antes que os *flics* fossem chamados. Por todo o caminho de volta à casa ele me contou que aquilo a que ele chama de cinema começou e terminou com Douglas Fairbanks Pai e Mary Pickford. Totalmente obtuso. Não viu mais do que dez filmes, nos últimos vinte anos, mas sabe tudo a respeito. Como você, ontem à noite. Quanto mais sensato for, tanto menos ele suporta.

— Mas é representação?

— De um modo curioso, é um sentido de estilo. Existe até mesmo algo de sincero nele. Você sabe, ele está como que dizendo que não vou ser da sua idade. Sou velho, sou o que sou, não quero compreender.

O Aleijão disse:

— É como o modo pelo qual fala. Não pára de me dizer que me comporto como uma atrevida. E você ri, diz Henry, as mocinhas atrevidas desapareceram com os espartilhos de renda e saias-balão. Pelo amor de Deus. Mas isso só serve para fazê-lo piorar, não é, Di?

— Mas não é tão estúpido quanto parece. Ele sabe que precisamos ter algo de que rir. Para detestar nele, de verdade.

— Para perdoar nele.

A Ratinha abriu as mãos.

Fizeram algum silêncio. O sol de outono brilhava, e uma borboleta Almirante Vermelha passou deslizando, adejou momentaneamente acima do arqueado nas costas da Ratinha.

David sabia o que tinha acontecido: a nostalgia repentina da antiga relação da faculdade de artes. Aquela necessidade de franqueza, remoer as coisas; pôr à prova o professor que se tinha, no tocante ao sentido de humanidade, vendo até onde ele conseguia sair; não apenas confessar, mas usar a confissão.

A Ratinha falou, olhando para a grama:

— Espero que isto não o esteja chocando.

— Fico satisfeitíssimo ao ver que ambas são tão inteligentes com ele.

— Às vezes tenho dúvidas a esse respeito. — E ela aduziu: — Se não somos aquilo de que ele nos chama, por apelido.

David sorriu.

— Você não me parece muito tímida.

— Só que eu fugi.

— Mas você disse que estava aprendendo mais.

— Sobre a vida. Mas...

— Não o seu trabalho?

— Estou tentando recomeçar do início. Não sei ainda.

— Isso não é coisa de Ratinha. O Aleijão disse:

— De qualquer modo, quem se importa? Eu prefiro lutar com o velho Henry do que com quarenta malditos garotos.

A Ratinha sorriu e o Aleijão empurrou-lhe o ombro.

— Vai tudo bem para você — afirmou, e olhou para David. — Sinceramente, eu era uma desgraça em pé, como estudante. Aquele negócio da droga. Não a barra pesada. Você sabe. Dormir para lá e para cá. Di sabe que me envolvi com uma porção de malditos cachorros. Sinceramente. — Ela empurrou a perna da outra pequena com o pé. — Não foi, Di?

A Ratinha assentiu, o Aleijão olhou além de David, para onde o velho dormia.

— Quero dizer que com ele, pelo menos, não é só uma questão de deitar e onde vem o próximo camarada. Ele, pelo menos, é reconhecido. Nunca serei capaz de esquecer um sujeito. Ele só... você sabe, o grande cara. Você sabe o que ele diz? — Em resposta, David sacudiu a cabeça. — "Por que você é tão malditamente magrela?". — E ela bateu na cabeça. — Quer dizer, francamente eu penso naquilo que costumávamos tolerar. E o pobre e velho Henry com lágrimas nos olhos, quando finalmente consegue.

Baixou o olhar, como se soubesse que havia falado demais, depois lançou sorriso repentino para David.

— Faça sua fortuna com Notícias do Mundo.

— Acho que os direitos são seus.

Por momentos prolongados ela o fitou, ao mesmo tempo indagando e procurando. Tinha olhos castanhos, as coisas mais atraentes em seu rosto pequenino. Eram também diretos, uma espécie de gentileza para quem olhasse atentamente; e David compreendeu que começara, naqueles quarenta minutos, a gostar dela. Adivinhou uma afeição por baixo da linguagem descuidada e uma sinceridade — não como o tipo de sinceridade da Ratinha, que era de classe média emancipada, baseada em boa cabeça e talento comprovado, mas algo muito mais classe trabalhadora, algo que tivera de ser obtido por dureza, vivendo na "maldita bagunça". A amizade, a relação tornava-se compreensível; havia tanto uma identidade quanto um complementarismo. Devia ser algo que tinha a ver com a nudez delas,, o sol, a água e as vozes baixas, o abandono silencioso do lago por trás; mas sentia-se atraído a uma proximidade maior com aquelas três vidas desconhecidas, como se os houvesse conhecido por muito mais tempo, ou as vidas que conheciam haviam de algum modo misterioso desvanecido e

desaparecido nas últimas vinte e quatro horas. O agora era agudamente ele próprio: ontem e amanhã tornavam-se os mitos. Havia também uma sensação de privilégio, quase metafísica, de que ele nascera em um ambiente e elas lhe permitiam tal realidade rápida — e mais banal, que a carreira viesse a conceder-lhe tais oportunidades. Os amigos que se tinha, se o pudessem ver agora. Pensou então em Beth.

Havia deixado de fitar os olhos do Aleijão e se seguira um silêncio curto. E foi quando a Ratinha olhou em volta (mas não de modo bastante casual, como se a confissão houvesse sido profunda demais) para a água e depois para a amiga.

— Vou nadar outra vez.

— Está certo.

A Ratinha voltou-se e sentou-se, de costas para David. O Aleijão sorriu para ele.

— Venha conosco.

Ele antecipara isso e resolvera o que fazer. Voltou a olhar para onde o velho estava deitado.

— Se eu não for provocar alguma coisa.

Ela ergueu as sobrancelhas, no estilo de Groucho Marx, uma pequena casquinada.

— Só nós.

A Ratinha estendeu a mão e deu-lhe uma palmada leve no traseiro. Depois levantou-se e caminhou para a água. Silêncio, o Aleijão continuou deitada, olhando para a grama. Afinal se manifestou, em voz baixa:

— Um desperdício, não é?

— Ela parece saber o que está fazendo. A jovem teve um sorriso de desagrado.

— Você está brincando.

Observou a Ratinha entrando na água; Diana, costas esguias e nádegas pequenas, pisava em alguma coisa, caminhava para o lado antes de aprofundar-se mais.

— Você acha que deviam ir embora?

— Só estou aqui porque ela está. — E a jovem baixou o olhar. — De um certo modo engraçado, Di é a esquisitona. O velho Henry e eu, como que vivemos de um dia para o outro. Você sabe o que eu quero dizer. Não poderíamos ser inocentes, ainda que tentássemos. Di é o oposto.

A jovem na água mergulhou e começou a afastar-se nadando.

— E ela não compreende?

— Na verdade, não. É burra. Do modo como as moças espertas são burras, às vezes. Pois é, ela entende o velho Henry. A pessoa a quem ela não entende é a si própria. — O Aleijão evitava-lhe agora o olhar, havia quase timidez em seus modos. — Se você pudesse tentar, fazê-la falar... talvez esta noite. Vamos pôr o Henry na cama bem cedo. Ela precisa de alguém lá de fora.

— Bem, é claro... vou tentar.

— Está certo. — Ela se calou por momentos, depois se levantou de modo abrupto, ajoelhando-se sobre os calcanhares. Sorriu. — Ela gosta de você. Acha que seu trabalho é sensacional. Foi tudo uma representação. Ontem à tarde.

— Ela me contou.

A jovem o avaliou por momentos, depois se ergueu; por um segundo imitou a Vênus modesta, uma das mãos sobre a virilha, a outra sobre os seios.

— Não vamos olhar.

Caminhou então para a água. David se ergueu e tirou as roupas. Veio ao lado do Aleijão, quando a água escura lhe

alcançava a cintura. Ela lhe lançou um sorriso, depois jogou-se à frente com um gritinho. Momentos depois ele próprio mergulhava e nadava atrás da cabeça distante.

Cinco horas depois a mesma cabeça o encarava do outro lado da mesa e ele começava a achar dificuldades em pensar em qualquer outra coisa. Ela só aparecera por momentos antes do jantar, achava-se ocupada na cozinha com o Aleijão e agora vestia uma camisa negra e outra saia comprida, penteara o cabelo para cima de tal modo que conseguia parecer ao mesmo tempo classicamente elegante e levemente descabelada. Havia apenas minúscula indicação de que saíra à caça, e o conseguia. Quanto mais a conhecia tanto mais a observava e tanto mais gostava dela; como temperamento, sistema de gostos e sentimentos, como objeto feminino. Ele o sabia e o ocultava... não apenas a ela, mas em parte também a si próprio; isto é, ele analisava o que começara tão rapidamente a achar atraente na jovem — o motivo pelo qual aquela mistura precisa do físico e do psicológico, o reservado e o aberto, o controlado e o (pois também começara a acreditar no que o Aleijão dissera) incerto, atraía com força algo em sua própria natureza. Por estranho que fosse, como essas coisas vinham do céu azul e se encontravam em algum lugar dentro de nós, antes que pudéssemos vê-las a se aproximarem. Sentia-se um pouco enfeitiçado, possuído; e resolveu que devia, na maior parte, ser o efeito de estar longe da companhia de Beth. Viviam tão perto que se esquecera de como era a antiga liberdade masculina e talvez fosse, mais do que tudo, uma questão de ter de dispor de alguma saída pessoal para seus sentimentos resultantes de todo o dia. Ele o desfrutava imensamente, ao recordá-lo. Tinha sido densamente entretecido e, no entanto, simples, tão cheio de vivências novas ao mesmo tempo primitivo, atávico, escapo ao tempo. Acima de tudo sentia-se aceito, era quase como uma das pessoas da casa, a essa altura.

Com as jovens as suas credenciais haviam sido determinadas quando nadara com elas; em seguida compreendera que isso tinha sido necessário — comprovar que era bom companheiro, no nível do Aleijão, que fizera vistas grossas para uma escolha do nível mais pensado da Ratinha. Ele se emparelhara com ela a cerca de cem passos da costa e haviam conversado um pouco sobre o lago, a temperatura reinante, a satisfação proporcionada pelo lugar, ao caminharem por ali, ao caminharem pela água a cerca de dez palmos de distância. Vira o Aleijão voltar para a praia e Breasley ainda parecia adormecido sobre o abeto. Haviam nadado lentamente, de volta, juntos, rumando para a figura esguia que se secava. Saíra da água ao lado da Ratinha e o Aleijão lhe entregara sua toalha molhada. A luz do sol, as árvores, a intuição dos olhos que observavam e as leves sombras de embaraço que ainda sentira haviam tido muitíssimo a ver com as jovens... ou apenas com a brancura de sua pele, ao lado da pela delas.

Ele não se vestira de imediato, mas se sentara, escorado nos braços ao lado das roupas, secando-se um pouco mais ao sol. As duas jovens se haviam deitado de costas, as cabeças voltadas para ele como antes, pés na água. A paz profunda do lago, o isolamento sereno, ou não seria bem isso, ao fim da paisagem mais distante havia movimento minúsculo, um pescador, a linha que era lançada, um pontinho minúsculo de azul camponês. Ele nada dissera. Sentira uma espécie de desafogo mental — a abstração, talvez; a onda sinuosa do macho primevo ansiando pelo que era lícitamente promíscuo, polígamo, a carícia de dois corpos, ter muitas mulheres. Aquela observação maliciosamente casual feita pelo velho sobre aquilo de que as duas jovens precisavam criava sonhos, embora acordado; eram momentos isentos de responsabilidade... tal variação de percepção, o que se era, o que se reprimia. Não mais de doze horas antes ele estivera perto de refugar e condená-los como gente abaixo do nível

merecedor de sua atenção e agora o que fora tão indolentemente hipotético durante o almoço crescera, tornando-se muito mais próximo, mais preciso em suas possibilidades, mais imaginável. Era como nos dias ou semanas que alguém pudesse ter gasto em uma pintura, preparando-a, refinando-a, tudo reduzido no espaço de algumas horas. Sabia-se qual o motivo, naturalmente. A pressão vertiginosa do tempo, a realidade prosaica — aquela longa viagem até Paris, ele tinha de estar lá ou perto de lá àquela mesma hora no dia seguinte. Talvez fosse esse o verdadeiro traço de gênio do velho, o de adotar uma necessidade antiga de fugir à cidade, pois um distanciamento misterioso, e o encontro de sua solução antiga, a fonte verde e celta, continuava realizável; velho afortunado, continuar percebedor e profundamente amoral, comprara esta última solidão cálida e afeição seca, com sua fama. David olhou para trás. Continuava V dormindo, como se estivesse morto. O modo pelo qual as duas jovens silenciosas se achavam deitadas significava que nada impedia seu exame prolongado, observando-lhes as linhas dos corpos, como talvez soubessem. O modo pelo qual tacitamente favoreciam seu pudor — conversar mais significaria encará-lo — também era a vantagem secreta delas. Ele teve o conhecimento de brutalidade totalmente estranha à sua natureza: como os homens podiam estuprar. Algo ao mesmo tempo terno e provocante naquela indefensabilidade vinha acicatá-lo desde as profundezas.

Pusera-se em pé e vestira as roupas. Contaria a Beth, porque mais cedo ou mais tarde acabaria contando-lhe tudo, mas somente após terem voltado a fazer o amor.

Depois a caminhada vagarosa, de volta à casa e passando pela floresta, uma mania repentina nas jovens — elas haviam adotado caminho um pouco diferente, a fim de mostrar-lhe uma fazenda pitorescamente arruinada, em clareira cheia de vegetação — procurando amoras pretas,

visando fazer uma boa e antiga torta inglesa de amoras pretas e maçãs. O velho afirmou detestar "essas malditas coisas", mas desempenhou papel amistosamente resmungão, chegando até a puxar alguns dos galhos mais altos com o gancho da bengala, Por quinze minutos, mais ou menos, ficaram assim infantilmente entretidos em tal tarefa. Outro momento de saudade possível para David — ele não estaria lá para desfrutar o sabor da torta, o que era errado, por esse motivo haviam estado na cozinha. A Ratinha fizera o doce, Anne preparara as frutas. Especialmente para ele, haviam dito, como a se penitenciarem por algo emasculador na situação, algo injusto. Ele fora tocado.

Por parte do regresso à casa, após a colheita de amoras pretas, caminhara ao lado da Ratinha, à frente da outra pequena e do velho. De modo bastante inesperado ela se mostrara um pouco tímida, como se soubesse que o Aleijão dissera algo — queria ao mesmo tempo falar, ao que David pressentia, e achava-se em guarda quanto a revelar coisas em demasia. Havia falado sobre o Royal College, o motivo pelo qual o deixara, mas de modo bastante neutro e generalizado. Ao que parecia ela sentira uma espécie de claustrofobia, número demasiado de talentos de elite amontoados em espaço reduzido, pusera-se encabulada em demasia, por demais ciente do que as outras pessoas faziam, tinha sido tudo sua própria culpa. Ele vislumbrou uma jovem diferente por baixo de aquela de agora: muitíssimo nervosa, ferozmente autocrítica, encabulada demais — como aquele trabalho por ela executado e por ele visto dava a entender. Ela também estava aflita por não levar aquilo muito à frente, seu futuro artístico ou, de qualquer modo, não querendo entediá-lo com o relato. Passaram para a educação artística, de modo geral. David fora advertido de que ela era uma pessoa diferente, por conta própria, muito mais difícil de dissolver sem o catalisador do Aleijão. Chegará a ponto de parar e voltar-se, aguardando os outros emparelhar-se com eles. David sentia-

se quase certo de que isso não fora apenas para não dar a Henry motivos de ciúme. De certo modo a conversa foi um fracasso, mas não a tornou menos atraente a seus olhos.

Talvez nada houvesse resumido melhor seu estado de espírito, ao voltarem à casa, do que a questão do telegrama enviado por Beth, que poderia ou não estar esperando por eles, lá chegados. De nada adiantava fingir. Ele desejara sem qualquer reserva, não que Sandy estivesse seriamente enferma, está claro, mas que algo mais houvesse retardado a jornada de Beth a Paris. Haviam até previsto isso, de que ela tivesse de adiar por um ou dois dias o encontro. Era tudo que ele queria, apenas mais um dia. O desejo não lhe fora concedido, não havia telegrama à espera.

Como compensação parcial, teve um último tête-à-tête muito útil com Breasley. A maioria das perguntas que lhe restavam, de natureza biográfica, foi respondida — à moda do velho, mas David percebeu que não estava sendo seriamente tapeado. Às vezes surgia, até, uma sinceridade convincente. David havia indagado sobre o paradoxo aparente do pacifismo do velho em 1916 e o fato de que servira como ordenança médico com a Brigada Internacional durante a Guerra Civil Espanhola.

— Penas brancas, meu caro. E de modo literal, sabe? Eu tinha uma coleção daquelas coisas malditas. Não me importava, tudo brincadeira. Russell, foi ele quem me converteu. Ouvi-o falar, na conferência pública que fez. O melhor cérebro, o melhor coração, ímpar. Nunca voltei a encontrar igual.

Achavam-se à mesa da janela no dormitório dele, com as duas camas por trás. David pedira que lhe mostrasse o Braque — e ouviu o relato sobre o outro que Breasley já possuía, mas que tivera de vender para pagar Coëtminais e sua transformação. O velho sorriu para ele.

— Os anos passam. Continuo pensando, sabe? Se não foi apenas medo. Terei de descobrir, no fim. Tirá-lo de seu sistema. Sabe do que estou falando?

— Dá para imaginar.

O velho olhou pela janela; o ocaso sobre as árvores.

— Apavorado de medo. Por todo o tempo. Odiava aquilo. Tinha de desenhar. Único meio de atravessar aquilo. — Sorriu, então. — A morte, não. Você rezava, pedindo a morte. Ainda ouço a dor. Volto a vivê-la. Queria pegá-la. Matá-la. Não conseguia desenhá-la bastante bem.

— Talvez não para si. Mas fez isso, para nós. O velho sacudiu a cabeça, em negativa.

— Estava preso pelo pé. Não podia fazer outra coisa.

David o levava a terreno menos traumatizado de sua vida e se arriscara até, na parte final, a aplicar no velho parte de sua própria medicina. Se ele fingia a ignorância dos paralelos que David traçara em seu artigo, como era possível que as jovens admirassem tanto sua memória para as pinturas? Breasley lançou-lhe um olhar enviesado e franziu o nariz.

— Aquelas putinhas abriram o jogo, não foi?

— Eu torci o braço delas quando o senhor estava dormindo. O velho baixou o olhar e amaciou a orla da mesa.

— Nunca esqueci um bom quadro, em minha vida, David. — E voltou a olhar para o jardim. — Nomes, sim. Mas o que é um nome? Coisinha à-toa, só isso. — E ergueu o polegar misterioso na direção do Braque, piscando o olho. A imagem sobrevive, eis tudo que conta.

— De modo que eu não preciso me deixar fora da bibliografia?

— Enforcado. Não é a coisa de Verona. Fox. Acho que sim. Não me lembro agora.

Falava sobre detalhe no segundo plano do *São Jorge e a Princesa* de Pisanello e o eco numa das mais sombrias obras da série de Coëtminais, sem título ainda, mas *Desolação* teria servido. Um bosque de enforcados e homens vivos, que pareciam desejar terem sido enforcados.

— Fox me escapa.

— *Livre de Mártires*. Entalhes em madeira. Exemplar antigo em casa. Apavorou-me. Tinha seis, sete anos. Muito pior do que a coisa verdadeira. Espanha.

David arriscou-se a mais um passo.

— Por que reluta tanto em revelar as fontes?

A pergunta agradou visivelmente ao velho, como se David houvesse caído numa armadilha.

— Meu caro rapaz. Pinte por pintar. Por toda a vida. E não para dar a sujeitinhos espertos como você a oportunidade de se exibirem. É como cagar, sim? Você pergunta por que faz isso. Como faz isso. Você morre com o cu entupido. Não me importo merda nenhuma em saber de onde vêm minhas idéias. Nunca me importei. Que aconteça. É só isso. Nem sei lhe dizer como começa. O que significa metade daquilo. Nem quero saber. — Meneou a cabeça na direção do Braque. — O velho George dizia. *Trop de racine*. Sim? Raiz demais. Origem, passado. Não a flor. O agora. A coisa na parede. *Faut couper la racine*. Cortar a raiz fora. Ele costumava dizer isso.

— Os pintores não deviam ser intelectuais? O velho sorriu.

— Cachorros. Nunca conheci um só que não fosse. O Velho Pega-bunda. Sujeito espantoso. Exibindo as presas para a gente. Confio mais em um tubarão devorador de homens.

— Mas ele foi razoavelmente claro sobre o que fazia? O velho bufou, tomado de discordância violenta.

— Bobajadas. Meu caro rapaz. *Fumisterie*. De fora a fora  
— E aduziu: — Trabalhava muito depressa. Produziu demais,  
por toda a vida. Tinha de tapear as pessoas.

— *Guernica?*

— Boa lápide sepulcral. Deixa toda a ralé que não se  
importava coisa nenhuma, na época, demonstrar os belos  
sentimentos que tinha.

Surgira um clarão de amargor, uma minúscula luz  
vermelha se acendera de repente; algo que ainda estava  
sensível. David sabia que haviam voltado à abstração e ao  
realismo e à própria vida do velho na Espanha. A má vontade  
contra Picasso ficava explicada, mas o próprio Breasley  
recuou desse terreno.

— *Si jeunesse savait...* conhece isso?

— Está claro.

— É tudo. Só pintar. É o meu conselho. Deixe a conversa  
inteligente para os pobres idiotas que não pintam.

David sorriera e baixara o olhar. Algum tempo depois,  
levantara-se para sair, mas o velho o fizera parar antes que se  
afastasse.

— Gostei de você ter acertado com as pequenas, David.  
Queria dizer. Isso dá uma folga a elas.

— São duas boas garotas.

— Parecem felizes, não é?

— Não ouvi queixas.

— Não tenho muito a oferecer, agora. Um pouco de  
dinheiro. — E ele buscava confirmação em alguma coisa. —  
Nunca fui muito bom em pagar salários. Coisas assim.

— Tenho toda a certeza de que elas não estão aqui por  
esse motivo.

— Alguma situação regular. Poderia ser melhor, você não acha?

— Por que não pergunta à Ratinha? O velho olhava pela janela.

— Pequena muito sensível. Dinheiro.

— Gostaria que eu as sondasse? Breasley ergueu a mão.

— Não, não, meu camarada. Apenas o seu conselho. De homem para homem, você sabe. — E de repente, fitava David.  
— Sabe por que eu a chamo de Ratinha?

— Fiquei pensando nisso.

— Não é o animal.

O velho hesitou, depois tomou uma folha de caderno em gaveta ao lado. Em pé ao lado David observou-o a se dirigir ao papel como se fosse algum documento oficial, mas tudo que fez foi escrever a lápis a letra R e em seguida, deixando espaço, as letras T, I, N, H, A, no espaço entre o R e o T, a mão encarquilhada desenhou, com cinco ou seis traços rápidos, um A, em forma de vulva. Depois Breasley relanceou o olhar rápido para David, piscou o olho, a ponta de sua língua saiu da boca como a de um lagarto. Quase antes de David haver compreendido o sentido duplo, o pedaço de papel foi amarrotado.

— Não deve contar a ela.

— Claro que não.

— Tenho pavor de perdê-la. Procuo escondê-lo.

— Acho que ela o compreende.

O velho assentiu, depois deu de ombros levemente como se a idade e o destino tivessem de vencer, no fim, e nada mais havia a ser dito.

E David meditou sobre tudo isso, deitado logo depois no banho: como a relação funcionava, por causa de suas

distâncias, incompreensões, as reticências por trás da fachada de franqueza... como arranjo contemporâneo, um *ménage à trois* de jovens belos e desinibidos, muito provavelmente fracassaria. Surgiriam ciúmes, preferências, rachaduras na flauta... e como aquilo estava tão ilhado e trancado e distante, fora do mundo real e diário de David, Blackheath e o tráfego das horas de movimento, festa, amigos, exposições, os filhos, compras aos sábados, os pais... Londres, obter e gastar. Como se podia ansiar desesperadamente por... por isto, adequadamente traduzido. Beth e ele deviam tentá-lo, do modo mais decidido; talvez no Cales, ou na parte ocidental do país, que não podia ser toda St. Ives, uma nuvem de poses bonitas em volta de dois ou três nomes sérios.

Os pobres idiotas que não podem. Isso mesmo.

O que haveria de lembrar-se finalmente, no tocante ao velho, era sua espontaneidade, no sentido de estória natural. A espontaneidade superficial, em palavras e comportamento, acabava mostrando-se enganadora — como a exibição agressiva de alguns animais, sua motivação maior era realmente a paz e o espaço, território, e não na demonstração gratuita de virilidade. Os rostos grotescos que o velho camarada exibia destinavam-se apenas a deixar que seu próprio eu ficasse à solta, em liberdade. Ele não vivia realmente no *manoir*, mas na floresta lá fora. Por toda a vida devia ter tido esse anseio, a procura de um lugar onde se esconder, uma timidez profunda; e se forçara a comportar-se de modo exatamente oposto. Isso o teria expulsado da Inglaterra logo de início, mas uma vez na França ele usaria sua inglesice — pois era notável, quando se pensava, no quando uma pessoa nativa ele continuara a ser, por todo aquele exílio prolongado — a fim de esconder-se de qualquer coisa que, na cultura francesa, ameaçasse invadir. A inglesice fundamental da série de Coëtminais já era debatida em um parágrafo do rascunho da introdução, mas David tomou a

decisão de aumentá-la e fortalecê-la. Começava a parecer a pista essencial, quase isso; o velho proscrito manhoso, escondendo-se por trás da tela de *flamboyant* e seu comportamento afrontoso e suas influências cosmopolitanas, era talvez tão simples e inalienavelmente nativo quanto Robin Hood.

O aspecto de distância na relação, na verdade, predominou durante o jantar. Embora houvesse tomado *whisky* antes, Henry tomou apenas dois copos de vinho com ele, e chegou a reduzi-los muito com água. Parecia cansado, fechado em si, como em ressaca retardada. Todos os anos de sua idade transpareciam e David achou que as duas jovens e ele próprio se achavam em conluio, quase, a fim de acentuarem o abismo. O Aleijão falava bastante, contando a David os sofrimentos de seu curso de adestramento de professora, em seu próprio tipo de gíria e inglês cheio de elipses. O velho a observava como se estivesse levemente intrigado por essa vivacidade repentina... e saía de suas profundezas. Por boa parte do tempo não tinha muita certeza do que ela dizia: micro-ensino, arte sistemática, psicoterapia, eram coisas que vinham de outro planeta. David conseguia adivinhar qual a solução do enigma, tendo alguém que ainda vivia no titânico campo de batalha da arte no início do século vinte, de toda essa redução de teoria apaixonada e prática revolucionária a uma técnica de educação de massas, uma "atividade" que se ajustava entre o Inglês e a Matemática. *Les Demoiselles d' Avignon* e um bilhão de latas de tinta de cartaz.

Tomaram café e o velho estava agora muitíssimo silencioso. A Ratinha instou para que se fosse deitar.

— Bobagens. Gosto de ouvir o que essas coisinhas novas falam. Ela disse, com suavidade:

— Pare de fingir. Você está muito cansado.

Ele resmungou um pouco, procurou apoio masculino com David e não recebeu apoio algum. Finalmente a Ratinha o levou para cima. Assim que haviam desaparecido o Aleijão passou para a cadeira do velho, à cabeceira da mesa. Pediu mais café a David, mostrava-se vestida de modo menos exótico aquela noite — um vestido negro Kate Greenaway salpicado de pequenas flores roxas e verdes. Essa simplicidade rústica, de algum modo, combinava mais com ela, ou melhor, com aquilo de que David começara a gostar nela.

Ela disse:

— Vamos subir quando Di voltar. Você deve ver o trabalho que ela faz.

— Gostaria de vê-lo, sim.

— Ela é uma boba, no trabalho. Tímida. Ele misturou o café.

— O que aconteceu com o namorado dela?

— O Tom? — E o Aleijão deu de ombros. — Oh, o de costume. Ele não aguentava, na verdade. Quando ela foi aceita pelo Royal College. Era ele quem queria entrar.

— Isso acontece.

— Ele era um desses rapazes que julgam saber tudo. Escola pública, e tudo o mais. Eu, pessoalmente, não o aguentava. Estava sempre tão certo de si... somente a Di não conseguia vê-lo.

— E ela ficou muito sentida?

Um meneio de cabeça confirmou.

— O que eu dizia. Ela é tão inocente, De alguns modos. — Seguiu-se ligeira pausa e depois ela parou de brincar com a colher de café e o examinou, à luz da lâmpada, com seu olhar mais franco:

— Posso contar-lhe um grande segredo, David? Ele sorriu.

— Claro.

— O que eu tentava dizer hoje de tarde. — Ela olhou para as escadas, depois para ele, baixou a voz. — Ela quer casar-se com ele.

— Oh, meu Deus.

— É uma doideira tão imbecil que eu.

— Você não quer dizer que ela... O Aleijão sacudiu a cabeça.

— Mas você não a conhece. De tantos modos ela é muito mais inteligente que eu, mas sinceramente, toma algumas decisões birutas. Eu me refiro a toda esta cena. — E ela sorriu sem qualquer vontade. — Duas pequenas como nós. Devemos estar doidonas. — E aduziu: — Nós nem mais fazemos piada sobre o assunto. Está bem, com você, esta tarde. Mas a primeira vez, em semanas.

— Ela disse não?

— Ela diz. Mas continua aqui, não é? Quer dizer, é como se tivesse uma fixação paterna, coisa assim. — Voltou a procurar seu olhar. — Ela é uma pequena e tanto, David. Sinceramente, você não faz idéia. Minha mãe e pai, são Testemunhas de Jeová. Coisa inteiramente gira. Eu tive problemas fodidos em casa. Quer dizer, eu *não tenho* casa. Não teria sobrevivido sem a Di. Mesmo no ano passado. Consegui escrever para ela. — E prosseguiu, antes que David pudesse falar: — E ela é tão incoerente. — Fez um gesto, abafando o aposento. — Ela até transforma tudo isso em motivo para não casar-se com ele. Loucura. Vai cagar a vida toda. E vai, porque não tem coisa alguma com isso.

— Ela não vai conhecer pessoa alguma da mesma idade, por aqui.

— O que eu quero dizer — e ela estendeu o cotovelo, encarando David do outro lado da mesa. Continuavam falando em vozes baixas. — Ela nem mesmo olha o que existe. Por exemplo, na semana passada fomos a Rennes para algumas compras. Dois rapazes franceses vieram falar conosco. No café. Estudantes. Você sabe, foi uma beleza. Divertido. Eles eram bons. Vieram bater papo conosco. A Di disse que estamos em nossas *vacances* com um amigo da família.

Dito isso, fez careta, prosseguiu:

— Depois eles querem sair, um dia, e falar conosco. — Os dedos confiavam os cabelos. — Coisa doida. Você não acreditaria. De repente Di se transforma em maldito oficial de segurança, ou coisa parecida. O jeito como ela acabou com o papo dos rapazes. Depois foi voltar para casa, tirar as roupas, porque o velho Henry esteve sozinho e quer um achego. — Ela prosseguia: — E eu digo isso, isso mesmo. Você sabe o que... não é a coisa física. Ele quase não consegue fazê-lo mais, só que... você sabe, David, peço-lhe, pode crer em mim, já vi tudo. Cenas muito mais doentias do que essas. Mas não é a mesma coisa com Di. Ela só teve aquele caso em Leeds. Caso sério. É por isso que sinto tanto, por causa dela. A Di acha que ou é assim com o Henry, ou do modo como costumava andar. Mas não tem a mínima noção do que se trata. No que pode transformar-se.

— Você já...

Mas não ia ficar sabendo se ela pensava em partir, sozinha, por conta própria. Lá em cima uma porta se fechou sem ruído. O Aleijão refestelou-se na cadeira e David voltou-se para ver a pessoa de quem falavam, descendo as escadas na sombra. Acenou para eles, para o círculo de luz em que se achavam sentados, depois desceu para o aposento; esguia, calma e senhora de si, desmentindo o que havia sido

afirmado. Sentou-se mais uma vez em frente a David, com leve expressão de alívio.

— Ele foi bom, hoje.

— Como você predisse.

A Ratinha ergueu os dedos cruzados, em sinal de esperança.

— E de que estiveram falando?

— De você. David aduziu:

— Se você vai me mostrar o trabalho que fez. Ela baixou o olhar.

— É tão pouco o que existe para ver.

— Quero ver o que existe.

— Desenho, na maior parte. Quase não fiz pintura alguma. O Aleijão se pôs em pé.

— Eu vou mostrar ao David. Você pode ficar aqui, se quiser.

As duas se entreolharam por momentos; um desafio e uma relutância, o fantasma de alguma discussão anterior, entre as duas. Mas a relutante sorriu e se pôs em pé.

David as acompanhou subindo a escada, depois passando pelo corredor, diante da porta de seu quarto até outra porta, na extremidade oriental da casa. Tratava-se de outro aposento amplo, onde havia uma cama, mas dava mais a impressão de uma sala de estar; uma sala de estudos, se a arte pendurada nas paredes não fosse original e distinta, em vez de feita em casa ou reproduzida. O Aleijão foi para um toca-discos ao canto, começou a escolher em meio à pilha de gravações. A jovem a seu lado disse:

— Ali.

Havia uma mesa comprida, tintas, aquarelas, uma prancha inclinada com esboço inacabado espetado à mesma.

A mesa se apresentava escrupulosamente limpa, em contraste com aquela no estúdio do velho... muitíssimo como David gostava de ter sua própria "bancada" em casa. A Ratinha apanhou uma pasta e a colocou sobre a mesa, mas a manteve fechada diante de si por momentos.

— Eu me tornei inteiramente não-representativa ao final de meu tempo em Leeds. Entrei para o RCA assim. Estes, portanto, são como uma marcha para trás. — Ela teve um leve sorriso tímido e aduziu: — O que eu comecei a sentir que tinha deixado de fora e perdido.

Do ponto de vista técnico o desenho era marcante, ainda que lhe faltasse bastante em individualidade. A calma, tão agradável na personalidade dela, tornava-se uma espécie de frieza no papel, algo demasiadamente trabalhoso e *voulu*. Havia, causando surpresa, a ausência completa da liberdade rápida no traço do velho, a sua firmeza e vigor — comparação que David não tinha de fazer com base na recordação, já que o desenho que tinha sido mencionado, sua pequena paródia do Aleijão no estilo Lautrec, apresentava-se na pasta. Sua pressa transparecia e a maestria instintiva da linha viva. David fez elogios, naturalmente, enunciou as perguntas comuns, o que ela procurava fazer, onde achava que se aproximava do que desejava. O Aleijão viera colocar-se agora a seu lado. Ele contara encontrar música pop, mas era Chopin, tocando baixo, um simples pano de fundo.

Chegaram a uma série de desenhos com tonalidades de aquarela, não representativos, mas registros de cor que eram algo do tipo que o próprio David utilizara. Gostou mais desses, um ou dois tons, contrastes, a sensação bastante experimental após os ensaios meticulosos demais em desenho puro. A Ratinha foi para um aparador do outro lado do aposento e voltou com quatro telas.

— Eu tive de escondê-las do Henry. E lamento muito se se parecem a obras ruins de David Williams.

Procurou onde pendurá-los, depois tirou um desenho a lápis da parede e o entregou a David. Gwen John. Com retardo ele compreendeu quem era a pessoa sentada: Henry, que devia ter mais ou menos a idade de David agora. Sentado ereto, em cadeira de madeira, um tanto estudado, cheio de importância a despeito do caráter informal das roupas: um modernista jovem e feroz do período final dos anos vinte. A Ratinha ajeitou um lâmpada a fim de iluminar o lugar que escolhera. David baixou o desenho banido.

As telas por ela mostradas não apresentavam qualquer semelhança óbvia com o trabalho dele, além de serem abstrações delicadamente precisas e em escala maior (como a sua própria dimensão favorita para o trabalho), do que a maioria de quadros assim costuma ser. Ele muito provavelmente não teria notado qualquer influência, se ela não a mencionasse. Mas a qualidade, e nisso ele se achava em terreno inteiramente à vontade — seus problemas, a viabilidade das soluções, não era algo que ele tinha de fingir enxergar.

— Agora sei porque o College a aceitou.

— Um dia, trabalham, no outro, não.

— É normal. Eles trabalham. O Aleijão comentou:

— Continue. Diga a elas que são maravilhosos como o diabo.

— Não posso fazê-lo. Sinto inveja demais.

— Ela está pedindo apenas quinhentos por tela.

— Anne, deixe de ser idiota. David interveio:

— Vamos ver aquele último, ao lado do desenho.

O desenho fora de uma rosa trepadeira em parede; a pintura era uma treliça de roxos, cinzentos e creme, uma palheta de perigos — que tinham sido evitados. Ele se teria arreçado daquilo, do sentimento inato, da falta de destaque.

Os quadrantes dominantes de seu próprio zodíaco eram muito mais o das cores das roupas que a Ratinha usava: outono e inverno.

Por vinte minutos, ou mais, conversaram sobre pintura, sobre os métodos de trabalho de David, seus meios, o interesse renovado que tinha pela litografia, como "criava" suas idéias... tudo de um modo que ele fizera com frequência suficiente quando lecionara, mas tinha perdido o hábito de fazer. Beth vivia perto dele demasiadamente para precisar explicações, aceitava tudo aquilo com naturalidade, de qualquer modo, jamais houvera uma semelhança de propósitos estilística. Ele compreendia tanto crítica quanto intuitivamente o que aquela jovem procurava fazer. Tal apresentava uma analogia com seu próprio desenvolvimento, em um modo mais feminino e decorativo — mais preocupado com as tessituras e correspondência do que com a forma — que ela abstraía de faixas de cor naturais, em vez de artificiais. Ela dissera que Henry a havia influenciado de certo modo, afirmando que a cor podia ser desenhada; e aprendera muito, obrigando-se a provar que não podia.

Sentaram-se, David em uma poltrona, as duas jovens em frente no sofá. Ele descobriu mais acerca das duas, seus antecedentes domésticos e sua amizade entre si. Henry e o presente viram-se tacitamente barrados da conversa por algum tempo. Mais uma vez o Aleijão foi quem mais falou, mostrando-se engraçada com relação aos pais fanáticos, seus diversos irmãos rebeldes e uma irmã mais jovem, o inferno que fora sua infância e adolescência, nas ruas pobres de Acton. A Ratinha mostrou-se mais reservada no tocante à família. Filha única, ao que parecia, seu pai fora dono e diretor de pequena firma de engenharia em Swindon. A mãe tivera gosto "artístico", tivera uma loja de antiguidades como espécie de passatempo em Hunderford. Ali possuíam uma casa e tanto, o Aleijão esclareceu, de tipo georgiano. Coisa muito luxuosa. David tivera a impressão de certa riqueza na

jovem, de pais inteligentes demais para serem provincianos, e que ela não queria falar sobre os mesmos. Formou-se um pouco de silêncio e exatamente quando David procurava o modo não muito evidente de fazê-las voltar ao presente e futuro o Aleijão se pôs em pé, ficando ao lado da cadeira dele.

— Vou me deitar, David. Você não deve ir. A Di é ave noturna. Jogou-lhe então um beijo e desapareceu. Fizera aquilo de modo muito repentino e espalhafatoso, pegando-o desprevenido. A jovem com quem ficara não desejava fitá-lo, também sabia que aquilo fora encenação teatral. Ele perguntou:

— Está cansada?

— Não, a menos que você esteja. — E se seguiu um momento embaraçado. Ela murmurou: — Henry tem pesadelos. Uma de nós sempre dorme no quarto dele.

David encostou-se mais na cadeira.

— E como é que ele sobrevivia, antes que vocês viessem?

— A última amiga que teve deixou-o, há dois anos. Era sueca. Traiu-o de algum modo. Dinheiro. Não sei, ele nunca fala a esse respeito. Mathilde diz que foi dinheiro.

— De modo que ele conseguiu estar sozinho por algum tempo?

Ela compreendeu e respondeu com leve sorriso.

— Ele não pintou, muito, no ano passado. Na verdade, não precisa de auxílio no estúdio, agora.

— E presumo que ele vá continuar obtendo esse auxílio?  
— era mais uma afirmação do que pergunta, e ela baixou o olhar.

— Vejo que a Anne andou falando.

— Um pouco. Mas se...

— Não, é...

Ela se voltou e pôs os pés descalços no sofá, apoiando as costas em um dos braços do mesmo. Mexeu com o botão na camisa negra. Era feita de seda crua, levemente lustrosa e em volta de cada punho e na gola via-se delicada orla dourada.

— O que ela disse?

— Só que estava preocupada.

Ela silenciou por longos momentos, depois voltou a falar em voz mais baixa.

— Sobre o Henry querer casar comigo?

— Sim.

— Você ficou chocada? Ele hesitou.

— Um pouco.

Ela pensou bem nessa resposta.

— Ainda não resolvi — disse, e deu de ombros. — Acho que como já se está fazendo tudo que uma esposa faria...

— O oposto é verdadeiro?

— Ele precisa de mim.

— Eu não me referia a isso exatamente.

Ela voltou a silenciar e David percebeu a mesma dúvida entre querer falar e recuar, que ele observara antes de colherem as amoras. Agora, todavia, ela cedia.

— É muito difícil de explicar, David. Explicar o que aconteceu. Está claro que não posso amá-lo fisicamente e sei muito bem que pelo menos metade do amor dele por mim não passa de egoísmo. Que alguém governe a vida para ele, mas na verdade ele já não engole mais o seu próprio mito. As coisas de bode velho e alegre são apenas para os de fora. No fundo ele não passa de um velho, muito solitário e assustado. Não creio que ele pintasse mais, se eu sáísse daqui. Isso viria matá-lo. Talvez até fisicamente.

— Por que as alternativas são o casamento ou abandoná-lo?

— Mas não são. É só que, como sinto, não posso abandoná-lo agora. Assim sendo, o que importa? O que importa, se isso o torna mais feliz?

Ela continuava brincando com o botão, a cabeça um pouco inclinada e uma leve expressão de criança culpada. Aquela coroa de cabelos pequenina e sofisticada, os tornozelos e pés nus. Sentou-se então, com os joelhos para cima.

— A Anne também disse que você se preocupa por parecer estar querendo o dinheiro dele.

— Não é o que as pessoas podem dizer. É o que pode fazer a mim. — E ela aduziu: — Não é que ele não saiba qual o valor da coleção. O Braque irá para o Maeght quando ele morrer, mas mesmo sem isso. Quero dizer, é ridiculamente fora de escala. Como recompensa. Mas ele não sabe.

— O que poderia isso fazer a você? Ela sorriu amargamente.

— Eu quero ser pintora. E não uma viúva cheia de dinheiro — aduziu, com suavidade: — Põe-te a meu favor, Coët.

— A teoria da água-furtada já se acha ultrapassada.

— Não deve haver luta alguma?

— Não tenho certeza de qual seja o lado pelo qual estou argumentando.

Ela voltou a sorrir, sempre calma.

— Tenho apenas vinte e três anos de idade. Parece ser muito cedo para ter certeza de que jamais quererei viver em algum outro lugar. De qualquer outro modo.

— Mas sente a tentação? Ela tardou a responder.

— Todo o mundo externo. Nem mesmo quero ir mais a Rennes. Todos aqueles automóveis. Pessoas. Coisas acontecendo. Meus pais, simplesmente tenho de ir logo até lá para vê-los. E continuo adiando. É absurdo. Como se estivesse sob um sortilégio. Cheguei até a sentir pavor de sua vinda. Gostei mesmo, muitíssimo, de sua exposição, mas resolvi que não gostaria de você. Só porque você veio lá de fora e achei que viria perturbar-me e... você sabe.

Ela deixara uma de suas próprias pinturas na parede por trás do sofá. David sabia que não fora por vaidade. As dúvidas restantes que tivesse acerca do juízo de Anne haviam desaparecido; a autoconfiança tranquila daquela primeira noite fora uma pose, como a indiferença do primeiro encontro. Mas a pintura lá estava como uma espécie de lembrete de identidade entre eles, identidade essa que crescia. Os silêncios já não importavam mais.

— Seus pais sabem o que está acontecendo?

— Tudo, não... mas eles não são como os pais de Anne. Eu poderia levá-los a compreender. — Deu de ombros, então.  
— Não é só isso. Apenas o pensamento de deixar meu pequeno útero florestal. Em algum lugar daqui tudo continua sendo possível. É que tenho medo de tomar uma decisão. Em qualquer dos sentidos. — E foi quando ouviram um leve som de tamborilar, uma mariposa que batia no abajur por trás do sofá. Ela olhou para o inseto, depois voltou a fitar o próprio regaço. — E depois fico pensando se existe alguma ligação entre tornar-se uma pintora decente e... e ser normal.

— Você não vai pintar melhor, obrigando-se a ser anormal.

— Fazer o que todos esperam que se faça.

— O que você deve fazer, com certeza, é o que sente que precisa. E ao diabo com todos.

— Não sei como desistir. Aí está o meu problema. Sempre preciso de aguentar as coisas até o amargo fim.

— Você desistiu do College.

— Foi totalmente contra a minha natureza. Você não faz a mínima idéia. Tentando provar que eu não era o que sou. De qualquer modo, foi apenas saltar da frigideira. Acho-me agora pior do que estive antes.

Ela cedera um pouco, os joelhos ainda para cima. A única luz do aposento vinha do chão por trás dela. Os olhos de David quase não se moviam agora, fitando-lhe o perfil em silhueta. Reinava profundo silêncio noturno, tanto dentro da casa quanto fora, como se estivessem sozinhos nela e no mundo. Ele sentiu que viajara muito mais do que contara, vindo para o assombrado e imprevisível, e ainda assim, de algum modo singular, parecia sempre imanente. Aquilo tivera de acontecer, tinha causas, pequenas e múltiplas demais para serem percebidas no passado ou para serem analisadas agora.

— Este... caso que você teve, terminou mal?

— Sim.

— Culpa dele?

— Na verdade, não. Eu tinha esperanças demasiadas. E ele, inveja porque entrei no College.

— Sim, Anne me contou.

Seguiu-se outro silêncio curto, e David disse:

— Eu não estou servindo muito, em matéria de ajudá-la.

— Sim, está.

— Afirmações banais, as minhas.

— Não.

E mais silêncio, como se estivessem verdadeiramente na floresta, assim como os pássaros cantam, de modo

espasmódico, mudando sigilosamente de posição entre dois gorjeios.

Ela disse:

— A Anne tem essa capacidade maravilhosa de se dar. E continuar com esperanças. Certo dia alguém bom compreenderá o que ela é. Perceberá, por trás de todas as tolices da fachada.

— O que aconteceria se ela a deixasse aqui sozinha?

— Isso é algo em que procuro não pensar.

— Por quê?

Mais uma vez ela tardou a responder.

— Eu acho que ela é meu último apoio com... o mundo real? — e ela própria aduzia: — Sei que a estou usando. A afeição dela. Uma espécie de desordem nela. A eterna estudante. — Alisou, com a mão, a parte de trás do sofá. — Às vezes, fico pensando se não estou submetida, ou coisa assim.

Tocara em algo que também passara pelos pensamentos de David uma ou duas vezes durante o dia. Ele calculava que chamar-se a si a errada, das duas, ocultava a verdade. O lado físico de sua vida com Henry devia estar profundamente contra o sentido de seu eu "inocente". Nesse sentido, ela era muito mais pervertida do que Anne. No entanto a repressão verdadeira devia ser de uma sexualidade normal, uma feminilidade que clamava por...

Ele disse, com gentileza:

— Não é uma esperança. Se eu sou juiz.

— Não falo sério, já chegamos a debater o assunto. Nós...  
— mas ela não terminou a frase.

— A mim parece que a sinceridade notável que você tem quanto a si própria é uma espécie de perigo. Você sabe. Os

instintos têm seu lugar.

— Eu não deposito muita fé em meus instintos.

— E por que não?

— Por ser filha única. Sem ter comparações de que me valer. É possível entender muito mal o nosso grupo etário. Aconteceu com Anne, no início. Morávamos na mesma casa, mas por meses seguidos não gostei dela, achava que não passava de uma vagabunda. Depois, um dia, fui ao quarto dela apanhar algo emprestado. E ela estava chorando... a irmã dela, alguma perturbação em casa. Começamos a conversar e ela me contou tudo a seu respeito. E nunca mais olhamos para trás. — Por momentos silenciou. — O mesmo aconteceu com o Tom, ao contrário. Eu comecei a sentir pena dele. Era um rapaz muitíssimo inseguro, no íntimo. Assim é que, num instante, estamos vendo um coração de ouro, no momento seguinte estamos dando corpo e alma a alguém que não vale isso. — Ela completou: — Eu tentei. Depois do Tom. No College. Com outro rapaz do primeiro ano. Ele foi bom, mas... era só cama. Sentia-me sozinha.

— Talvez você tivesse esperanças demasiadas.

— Alguém que possa perceber o que eu sou?

— Isso é muito difícil. Se você estiver escondida.

Ela sacudiu a cabeça.

— Talvez eu não queira que aconteça. Já não sei mais. Seguiu-se outro silêncio, ela fitando a saia. David examinou-lhe a nudez metafórica de então e pensou na outra, que fora a do corpo; e sabia que as palavras se tornavam cada vez mais desnecessárias, tornavam-se, quer francas ou solidárias, coisa diversa do que a situação requeria. A mariposa se batia novamente contra o abajur. Havia outras esparsamente consteladas no vidro da janela sobre a mesa de trabalho da jovem, fragmentos pálidos e organismos delicados e tolos, ansiando pelo impossível. Psiques. A crueldade do vidro: tão

transparente quanto o ar, tão divisor quanto o aço. Ela voltou a falar.

— Fiquei muito assustada com os desconhecidos. É ridículo, no outro dia Anne e eu fomos abordadas por dois estudantes de direito em Rennes... ela contou?

Fitou-o, então, e em resposta David sacudiu a cabeça.

— Eu estava apavorada, com medo de descobrirem a respeito de Coët. Queriam vir aqui. Como se eu fosse uma virgem, ou coisa assim. Uma freira. É o esforço necessário para conhecer as pessoas. Tantos fios emaranhados, ligações cruzadas. Ou aquelas que eu pareço inclinada a arrumar.

Ele podia ter sorrido, a afirmação negava a si própria. Talvez ela o percebesse, pois murmurou:

— Com exceção da companhia que tenho no momento. Ele disse, baixinho:

— Não é de espécie tão rara.

Ela assentiu uma vez, mas nada disse. Parecia quase paralisada agora no sofá, hipnotizada por suas próprias mãos, pela necessidade de não fitá-lo.

— Eu queria conhecê-lo. Em novembro passado. Após a exposição. Para vir e falar sobre meu trabalho.

David inclinou-se à frente.

— Por que cargas d'água... teria sido tão fácil de conseguir. — Como haviam descoberto aquela tarde, David conhecera o professor dela no College.

A Ratinha teve um sorriso débil.

— Pelos mesmos motivos pelos quais espero, agora, para contar a você? — e aduziu: — E minha vivência única e anterior de me convidar, sem ser querida, para entrar na vida de pintor bem sucedido.

Ele teve a percepção repentina do caráter extremamente aleatório da existência; e o pouquíssimo, bastando uma palavra dela, um telefone discado, que teria proporcionado tal encontro. E depois?, pensava ele; a mesma química, em Londres? Não sabia; sabia apenas que o agora parecia mais promissor, mais isolado e, de algum modo, mais inevitável. E David calculou, se começara a conhecê-la tão bem, por que não fora dita a palavra: menos timidez do que uma espécie de orgulho. Tinha havido uma fotografia dele no catálogo, a menção de que era casado e pai de filhos. Talvez isso viesse a ajudar, já era uma fuga a possíveis ligações cruzadas. Um modo de não passar por elas era jamais utilizar o instrumento.

— Você deseja que me houvesse conhecido?

— É tarde demais para desejar.

Mais uma vez ambos silenciaram, depois ela se inclinou à frente e encostou a testa nos joelhos. Por alguns momentos ele teve ao mesmo tempo o medo e o desejo de que ela chorasse. Mas com mudança repentina no estado de espírito, ou reação àquilo que ela pensava, baixou os pés do sofá e se levantou. David fitou-a a caminhar até a mesa de trabalho, onde se pôs a fitar a pasta por segundos, depois fitou a noite pela janela.

— Sinto muito. Você não veio aqui para tudo isto.

— Eu desejo desesperadamente poder ajudar. Ela começou a fechar a pasta.

— E ajudou. Mais do que imagina.

— Mas não tenho a impressão de que seja assim. Por momentos ela nada disse.

— O que você acha que eu devo fazer? David hesitou, depois sorriu.

— Descobrir alguém como eu? Que não seja casado? Se isso não parece impossível demais.

Ela atou a última fita negra.

— E o Henry?

— Nem mesmo um Rembrandt tem o direito de arruinar a vida de outrem.

— Eu não sei se já não está arruinada.

— Isso é autocomiseração, e não a verdadeira você.

— Covardia.

— Também não é a você verdadeira. — E ele a observou, fitando novamente a noite lá fora. — Sei que ele tem pavor de perdê-la. Foi ele próprio quem contou. Antes do jantar. Mas ele perdeu mulheres por toda a vida. Acho que está mais acostumado a isso do que você supõe. — E aduziu: — Ou talvez pudéssemos fazer alguma coisa para facilitá-lo. Pelo menos, descobrir ajuda para ele no estúdio.

David se sentiu um traidor, nesses momentos, mas empenhado em boa causa. Ela ergueu a pasta e a fez deslizar ao lado da mesa, depois passou uma cadeira de madeira, colocando-a no centro, mas continuou com as mãos nas costas, voltada para outro lado.

— Não seria impossível, David. Mas onde é que o encontro?

— Você sabe qual é a resposta.

— Eu duvido muito que o College me aceite de volta.

— Eu poderia verificar com muita facilidade. Quando regressar. Ela veio e se colocou atrás do sofá, fitando-o do outro lado.

— Eu posso procurá-lo? Se eu...?

— O Henry tem meu endereço... A qualquer hora. Falo muito sério.

Ela baixou o olhar e David sabia que devia levantar-se, amarrar a pasta fora uma deixa, mostrando que a noite terminara, era tarde, ela não voltara a sentar-se. No entanto percebia que ela não queria que se fosse, e que ele próprio não queria ir; e que mais do que nunca, por trás de toda a sinceridade e conselhos, do professor e da aluna, restara uma verdade por dizer. Um fingimento, o conhecimento não-declarado de uma imaginação partilhada, pairava no ar; uma figura semi-oculta dela contra a luz refletida pelo chão atrás, no silêncio, a cama ao canto, os mil fantasmas de aposentos antigos. Ficava-se aturdido, talvez; aturdido por o conhecimento ter vindo tão rapidamente... como se estivesse naquele lugar, e não a pessoa. Como era impaciente contra as barreiras e obstáculos, como derretia a verdade e o desejo, despindo-os de todas as vestimentas convencionais; desejava-se a verdade, verdadificava-se o desejo, lia-se os pensamentos alheios, colavam-se pontes, e se queria com tanta agudeza, tanto física quanto psicologicamente. E a proximidade do amanhã, o fim daquilo, tornava-se intolerável. Tinha-se de se ater àquilo, embora se sentisse embaraçado por estar em jogo certa perda de prestígio, o tio holandês se comprovava rapidamente como imperador sem roupas.

Ele murmurou:

— É hora de eu ir.

Ela sorriu, de modo muito mais normal, como se ele houvesse andando supondo as coisas.

— Acostumei-me a passear no jardim. Como a Maud. Antes de ir dormir.

— É um convite?

— Prometo não falar mais sobre mim mesma.

A tensão secreta se desfez e ela atravessou o aposento até a cômoda pintada, tirando dali um capote e regressou,

puxando as mangas compridas, libertando um feixe de cabelos nas costas; sorridente, quase animada.

— Seus sapatos são bons? O orvalho deve estar bem forte.

— Não é para preocupar.

Desceram em silêncio as escadas, indo para a porta do jardim. Não podiam sair pela frente, já que McMillan sabia fazer tanto barulho. David esperou enquanto ela calçava botas de cano alto, depois saíram da casa. A lua surgia acima do telhado comprido, levemente globulosa no nevoeiro, as estrelas eram débeis, um dos planetas brilhava. Uma das janelas com lâmpada acesa, a lâmpada no corredor diante do quarto de Henry. Caminharam sobre a relva e depois passaram pelo pátio, além do estúdio. O portão na extremidade distante dava para outro pomar pequeno. Havia uma espécie de passagem central entre as árvores onde a relva era sempre aparada; ao fundo, a muralha negra da floresta. O orvalho era forte e aperolado, porém cálido, muito parado, uma última noite de verão. As macieiras fantasmagóricas despidas de cor, o cricrilar dos grilos. David olhou disfarçadamente para a jovem que tinha ao lado, o modo pelo qual ela observava o caminho enquanto caminhava, imersa agora no silêncio e fiel à promessa que fizera. Mas ele não imaginara. Ali estava, agora, o que não fora dito. Sabia disso, percebia-o em todos os nervos e fibras premonitórias. Era a vez dele, e voltou a falar.

— Sinto-me como se houvesse estado aqui por um mês.

— É parte do sortilégio.

— Você acha?

— Todas aquelas lendas. Já não rio mais delas.

Falavam quase em cochichos, como ladrões, levando em conta os ouvidos do cachorro invisível. Ele sentia vontade de estender o braço e tomá-la pela mão.

O último esforço para manter distância.

— Ele vai aparecer. O cavaleiro andante.

— Por dois dias. Depois irá embora.

Tinha sido dito, e continuaram caminhando, como se não houvessem sido pronunciadas aquelas palavras, ao menos por mais cinco segundos.

— Diana, não me atrevo a responder a isso.

— Eu não contava que você o fizesse.

Ele enfiara as mãos nos bolsos do paletó, esticando-as à frente.

— Se, ao menos, tivéssemos duas existências... Ela murmurou:

— Vislumbres. — E aduziu: — É Coét, apenas.

— Onde tudo não é possível. — E ele aduziu: — Ai.

— Eu imaginei tantas coisas a seu respeito. Quando soube que vinha para cá. Tudo, exceto não querer que você fosse embora.

— Acontece o mesmo comigo.

— Se, ao menos, você não tivesse vindo.

— Sim.

Mais uma vez ocorreu a David aquela sensação estranha de tempo que se derretia e do processo normal, de impulso que era realmente o de um sortilégio e lendário. Continuava-se a se descobrir à frente de onde se estava, onde se devia ter estado.

E pensou em Beth, provavelmente deitada agora em Blackheath, em outro mundo, adormecida; na certeza absoluta que tinha de que não haveria outro homem ao lado dela. Seu medo verdadeiro era o de perder tal certeza. Infantilidade: se ele fosse infiel, ela o poderia ser. Não havia

lógica. Eles não negavam a si o desfrute único de qualquer outro prazer: a boa refeição, a compra de roupas, a visita a alguma exposição. Nem mesmo eram contra a libertação sexual em outras pessoas, em seus amigos; se fossem contra alguma coisa, era o terem opinião generalizada sobre tais assuntos, julgando-os moralmente. A fidelidade era questão de bom-gosto e o deles, por coincidência, se ajustava a isso; como certos hábitos no comer ou as opiniões partilhadas sobre os tecidos próprios para cortinados. Aquilo em que se sucedia estar vivendo e usando. Assim sendo, por que abrir exceção nesse aspecto? Por que negar a vivência, o bem da alma artística de David, por que ignorar o encargo de toda a vida do velho? Aproveite o que puder, e era tão pouco: o calor, o apego, o breve ingresso em outro corpo. Um pequeno ato de libertação. E o pavor causado por ele, a enormidade de destruir o que se construía com tanto cuidado.

Estacaram diante de outro portão na extremidade distante do pomar. Além do mesmo havia uma trilha sombria que seguia pelo meio da floresta.

Ela disse:

— Foi minha culpa. Eu...

— Sua?

— Contos de fadas. Sobre princesas adormecidas.

— Eles podiam viver juntos. Depois.

Mas David pensava: iria algum príncipe decente recusar, só porque não podia? Quando Diana esperou, ela não disse coisa alguma — ou tudo. Não havia mais condições. Se você quiser.

Ele pretendia tornar aquilo bem curto mas, após ter-lhe descoberto a boca e sentido o corpo, os braços dela em volta dele, já não alimentava esperanças de que fosse rápido. Logo perdia toda a esperança de ser qualquer outra coisa senão erótica. Ele era desejado física, bem como emocionalmente; e

ele queria, de modos desesperados, também das duas formas. Encostaram-se no portão, o corpo dela esmagado pelo seu. David sentiu-lhe a pressão dos lábios, a língua, e tudo quanto oferecia em imitação, e não resistiu. Foi ela quem o levou a um fim, afastando abruptamente a boca e voltando a cabeça, encostando-a no pescoço dele. Seus corpos continuaram colados e David beijou o alto da cabeça da jovem. Ali ficaram assim em silêncio, por talvez um minuto. Uma ou duas vezes ele lhe afagou com gentileza as costas e olhou a noite e as árvores, viu-se ali em pé, como se fosse outra pessoa, em outra vida. Ela ao fim afastou-se com gentileza e se voltou contra o portão, dando-lhe as costas, a cabeça baixa. Ele passou os braços pelos ombros de Diana e puxou-a um pouco a si, depois voltou a beijar-lhe os cabelos.

— Sinto muito.

— Eu queria que você o fizesse.

— Não é só isso. Tudo. Ela disse:

— É tudo uma mentira, não? Existe, mesmo.

— Sim.

Seguiu-se o silêncio.

— Por todo o tempo em que falávamos, eu estava pensando que se ele quiser ir para a cama comigo, direi sim e tudo estará resolvido. Saberei então. Ia ser muito simples, simples assim.

— Se, ao menos, pudesse ser.

— Tantos "se, ao menos"... — Ele contraiu o braço, puxou-a mais a si. — É tudo tão irônico. Você lê sobre Tristão e Isolda. Deitados na floresta, tendo entre os corpos a espada. Aquela gente medieval e doida. Toda aquela tolice sobre a castidade. E então...

Ela se afastou, pondo-se ao lado do esteio do portão, a quatro ou cinco palmos dele,

— Por favor, não chore.

— Está tudo certo, David. Deixe-me assim por um segundo, apenas. — E ela aduziu: — E, por favor, não diga coisa alguma. Eu compreendo.

Ele procurou palavras, mas não descobriu uma só, ou nenhuma que o explicasse. Mais uma vez sentia-se arremessado à frente — além do sexo, das fantasias, do onde... palavra dela... alguém vislumbrava... e contra isso surgia um confronto que ele antes analisara, o foco da mesma obra-prima de Pisanello, não a maior, porém talvez a mais obsedante e misteriosa em toda a arte européia, que havia surgido de modo casual com o velho, em hora anterior daquela noite: os olhos perdidos e desviados, extraordinários, do santo patrono da cavalaria, o olhar implacavelmente rancoroso da princesa sacrificial e a ser salva de Trebizonda. Ela, agora, tinha o semblante de Beth. David lia ali significados que nunca vira antes.

A figura esguia da jovem interpretando o dragão voltou-se, leve sorriso no rosto. Ela estendeu a mão.

— Vamos fingir que isso nunca aconteceu?

Ele aceitou a mão e começaram a caminhar de volta para casa. David murmurou:

— Eu poderia dizer tantas coisas.

— Eu sei.

Diana apertou-lhe a mão, mas por favor, não. Depois de um ou dois passos seus dedos se entrelaçaram e apertaram, e não afrouxaram, como se estivessem sendo separados, mas sem se deverem separar; e também como se as mãos soubessem que tolos eram aqueles seres mortais ou, pelo menos, como eram tolas as intenções e as palavras mortais. David voltou a vê-la despida, todas as curvas e cantos do corpo sobre a grama; sentia-se a boca, a entrega no beijo. A arapuca do casamento, quando o físico se transformou em

afeição, poses familiares, brinquedos familiares, uma arte e ciência mútua e segura; já se esquecera da ignorância desesperada, o desejo selvagem de saber. De dar. De que lhe seja dado.

Teve de soltar a mão para abrir e fechar o portão que dava do pomar para o pátio. O ferrolho emitiu leve som metálico e McMillan começou a latir de algum lugar diante da casa. Voltou a segurar-lhe a mão e, em silêncio, passaram pelo estúdio, onde ele espiou pela janela setentrional à sombra longa e negra da tela Kermesse incompleta, descansando no cavalete. O jardim, o cachorro neuroticamente desconfiado ainda a latir. Chegaram à casa, e não tinham dito uma palavra, e ali entraram. Ela soltou-lhe a mão, inclinou-se e descalçou as botas. Uma luz débil estendeu-se a eles, da lâmpada no corredor lá em cima. Ela empertigou o corpo e David procurou-lhe o olhar nas sombras.

Disse, então:

— Não pode solucionar tudo, mas por favor, venha comigo para a cama.

Ela o fitou por momentos prolongados, depois baixou o olhar e sacudiu a cabeça em negativa.

— Por que não?

— Os cavalheiros errantes não devem perder a armadura.

— Com todo o brilho falso que ela tem?

— Eu não disse isso.

— Como exorcismo.

— Eu não a quero exorcizada.

Ele só tornara explícito o que parecera implícito lá fora, no caminho de volta; aquele entrelaçamento dos dedos,

aquele silêncio. Os corpos significam mais do que palavras e, agora, mais do que todos os amanhãs.

Ele disse:

— Você sabe que não é apenas...

— Também é esse o motivo.

Ele ainda procurava brechas, explicações.

— Por que eu me mantive para trás? Ela sacudiu a cabeça, depois o encarou.

— Eu jamais o esquecerei. Estes dois dias.

Deu então passo repentino e apanhou os braços de David, impedindo-o de estendê-los em sua direção. Ele sentiu a pressão rápida da boca contra a dele, depois ela já estava caminhando rumo à escada. Voltou-se para escalar os degraus, hesitou um pouco, ao ver que ele a seguia, continuou andando. Ultrapassou a porta do quarto de Henry, depois foi pelo corredor. Não olhou ao redor, mas devia tê-lo ouvido a caminhar bem atrás. Estacou de costas para ele, fora da porta do quarto de David.

— Deixe-me apenas segurá-la um pouco.

— Isso só faria piorar as coisas.

— Mas uma hora atrás você...

— Isso foi com outra pessoa. E eu era outra pessoa.

— Talvez esses dois outros estivessem certos. Ela olhou o corredor, fitando sua própria porta.

— Onde você vai estar amanhã a esta hora, David?

— Ainda quero que venha para a cama comigo.

— Por caridade.

— Quero você.

— Foder e esquecer?

Ele teve um silêncio de mágoa.

— Por que essa brutalidade?

— Porque não somos animais.

— Nesse caso, não seria assim.

— Pior, porém. Não esqueceríamos.

Ele veio por trás dela, colocou as mãos em seus ombros.

— Olhe, os fios cruzados são palavras, principalmente.  
Eu quero apenas despi-la e...

Por um momento efêmero julgou ter descoberto a resposta. Nela alguma coisa continuava indecisa. A proximidade enlouquecedora, a cumplicidade silente de tudo em volta deles — alguns passos, o frenético despir-se na escuridão, um afundamento, um saber, um possuir, uma libertação.

Sem se voltar ela estendeu a mão, apanhando a direita de David no ombro, pelo mais breve instante. E logo se afastava. Ele cochichou-lhe o nome, tomado por uma espécie de desespero incrédulo, mas ela não parou e David sentiu-se paralisado, fatalmente incapaz de caminhar. Observou-a entrar no quarto dela, a porta a se fechar, e ficou com toda aquela deflação sofrida e sofredora do homem que tomou decisão importante e a viu superficialmente desprezada. Voltou-se para seu quarto e ficou na escuridão lá dentro, tomado pela raiva da oportunidade perdida; divisou sua sombra indistinta no espelho antigo, de moldura dourada. Um fantasma, um não-homem. O pavor estava em que ele continuava caído à frente, ainda a derreter-se, ainda percebendo; assim como existem fenômenos psíquicos raros sobre os quais lemos, imaginamos, mas não entendemos como finalmente sucedem. Para uma parte dele — já desesperada por diminuir e desvalorizar — não passava de recusa malvada; para outra, uma sensação aguda e avassaladora de perda, de estar partido, derrubado,

infinitamente privado... e enganado. Queria com todo o ser — e agora era tarde demais; via-se calcinado de modo intolerável por algo que não existira, sacudido por emoção tão extinta quanto uma ave pré-histórica. Mesmo ali em pé sabia que era muito mais do que uma vivência sexual, porém fragmento de vivência que invertia toda a lógica, que golpeava sóis novos, novas evoluções, novos universos, extraindo-os do nada. Era metafísico, algo muito além da jovem, uma angústia, o estar privado de liberdade cuja natureza verdadeira acabara de perceber.

Pela primeira vez na vida sabia mais do que o fato do ser, conhecia a paixão de existir.

Enquanto isso, no presente e naquele local, sentia o desejo violento de castigar — a si, à jovem tão próxima, Beth, tão distante na noite de Londres. Aquela palavra que ela usara.: . ele a viu sentada no sofá, a cabeça baixa perto do portão, seu rosto que estava quase ainda presente nas sombras, lá embaixo... intolerável, intolerável, intolerável.

Recuou no corredor e olhou para o quarto de Henry; depois caminhou até a porta no outro extremo. Não bateu, mas também a porta não se abriu. Ele voltou a tentar a maçaneta, ali ficou alguns segundos. Depois bateu. Não recebeu resposta.

Foi despertado por alguém que abria sua própria porta, a qual não trancara. Eram oito horas e quinze minutos da manhã. O Aleijão veio até sua cama com um copo de suco de laranja e o entregou enquanto David se sentava. Por momento ele se esquecera, e logo recordava.

— Sua visita matutina, Cidadão.

— Obrigado.

Tomou um gole do suco, notou que ela usava camisa com pescoço alto, saia até os joelhos, o que lhe conferia aspecto prático invulgar. Ela o fitou por momentos e depois, sem qualquer aviso, voltou-se e sentou-se aos pés da cama. Leu então de uma folha de papel que trazia à mão.

— "Diga ao Henry que fui fazer compras. Volto depois do almoço".

Fitou então a parede ao lado da porta, evitando estudadamente o olhar de David e estudadamente aguardando a explicação dele.

— Ela saiu?

— É o que parece, não acha? — e nada mais disse, pondo-se à espera. — O que aconteceu, então?

Ele hesitou.

— Tivemos uma espécie de mal-entendido.

— Certo. Sobre o quê?

— Prefiro que ela lhe conte.

Ao que parecia a jovem não se deixaria arredar por um simples tom de voz menos gentil. Respirou fundo, perguntou:

— Vocês conversaram? Ele nada disse.

— É que eu gostaria de saber porque ela foi dessa maneira — insistiu a jovem.

— É óbvio. Ela não quer me ver.

— Bem, e por que, pelo amor de Deus? — exclamou, lançando-lhe um olhar curto e cortante de acusação. — Todo o dia de ontem. Eu não sou cega. — Dito isso, olhou para outro lado. — A Di não conversa com desconhecidos. Ele tem de ser alguém fantástico para conseguir que ela converse.

— Eu não havia percebido isso.

— Mas vocês falaram, apenas. — E ela voltou a apunhalá-lo com o olhar. — Por Deus, acho que você é muito mau. Você sabe que não é o sexo. Ela só precisa de um bom camarada. Só um. Para dizer-lhe que ela vai bem, é normal, atrai os homens.

— Creio que ela sabe disso.

— Nesse caso, por que se foi?

— Porque nada mais existe a dizer.

— E você não podia esquecer seus malditos princípios por uma só noite que fosse.

Ele falava fitando o copo que tinha à mão.

— Você pegou tudo bem errado.

Ela o encarou, depois deu um tapa na testa.

— Oh, Cristo! Não. Ela não...? Ele murmurou:

— Não queria.

A jovem inclinou o corpo à frente, segurando o feixe de cabelos ruivos.

— Desisto.

— Pois não deve, Ela precisa de você. Mais do que nunca, agora.

Após um segundo ela se inclinou para trás e fitou-o com um sorriso sem graça, depois tocou-lhe o pé por baixo das roupas de cama.

— Desculpe. Eu devia ter adivinhado.

Levantou-se da cama e foi à janela, abriu as persianas e ali ficou, fitando algo lá fora. Falou sem se voltar.

— O velho Henry?

— É o modo como somos, apenas.

— Eu não o imaginei, então?

Ele se inclinava sobre o cotovelo, fitando as roupas de cama. Sentia-se embaraçado, despido em todos os sentidos e ao mesmo tempo percebia a necessidade de estar mais nu ainda.

— Eu não pensei que coisas assim pudessem acontecer.

— Este lugar. Você pensa que é fantástico. Quando chega pela primeira vez. Depois percebe que é um bode amarrado.

Seguiu-se um silêncio, e ela perguntou:

— Meu Deus, que maldito desastre, não acha? — Olhava o céu azul da manhã lá fora. — Aquele merda velho e sádico, lá em cima. Você sabe, vocês pareciam ajustar-se. Precisavam realmente um do outro. — Lançou-lhe um olhar de reprovação, de onde se achava. — Você devia tê-lo conseguido, David. Só uma vez. Só para mortificar aquele cachorro velho. Só para mim.

— Nós não temos a sua coragem, Anne. É o que acontece, na verdade.

— Oh, claro. Minha mente acanhada. Por gentileza, David disse:

— Uma porra.

Ela retornou ao pé da cama, observando-o.

— Você não gostou de mim quando veio, não é?

— Isso não passa, agora, de recordação esmaecida.

Ela examinou o sorriso e o olhar dele, procurando autenticidade e depois mordeu de modo abrupto os lábios, sacudiu um lado da blusa. Houve o vislumbre de cintura tismada e nua acima da saia.

— Que diz de mim, então? Tem tempo para um rápido? Ele sorriu.

— Você é impossível.

Ela pôs o joelho no pé da cama, cruzou os braços como se fosse tirar a blusa, inclinou-se para ele; apenas o olhar debicava.

— Eu conheço todos os macetes. David estendeu-lhe o copo vazio.

— Vou tentar imaginá-los. Enquanto estiver fazendo a barba. Ela entrelaçou as mãos sobre o coração e olhou para cima imitando o desespero depois adiantou-se e tomou o copo. Pairou sobre ele por momentos.

— Acho que a velha Di está maluca. — E enristou o dedo, cutucou-lhe o nariz. — Você é quase bom. Para quem nasceu quadrado.

— E lançou uma segunda flechada pártica. Sua cabeça surgiu em volta da porta.

— Oh, eu não pude deixar de observar. Muito bem pendurado, note-se.

Sua bondade e franqueza; que Deus abençoe os pobres de gosto. Mas aquele pequeno toque de calor e afeição desvaneceu-se tão depressa, quase antes que as passadas se tornassem inaudíveis. David voltou a deitar-se na cama, fitando o teto, procurando compreender o que acontecera, onde andara errado, o motivo pelo qual a condenara àquilo. Sentia-se afogado em desilusão, intoleravelmente deprimido e abalado. O dia insuportável que vinha pela frente. O corpo dela, seu rosto, sua psique, seu chamamento: ela estava lá fora, em algum lugar nas árvores, esperando por ele. Era impossível, mas ele se apaixonara; se não por ela inteiramente, pelo menos inteiramente pela idéia do amor. Se ela houvesse surgido à porta naquele momento, suplicando-lhe que não partisse, que a levasse consigo... ele não saberia o que poderia acontecer. Talvez, se houvessem estado juntos na cama, se a houvesse tido nua durante a noite curta, a

sensação de fracasso, de oportunidade eternamente perdida teria sido menos brutal.

Mas ele sabia que se tratava de ilusão. A separação final teria sido impossível, depois. Mesmo se fosse a Paris, como devia fazer agora, talvez de qualquer outra parte do mundo ele poderia ter-se afastado para sempre, mas aqui... teriam de encontrar-se outra vez. De algum modo, algures.

Escapara àquilo. Mas aquilo se parecia a uma sentença e não a um perdão.

Ao meio-dia, quando percorrera de carro mais ou menos um terço das duzentos e cinquenta milhas até Paris, ainda não se recuperara. Tudo, menos o autômato que dirigia pelas milhas infinitas da *Route nationale* permanecera em Coét. O velho continuara afabilíssimo no desjejum, David realmente devia voltar lá e trazer a esposa, devia perdoar-lhe as faltas, a idade, seu modo de "divagar"... recebeu até bons votos em sua própria pintura, mas isso não compensava o sentimento amargo de que a aceitação simbólica do convite não passava de farsa. Era agora banido por toda a vida, jamais poderia trazer Beth. Apertaram-se as mãos, ele já ao lado do automóvel. Beijo Anne em ambas as faces e conseguiu cochichar um último recado:

— Diga-lhe... o que dissemos? — Ela assentiu, em resposta. — E beije-a-por mim.

O fantasma de uma careta.

— Ei, não estamos *tão* desesperados. — Mas os olhos castanhos desmentiam a leveza da resposta, foi a última vez em que ele sentira vontade de sorrir.

A viagem começara mal: cerca de trezentos metros após haver fechado o portão na entrada particular que dava para

Coét algo entre laranja e marrom, um rato, mas grande demais para sê-lo, e singularmente sinuoso, parecendo-se a uma cobra, mas pequeno demais para sê-lo, atravessou a estrada logo à frente do automóvel. Pareceu sumir por baixo das rodas. David reduziu a marcha e olhou para trás, viu uma mancha diminuta na cobertura escura da pista deserta na floresta. Algo, leve curiosidade, masoquismo, o desejo de não sair, qualquer desculpa, serviu para fazê-lo parar e voltar. Era uma fuinha, e uma das rodas passara por cima do animalzinho. Estava morto, esmagado, apenas a cabeça escapara. Um olho minúsculo e malévolos continuava a fitá-lo e um filete de sangue, como flor vermelha, saíra da boca escancarada. Ele a fitou por momentos, depois voltou e embarcou no carro. Fora dado o diapasão para o dia.

Por toda a estrada até Rennes ele procurou alguém ao lado de um Renault branco e estacionado. Não perdeu de toda a esperança até chegar à *autoroute* que circundava a cidade, rumo ao sul. Depois conheceu o sofrimento de nunca mais voltar a vê-la. Parecia quase imediatamente um castigo. O desaparecimento dela, aquela manhã, viera prová-lo: ele ficara com a culpa. Seu crime fora o de compreender tardiamente, no portão do pomar, quando ela se entregara e ele a deixara então, o que fora indecisão fatal. Mesmo de volta na casa algo nele, como Diana o percebera, pedira para não acreditar em suas palavras. Ele fracassara tanto no sentido contemporâneo quanto no medieval, como alguém que queria o sexo, como alguém que renunciava a ele.

Sua mente afastou-se para cenários imaginários. O avião de Beth cairia dos céus. Ele jamais se casaria. Casaria, mas Diana fora Beth. Ela se casaria com Henry, que logo morreria. Ela surgira em Londres, não podia viver sem ele, ele abandonara Beth. Em todas essas fantasias eles terminavam em Coét, em harmonia total de trabalho, amor e pomar enluarado.

Inútil, teriam causado a desgraça de um adolescente; e aumentavam sua desolação pois era também uma espécie de choque, embora a realidade dos primeiros minutos após ela o ter deixado já houvesse mergulhado em seu subconsciente, que isto pudesse lhe acontecer, pudesse perturbá-lo e agitá-lo tão profundamente; e o que vinha demonstrar de uma fadiga passada. Definia muitíssimo bem aquilo que lhe faltava. Sua insuficiência estava em que ele não acreditava no pecado. Henry sabia que o pecado constituía um desafio à vida não uma coisa irracional, porém ato de coragem e imaginação. Pecava por necessidade e por instinto e David não o fazia, por medo. O que Anne dissera: só para mortificar aquele cachorro velho. Ele estava obcecado por meios e não pelos fins; com o que as pessoas pensavam dele e não com o que pensava de si próprio. Seu pavor à vaidade, ao egoísmo, ao id, que tinha de ocultar sob qualidades a que chamava "sinceridade" e "espírito de justiça"... era esse o motivo pelo qual secretamente tanto desfrutava fazer as críticas de trabalhos alheios, a atividade vinha servir-lhe a este lado seu. A vaidade suprema (e loucura suprema, no artista) era a de não parecer vaidoso. E tal explicava o valor elevado que atribuía, em sua própria pintura, às afirmações moderadas, à decência técnica, ajustando as exigências de seu próprio vocabulário crítico-verbal — o modo absurdo pelo qual sempre criticava seu próprio trabalho na imaginação, enquanto o pintava. Tudo vinha dar no mesmo: o medo ao desafio.

E era isso precisamente o que lhe ocorrera: um desafio, muito além do plano moral e espiritual. Fora como uma armadilha, que percebia agora muito bem. Passava-se além daquele recife absurdamente evidente representado pela primeira noite com o velho, e a cegueira própria, a pedanteria, a chamada urbanidade, o querer que gostassem de si, tinham vindo fazer o resto. O rochedo real da verdade ficara bem além da lagoa azul.

Quanto mais dirigia tanto menos se inclinava a desculpar-se. Havia uma espécie de alívio superficial por poder encarar Beth mais ou menos abertamente — mas mesmo isso parecia um prêmio de consolação conferido ao candidato errado. Ele finalmente continuara "fiel" por causa de uma chave que se torcera. E mesmo isso, o estar legalmente inocente, que tal continuasse a significar algo a seus olhos, vinha trair seu crime verdadeiro: a esquiva, a fuga, a evitação.

Coët fora um espelho e a existência à qual regressava apresentava-se impiedosamente refletida e dissecada em sua superfície... e como parecia esmolambada agora, insípida e anódina, como parecia segura. Sem riscos, eis a essência de tal existência: aí o motivo, por exemplo, pelo qual dirigia com mais rapidez do que costumava. Entre as cidades as estradas se apresentavam relativamente vazias e ele ganhava muito tempo, o maldito aeroplano não pousaria senão após as sete horas. Era acabar com todos os riscos, recusar todos os desafios e assim alguém se tornava um homem artificial. O segredo do velho, que não permitia que coisa alguma se colocasse entre o eu e a expressão; o que não era uma questão de objetivos artísticos exteriorizados, simples estilos e técnica e temas. Mas, sim, como se o fazia, com que inteireza, com que coragem se enfrentava a remodelagem constante de si próprio.

Devagar e inexoravelmente David percebeu que seu fracasso na noite anterior era apenas um símbolo, e não o ponto crucial da questão. Lembrou-se do trocadilho grosseiro e esquisito que o velho fizera da palavra Ratinha; caso alguém desejasse sinais quanto à natureza verdadeira da rejeição. Estropiar a aventura do corpo era coisa sem importância, parte da comédia sexual. Mas ele jamais tivera, ou mesmo procurara dar a si próprio a oportunidade existencial muito mais ampla. Tivera dúvidas sobre seu trabalho antes, mas não sobre sua própria natureza fundamental ou, de qualquer

modo, de que não houvesse nela o cabedal latente para criar o fantasma que persegue com profundidade todos os artistas: sua durabilidade. Veio-lhe a visão temível de achar-se em um beco sem saída, nascido em período de história artística que as épocas futuras arredariam para o lado como um deserto; como Constable e Turner e a Escola de Norwich haviam degenerado no academismo estéril do meado do século e período posterior. A arte sempre surgira em ondas. Quem sabia se o século vigésimo, em sua parte final, não era uma de suas cavas mais cavernosas? Ele sabia qual a resposta do velho: era, mesmo. Ou era, a menos que se lutasse com as malditas unhas e os malditos dentes contra alguns de seus valores mais prezados e vitórias supostas.

Talvez a abstração, a própria palavra, acabasse com o brinquedo. Não se queria que o modo pelo qual se vivia viesse a espelhar-se na pintura que se fazia; ou porque era coisa tão transigente, tão à procura da segurança, que só se podia tentar camuflar sua realidade oca por baixo do artesanato e bom gosto. Geometria. A segurança escondia o nada.

O que o velho ainda tinha era um cordão umbilical com o passado; um passo atrás, apresentava-se ao lado de Pisanello. Pelo menos no espírito. Enquanto David se achava encapsulado em conhecimento livresco, a arte como instituição social, ciência, apenas, matéria para doações e debates de comissão. Era esse o cerne verdadeiro de sua loucura. David e sua geração, e todos os que viessem podiam apenas olhar para trás, através de grades, como animais enjaulados e nascidos no cativeiro, para a liberdade antiga e verde. Isso vinha descrever com exatidão a vivência daqueles dois últimos dias: o macaco do laboratório permitia um vislumbre de seu eu verdadeiro e perdido. Era-se desencaminhado pelo excesso em moda, a indisciplina com bênção oficial, as liberdades superficiais da arte contemporânea, e tudo isso advinha de frustração profunda, percepção sepultada, mas não de todo extinta, de não-

liberdade. Isso percorria toda a história recente da educação artística na Inglaterra. Aquela famigerada exposição de diplomados em que os estudantes de Belas-Artes haviam exposto nada, apenas telas em branco — que comentário mais realista podia ser feito sobre a hipocrisia estagnada dos que lecionavam e a bancarrota indefesa dos que estudavam? Não se podia viver pela própria arte e, por esse motivo, lecionava-se um travesti dos princípios básicos da mesma, fingindo que o gênio, sua obtenção, é obtido por uma experiência da noite para o dia, pela palhaçada, em vez de obtê-lo por anos infinitos de obstinação solitária: que a produção dos êxitos instantâneos e singulares como tirar um coelho da cartola serve de desculpa para o desvio malévolos de milhares de inocentes; que as mandíbulas da sentina lecionadora, a complicação infinita de toda a charada, não está sustentando todo o sistema. Quando as escolas mentem...

Talvez estivesse acontecendo nas outras artes — na literatura, na música. David não sabia. Tudo quanto sentia era uma perturbação, a náusea com o seu próprio caso. Castração. O triunfo do eunuco. Ele via, como enxergava bem, por trás da inabilidade do ataque do velho; aquela zombaria de *Guernica*. Afastar-se da natureza e da realidade havia servido para distorcer, de modo atroz a relação entre pintor e a sua platéia; agora se pintava para intelectos e teorias. Não para pessoas e, pior do que tudo, não para si próprio. Está claro que isso dava dividendos, em termos econômicos e de moda, mas o que fora realmente arranjado por esse descarte arremessado do corpo humano e suas percepções físicas naturais era a espiral maligna, o sorvedouro, o dreno para o nada, para um pintor e um crítico que concordavam em apenas uma coisa: que somente eles existem e têm valor. Uma boa lápide sepulcral, para toda a ralé que não se importava com coisa alguma.

A criatura se abrigava por trás de noções tais como continuar "aberta" às correntes contemporâneas, esquecendo a velocidade fantasticamente aumentada do progresso da aceitação, com que rapidez agora a *avant-garde* se tornava *art pompier*; a audácia, sensaborona. Não era apenas a sua própria forma de abstração que constituía defeito, mas toda a corrente pós-guerra, o expressionismo abstrato, o neoprimitivismo, no *op art* e na *pop art*, o conceptualismo, o foto-realismo?, *il faut couper la racine*, com certeza. Mas tal desarraigamento, orbitando no espaço externo regelado não podia ter sido desejado. Eram como lemingues, à mercê de um impulso suicida e procurando *Lebensraum* no mar regelado e ártico; na noite sem fundo, cegos a tudo, a não ser sua própria ilusão.

A torre de ébano.

Como a ecoar sua tristeza interna, o céu cobriu-se de nuvens ao se aproximar de Ne de France e as planícies descoradas e cheias de restolho em volta de Chartres. O verão se fora, chegara o outono. Sua vida era de apenas um ano; chegara agora o fim a todo o crescimento virente. Ridículo, como tratou de dizer-se imediatamente, mas ainda assim a depressão forte continuava.

Chegou afinal às cercanias de Paris. A questão de descobrir onde ele era necessário distraiu-o um pouco de todo esse exame íntimo. Logo após as cinco registrou-se em um hotel de aspecto provável, próximo de Orly. Não iam permanecer muito em Paris e seu destino no Ardèche seria a cabana de um amigo, mais um dia de viagem de automóvel. Mas talvez parassem em algum lugar. Ele se arreceava do amanhã, em qualquer dos casos.

Tomou banho de chuveiro e obrigou-se a voltar a ler o rascunho de sua introdução de *A Arte de Henry Breasley* enquanto suas impressões continuavam vivas, para ver o que precisava de modificação, aumento, mais destaque. De nada

adiantava. Frases e juízos que apenas alguns dias antes haviam-no agradado... cinzas, tolices. A banalidade, o jargão, o fingimento de autoridade. A realidade de Coët voltava a erguer-se por trás das palavras espantosas. Voltou a deitar-se no leito do hotel e fechou os olhos. Pouco depois achava-se em pé, olhando pela janela. Pela primeira vez em muitos anos havia sentido o aguilhão das lágrimas iminentes. Absurdo, absurdo. Morreria, se um dia voltasse a vê-la. Procurou o papel para escrever, mas não encontrou no quarto, que não era desse tipo de hotel, não passava de um incessante pernoite. Apanhou então o bloco de escrever, mas só conseguiu sentar-se e olhar para o papel. Demasiado. Era como mexer com uma pintura que se sabia não ter valor algum e da qual só se podia afastar-se, sem olhar para trás, para a porta que separava as criaturas durante a noite.

Por baixo de tudo isso permanecia o conhecimento de que ele não se modificaria; continuaria pintando como antes, esqueceria aquele dia, logo descobriria motivos para interpretar tudo de maneira diferente, como um transeunte que perde a cabeça, uma loucura a que se permitira. A cicatriz viria encobrir aquilo e depois desapareceria, a pele ficaria como se jamais houvesse recebido qualquer ferimento. Fora mutilado pelo bom-senso, não possuía qualquer crença suprema na oportunidade e em sua exploração, a oportunidade perdida viria tornar-se a decisão finalmente sensata, a coisa decente a ser feita; a chama do fogo profundo que chamuscara nele um sonho, uma ilusão momentânea; a realidade dela não passaria de mais uma idéia deixada de lado, mantida entre antigos cadernos de esboços no fundo de algum aparador no estúdio.

Até então, todavia, ele sabia: recusara (e mesmo se nunca mais voltasse a vê-la) uma oportunidade de existência nova e a qualidade e duração suprema de seu trabalho dependera da aceitação. Sentia inveja retardada, porém amarga, contra o velho. Ao fim tudo se reduzia àquilo com

que alguém nascera: tinha-se o temperamento para o excesso e o egocentrismo impiedoso, para manter os pensamentos e sentimentos em compartimentos diversos, ou não se tinha isso; e tal acontecia com David. A injustiça abominável e vingadora estava em que a arte é fundamentalmente amoral. Por mais que alguém se esforçasse via-se inapelavelmente prejudicado: tudo para os porcos, nada para os que mereciam. Coèt demonstrara sem qualquer piedade que ele nascera, continuava sendo e sempre seria um homem decente e um eterno candidato que não chegaria ao primeiro lugar.

Este último era o rótulo do que parecia ter andado à espreita por horas, quando finalmente lhe chegou. Ficou fitando a onda fracassada que via quase literalmente por cima do horrível mar de telhados, molhado agora em chuvisco lá fora do hotel: o paralelo falido do que ele era, ao lado da linha alcandorada de tudo que poderia ter sido.

Chegou a Orly e verificou que o vôo tinha meia-hora de atraso. Reinava nevoeiro em Heathrow. David detestava os aeroportos nos melhores momentos, aquele sentido impessoal, amontoamento desumano, da passagem anônima por ali; a insegurança. Permaneceu à janela do salão de visitantes, olhando as distâncias achatadas. Crepúsculo. Coèt encontrava-se em outro universo, a distância eterna dali. Procurou imaginar o que estariam fazendo. Diana pondo a mesa, Anne recebendo sua lição de francês. O silêncio, a floresta, a voz do velho. McMillan latindo. Sofreu o aguilhão mais ardente da mais terrível de todas as privações humanas, que não é a da posse, mas a do conhecimento. O que ela dissera; o que ela sentira; o que ela pensara. Isso o perfurava mais profundamente do que todas as perguntas sobre a arte, sua arte, seu destino pessoal. Por alguns momentos terríveis viu a si próprio e a toda a humanidade com toda a clareza. Algo nele, uma última esperança de redenção, de livre arbítrio, vinha queimar todos os barcos, revirava, corria procurando a salvação. Mas os barcos, resistindo a todas as

chamas, os antigos mestres supremos, mantinham-lhe a sombra alta onde se achava; estático e para a frente, voltando para casa, um jovem inglês fitando a fileira distante de luzes congeladas de pista em aeroporto.

A chegada do vôo foi anunciada e ele seguiu para onde podia observar Beth. Trouxera a bagagem de férias dela, no automóvel, e a esposa surgiu em meio aos primeiros passageiros desembarcados. Um aceno. Ele ergueu a mão: casaco novo, surpresa para ele, alguns movimentos alegres para demonstrá-lo. A alegre Paris. Mulher livre. Olhe, não trouxe os filhos.

Ela vem com o semblante implacável do tempo presente; com o deleite seco, o pequeno milagre de ele estar realmente ali. Ele arruma o semblante para exibir certeza igual,

Ela estaca a poucos passos de distância.

— Olá.

Ela morde os lábios.

— Por um momento terrível eu pensei. Ela faz pausa.

— Que você era meu marido. Ensaiado. Ele sorri. Beija-lhe a boca.

Saem caminhando, falando sobre *os filhos*.

A ele açode a sensação de um despertar retardado, como um estado de consciência pós-operatório, algumas horas devolvidas mas ainda não inteiramente creditadas; a sensação entorpecida de algo que começa a se distanciar inexoravelmente. A sombra de um rosto, cabelos esfriados de dourado, uma porta que se fecha. *Eu queria que você o fizesse*. Sabe-se que se sonhou, mas não se pode lembrar. O grito que afoga, o dia em botas de montar. Ela diz:

— E você, querido?

Ele se entrega ao que resta: à abstração.

— Eu sobrevivi.

# Eliduc

## Observação pessoal

O título desta coleção de histórias era *Variações*, com o qual eu pretendia sugerir variações tanto sobre certos temas em livros anteriores que escrevi quanto dos métodos de apresentação narrativa — embora eu detestasse que os leitores se sentissem em desvantagem por não conhecerem minha obra ou não poderem jurar prontamente que conhecem a diferença entre *récit* e *discours*. Podem ficar sossegados, pois um dos motivos pelos quais o título anterior se viu abandonado estava em que os primeiros leitores profissionais, que conhecem minhas obras, não podiam ver justificativa alguma para *Variações*... além de miragem muito particular no espírito do autor. Curvei-me ao juízo deles e, além desta menção, guardei a ilusão para mim mesmo.

*A Torre de Ébano*, no entanto, também é variação de um tipo mais franco e a fonte do seu estado de espírito, como também parte do tema e cenário, é tão distante e esquecida — embora eu acredite seminal na história da ficção — que gostaria de reviver um fragmento da mesma. De resto o mistério inexplicado, como sabe qualquer agnóstico e novelista, é prova inarredável de uma esquiva à responsabilidade criadora. Pesa em minha consciência uma fuinha morta e, mais ainda, uma mulher morta.

Como estudante de francês em Oxford, leio de modo onívoro, embora muito mais por ignorância do que por inteligência. Possuía pouquíssima idéia de meus paladares verdadeiros, tendo engolido o mito então predominante de que somente nossos professores tinham o direito às preferências pessoais. Não é esta uma atitude que eu procurasse levar a

qualquer estudante de nossos dias, mas apresentou uma vantagem. Os agrados e desagradados, mais tarde, formaram-se sobre base rigorosamente pragmática; aprendi a dar valor àquilo que, com o correr dos anos, não conseguia esquecer. Um desses sobreviventes obstinados foi *Le Grand Meaultraes* de Alain-Fournier. Uma série de jovens autores de teses já me disse que não consegue encontrar paralelos significativos entre *Le Grand Meaulnes* e minha própria novela, o *The Magus*. Eu devo ter rompido o cordão umbilical — a ligação verdadeira requer esta metáfora — muito mais por completo do que calculei à época; ou talvez a crítica acadêmica moderna seja cega às relações muito mais emocionais do que estruturais.

Senti desde o início atração de Henri Fournier. Não aconteceu isso com outra parte do currículo estudantil. O francês antigo, com seus latinismos e suas ortografias intrigantes, sua riqueza de formas dialetais, pode ser fascinante para o linguista, mas para alguém que quer ler sentido e enredo sua dificuldade não passa de irritante. Mesmo assim eu descobriria mais tarde que um campo da literatura do francês antigo se recusava a sumir no esquecimento que eu desejava impor a todo o período, após fazer os exames finais. Este campo — "floresta" seria mais apropriado — era o do romance celta.

A transformação extraordinária na cultura européia que ocorreu sob a influência da imaginação britânica — no sentido celta inicial da palavra — jamais, ao que desconfio, foi inteiramente examinada ou reconhecida. A mania de cavalheirismo, amor cortesão, cristandade mística e de cruzadas santas, a síndrome de Camelot, de tudo isto nos apercebemos — talvez demasiadamente, no caso de alguns travestis recentes desse último centro do Lore. Mas acredito que também devemos — emocional e imaginativamente, pelo menos — a própria essência do que quisemos dizer desde então pela ficção, pela novela e todos os seus rebentos, a essa

estranha invasão setentrional do espírito medieval inicial. Podemos sorrir de modo condescendente diante das ingenuidades e técnicas primitivas e relatos tais como *Eliduc*, mas não creio que qualquer autor de ficção possa fazê-lo com decência — por motivo muito simples. Ele está observando o seu próprio nascimento.

Biograficamente quase nada se sabe sobre Marie de France. O próprio nome é apenas dedução, feita após o falecimento dela e com base em trecho de uma de suas fábulas — *Marie ai Nun, si suis de France*. Meu nome é Marie, e eu venho de... mas nem mesmo se sabe com certeza se ela se referia ao que hoje consideramos como França. A região em volta de Paris, a Ne de France, eis suposição mais provável. Existem leves motivos linguísticos e de outra natureza para supormos que ela pode ter vindo daquela parte da Normandia chamada o Vexin, que limita com a bacia parisiense.

Em certa época ela foi à Inglaterra, talvez na ou com a corte de Eleanor da Aquitânia. O rei a quem ela dedica seu *Lais*, ou estórias de amor, pode ter sido o marido de Eleanor, Henry II; e existe até possibilidade plausível de que Marie fosse irmã ilegítima de Henry. O pai dele, Ceoffrey Plantagenet, teve uma filha natural com esse nome, que se tornou a abadessa da Abadia de Shaftesbury por volta de 1180. Nem todas as abadias medievais levaram vidas solenes e devotas e, de qualquer modo, os romances quase com certeza foram compostos na década anterior. O fato de que as duas outras obras de Marie que sobreviveram foram religiosas e certamente datem de após 1180, vem reforçar tal identificação. Se "Marie de France" foi sem dúvida a Marie vinda do lado errado do cobertor angevino que se tornou abadessa de Shaftesbury, deve ter nascido antes de 1150 e sabemos que a abadessa sobreviveu até arredores de 1216.

Mostra-se muito difícil imaginar que o *Lais* tenha sido escrito por outra pessoa senão uma jovem muito bem educada (portanto, nessa idade, muito bem nascida); e que fosse romântica e fogosa, eis dedução fácil; e de que seu trabalho se tornasse um êxito literário tremendo e rápido, toda uma série de manuscritos e traduções contemporâneos dá testemunho... e poderíamos até passar a enxergá-la como vítima inicial do chauvinismo masculino, mandada a Shaftesbury a fim de corrigir seus costumes pecaminosos. Existe com certeza comprovação de que as estórias por ela escritas não recebiam aprovação da Igreja. Logo após o *Lais* vir ao mundo um cavaleiro chamado Denis Piramus — na verdade um monge, mas evidentemente alguém que nascera para ser crítico — escreveu relato amargamente, sarcástico sobre a popularidade por ela alcançada. Ele sabia dos motivos pelos quais as estórias proporcionavam prazer tão duvidoso às platéias aristocráticas: eles estavam ouvindo o que queriam que acontecesse a si próprios.

Abertamente Marie pretendeu no *Lais* impedir que alguns relatos celtas caíssem no esquecimento: estórias do difuso *corpus* folclórico que eruditos chamam de *matière de Bretagne* e das quais o ciclo arthuriano e a estória de Tristão e Isolda são hoje, as mais recordadas. Se ela as ouviu pela primeira vez de fontes francesas ou inglesas, eis algo que não se sabe já que sua própria descrição da proveniência deles, *bretun*, era então usada racialmente para se referir aos celtas britânicos e não geograficamente — incluindo os galeses e os cômicos, bem como os bretões propriamente ditos. Existem registros das distâncias percorridas pelos menestréis celtas, muito antes da época de Marie, ela poderia tê-los ouvido em qualquer corte maior.

Muito mais importante do que esse serviço semi-arqueológico, no entanto, foi a transmutação que ocorreu quando Marie enxertou seu próprio conhecimento do mundo no material antigo. De modo eficaz ela introduziu um

elemento inteiramente novo na literatura européia. Compunha-se não menos de sinceridade sexual e percepção muito feminina de como as pessoas geralmente se comportavam — e como o comportamento e os problemas morais podem ser expressos por meio de coisas tais como o diálogo e a ação. Ela fez por sua posteridade algo de que Jane Austin fez pela sua — isto é, criou um padrão novo para a precisão no tocante às emoções humanas e seus absurdos. Podemos até aproximar as duas, já que o terreno comum de todos os relatos de Marie (que ela própria teria chamado de *desmesure*, ou excesso apaixonado) apresenta notável proximidade com a opinião sobre sentido e sensibilidade daquela novelista. Outra semelhança é muito mais difícil de percebermos em nossos dias, sendo esta a do humor. Por serem seus relatos tão distantes de nós inclinamo-nos a esquecer que grande parte de sua matéria também distava muito do século doze, o dela; e subestimamos grosseiramente tanto a ela quanto ao avanço de sua platéia contemporânea se a imaginarmos ouvindo com semblantes inteiramente sérios e com credulidade. Não se esperava isso mais do que tal é esperado de nossa parte, diante de nossos próprios espetáculos, filmes do faroeste e sagaz de ficção científica, sem uma pitada de sal.

A ironia de Marie mostra-se tanto mais difícil de perceber agora, por outro motivo histórico. Seu *Lais* não se destinou a ser lido em silêncio — ou em prosa. No original, eram parselhas de versos octossilábicos e rimando, e deviam ser apresentados, cantados e mimados provavelmente com melodia livre ou com variedade da mesma, e talvez declamados em tom próximo ao de conversa, contra acordes e arpejos. O instrumento teria sido a harpa, certamente em sua forma bretã, o *rote*. Os romances tornaram o menestrelado palavra irrecuperavelmente tola, mas as poucas indicações de que dispomos sugerem uma arte muito grande, arte que perdemos para sempre. No caso de autores como Marie de

France, examinar apenas o texto impresso parece-me muito a ter de julgar uma película lendo-lhe apenas o roteiro. A longa evolução da ficção tem andado muito presa à descoberta de meios pelos quais exprimir a "voz" do autor — seu humor, suas opiniões particulares, sua natureza — por meio de manipulação de palavras e impressão das mesmas, somente; mas antes de Gutenberg estamos perdidos. Referir-me-ei a pequeno exemplo no relato que o leitor está prestes a empreender. Por duas vezes Marie se mostra muito formal sobre o modo pelo qual seu herói visita a princesa inconstante por quem se apaixonou; ele não irrompe nos aposentos dela, mas se faz anunciar corretamente. Podemos encará-lo como uma obra de acolchoamento, uma demonstração comum de etiqueta cortesã, mas acho muito mais provável que tenha sido um aparte seco, dirigido a seus primeiros ouvintes — a bem do fato, se o que sabemos de Henry II é verdade e Marie fosse parente dele, eu poderia arriscar um palpite sobre quem foi o alvo desse pequeno escárnio.

Procurei transmitir pelo menos um sinal dessa qualidade viva e oral em minha tradução, que se baseia no texto H (Harley 978) do Museu Britânico, na edição de Alfred Ewert.<sup>[1]</sup> Resta-me apenas lembrar aos leitores os três sistemas de vida real contra os quais o relato é feito anacronicamente. O primeiro é o sistema feudal, que atribuía importância vital às promessas feitas entre vassalo e senhor. Não era apenas que a estrutura do poder dependesse do homem ser fiel à sua palavra; toda a vida civilizada dependia disso. Hoje em dia podemos recorrer ao tribunal por causa de um contrato transgredido; naqueles dias só se podia empunhar as armas. O segundo contexto é o cristão, responsável pelo término do Eliduc, porém não muito mais. Marie se mostra evidentemente mais interessada pelo coração humano do que pela alma imortal. O terceiro sistema era o do amor cortesão, onde o mesmo destaque em manter a palavra se aplicava às relações sexuais. Isso dificilmente se mostra idéia aceitável no

século vinte, mas o *amour courtois* era uma tentativa desesperadamente necessária de trazer mais civilização (mais inteligência feminina) a uma sociedade brutal, e toda a civilização se baseia em códigos e símbolos acordes de confiança mútua. Uma época na qual a *desmesure* de Watergate — a meu ver tragédia muito mais cultural do que política — pode acontecer não deve achá-lo demasiadamente difícil de compreender.

## Eliduc

*De un mut ancien lai bretun*

*Le cunte e tute Ia reisun*

*Vus dirai...*

Vou apresentar-vos o trecho completo de estória celta muito antiga, pelo menos do modo como consegui compreender a verdade na mesma.

Na Bretanha já existiu um cavaleiro chamado Eliduc. Era modelo de seu tipo, um dos homens mais corajosos da terra e tinha uma esposa de família excelente e influente, tendo recebido educação tão refinada quanto era fiel ao marido. Viveram felizes por diversos anos, já que se tratava de casamento de confiança e de amor. Mas irrompeu uma guerra e ele partiu para lutar. Foi quando se apaixonou por uma jovem, uma princesa estonteantemente bela chamada Guilliadun. O nome celta da esposa que ficara em casa era Guildeluec, de modo que o relato é intitulado *Guildeluec e Guilliadun*, usando os seus nomes. O título inicial foi Eliduc porém se viu modificado porque o relato trata, na verdade, das duas mulheres. Agora vou contar-lhes exatamente como tudo aconteceu.

O soberano de Eliduc era o rei da Bretanha, gostava muito do cavaleiro e cuidava dos interesses do mesmo. Eliduc o servia fielmente — sempre que o rei tinha de ausentar-se, Eliduc ficava encarregado de seus territórios e os mantinha a salvo, mediante sua capacidade militar. Em troca, recebia muitos favores. Tinha licença de caçar nas florestas reais e nenhum guarda-caça, mesmo o mais decidido, se atrevia a

obstar-lhe os passos ou apresentar queixa a seu respeito. Mas a inveja de tal boa sorte fez o trabalho costumeiro. Ele foi caluniado e difamado e suas relações com o rei tornaram-se más. Finalmente foi expulso da corte sem qualquer motivo. Deixado às escuras, Eliduc repetidamente pediu que lhe dessem a permissão de se defender diante do rei — as calúnias eram mentiras, ele servira bem ao rei e o fizera com satisfação. Resposta alguma veio da corte, todavia. Convencido de que jamais lhe concederiam uma audiência Eliduc resolveu exilar-se. Por isso foi para casa e chamou a si todos os amigos que tinha. Contou-lhes como as coisas estavam com o rei, da raiva que existia contra ele. Eliduc fizera o melhor que podia e não havia justiça no rancor do soberano. Os camponeses têm um provérbio para o lavrador que se vê maltratado pela língua do senhor: *Nunca confie no amor de um grande homem*. Se alguém na posição de Eliduc for sensato depositará mais confiança no amor de seus vizinhos. Por isso ele diz agora<sup>[2]</sup> que está farto da Bretanha, vai atravessar o mar para a Inglaterra e divertir-se lá por algum tempo. Deixará a esposa em casa, fará com que os criados cuidem dela, juntamente com os amigos.

Uma vez tomada a decisão, ateve-se a ela. Preparou-se — e os dez cavaleiros que levou consigo — muito bem para a viagem. Os amigos entristeceram-se muito ao vê-lo partir, e quanto à esposa... ela o acompanhou a primeira parte da jornada, chorando e dizendo que o perdia. Mas ele jurou solenemente que lhe permaneceria fiel. Depois diz adeus e cavalga diretamente para o mar. Lá embarca em navio, faz a travessia e chega ao porto de Totnes.

Havia diversos reis naquela parte da Inglaterra e os mesmos se achavam em guerra. Na direção de Exeter, neste país, vivia um velho muito poderoso. Não tinha herdeiro masculino, apenas a filha solteira. Era o motivo dessa guerra: por ter recusado a mão da mesma a um igual de outra dinastia o outro rei saqueava toda a terra do velho rei.

Acossara-o levando-o a uma de suas cidades fortificadas.<sup>(3)</sup> Ninguém por lá tivera coragem de sair e travar combate geral ou isolado com o invasor. Eliduc soube de tudo isso e resolveu que como havia guerra ele ficaria naquela região, em vez de prosseguir. Queria auxiliar o rei sitiado, cuja situação piorava cada vez mais e enfrentava a ruína e o desastre. Ia contratar-se como mercenário. Enviou mensageiro ao rei explicando por carta que deixara sua própria terra e viera para ajudá-lo mas se achava à disposição do rei, e se este não quisesse os serviços de Eliduc este pedia apenas salvo-conduto para passar por suas terras de modo que pudesse oferecer seus serviços de guerreiro alhures. Quando o rei recebeu os mensageiros ficou satisfeitíssimo e os acolheu com calor.

Chamou o comandante do castelo, ordenando que uma escolta fosse imediatamente providenciada para Eliduc e que o mesmo lhe fosse trazido. Depois o rei mandou preparar alojamento e tudo quanto fosse necessário para uma estada de um mês foi também providenciado.

A escolta foi armada, montada e enviada a fim de apanhar Eliduc. Este se viu recebido com grandes honrarias tendo feito a viagem sem maiores problemas. Seu alojamento era com um homem rico, criatura decente e de bons modos que cedeu seu quarto mais bem atapetado ao cavaleiro. Eliduc mandou preparar uma boa refeição e convidou à mesma todos os outros cavaleiros aflitos que se achavam alojados na cidade. Proibiu a seus próprios homens, até os mais gananciosos, aceitarem qualquer presente ou dinheiro durante os primeiros quarenta dias.

Em seu terceiro dia em Exeter a grita varreu a cidade, dizendo que o inimigo chegara e que estava por toda a parte no campo em volta — ele já preparava um ataque aos portões da cidade. Eliduc ouviu o clamor dos residentes tomados de pânico e imediatamente vestiu sua armadura. Os

companheiros fizeram o mesmo. Havia quatorze outros cavaleiros capazes de lutar na cidade, os demais se achando feridos ou capturados. Vendo Eliduc montar a cavalo eles vão a seus alojamentos e vestem suas armaduras também. Não vão esperar que os chamem, sairão dos portões em companhia dele.

— Cavalgaremos convosco, senhor — dizem agora. — E o que quer que fizerdes, faremos o mesmo.

Eliduc responde:

— Meus agradecimentos. Existe aqui alguém que conheça um lugar para emboscada? Um desfiladeiro? Algum lugar onde possamos pegá-los a jeito? Se esperarmos aqui teremos uma boa luta, mas não dispomos de vantagem. Alguém tem um plano melhor?

— Existe uma estrada estreita, senhor. Ao lado daquele bosque no campo de linho que vedes acolá. Quando eles houverem recolhido saque bastante, voltarão por ali. E voltam descuidadamente de trabalho assim, via de regra. Dessa maneira estão pedindo uma morte rápida.

Tudo podia ser feito em pouco tempo, causando-se grandes estragos ao inimigo.

— Meus amigos — disse Eliduc —, uma coisa é certa. Nada arriscado, mesmo quando as coisas parecem negras, nada se ganha... quer na guerra ou na reputação. Vós todos sois homens do rei, e deveis a ele fidelidade total. Assim sendo, acompanhai-me onde quer que eu vá, e fazei o que quer que eu faça. Prometo-vos que não haverá derrotas, se depender de mim. Talvez não obtenhamos saque algum. Mas jamais seremos esquecidos se derrotarmos hoje o inimigo.

Sua confiança estendeu-se aos demais cavaleiros e eles o levaram ao bosque. Ali se esconderam ao lado da estrada e aguardaram que o inimigo voltasse de sua incursão. Eliduc planejara tudo, mostrando-lhes como podiam atacar em

galope e o que deviam gritar. Quando o inimigo alcançou o lugar estreito, Eliduc emitiu o brado de desafio de batalha e depois gritou aos amigos para que lutassem bem. Eles atacaram com vigor e não deram quartel. Tomado de surpresa o inimigo logo foi desbaratado e posto em fuga. A luta mostrou-se curta e eles capturaram o oficial comandante e muitos outros cavaleiros, os quais confiaram a seus escudeiros. O lado de Eliduc tivera vinte e cinco homens e eles tiveram trinta do inimigo. Também tomaram grande quantidade de armadura e de outras coisas valiosas. Regressam agora triunfais à cidade, jubilosos por vitória tão esplêndida. O rei lá se achava em uma torre, desesperadamente aflito pelos seus defensores. Queixou-se amargamente, tendo-se convencido de que Eliduc era um traidor e pusera a perder todos os seus cavaleiros.

Eles entram em grupo, alguns carregando muitas coisas, outros manietados — número muito maior no regresso do que na partida, sendo esse o motivo pelo qual o rei se enganara e ficara cheio de dúvida e incerteza. Ele ordena que os portões da cidade sejam fechados e que as pessoas nas muralhas, os arcos e outras armas se aprontem. Mas não necessitam deles. O grupo de Eliduc enviou à frente um escudeiro galopando, a fim de explicar o que acontecera. O homem contou ao rei sobre o mercenário bretão, como expulsara o inimigo e como se conduzira bem. Jamais houvera um melhor guerreiro a cavalo. Ele pessoalmente capturara o comandante inimigo e fizera vinte e nove prisioneiros, além de ferir e matar muitos outros.

Quando o rei toma conhecimento das boas novas fica fora de si de alegria. Desce da torre e vai encontrar-se com Eliduc, depois agradece ao mesmo por tudo que fez, dando-lhe todos os prisioneiros para obter resgate. Eliduc partilhou as armaduras com os demais cavaleiros, mantendo para seus próprios subordinados nada mais do que três cavalos que lhes haviam sido destinados. Distribuiu tudo o mais, até

mesmo a parte a que tinha direito, entre os prisioneiros, e as demais pessoas.

Após essa façanha o rei torna Eliduc seu favorito. Retém-no e a seus companheiros por todo um ano e Eliduc prestou juramento de serviços fiéis. Tornou-se então o protetor das terras do rei.

A jovem filha do rei tomou conhecimento de tudo quanto diziam sobre Eliduc e seus atos esplêndidos — como era bem-apegoado, cavaleiro ativo, civilizado e generoso. Enviou um dos pajens pessoais a fim de pedir, *suplicar* a Eliduc que venha entretê-la. Precisam conversar, conhecer um o outro e ela ficaria muito magoada se ele não viesse. Eliduc responde: está claro que irá, anseia muitíssimo por conhecê-la. Monta no cavalo e levando um criado vai conversar com a pequena. À porta do quarto dela manda o pajem entrar primeiro. Não invade o aposento mas espera um pouco, até que o pajem regresse. E então, com a expressão gentil, rosto sincero e modos perfeitos dirigiu-se à jovem de modo formal, agradecendo-lhe por tê-lo convidado a visitá-la. Guilliadun era muito dela e tomou-o pela mão, levando-o a um sofá, onde se sentaram e conversaram sobre uma coisa e outra. Ela não parava de lançar-lhe olhares... ao rosto, ao corpo, a toda expressão fisionômica dele... dizendo a si própria que era muito belo, aproximava-se muito do homem que idealizara. O amor acende sua flecha e ela se apaixona perdidamente. Empalidece, suspira, mas não pode declarar-se, com receio de que ele a desdenhe por fazê-lo.

Eliduc permaneceu muito tempo mas, enfim, pediu licença e se retirou. Guilliadun não desejava de modo algum deixá-lo partir, mas tinha de ser. Ele regressou a seus alojamentos, sem sorrir e muito imerso em pensamentos. A jovem o alarmara, já que se tratava da filha do rei e ele era o servidor do mesmo. Ela parecera tão tímida, mas ainda assim o acusara sutilmente de alguma coisa. Ele se sente muito

acabrunhado — ter estado por tanto tempo no país, sem no entanto tê-la visto uma só vez, senão agora. No entanto, quando disse isso a si próprio, sentiu-se envergonhado. Recordou-se da esposa e de como prometera comportar-se como um marido se deve comportar.

Agora que o conhecera, a jovem queria tornar Eliduc seu enamorado. Jamais gostaria de outro homem — se, ao menos, ela puder, se, ao menos, ele concordar. Por toda a noite ela permaneceu acordada, pensando nele, e não descansou nem dormiu. Na manhã seguinte ela se levantou ao alvorecer e foi para a janela, chamando o pajem. Depois revelou-lhe tudo.

— Meu Deus — diz ela —, estou em situação terrível, caí em uma armadilha. Eu amo o novo mercenário. Eliduc. Que lutou tão brilhantemente. Não dormi um só instante por toda a noite, meus olhos se recusavam a fechar. Se ele estiver realmente apaixonado por mim, se ele ao menos demonstrar que é sério, farei tudo que desejar. E existe muito mais com que contar... ele pode ser rei daqui, um dia. Estou louca por ele. É tão inteligente, tão natural. Se não me amar, morrerei de desespero.

Tendo ouvido tudo que a princesa tinha a dizer, o jovem pajem deu-lhe bons conselhos: não havia necessidade alguma de perder tão cedo as esperanças.

— Minha senhora, se estais apaixonada por ele, nesse caso informai-o. Mandai-lhe um cinto ou uma fita... ou um anel. Para ver se agrada a ele. Se ele ficar satisfeito em aceitar o presente, se parecer satisfeito em receber notícias vossas, nesse caso estareis bem. Ele vos ama. E mostrai-me um só imperador que não dançaria de alegria ao saber que estaríeis gostando dele. A jovem pensou no conselho que recebera.

— Mas como vou saber, apenas por presente, se ele realmente me quer? Tu não compreendes. Um cavaleiro tem de aceitar o presente, quer lhe agrade ou não quem o enviou. É preciso receber tais coisas com graça. Eu abominaria se ele

zombasse de mim. Mas talvez tu possas perceber algo em sua expressão. Apronta-te, portanto. Depressa. E vai.

— Estou pronto.

— Leva-lhe este anel de ouro. E aqui, dá-lhe meu cinto. E sê muito cálido, quando o cumprimentares em meu nome.

O pajem afastou-se, deixando-a em tal estado que ela quase o chama de volta. Mesmo assim ela o deixa ir — e começa a delirar.

— Oh, Deus, apaixonei-me por um estrangeiro! Nem mesmo sei se é de boa família. Se ele não vai desaparecer de repente. Ficarei em desespero. Estou louca por ter tornado tudo tão evidente. Nem mesmo lhe falei antes de ontem e agora estou-me atirando a seus pés. Acho que ele vai me desprezar. Não, não desprezará, se for bom gostará de mim por tê-lo feito. Agora está tudo nas mãos dos deuses. Se ele não se importar comigo, sentir-me-ei uma grande tola. Jamais voltarei a ser feliz, enquanto eu viver.

Entrementes, enquanto ela sofria pensando assim o pajem seguia rapidamente a cavalo. Encontrou Eliduc e lhe deu em particular o tipo de saudações que a jovem recomendara. Depois entregou-lhe o anel e o cinto. O cavaleiro lhe agradecera, depois colocara o anel no dedo e passara o cinto<sup>[4]</sup> na cintura. Mas nada dissera ao pajem, nada lhe perguntara — só que lhe oferecera seu próprio anel e cinto, em troca. Mas o pajem não os aceitou e regressou à jovem senhora. Encontrou-a no quarto e transmitiu-lhe a retribuição de cumprimentos e agradecimentos de Eliduc.

— Pelo amor de Deus, não ocultes a verdade. Ele realmente me ama?

— Creio que sim. Ele não seria capaz de vos enganar. Em minha opinião está sendo educado e astuto... sabe como ocultar os sentimentos. Eu o cumprimentei por vós e lhe dei os presentes. Ele colocou o cinto em si próprio e teve bastante

cuidado para fazê-lo certo. Depois colocou o anel no dedo. Eu não lhe disse mais coisa alguma. Nem ele a mim.

— Mas ele compreendeu o que significa? Porque se não compreendeu estou perdida!

— Sinceramente não sei. Mas se quereis minha opinião solene, nesse caso, bem, como ele não levantou o nariz diante do que enviastes, ele não chega a... odiar-vos?

— Pára de zombar de mim, menino atrevido! Estou inteiramente ciente de que ele não me odeia. Como poderia eu magoá-lo? A não ser por amá-lo tanto. Mas se ele me odeia, merece morrer. Até que tenhamos falado pessoalmente um com o outro, nada mais quero ter com ele. Quer por teu intermédio, ou por intermédio de qualquer pessoa. Mostrar-lhe-ei como meu anseio por ele me dilacera. Mas se, ao menos, eu soubesse por quanto tempo vai ficar conosco!

— Senhora, o rei o tem sob contrato por um ano. Deve ser tempo suficiente para que possais demonstrar-lhe vossos sentimentos.

Quando soube que Eliduc não se retirava, Guilliadun ficou extasiada: que maravilhoso, o fato de que ele ia ficar. Ignorava, porém, o tormento em que Eliduc estivera, desde o instante em que a vira. O destino lhe dera um fado cruel — a promessa à esposa quando saíra de casa, de que jamais olharia para outra mulher. Agora seu coração se achava comprimido. Queria permanecer fiel. Mas nada podia esconder o fato de que ele se apaixonara desesperadamente por Guilliadun e sua beleza. Voltar a vê-la e conversar com ela, beijá-la e segurá-la nos braços... No entanto jamais podia demonstrar-lhe tal anseio que o desgraçaria — a um lado, por romper a promessa à esposa, por outro devido às suas relações com o rei. Achava-se dilacerado em dois; depois montou no cavalo e não hesitou mais. Chama os amigos a si e vai então para o castelo a fim de falar com o rei. Se o

conseguir, verá a jovem — sendo o motivo pelo qual se apressa tanto.

O rei acabou de levantar-se da mesa e fora aos aposentos da filha e agora começou a jogar xadrez com um cavaleiro do exterior. Do outro lado do tabuleiro de xadrez sua filha tinha de mostrar-lhe o que fazer. Eliduc adiantou-se. O rei o recebeu com bondade e fez com que Eliduc se sentasse a seu lado. Falou então com a filha:

— Minha cara, deves passar a conhecer este cavaleiro. E prestar-lhe todas as honras. Não existe cavaleiro melhor no país.

A jovem ficou satisfeitíssima ao ouvir tal ordem do pai. Ela se ergue e convida Eliduc para sentar-se em sua companhia, bem longe dos outros. Ambos se acham estonteados de amor. Ela não se atreveu a explicar-se a Eliduc e ele arreceava-se de falar o mesmo... a não ser para lhe agradecer os presentes que lhe enviara: jamais gostara tanto de um presente. Ela lhe diz que está satisfeita por vê-lo satisfeito. E então, de súbito, por que ela lhe enviou o anel, e o cinto também — que seu corpo é dele, ela não pode resistir, amava-o com loucura, entregava-se a qualquer capricho dele. Se não o pudesse ter para si, ele sabia, ele devia saber que era verdade, nenhum outro homem a teria.

Era, agora, a vez de Eliduc.

— Princesa, fico felicíssimo porque me amais. Alegria total. Que vós me amasseis tanto... como poderia sentir-me de outro modo? Jamais o esquecerei. Sabeis que estou prometido a vosso Pai por um ano, sob o juramento de que não partirei até que a guerra termine. Depois voltarei para casa. Desde que vós o permitais. Não quero ficar aqui.

— Eliduc, sou gratíssima por tua franqueza. És tão sincero, sabes tanto! Muito antes de ires, terás resolvido o que

fazer comigo. Eu te amo, confio em ti mais do que em qualquer pessoa no mundo.

Sabiam agora que tinham certeza um do outro, e nessa ocasião nada mais disseram.

Eliduc volta a seu alojamento, encantado pelo modo como as coisas vão bem. Pode falar com Guilliadun quantas vezes quiser, estão apaixonadíssimos.

Ocupou-se tão bem com a guerra, agora, que capturou o rei inimigo e libertou o país do velho rei. Cresceu sua reputação militar, bem como de seu engenho e generosidade pública. Por esse lado de sua vida, tudo correu muito bem.

Mas durante o mesmo período o Rei da Bretanha enviou três mensageiros, atravessando o mar, a fim de encontrarem Eliduc. As coisas na pátria iam muito mal e pioravam. Todos os seus bastiões achavam-se assediados, as suas terras devastadas pelo invasor. Seu juízo fora destorcido pelos conselhos malignos a que dera ouvidos. Já atirara ao exílio permanente o grupo traiçoeiro que denegrira Eliduc e o intrigara contra ele. Agora, em hora de grande necessidade ele ordenava, ele pedia, ele implorava a Eliduc — em nome da confiança que já existira entre os dois, desde que o cavaleiro lhe prestara honras pela primeira vez — para que viesse e salvasse a situação. Achava-se na maior dificuldade.

Eliduc leu tais notícias, que o perturbaram profundamente. Pensou em Guilliadun. Ele a amava agora, até as profundezas angustiadas do ser, e ela sentia o mesmo. Mas não houvera loucura entre eles — nada impróprio, o caso de amor deles não era casual. Carícias e conversas, dar presentes de amor um ao outro — o sentimento apaixonado entre eles não ultrapassara tal ponto. Ela o mantinha assim deliberadamente, tendo em vista aquilo com que contava. Achava que ele seria inteiramente seu, e somente seu, se jogasse certo as cartas de que dispunha.

Não sabia que havia uma esposa.

"Ai", pensa Eliduc. "Eu me perdi. Fiquei aqui tempo demais. Foi amaldiçoado o dia em que vi pela primeira vez esta terra. Apaixonei-me e perdi a cabeça. E ela por mim. Se eu tiver de despedir-me dela agora, um de nós morrerá. Talvez ambos. E ainda assim; devo ir, a carta do Rei da Bretanha o ordena e existe minha promessa a ele. Para não falar da que apresentei em juramento à minha esposa. Tenho de controlar-me. Não posso permanecer mais tempo, não me resta alternativa. Se fosse casar-se com Guilliadun, a igreja jamais o toleraria. De todos os modos, é uma embrulhada. E, oh, Deus, pensar que nunca voltarei a vê-la! Devo ser franco com ela, custe o que custar. Farei o que ela quiser, seja o que for. Seu pai está com uma paz decente, ninguém mais quer guerra com ele. Alegarei a necessidade do Rei da Bretanha e pedirei permissão para partir antes que o dia termine. Foi assim que acordamos... eu iria para ele assim que tivéssemos paz por aqui. Verei Guilliadun e explicarei toda a questão. Depois ela poderá me dizer o que quer, e farei o possível para que se realize".

Sem maior tardança Eliduc foi ao rei, pedindo permissão para se retirar do país. Explicou a situação na Bretanha e mostrou-lhe a carta que o rei lhe enviara — o pedido de ajuda. O velho rei lê a ordem e compreende que vai perder Eliduc. Fica muito perturbado, agitado. Oferece-lhe uma parte de suas posses, um terço de sua herança, seu tesouro — se ele ficar, fará tanto a seu favor que Eliduc se tornará eternamente reconhecido.

Eliduc permaneceu firme.

— A esta altura, como meu rei se acha em perigo e teve tanto trabalho em me encontrar, devo ir em seu socorro. Nada me faria parar aqui. Mas se voltardes a necessitar de meus serviços eu regressarei prazerosamente... e trarei muitos outros cavaleiros comigo.

Diante dessas palavras o rei lhe agradeceu e deu-lhe licença de ir, sem discutir mais. Colocou todas as posses de sua casa à disposição de Eliduc — ouro e prata, bens e cavalos e belas sedas. Eliduc não tomou mais do que o necessário. Depois disse educadamente ao rei que gostaria muitíssimo de falar-lhe à filha, se lhe fosse dada permissão.

— Consentir é prazer — disse o rei.

Eliduc envia uma jovem à frente, a fim de abrir a porta do quarto de Guilliadun. Depois entra para falar com ela. Quando ela o vê grita seu nome e o abraça apaixonadamente. Depois debateram o problema dele, tendo Eliduc explicado em poucas palavras a necessidade de sua viagem. Mas quando o tornou tudo claro e ainda assim propositalmente não pediu permissão dela para partir, para recuperar a liberdade, ela quase desmaiou com o choque. Seu rosto empalideceu. Quando Eliduc percebe o sofrimento em que ela se acha, começa a enlouquecer. Continua a beijar-lhe a boca e começa a chorar em solidariedade. Finalmente a toma nos braços e a segura, até que ela volte a si.

— Tu, coisa mais doce, oh Deus, escuta... tu és minha vida e minha morte, tu és toda a minha existência. Foi por isso que vim. Para que possamos falar da questão e confiar um no outro. Preciso voltar à minha terra. Tenho a permissão de teu pai. Mas farei o que quiseres. Seja o que for que me venha a acontecer.

— Leva-me então contigo, se não queres ficar! Se não ficares, eu me matarei. Nada de bom ou de feliz voltará a me acontecer.

Com suavidade Eliduc lhe conta o quanto a ama, como a acha bela.

— Mas jurei solenemente obedecer a teu pai. Se te levar comigo estarei rompendo meu juramento a ele, antes que o prazo esteja terminado. Juro e te prometo com todo o coração

que se me deixares partir agora por algum tempo, mas disseres em que dia devo estar de volta, nesse caso nada poderá impedir-me de fazê-lo... enquanto eu estiver vivo e com saúde. Minha vida está inteiramente em tuas mãos.

Ela o amava tanto! Por isso fixou-lhe uma data final, um dia no qual ele deve voltar a levá-la dali. Separaram-se em lágrimas e sofrimento, trocando os anéis de ouro e beijando-se ternamente.

Eliduc cavalgou até o mar. O vento foi bom e a travessia rápida. Chegando a casa, o Rei da Bretanha se rejubila e o mesmo acontece com os parentes e amigos de Eliduc e todos os demais — e de modo especial a esposa, que continuou tão bela e digna dele quanto antes. Mas por todo o tempo Eliduc permaneceu voltado para si próprio, por causa do caso amoroso na Inglaterra. Nada que viu lhe trouxe prazer algum, ele não sorri — jamais voltará a ser feliz até que veja novamente Guilliadun. A esposa ficou muito abatida por esse comportamento sigiloso, por não ter idéia do que o causava. Sentia pena de si própria, não parava de perguntar se ele recebera informações de alguém de que ela se havia comportado mal, defender-se diante do mundo, onde quer que ele o desejasse.

— Minha senhora, ninguém vos acusou de qualquer coisa má. mas eu jurei solenemente ao rei do país onde estive que voltarei para lá. Ele necessita muitíssimo de mim. Eu lhe disse que voltaria dentro de uma semana, assim que o Rei da Bretanha alcançasse a paz. Tenho diante de mim uma tarefa imensa, antes de poder regressar. Não posso sentir prazer em coisa alguma até que volte para lá. Eu não quebrarei as promessas.

E foi o que disse à esposa. Seguiu então para juntar-se ao Rei da Bretanha e ajudá-lo muitíssimo. O rei adotou sua estratégia e conseguiu salvar o reinado. Mas quando se aproximou a data escolhida por Guilliadun, Eliduc interveio, a

fim de obter a paz. Concordou com todas as condições que o inimigo queria e aprestou-se para a viagem, selecionando seus companheiros — dois sobrinhos de quem gostava e um de seus pajens, rapaz que soubera o que se passava e estivera levando as mensagens entre Eliduc e Guilliadun. Além dos mesmos apenas seus escudeiros, não queria levar mais pessoa alguma. E fez com que esses companheiros jurassem manter o segredo.

Não espera mais, faz-se ao mar e logo chega à Totnes. Finalmente voltou para o lugar onde ansiavam tanto por sua presença. Eliduc era muito astuto. Descobriu uma estalagem bem distante do porto, já que estava muito aflito por não ser visto... acompanhado e reconhecido. Preparou seu pajem e o enviou a Guilliadun a fim de informar-lhe<sup>^</sup> que ele voltara e respeitara rigorosamente a promessa feita. À noite, quando a escuridão se formara, ela devia sair da cidade às escondidas; o pajem a acompanharia e Eliduc viria a seu encontro. O rapaz vestiu um disfarce e seguiu a pé por todo o caminho, diretamente a Exeter. Descobriu inteligentemente um modo de chegar aos apartamentos da princesa, depois a cumprimentou, dizendo-lhe que o enamorado voltara. Encontrou-a triste e desesperançada, mas quando ela ouve a notícia não resiste e começa a chorar, depois beija sem parar o pajem. Este lhe diz que ela deve partir em sua companhia aquela noite, e passaram todo o dia planejando como fazê-lo, até os mínimos detalhes.

Chegada a noite eles se retiraram cautelosamente da cidade, juntos. Estavam apavorados, com medo de que alguém os visse. Ela usava vestido de seda delicadamente bordado em ouro e uma capa curta.

A um lanço de flecha do portão da cidade havia um capão cercado em belo jardim. Eliduc, que viera apanhá-la, esperava sob a sebe. O pajem levou-a ao lugar. Eliduc saltou do cavalo e a beijou: tamanha alegria por voltarem a estar

juntos. Ajudou-a a montar a cavalo, depois montou no seu e tomou a rédea do dela. Seguiram dali rapidamente, de volta ao porto de Totnes e tomaram o navio imediatamente: não havia outros passageiros senão os homens de Eliduc e sua amada Guilliadun. Os ventos lhes foram favoráveis e o tempo também, mas quando chegaram às proximidades da costa da Bretanha encontraram a tempestade. Um vento contrário afastou-os do porto. Depois o mastro rachou e partiu e perderam as velas. Oraram em desespero — a Deus, a São Nicolau, e São Clemente — à Nossa Senhora, para que esta pudesse invocar a proteção de Cristo, salvá-los do afogamento e levá-los a terra. Para trás e para a frente foram impelidos ao longo da costa, enquanto a tempestade eclodia ao redor. Um dos marinheiros começou a gritar.

— O que estamos fazendo? Meu senhor, é a jovem que trouxestes a bordo que vai nos afogar a todos. Jamais alcançaremos a terra. Vós tendes uma esposa em vossa casa. Mas agora quereis outra mulher. É contra Deus e a lei. Contra toda a decência e a religião. Assim sendo, lancemo-la ao mar, salvemos nossas peles.

Eliduc ouve o que o homem grita e quase enlouquece.

— Filho de uma prostituta, demônio, rato... Cala tua boca! Se ela for para o mar, farei com que pagues por isso!

Segura Guilliadun nos braços, dando-lhe todo o alento que pode. Ela enjoara, ficara estonteada com o que ouvira: que seu enamorado tinha uma esposa. Desmaiou e caiu ao convés, pálida como a morte e assim permaneceu, sem respirar ou sem dar qualquer sinal de consciência. Eliduc sabia que ela só se achava ali por sua causa e sinceramente a julgou morta. Foi tomado de sofrimento. Levantou-se e acossou o marinheiro, derrubando-o com um remo. O homem caiu ao convés e Eliduc desferiu pontapés no corpo, lançando-o pela borda, onde as ondas o arrebataram. Assim que o fizera foi para o timão. Ali dirigiu e sustentou a nave tão

bem que chegaram ao porto e terra. Quando se achavam a salvo lançou âncora e mandou baixar a prancha de desembarque. Ainda Guilliadun continuava desacordada e sua aparência era a da morte. Eliduc chorou sem parar — se fosse feita sua vontade estaria morto com ela. Pediu aos companheiros que lhe dessem orientação, indagando para onde poderia levá-la. Recusou-se a abandoná-la até que estivesse sepultada com todas as honrarias e ritual completo, e posta a descansar em terreno santo. Sendo filha de um rei isso lhe era devido. Mas seus homens não sabiam o que pensar ou sugerir. Eliduc começou a pensar por conta própria. Sua casa não distava muito do mar, menos de um dia de viagem a cavalo. Havia uma floresta em volta da mesma, com cerca de trinta milhas de largura. Um eremita santo vivera ali por quarenta anos e havia uma capela. Eliduc muitas vezes falara com ele.

Levá-la-ei para lá, Eliduc disse a si próprio, e a sepultarei na capela do eremita. Depois doarei terra e fundarei uma abadia ou mosteiro. Freiras ou cônegos, que possam orar por ela todos os dias e que Deus se apiede de sua alma.

Mandou trazer os cavalos e ordenou a todos que montassem, depois fê-los prometer que jamais o trairiam. Levou o corpo de Guilliadun diante de si, em seu próprio animal. Tomaram o caminho mais direto e logo entraram na floresta. Finalmente chegados à capela, bateram e chamaram. Nenhuma voz atendeu, no entanto, a porta permaneceu fechada. Eliduc fez com que um de seus homens desmontasse e a abrisse. Encontraram um túmulo novo: o puro e santo eremita falecera na semana anterior. Ali ficaram, tristes e desalentados. Os homens queriam preparar a sepultura em que Eliduc devia deixar Guilliadun para sempre, mas ele os fez sair da capela.

— Isto não é certo. Necessito de orientação, primeiramente dos que sabem sobre como posso glorificar este lugar com uma abadia ou convento. Por enquanto vamos depositar Guilliadun diante do altar e deixá-la aos cuidados de Deus.

Mandou trazer o necessário para um leito e com rapidez prepararam um lugar de descanso para a jovem; depois a colocaram ali, deixando-a como morta. Mas quando Eliduc se apressava para deixar a capela achou que ia morrer de dor. Beijou-lhe os olhos e o rosto.

— Coração meu, seja a vontade divina de que nunca volte a empunhar armas ou viver no mundo fora daqui. Maldito o dia em que me viste. Coisa gentil e cara, por que vieste comigo? Nem mesmo uma rainha me haveria amado com mais confiança. Ou mais profundamente. Meu coração está dilacerado por ti. No dia em que te sepulto, entrarei em um mosteiro. Depois virei aqui todos os dias e chorarei toda a minha desolação sobre teu túmulo.

De modo abrupto, em seguida, afastou-se do corpo da jovem e fechou a porta da capela.

Havia enviado mensageiro à frente, a fim de informar à esposa que voltava, porém cansado e abatido. Felicíssima pela notícia ela se vestia para recebê-lo e o acolheu afetuosamente. Mas não foi grande sua alegria. Eliduc não lhe dedicou um só sorriso ou palavra bondosa. Ninguém se atrevia a indagar o motivo. Permaneceu assim por dois dias — a cada manhã, tendo assistido à missa, seguia pela estrada rumo à floresta e capela onde Guilliadun se achava... ainda inconsciente, sem respirar, sem dar sinal de vida. No entanto algo o intrigava muito; ela quase não perdera cor alguma, sua pele permanecia rósea e branca, apenas muito levemente pálida. Em desespero profundo Eliduc chorava e rezava por sua alma. Tendo feito isso, voltava para casa.

No dia seguinte, quando saiu da igreja após a missa, havia um espião — um jovem criado a quem a esposa prometera cavalos e armas, caso o acompanhasse de longe e visse em que direção o senhor seguia. O rapaz fez o que ela ordenava. Entra a cavalo na floresta, acompanhando Eliduc sem ser visto. Observou bem, viu como Eliduc entrou na capela e ouviu suas palavras de desespero. Assim que Eliduc saiu o criado foi para casa e contou tudo à senhora — todos os sons de angústia que o marido emitira dentro da capela. Longe de rancorosa, ela se sentia agora comovida.

— Iremos assim que pudermos examinar o lugar. Teu senhor deve logo partir para a corte, a fim de conferenciar com o rei. O eremita faleceu há algum tempo. Sei que Eliduc gostava muito dele, mas tal não faria comportar-se assim. Não demonstraria tamanho pesar.

E assim, por algum tempo, deixou de lado o mistério.

Aquela mesma tarde Eliduc partiu a fim de falar com o Rei da Bretanha. Sua esposa levou o criado e este mostrou-lhe o caminho até a capela do eremitério. Assim que entrou, ela viu o leito e a jovem ali depositada, tão louça como uma rosa. Retirou então a cobertura e pôs à mostra o corpo esguio, os braços finos, as mãos brancas com dedos compridos e de pele delicadamente lisa. Percebeu incontinenti a verdade — o motivo pelo qual Eliduc tinha o semblante trágico. Chamou à frente o criado e mostrou-lhe o corpo milagroso.

— Vês esta jovem? É tão linda como uma jóia. É a amante de meu marido. Por esse motivo ele sofre tanto. De algum modo tal não me choca. Tão bela... ter morrido tão jovem. Sinto apenas pena. E continuou a amá-lo. É uma tragédia para todos nós.

Começou a chorar, em solidariedade por Guilliadun. Mas ao sentar-se perto do leito mortuário, com lágrimas nos olhos, uma fuinha parte em carreira, saindo sob o altar. O criado a golpeou com um pau, a fim de impedir que passasse sobre o

corpo. Matou-a, depois lançou o corpinho no meio do chão da capela. Não tardou muito para que surgisse a companheira e visse onde estava a fuinha morta. O animal vivo correu em volta da cabeça do morto e o tocou diversas vezes com o pé. Mas quando isso não deu resultado, pareceu perturbado. De súbito saiu correndo da capela, indo para a grama da floresta. Ali apanhou uma flor muito vermelha, com os dentes, e a trouxe com rapidez, colocando-a na boca da fuinha que o criado matara. No mesmo instante o animal voltou à vida. A esposa observara tudo isso e agora gritava ao criado:

— Apanha-o! Pega, rapaz! Não deixes que escape!

Ele atirou o pau e golpeou a fuinha. A flor caiu de seus dentes. A esposa de Eliduc foi e apanhou-a, depois regressou e colocou aquela flor vermelha e singular na boca de Guilliadun. Por um ou dois segundos nada sucedeu, mas logo a moça se mexia, suspirava e abria os olhos.

— Santo Deus — murmurou —, por quanto tempo dormi! Quando a esposa ouviu-a falar, deu graças ao céu. Depois perguntou a Guilliadun quem era.

— Minha senhora, sou nascida britânica, a filha de um rei por lá. Apaixonei-me desesperadamente por um cavaleiro, um corajoso mercenário chamado Eliduc. Fugimos juntos. Mas ele era mau, ele me enganou. Por todo o tempo tinha esposa. Nunca me disse, jamais me deu a menor indicação. Quando eu soube da verdade desmaiei com o sofrimento. Agora ele me abandonou brutalmente, deixando-me indefesa em terra estrangeira. Ele me iludiu, não sei o que acontecerá comigo. As mulheres são loucas em confiarem nos homens.

— Minha cara — disse a dama —, ele tem estado inteiramente inconsolável. Posso assegurar-te isso. Ele te julga morta, enlouqueceu de pesar. Tem vindo aqui para verte, todos os dias. Mas é claro que estivestes sempre desacordada. Eu sou a esposa dele e sinto muitíssimo por ele. Eliduc estava tão infeliz... eu queria descobrir onde ele

desaparecia, de modo que o mandei seguir, e foi assim que te encontrei. E agora folgo em que estejas viva, afinal de contas. Vou levar-te daqui comigo. E devolver-te a ele. Direi ao mundo que ele não merece culpa alguma. Depois tomarei o véu.

Falava de modo tão reconfortante que Guilliadun foi para casa em sua companhia. A esposa preparou o criado e o enviou à procura de Eliduc. O criado seguiu a galope e logo encontrou o senhor. Cumprimentou respeitosamente Eliduc, depois narrou-lhe todo o caso. Eliduc salta sobre um cavalo, sem esperar os amigos. Naquela mesma noite voltou para casa e encontrou Guilliadun revivida. Agradece gentilmente à esposa, está no sétimo céu, nunca conheceu tanta felicidade. Não consegue parar de beijar Guilliadun, e esta o beija timidamente, também. Eles não conseguem ocultar a alegria por se reunirem. Quando a esposa de Eliduc viu como estavam as coisas contou ao marido os planos que tinha. Pediu-lhe sua permissão para promover a separação, já que desejava tornar-se freira e servir a Deus. Ele lhe deve dar parte de sua terra, e ela fundaria uma abadia sobre a mesma. E depois ele deve casar-se com a jovem a quem tanto amava, já que não era decente, ou correto, além de estar contra a lei, viver com duas esposas. Eliduc não tentou discutir com ela; fará exatamente o que ela quer, dar-lhe-á a terra.

Nos mesmos bosques perto do castelo que abrigavam a capela do eremitério mandou construir uma igreja e todas as instalações de um convento. Depois conferiu grande extensão de propriedades e outros bens ao mesmo. Quando tudo se achava pronto a esposa tomou o véu, juntamente com trinta outras freiras. Assim criou sua ordem religiosa e seu novo modo de viver.

Eliduc casou-se com Guilliadun. O matrimônio foi comemorado com grande pompa e cerimônia e por muito tempo viveram juntos e felizes em perfeita harmonia de amor. Deram muito do que tinham e executaram muitos atos

generosos, a tal ponto que ao fim também se tornaram religiosos. Depois de muito meditar e pensar Eliduc mandou construir uma igreja do outro lado de seu castelo e a dotou com todo o seu dinheiro e a maior parte de suas propriedades. Nomeou criados e outras pessoas religiosas para cuidarem da ordem e suas dependências. Quando tudo se achava pronto não tardou mais: entregou-se, com os criados, a Deus onipotente. E Guilliadun, a quem tanto amava, mandou juntar-se à primeira esposa. Guildeluec a recebeu como se fosse sua própria irmã e lhe prestou grandes honrarias, ensinando-lhe como servir a Deus e viver a vida religiosa da ordem. Oravam pela salvação da alma de Eliduc e este, por sua vez, orava por ambas. Graças a mensageiros sabia como iam, como se reconfortavam mutuamente. Todos os três procuraram, a seu próprio modo, amar a Deus com a fé verdadeira e, ao fim, pela misericórdia de Deus, em quem repousa toda a verdade, todos tiveram uma morte tranquila.

Os nobres celtas compuseram esta estória faz muito tempo, a fim de emoldurar a estranha aventura desses três. Que nunca seja esquecida!

## Pobre Koko

*Byth dorn re ver dhe'n favas re hyr,  
Mes ded hep tavas a-gollas y dyr.*

Certas situações melodramáticas extraídas do romance de detetive e de emoções foram tão batidas pelo cinema e televisão que, desconfio, uma lei nova e absurda de probabilidade inversa se criou — quanto mais frequentemente uma dessas situações seja mostrada na tela, tanto menos possibilidade de que ocorra na vida real do espectador. Por irônico que seja eu sustentei debate análogo com um jovem e brilhante gênio da B.B.C. um ou dois meses antes da vivência profundamente perturbadora que constitui o tema desta narrativa. Ele ficara muito desagradavelmente perturbado por minha afirmação descrente de que quanto mais abominável a notícia tanto mais reconfortante era para quem a recebia, já que o fato de que ela houvesse ocorrido alhures vinha demonstrar que não ocorrera aqui, não estava sucedendo aqui e, portanto, jamais aconteceria aqui. Tive de descer, desnecessário é dizer, e reconhecer que o Pangloss de dias recentes, em todos nós, que encara a tragédia como privilégio de outras pessoas, era criatura inteiramente perversa e anti-social.

Ainda assim quando despertei pela primeira vez, nessa noite de minha provação, permaneci em tamanho estado de incredulidade quanto de medo. Dizia a mim próprio que estivera sonhando e o que parecera ter-se estilhaçado certamente ocorrera em meu subconsciente noturno e não na

realidade externa. Escorado sobre o cotovelo examinei o aposento escurecido e depois ouvi, pondo as orelhas a se esforçarem. Mesmo assim a razão me dizia que aquilo por mim receado era mil vezes mais provável em Londres do que onde eu realmente me encontrava naquele instante. Eu sem dúvida me achava a ponto de afundar na cama e apresentar minha reação um tanto infantil àquela primeira noite sozinho em casa relativamente desconhecida. Jamais fui amante do silêncio, tanto nas pessoas quanto nos lugares, e sentia falta dos sons noturnos e familiares em volta de meu apartamento em Londres. Mas veio de baixo, então, um leve tinir, ou tilintar, como se algo metálico houvesse por acidente tocado uma beira de copo ou porcelana. Um simples ranger, o ruído de porta batendo com suavidade, poderia ter permitido outras possibilidades. Aquele era um som que não o permitia. De vagamente alarmado que me achava, com rapidez me tornei insuperavelmente assustado.

Um amigo meu certa feita sustentou que existe uma classe de vivências pela qual todos nós devemos passar antes da morte, se desejarmos afirmar que levamos uma vida plena. Acreditar na certeza de que nos afogamos, por exemplo, seria uma dessas vivências. Ser apanhado na cama — tudo isso ocorria em jantar não muito sério — com a esposa de outrem — era outra; ver um fantasma a terceira e matar outro ser humano a quarta. Recordo que embora eu aduzisse uma ou duas sugestões igualmente absurdas, por conta própria, fiquei um tanto amolado em ter de reconhecer em segredo que nenhuma dessas vivências jamais fora minha, na realidade. Minha vida tem apresentado seus problemas, mas o assassinato nunca se apresentou como solução exequível para os mesmos — ou apenas momentaneamente, no caso de uma ou duas críticas imperdoavelmente injustas, feitas a meus livros. Minha visão horrorosa impediu-me de qualquer participação ativa na Segunda Guerra Mundial. Estivera na cama, certa feita, com a esposa de outrem — durante aquela

mesma guerra — mas o marido se achava confirmadamente na África do Norte durante toda a duração de nossa ligação curta. Minha insuficiência como nadador me mantivera muito a salvo de qualquer perigo de afogamento e os fantasmas, com inexplicável falta de interesse por sua própria causa, parecem do modo mais decidido evitar os descrentes como eu. Mas finalmente ali me achava, após uma faixa de sessenta e seis anos seguros de existência, atravessando outra dessas vivências "vitais": saber que não estava sozinho em casa onde acreditara está-lo. Se os livros não me ensinaram a admirar e desejar a verdade na escrita desperdicei toda a minha vida e a última coisa que desejo fazer neste relato é apresentar-me como criatura outra que não eu mesmo. Jamais fingi ser homem de ação, embora gostasse de pensar que um certo senso de humor próprio, uma ironia, torna a palavra *livresco* um tanto injusta. Aprendi muito cedo no internato que uma pequena reputação de espírito — ou, pelo menos, certa capacidade de perfurar o balão dos pretensiosos — pode contrabalançar em parte os rótulos condenatórios de "traça de livro" e "caxias" junto a todos os demais estudantes, a não ser os mais descaradamente atléticos. Sem dúvida entreguei-me à malícia característica dos fisicamente destituídos e por certo não vou fingir que nem sempre tenha desfrutado — e, ao que receio, ajudado a propagar às vezes — o tipo de mexericos que resulta em descrédito para outro autor. Tampouco o meu vitoriosíssimo livro feito às pressas, *The Dwarf in Literature* ("O Anão na Literatura"), foi todo o modelo de análise objetiva e erudita que fingia ser. Deploravelmente sempre achei os meus defeitos mais interessantes do que as virtudes alheias e tampouco posso negar que os livros — escrevê-los, lê-los, criticá-los, ajudar a levá-los ao prelo — tenham sido minha vida mais do que a própria vida. Parece adequado que eu tenha estado onde estive aquela noite, totalmente por causa de um livro.

Das duas malas que me haviam acompanhado no táxi da estação em Sherborne na véspera, a maior estivera cheia de papel — anotações, rascunhos e textos essenciais. Eu me achava bem próximo ao fim de ambição que perdurara toda a vida — uma biografia e relato crítico definitivos de Thomas Love Peacock. Não devo exagerar, pois não iniciara o trabalho sério senão cerca de quatro anos antes, mas o desejo de ter um livro assim em meu cabedal me acompanhara desde os vinte anos de idade. Sempre haviam surgido bons motivos práticos pelos quais meus outros esforços viessem a receber a prioridade que pareciam exigir, mas aquele era o mais querido de meu coração. Eu preparara devidamente os conveses para o ataque ao objetivo final, tendo então de descobrir que Londres, essa abominável Londres nova que parece decidida a copiar New York, vinha vetar meu pequeno plano. Uma construção desde muito falada, ameaçadora e maior do que as outras foi posta repentinamente em execução do outro lado da rua, diante de meu apartamento em Maida Vale. Não eram apenas o ruído e poeira da demolição inicial e o conhecimento de que a marcha do condenado pseudo-arranha-céu que pretendiam levantar sobre os destroços do que fora um terraço italianado tranquilamente firme logo viria-privar-me de uma preciosa visão do quadrante ocidental. Passei a encarar aquilo como a apoteose de tudo contra que Peacock levantara; tudo que não era humano, inteligente e equilibrado. O rancor diante de tal intromissão começou a afetar o trabalho que executava; certas passagens do rascunho simplesmente utilizavam Peacock como desculpa para diatribes descabidas contra minha própria era. Nada tenho contra tais diatribes, quando permanecem no lugar devido, mas sei que ao ceder às mesmas, no meu livro, estava traindo tanto o meu examinado quanto o meu próprio raciocínio.

Eu discorria certa noite sobre tudo isto, e com alguma perturbação (e não sem algum benefício premeditado) para

dois amigos, em sua residência de Hampstead. Ao correr dos anos passei bom número de fins-de-semana agradáveis na cabana que pertence a Maurice e Jane, no North Dorset, embora tenha de reconhecer que meu prazer ali era mais pela companhia do que pelo ambiente rural. Não sou amante do campo e sempre preferi a natureza na arte à natureza na realidade. Penso agora, todavia, em Holly Cottage e seu vale isolado tão nostalgicamente quanto seria possível — e como refúgio perfeito em minha hora de necessidade. Minhas vacilações quando me ofereceram tal refúgio foram, eu reconheço, muitíssimo perfuntórias. Submeti-me sorridente à caçoada de Jane por causa de meu anseio repentino por um campo cujo gênio providente ela adorava e pelo qual eu, na opinião dela, alimentava opinião vergonhosamente tibia....Thomas Hardy nunca foi meu tipo de chá. Deram-me as necessárias chaves, um guia de compras improvisado por Jane e orientação geral sobre o esoterismo funcional da bomba de água elétrica e o aquecimento central, isto vindo de Maurice. Assim armado e instruído eu, no final da tarde que antecederia aquele rude despertar durante a noite, me apoderara de minha versão temporária e humilde da fazenda sabina com sensação muito genuína de alegria. Parte de meu choque — e incredulidade — era certamente causada pelo fato de ter ido dormir naquela certeza esperada de concentração fértil da atenção que faltara de modo tão global durante as duas semanas anteriores.

Apercebia-me agudamente, ao sentar-me na cama, que o som agora ouvido não era na sala de estar embaixo, porém na escada. Minha posição de paralisia era absurda — e, está claro, altamente destituída de coragem. Mas não se tratava apenas do fato de eu estar sozinho. A cabana estava sozinha. Havia uma fazenda a quatrocentos metros de distância naquela estrada e além dela, a cerca de meio quilômetro ou mais a aldeia, onde sem dúvida o delegado se achava muito bem acomodado no leito e dormindo. O telefone encontrava-se

na sala de visitas lá embaixo, de modo que ele poderia muito bem estar no outro lado do mundo, no que tangia d qualquer ajuda possível a me prestar.

E eu, naturalmente, podia fazer ruídos altos, na esperança de que o intruso viesse a considerar a discricão como sendo a parte mais ajuizada da invasão de domicílios alheios. Eu alimentava a idéia de que os ladrões profissionais evitam a violência, mas o juízo me dizia que uma roça distante e no Dorset dificilmente seria lugar onde os ladrões profissionais se dedicariam a seu métier. O visitante, muito mais provavelmente, seria algum nervoso amador vindo da aldeia. Uma conversa que tivera certa feita com Maurice voltou-me desasadamente à recordação: como o único motivo pelo qual a parte de crimes se mostrava tão baixa nas regiões rurais como aquela era a estrutura social cerrada. Quando todos conheciam a todos, o crime se mostrava difícil ou desesperado.

Tampouco conseguiu sobreviver por muito tempo a débil esperança derradeira de que o tilintar tivesse explicação natural. Surgiu um raspar, como o de cadeira que é arredada para o lado. Tinha de enfrentar a realidade: Holly Cottage estava sendo "feita". Mostrava-se fácil demais adivinhar o motivo — a despeito das estatísticas de Maurice — pelo qual se vira escolhido. Seu isolamento era óbvio e devia constituir conhecimento comum, na localidade, de que aquilo pertencia a pessoas londrinas que vinham em fins-de-semana e cujas estadas mais prolongadas se confinavam ao verão. O dia era uma quarta-feira — agora uma quinta-feira, já que o relógio informava passar de uma da madrugada — e o mês de novembro. Eu não dirijo automóvel, não havia qualquer veículo lá fora para denunciar a presença de ocupante, e eu me fora deitar cedo, a fim de estar revigorado para um primeiro e prolongado dia de trabalho.

Até onde sabia nada havia de grande valor na cabana — certamente não, a julgar pelos padrões do ladrão profissional. O lugar fora mobiliado com a simplicidade costumeira de Jane, e seu bom-gosto. Eu sabia que havia uma ou duas peças de boa porcelana, algumas pinturas do gênero ingênuo-pastoral do século dezenove que (por motivos além de minha compreensão pessoal) obtêm um preço elevado nos dias que correm. Não podia lembrar-me de qualquer prataria e supunha que Jane dificilmente teria deixado algo muito precioso em matéria de jóias, por ali.

Ainda assim surgiu outro som — para pequeno alívio meu, ainda lá de baixo. Parecia vagamente pneumático, talvez causado por alguma porta de aparador grudada e recusando-se a abrir. Faltava-me o conhecimento com os sons naturais das casas, que se adquire somente após viver prolongadamente nelas. Tomei, no entanto, alguma medida positiva — isto é, saí às apalpadelas para apanhar meus óculos na escuridão, pondo-os no rosto. Depois extraí as pernas de sob os cobertores e sentei-me na beira da cama. Sem dúvida era sintomático que o fizesse com a maior cautela, como se fosse eu o ladrão. Mas a mim simplesmente não ocorria o que devia fazer. Com certeza haveria de sair-me pior, caso se travasse uma luta. Não podia alcançar o telefone sem defrontar a criatura e o jovem — eu já resolvera que se tratava de algum vilão cabeludo da aldeia, com punhos do tamanho de presunto e mentalidade a essa altura — por certo não me deixaria utilizá-lo sem luta. E estava também à escuta de algo mais — o som de uma voz baixa. Não me sentia certo, em absoluto, de que teria de lidar com apenas uma pessoa. A forma mais barata de coragem holandesa é utilizar o cúmplice.

Também devo confessar, passando tudo em retrospecto, que tinha motivação totalmente egoísta. Não era minha propriedade que roubavam. As coisas únicas de valor imenso para mim, pessoalmente, eram os papéis e o resto que tinha a

ver com o meu Peacock. Eu os colocara sobre a mesa no outro aposento do pavimento térreo, o que se achava mais distante de mim, a sala de estar. Dificilmente correriam algum perigo da parte do semi-analfabeto que estava vasculhando lá por baixo. Talvez pudessem servir a criatura mais inteligente, advertindo-a de que a cabana não estava vazia em absoluto, mas quanto a sinais mais evidentes de ocupação... eu me tornara vítima tanto de minha indolência quanto de meu sentido sempre incipiente de arrumação das coisas — tendo retirado e lavado os pertences, após a ceia leve que preparara para mim próprio, e não me dando ao trabalho, como Jane recomendara, de acender o fogo na lareira para "alegrar o lugar". O tempo estava mormacento, suave depois do que fizera em Londres e eu não me dera ao trabalho de ligar o aquecimento central — apenas acionara um fogo elétrico, que a essa altura se acharia frio por completo. A geladeira continuava desligada, já que eu não fizera compra de gêneros perecíveis. A luz vermelha no aquecedor de água brilhava no aparador ao lado do leito. Eu reabrira as cortinas lá embaixo, aprontando-me para o amanhecer e trouxera minhas outras malas para o pavimento de cima. Se agisse de modo consciente não teria conseguido apagar com mais eficácia qualquer sinal de minha presença na cabana.

A situação se tornava intolerável. Outros sons vinham, indicando que a pessoa lá embaixo estava plenamente confiante em que se achava sozinha na casa. É verdade que por mais que esforçasse o ouvido não percebia agora o menor murmúrio de outra voz, mas se tornava cada vez mais claro que mais cedo ou mais tarde o ladrão viria tentar sua sorte no pavimento de cima. Por toda a vida alimentei ódio à violência, na verdade à maior parte de todos os tipos de contato físico. Não travara uma luta desde a infância menor. Um mestre em minha escola preparatória, à maneira bárbara de gente da sua laia, se referira a mim como um camarão, e o apelido fora unanimemente adotado pelos meus amigos de então. Jamais

me pareceu muito justo ou preciso, já que os camarões, ao menos, têm certa rapidez de movimentos e agilidade e eu nunca desfrutei essas pequenas compensações por minha estatura ridícula e uma falta total de "músculos". Só em tempos relativamente recentes de minha vida é que consegui ultrapassar a crença familiar de que me achava constitucionalmente condenado à morte prematura. Gosto de colocar-me — apenas em sentido físico, apresso-me a dizer — juntamente com Pope, Kant e Voltaire. Estou tentando explicar o motivo pelo qual nada fiz. Não era tanto o medo de ferimento ou morte como a percepção de como seria fútil qualquer medida que os provocasse.

E havia também aquela sensação de concentração fértil a que me referi faz pouco — tal fora a garantia de uma vida intelectual ainda vigorosa, à minha frente. Sentia-me mais do que disposto a acabar o rascunho final e apresentar meu retratado, fascinante e ainda muitíssimo subestimado, em belas páginas impressas. Raramente tivera tanta confiança, já a três-quartos de um livro e sustentava decisão igual agora, sentado naquela cama, no sentido de não deixar que qualquer coisa naquela situação ridícula viesse a pôr em perigo minha tarefa de levá-lo ao fim.

Meu dilema, no entanto, continuava penoso. Contava a qualquer instante ouvir passadas subindo as escadas. Foi quando ouvi um som que fez meu coração saltar com alívio inesperado — um som que eu podia identificar. A porta dianteira da cabana era fechada por um trinco de madeira. Havia ferrolho, que se podia abrir em silêncio, mas o trinco era um tanto emperrado e costumava estalar ao ser levantado. Fora isso que acabara de ouvir. Para minha alegria o som seguinte veio do lado externo. Reconheci o pequeno ranger do portãozinho de vime que dava do jardim dianteiro e estreito para a estrada. Parecia que, contra todas as expectativas, meu visitante indesejado julgara ter visto o bastante. Não sei que impulso me fez ficar em pé a essa altura

e ir tateando cuidadosamente até a janela do quarto. Reinava grande escuridão lá fora quando eu tomara rápido alento de ar puro — com aquela satisfação delambida de propriedade ilegal alimentada pelas pessoas que emprestaram as casas — à porta da frente, antes de subir para deitar-me. Mesmo em plena luz do dia minha miopia teria tornado duvidosa qualquer espécie de identificação útil. Algo em mim, todavia, desejava ter o vislumbre de uma sombra escura... não posso precisar o motivo. Talvez fosse apenas para ter certeza completa de que agora me achava em paz.

Assim é que fitei cautelosamente do lado da janelinha, de onde se via a estrada ao lado da cabana. Contava ver pouquíssimo e, para minha surpresa e consternação, deu para ver muito bem — e por motivo muito simples. As luzes na sala de jantar lá embaixo continuavam evidentemente acesas. Distingui as réguas brancas do portão. Do homem que saíra, sinal algum. Por algum motivo tudo continuou parado e depois veio o ruído de porta de carro que se fechava — de leve, com cuidado, mas não o cuidado absoluto que seria empregado por alguém desconfiando de minha presença. Arrisquei-me a abrir as cortinas de fora a fora mas o automóvel, furgão, o que fosse, achava-se oculto por trás do grupo luxuriante de azevinho que dá nome à cabana. Fiquei por momentos perplexo para saber como podia ter chegado ali e estacionado sem que eu despertasse mas a estrada se acha na inclinação suave do monte, além da cabana. Muito provavelmente havia rolado de lá com o motor desligado.

Não sabia o que pensar. A porta do carro a se fechar indicava sua partida mas as luzes deixadas acesas — nenhum ladrão, por mais inepto que fosse, cometeria tal engano se estivesse realmente deixando o cenário do crime. Não fiquei por muito tempo nessa dúvida. De súbito surgiu uma sombra no portão de vime. Atravessou-o e veio em direção da casa, saindo de minha visão quase antes de eu poder recuar da janela. Os acontecimentos se sucediam com

rapidez nada animadora. Passos rápidos subiam as escadas. Fui tomado por acesso repentino de pânico: tinha de fazer alguma coisa, tinha de agir. Mesmo assim permaneci pregado à janela em uma espécie de catatonia, totalmente incapaz de me mexer. Julguei estar mais assustado por meu próprio pavor do que pela causa do mesmo. O que me mantinha ali paralisado era o conhecimento mais lúcido de que eu não devia agir.

Os passos alcançaram o pequeno patamar no qual as portas para os dois dormitórios da casa se defrontam. O que teria eu feito se o invasor houvesse entrado de início no quarto direito, em vez do esquerdo... de algum modo estranho era um alívio destacado ouvir girar a maçaneta do meu quarto. Tudo era escuridão, não dava para ver coisa alguma e meu estado de paralisia persistiu, como se eu continuasse inutilmente a esperar que aquela presença desconhecida se afastasse. Mas uma lanterna elétrica se acendeu. Descobriu imediatamente a cama remexida da qual eu acabara de sair e fração de segundo depois fui descoberto, pessoalmente, ao lado da janela — em toda a minha idiotice, descalço e de pijama. Lembro-me que ergui o braço, pondo-o sobre os olhos a fim de protegê-los da luz ofuscante, embora o gesto também deva ter parecido fruto de legítima defesa a mais indefesa.

Seguiu-se um silêncio no qual se tornou evidente que a pessoa segurando a lanterna não ia sair correndo dali. Levei à frente uma tentativa débil de normalizar a situação.

— Quem é você? O que faz aqui?

As perguntas eram, respectivamente, estúpida e inoperante, está claro, receberam a resposta, ou falta da mesma, que mereciam. Voltei a tentar.

— Você não tem o direito de estar aqui.

Por momentos a luz da lanterna desviou-se de mim. Ouvi que se abria a porta do dormitório em frente, mas quase no

mesmo instante fui mais uma vez ofuscado pelo brilho da lâmpada, refletindo-se no espelho.

Seguiu-se outra pausa e, afinal, uma voz.

— Volte para a cama.

O tom de voz em que isso fora dito veio aliviar-me um pouco. Eu contara ouvir um sotaque de Dorset, pelo menos um sotaque agressivamente deseducado. Aquele era desenxabido e calmo.

— Toque. Para a cama.

— Não há necessidade de violência.

— Muito bem. Faça o que eu digo.

Hesitei, depois voltei à cama e sentei-me, nervoso, na beirada.

— Cubra as pernas.

Voltei a hesitar, mas não me restava alternativa. Pelo menos estava escapando à brutalidade física. Coloquei as pernas por baixo das roupas de cama e continuei a sentar-me ereto. A lanterna continuava a me pegar e veio mais silêncio, como se eu estivesse sendo decifrado e avaliado.

— Agora os óculos. Tire-os.

Retirei os óculos e os coloquei na mesinha ao lado. A lanterna elétrica abandonou-me por momentos, procurando o interruptor. O aposento encheu-se de luz. Divisei a forma enevoada de um jovem, estatura média, com mãos amarelas das mais esquisitas; em seguida, que ele envergava algum tipo de roupa de blusa azul, creio que de zuarte. Ele veio pelo quarto até onde eu me achava, sentado na cama. Percebi uma espécie de atletismo relaxado e avalei sua idade em pouco mais de vinte anos. Certa característica ectoplásmica em volta de seu semblante, que eu de início atribuíra à minha miopia, vinha agora elucidar-se. Achava-se coberto até os olhos com uma meia feminina de *nylon*. Os cabelos eram escuros, por

baixo do quepe tricotado e vermelho; os olhos castanhos. E estes me examinavam agora, prolongadamente.

— Por que está se cagando de medo, homem?

A pergunta era tão absurda que não procurei respondê-la. Ele estendeu o braço e apanhou meus óculos, depois espiou pelas lentes, por momentos. Compreendi que o amarelo incongruente das mãos era o de luvas de cozinha — naturalmente para evitar impressões digitais — e mais uma vez os olhos acima da máscara, como os de animal oculto e desconfiado, fitavam-me com dureza.

— Nunca aconteceu antes a você?

— Certamente que não.

— Nem a mim. Vamos tocar de ouvido. Certo?

Devo ter-me saído com algum tipo de assentimento, meneando a cabeça. Ele se voltou e foi para onde eu estivera, quando entrara. Ali abriu a janela e, com naturalidade, atirou meus óculos na escuridão da noite — pelo menos vi o gesto de seu braço, que só podia significar isso. Senti raiva nesse momento, e percebi a loucura de exprimi-la. Observei-o fechar a janela, trancá-la e cerrar as cortinas. Voltava agora para o pé da cama.

— Certo?

Eu nada disse.

— Descanse.

— Não acho esta situação repousante.

Ele cruzou os braços e me contemplou por alguns segundos; em seguida enristou o dedo apontando, como se eu lhe houvesse pedido a solução de algum problema.

— Vou ter de amarrá-lo.

— Muito bem.

— Não se importa, então?

— Infelizmente não me cabe escolha.

Outro silêncio e ele soltou uma fungada de divertimento.

— Jesus. Quantas vezes imaginei isto. Milhares de modos. Mas nunca assim.

— Sinto muito desapontá-lo. Nova pausa para avaliações.

— Pensei que você só usava este lugar nos fins de semana.

— Acontece que apanhei emprestado com os donos.

Ele dedicou mais pensamentos à informação, depois voltou a enrustar o dedo amarelo para mim.

— Peguei.

— Pegou o quê?

— Peguei quem quer levar uma coca pelos amigos. Certo?

— Meu caro jovem, tenho metade do seu tamanho e três vezes a sua idade.

— Certo. Estava brincando.

Ele se voltou e olhou em volta, mas eu parecia interessá-lo mais do que qualquer de suas oportunidades profissionais. Apoiou-se em uma gaveteira e voltou a me falar.

— É o que se lê. Como os velhotes sempre reagem. Vêm cambaleando, com os aticadores e facas de pão.

Eu respirei fundo. Ele disse:

— Propriedade. O que faz às pessoas. Sabe do que estou falando? — e aduziu: — Não se aplica em seu caso. Pois é.

Descobri que eu próprio fitava meus pés por baixo dos cobertores. De todos os pavores ficcionais ligados à situação e que eu .vira ou sobre os quais lera, nenhum incluía a análise

motivacional da vítima, partindo da causa primária. Ele fez um gesto com a lanterna elétrica.

— Devia ter feito barulho, homem. Eu teria dado o pira, feito coelho assustado. Não teria sabido quem era você.

— Posso arriscar-me a sugerir que você cuide de fazer o que veio fazer?

Novo fungado. Ele continuava olhando para mim, depois sacudiu a cabeça.

— Fantástico.

Eu imaginava diversas formas de ação, rápidas e bem objetivas, distinguidas apenas por seus graus de desagradabilidade; não aquele simulacro obscuro de bate-papo tranquilo entre desconhecidos que a casualidade reuniu. Deus bem sabe que eu devia sentir-me aliviado, mas teria preferido um demônio que conhecia — ou que, pelo menos, se ajustasse melhor à idéia geral que temos sobre gente de tal tipo. Talvez ele percebesse parte disso em meu semblante.

— Eu pego casas vazias, amigo. E não pessoas miúdas.

— Nesse caso tenha a bondade de parar de tripudiar da situação. Eu falara com aspereza e demos um passo à frente, rumo ao absurdo. Havia um tom quase suave de repreensão na voz dele.

— Ei. Sou eu que devo estar nervoso, você não. — Abriu então as mãos amarelas. — Acabei de passar por um choque terrível, homem. Você podia ter estado aqui, carregando a espingarda. Qualquer coisa. Enchido minhas tripas de chumbo, no momento em que entrei pela porta.

Reuni forças.

— Não é suficiente que você tenha entrado na casa de duas pessoas decentes, respeitadoras da lei e não muito bem de vida, pretendendo roubá-las de coisas que não têm grande valor, mas das quais elas gostam, e que prezam... — não

terminei a frase, talvez porque não soubesse exatamente como dizer o que era supérfluo nos modos dele. Os meus, todavia, haviam-se tornado tardiamente indignados. A tranquilidade de sua voz era ainda mais arrepiante na audácia, por ter sido convidada.

— Eles têm boa casa em Londres, também?

A essa altura eu compreendera que estava lidando com alguém que pertencia àquele mundo novo e enigmático (para minha geração) dos jovens ingleses sem classe. Ninguém detesta o esnobismo de classe mais sinceramente do que eu, e o fato de que os jovens de hoje se tenham desligado de muitas idiotices antigas não me perturba, de modo algum. Eu apenas desejo que eles não rejeitassem tantas outras coisas — tais como o respeito pela língua e sinceridade intelectual — porque acreditam, e nisto se enganam, que eles sejam vergonhosamente burgueses. Eu me familiarizara com jovens não muito diferentes, nas orlas do mundo literário. Também eles de modo geral nada tinham a oferecer senão ares emancipados que alegavam, o fato de não pertencerem a classe alguma; e se atinham aos mesmos com ferocidade assustadora. Em minha vivência observara que o traço a distingui-los era uma sensibilidade agudíssima com relação a qualquer coisa que cheirasse a condescendência, expressão que conglobava tudo quanto desafiava seus próprios ídolos novos, de pensamento confuso e estreiteza mental-cultural. Eu sabia que acabara de transgredir esse mandamento: tu não possuirás mais do que um colchão surrado e cheio de bichos.

— Entendo. O crime como dever do bom revolucionário?

— Não é apenas o pão. Já que falou nisso.

Ele de repente apanhou uma cadeira ao lado da gaveteira, inverteu-a e sentou-se assim, os braços apoiados no respaldo. Mais uma vez fui acusado pelo dedo enristado.

— Do modo que vejo, minha casa tem sido invadida por ladrões desde o dia em que nasci. Está-me entendendo? O sistema, certo? Você sabe o que Marx disse? Os pobres não podem roubar dos ricos. Os ricos só podem roubar dos pobres.

Recordei então de conversa singularmente semelhante — no tom, se não no teor — que mantivera uma semana ou duas atrás com o eletricista que viera reformar parte da instalação elétrica em meu apartamento de Londres. Ele resolvera fazer-me preleções por vinte minutos, sobre a iniquidade dos sindicatos trabalhistas. Mas ostentara o mesmo ar de irrefutabilidade sublime. Entrementes, minha preleção atual prosseguia:

— Vou-lhe contar outra coisa. Eu jogo limpo. Não levo mais do que preciso, certo? Nunca as coisas de valor. Só lugares como este. E já estive com a classe alta nas mãos. E deixei lá mesmo onde encontrei. Puxa vida, eles sacodem as cabeças, dizem ao dono aflito que ele teve muita sorte porque o trabalho não foi bem feito. Só um palhaço teria deixado de ver a bandeja de Paul de Lamerie. O bule de chá do primeiro período Worcester. O John Sell Cotman. Certo? Mas os palhaços de verdade são aqueles por fora de que as coisas de valor ficam quentes, desde o momento em que a gente pega. Por isso, em qualquer Jiora em que sou tentado, penso no sistema, está-me entendendo? É o que mata tudo. A ganância. Eu também. Se eu deixasse. Por isso nunca sou ganancioso. Nunca cumpri pena. Nunca vou cumprir.

Bom número de pessoas já tentou justificar, a mim, o comportamento errado, porém jamais em circunstâncias tão ridículas. Talvez o maior absurdo de todos fosse aquele chapéu de lã vermelha. À minha vista fraca ele se assemelhava muitíssimo ao barrete de um cardeal. Não vou afirmar que começava a me divertir, pois estaria muitíssimo longe da verdade, mas comecei a sentir que estava com o

necessário para uma estória que me alimentaria por meses seguidos.

— Outra coisa. O que faço. Eu sei, machuca as pessoas... o que você disse. Coisas de que eles gostam. Tudo isso. Mas talvez ajude essa gente a ver que puta mentira é esta coisa toda de propriedade. — Ele deu um tapa no respaldo da cadeira em que se sentava ao contrário. — Quer dizer, você já pensou? É doideira. Esta não é minha cadeira, nem sua. Cadeira do seu companheiro. Só uma cadeira. Não pertence a pessoa nenhuma, na verdade. Muitas vezes penso assim. Você sabe, eu levo coisas para casa. Olho bem. Não acho que seja minha. Ela é apenas o que é, certo? Não muda. É, só isso. — E se afastou para trás. — Agora diga se estou errado.

Eu sabia que qualquer tentativa de debate sério com aquele jovem palhaço seria o mesmo que debater a metafísica de Duns Scotus com um comediante do mundo musical: só seria possível tornar-se objeto de seu ridículo. Suas perguntas e provocações eram convites canhestros para um bate-cu; mesmo assim apercebia-me cada vez mais que devia tentar serená-lo.

— Concordo que a riqueza esteja mal distribuída.

— Mas não concorda com meu modo de acertar a questão.

— A sociedade não sobreviveria muito tempo se todos partilhassem suas opiniões.

Mais uma vez ele se mexeu, depois sacudiu a cabeça, como se eu houvesse jogado mal em uma partida de xadrez. De repente se ergueu e recolocou a cadeira no lugar, começou a abrir as gavetas do móvel. Seu exame pareceu muito perfuntório. Eu colocara algumas moedas de troco e as chaves em cima do móvel e ouvi que ele as remexia. Mas não embolsou coisa alguma; entrementes eu orava em silêncio

para que lhe escapasse a ausência de uma carteira. Achava-se no paletó, em cabide por trás da porta que se abriu, e estava agora aberta, contra a parede — encontrando-se assim oculta. Ele se voltou para encarar-me mais uma vez.

— Pois é, se todos se matassem amanhã não haveria problema de população.

— Acho que não entendi a comparação.

— Você está só dizendo palavras, homem. — Ato contínuo aproximou-se da janela e olhou a si próprio em pequeno espelho. — Se todos fizessem isso, se todos fizessem aquilo. Mas eles não fazem, certo? Como se o sistema fosse diferente, eu não estaria aqui. Mas estou aqui. Certo?

Como a acentuar sua presença, tirou o espelho da parede e eu desisti de fazer a Alice naquele País dos Espelhos de *non sequiturs*. *Eu sou o que sou* pode estar muito bem em seu contexto mais famoso mas não constitui base para conversa racional. Ele parecia aceitar que eu fora silenciado por sua refutação do imperativo categórico e passava agora a um par de aquarelas dependuradas na parede dos fundos do quarto. Vi que as tirava de lá e examinava, uma de cada vez, parecendo-se absurdamente a algum possível comprador em leilão de interior. Momentos depois, colocava-as sob o braço.

— Do outro lado... alguma coisa por lá?

Eu respirei.

— Não, até onde sei.

Mas ele desapareceu com seus "bagulhos", passando ao outro quarto. Já não se importava com o ruído feito. Ouvi que outras gavetas eram abertas, o guarda-roupas. Nada havia que eu pudesse fazer. Uma corrida ao pavimento térreo, até o telefone, mesmo se estivesse com meus óculos defenestrados, não teria a menor possibilidade de êxito.

Vi que ele saía do quarto e se inclinava sobre algo no patamar, uma bolsa ou valise. Seguiu-se o amarfanhar de papéis. Finalmente ele se ergueu e voltou a aparecer no umbral da porta do meu quarto.

— Pouca coisa — anunciou. — Mas não importa. Só seu dinheiro, e é tudo. Desculpe.

— Meu dinheiro?

Ele fez um gesto na direção da gaveteira.

— Vou-lhe deixar o troco.

— Já não apanhou o bastante?

— Desculpe.

— Tenho pouquíssimo dinheiro comigo.

— Nesse caso, não lhe fará falta. Certo?

Não fez qualquer gesto carregado, não havia qualquer ameaça evidente na voz, limitava-se a ficar ali, observando-me. Mas a prevaricação maior se afigurava inútil.

— Atrás da porta.

Ele enristou mais uma vez o dedo para mim, depois se voltou e puxou a porta. Assim ficou à mostra meu paletó esporte. Era absurdo, mas eu me senti embaraçado. Querendo poupar-me ao trabalho de descobrir um banco em Dorset eu descontara um cheque de cinquenta libras pouco antes de sair de Londres. Ele descobriu naturalmente a carteira e as notas, no mesmo instante. Vi que apanhava as últimas e as examinava. E para minha surpresa veio, deixou uma cairão pé da cama.

— Cinco por haver tentado. Certo?

Enfiou o resto do dinheiro no bolso da calça e depois examinou distraidamente a carteira, e afinal retirou da mesma o cartão de meu banqueiro, examinando-o.

— Ora, ora. Acabei de manjar. É você, naquela mesa lá embaixo.

— Na mesa?

— Todo aquele papel escrito, e outras coisas.

Os três primeiros capítulos haviam sido dactilografados e ele devia ter olhado a página do título, lembrando-se de meu nome.

— Vim aqui para terminar um livro.

— Você escreve livros?

— Quando não estou sendo roubado. Ele continuou a examinar a carteira.

— Que tipo de livros? Não respondi.

— De que trata aquele, lá embaixo, então?

— Trata de alguém de quem você não terá ouvido e, por favor, podemos dar um fim a esta questão tão desagradável?

Ele fechou a carteira e jogou-a ao lado da nota de cinco libras.

— Por que você tem tanta certeza de que não sei nada?

— Eu não queria insinuar isso.

— Vocês sempre entendem a gente muito mal. Tentei ocultar minha irritação crescente.

— O tema de meu livro é um novelista morto há muito tempo, chamado Peacock. Não é muito lido nos dias de hoje. Eis tudo quanto eu queria dizer.

Observava-me com atenção. Eu transgredira outro mandamento e agora sabia que precisava ser mais reservado.

— Certo. Porque, então, você escreve um livro sobre ele?

— Porque admiro o trabalho que fez.

— Por quê?

— Tem qualidades que, a meu ver, faltam a nossos tempos.

— Tais quais?

— Humanismo. Bons modos. Crença forte em... — e estava na ponta da língua dizer "Decência comum"... — Bom senso.

— Eu gosto de Conrad. É o maior.

— Muitas pessoas pensam como você.

— E você, não?

— Acho que é ótimo novelista.

— O maior.

— Certamente um dos melhores.

— Tem uma coisa comigo, a respeito do mar. Sabe do que falo? — assenti, no que contava que fosse um gesto de aprovação adequada mas ele evidentemente continuava pensando em minha descortesia referente aos autores dos quais não teria ouvido falar. — Vejo livros por aí, às vezes. Novelas. História. Livros de arte. Levo para casa. Leio. É aposto com você que sei mais sobre as antiguidades do que a maior parte dos negociantes. O caso é que eu vou a museus. Só para olhar. Nunca roubaria um museu. Acho que não se rouba um museu, rouba-se o pobre idiota que vai olhar.

Parecia contar com uma resposta e eu me saí com outro assentimento levíssimo. As costas me doíam, eu estivera sentado com muita tensão por toda aquela idiotice. Não eram os modos dele, mas o ritmo que determinara: *andante* quando devia ter sido *prestissimo*.

— Nos museus é como devia ser. Nada de propriedade particular. Só museu. Onde todos podem ir.

— Como na Rússia?

— Certo.

Os literatos, naturalmente, mostram-se perenemente susceptíveis aos excêntricos. Cativante não pode ser o adjetivo a usarmos para alguém que acabou de nos separar de quarenta e cinco libras que nos fazem muita falta. Mas tenho certa habilidade em imitar sotaques — para contar casos que requerem esta capacidade bastante cruel — e começava, por baixo do medo e da exasperação, a saborear uma ou duas das esquisitices mentais e linguísticas de meu atormentador. Dediquei-lhe um sorriso dos mais ralos.

— A despeito do que eles fazem lá cojn os ladrões?

— Homem, eu não faria isto por lá. É muito simples. Você tem de odiar, certo? E tem muito a ser odiado por aqui. Não há problema. Muito bem, é verdade que eles pagaram em muitas coisas por lá. Mas, pelo menos, estão tentando. É o que gente como eu não aguenta, neste país aqui. Ninguém está tentando. Você sabe quem são as únicas pessoas que tentam, neste país? Os putos dos *Tories*. Quer dizer, eles são uma cambada de profissionais de verdade. Caras feito eu, nós somos café pequeno perto deles.

— Meus amigos donos desta cabana não são *Tories*. Na verdade, estão muito longe disso. Tampouco sou eu, já que falamos no assunto.

— Grande coisa.

Mas ele o dissera em tom desapaixonado.

— Dificilmente nós podemos ser considerados como um golpe em favor da causa.

— Ei, você está querendo que eu me sinta culpado, ou uma coisa assim?

— Só um pouco mais ciente das complexidades da vida. Ficou a me fitar por momentos prolongados e eu calculei que logo viria outra rajada de suas ingenuidades pseudomarcusianas — se isto não é uma tautologia. Mas ele,

de súbito, arregou o pulso de uma das luvas amarelas e consultou o relógio.

— Uma pena. Foi divertido. Certo. Agora. Tenho muita viagem pela frente, de modo que vou fazer uma xícara de café para mim. Certo? Você, você se levanta, vai com calma, veste a roupa. Depois desce lá para baixo.

Meus receios, por algum tempo amortecidos, voltaram a se apresentar.

— Por que minhas roupas?

— Tenho de amarrá-lo, homem. E não queremos que você apanhe resfriado, amarrado e esperando. Queremos?

Assenti.

— Bom rapaz — e ele se dirigiu à porta, mas de lá se voltou. — E, senhor... café, também?

— Não, obrigado.

— Uma xícara? Não tem problema.

Sacudi a cabeça enquanto ele descia a escada. Sentia-me fraco, mais abalado do que imaginara e sabia que os momentos recém-vividos eram uma parte relativamente agradável da coisa toda. Tinha agora de suportar horas inteiras amarrado, e não percebia como viriam soltar-me. Não querendo ser interrompido, nada fizera para que mandassem para ali minha correspondência, e dessa maneira nenhum carteiro deveria surgir na cabana. O leite, como Jane me advertira, tinha de ser buscado por mim na fazenda. Não dava para imaginar o motivo pelo qual alguém quisesse sequer aproximar-se da cabana.

Levantei-me e comecei a me vestir — e a passar em revista o que eu deduzira daquele Raffles de estilo novo, que descera para o térreo. O fato de que ele tanto gostasse de ouvir a própria voz me permitira, pelo menos, formar certa impressão vaga sobre seus antecedentes. Qualquer que fosse

o lugar do qual se originava, eu tinha quase certeza de que seu ambiente normal era Londres, agora — pelo menos, uma cidade grande. Não pudera perceber qualquer sotaque regional mais claro. Isso podia depor no sentido de origem menos classe trabalhadora do que sua linguagem grotesca indicava, mas, de modo geral, eu achava que ele subira mais do que caíra. De modo muito evidente desejara impressionar-me com suas pretensões de educação. Na verdade eu podia crer que ele, digamos, passara nos exames de admissão e talvez houvesse frequentado um ano em alguma universidade menor. Eu via nele muitos dos mecanismos de defesa surgidos de uma sensação de frustração que me eram conhecidos, existentes em alguns filhos de meus próprios amigos.

O próprio filho mais jovem de Maurice e Jane havia (para mortificação acentuada dos pais, que à moda liberal característica de Hampstead eram inteiramente tolerantes para com a revolução jovem) recentemente passado a exhibir muitos dos mesmos ares e desgraçosidades. Tendo abandonado Cambridge e a "futilidade total" de estudar advocacia — o fato de que o pai fosse procurado certamente tornava tal renúncia duplamente agradável — tinha anunciado que ia compor música folclórica. Após alguns meses de petulância crescente (ou isso me foi dado a entender pelos pais) por não conseguir êxito instantâneo nesse terreno ele se retirara — se é esta a expressão — para uma comuna maoísta dirigida por alguma filha fugida de um milionário em South Kensington. Delineio a carreira dele de modo um tanto irreverente mas a perturbação muito genuína e compreensiva de Maurice e Jane diante do desastre em que Richard tornava sua vida jovem não era coisa para rir. Eu ouvira o relato de uma noite amarga, quando ele saíra pela primeira vez de Cambridge, e na qual denunciara o modo de vida deles e tudo que tinha a ver com o mesmo. Aquelas duas vidas dedicadas à luta por causas boas e lúcidas, que variavam do

desarmamento nuclear à preservação das árvores na Avenida Fitzjohn foram de repente lançadas em seus próprios rostos — e seu crime principal (pelo que contou Jane) era o fato de que ainda viviam em uma casa que haviam adquirido quando se tinham casado em 1946, por alguns milhares de libras, e que agora valia sessenta mil libras, ou mais. Gente assim se tornara o alvo comum de todos os satiristas e certamente existe uma dissonância entre as vidas agradáveis que levam em particular e a batalha em favor dos subprivilegiados, que efetuam em público. Talvez um procurador bem sucedido na vida não devesse gostar de primeiras noites, embora dê gratuitamente seu conhecimento legal a qualquer grupo ativo que peça; talvez um conselheiro trabalhista (como Jane foi por muito anos) não devesse gostar de preparar jantares dignos de uma Elizabeth David; mas o crime pior e verdadeiro dos dois, aos olhos de Richard, era pensar que essa vida equilibrada fosse inteligentemente decente, em vez de cegamente hipócrita.

Embora eu solidarizasse com a indignação de Maurice e suas acusações de irresponsabilidade egoísta, talvez Jane se mostrasse mais precisa no diagnóstico final que fez. Ela arrazoou, creio que corretamente, que embora *épater la famille* formasse um elemento na queda do rapaz, o câncer verdadeiro nele e em seus semelhantes era o idealismo intransigente. Ele se achava tão apanhado — ou maconhado — por visões de glória artística e modos de vida nobremente revolucionários que as possibilidades normais à sua frente se tornavam inapelavelmente rebarbativas. Como Jane o dissera muito bem, ele queria o Everest em um dia; se fossem necessários dois, perdia o interesse.

O meu próprio espécime de juventude em revolta resolvera apenas seus problemas com um pouco mais de êxito — por uma espécie de lógica invertida alguém poderia dizer que o fizera de modo mais convincente — do que o jovem Richard com o seu Livrinho Vermelho. Ele, pelo menos,

sustentava-se financeiramente, à sua maneira. O sub-submarxismo era piada, está claro; mera justificação da moda após o ato como o próprio Marx, bom e velho quadrado da classe média que foi, teria sido o primeiro a demonstrar.

Quase não é necessário dizer que, na época, não tracei o tipo de paralelo estendido, com Richard, que acabei de traçar aqui. Mas havia pensado no rapaz, em pé enquanto vestia as roupas — e mal pensara e já o implicara. Já me havia posto a pensar como o jovem do térreo soubera da existência de Holly Cottage. Quanto mais pensava tanto mais o lugar parecia improvável para ser roubado. Evidenciava-se, portanto, que ele sabia residirem os proprietários em Londres. Poderia tê-lo descoberto na fazenda ou no bar local, mas parecia demasiadamente por dentro para correr riscos desnecessários desse tipo. Assim sendo por que não teria tomado conhecimento de Maurice e Jane e sua cabana junto aos próprios companheiros da juventude rebelde? Eu por certo jamais percebera algo maligno ou odioso em Richard e não podia imaginar que ele houvesse deliberadamente instado com alguém para "fazer" a propriedade dos pais — o que quer que houvesse dito a eles, em momento de crise. Mas ele poderia ter falado sobre a propriedade à sua coleção de jovens candidatos a reformadores do mundo... e eu dispunha de indicações suficientes de que o meu próprio garotão se tinha na conta de filósofo político da mesma laia. Ele acabara de revelar que tinha muita distância a percorrer na viagem seguinte. Tal vinha sugerir Londres como destino. A hipótese me chocava, mas parecia plausivelmente provável.

Eu procurava ainda tentar confirmá-la mediante alguma outra coisa casual que ele houvesse deixado escapar quando ouvi sua voz ao pé da escada.

— Pronto quando você estiver pronto, meu tio.

Era preciso descer. Procurei desesperadamente alguma pergunta inocente que pudesse ajudar a confirmar meu

palpite, mas nenhuma me ocorreu — e mesmo que estivesse com razão ele teria visto o perigo assim que eu me revelasse como amigo dos pais de Richard.

Encontrei-o sentado à mesa rústica, velha e firme, no centro da sala de estar. As cortinas da parte dianteira achavam-se cerradas. Estava com caneca de café à mão, que ergueu quando surgiu. Além dele vi o umbral iluminado dando para a cozinha.

— Tem certeza de que não quer café?

— Tenho.

— Um gole de *brandy*, então? Há algum no aparador.

Sua mistura de audácia e solicitude mais uma vez me levou a respirar fundo.

— Não, obrigado.

Relanceei o olhar pelo aposento e notei que duas ou três pinturas haviam desaparecido e parecia menor o número de peças de porcelana na mesa ao lado da qual eu me encontrava, menos do que quando olhara pela última vez.

— É melhor passar para ali, então. — E ele fez gesto na direção da cozinha, sem que eu entendesse o que queria dizer, por momentos. — Necessidades fisiológicas e essa coisa toda.

Maurice e Jane haviam mandado construir um lavatório e banheiro a mais, na parte traseira da cabana.

— Por quanto tempo você...

— Alguém deve aparecer de manhã?

— Ninguém, em absoluto.

— Certo.

Ele foi para o canto da sala e vi que apanhava o catálogo telefônico e o folheava, à procura de algo.

— Seu telefone está desligado, por falar nisso. Sinto muito. Continuou folheando o catálogo, depois arrancou uma das páginas.

— Certo? Telefonarei para os tiras daqui., por volta das dez. Se acordar. — E apressou-se a aduzir: — É brinquedo, homem. Descanse. Prometo. — Depois completou: — Você vai ou não?

Entrei na cozinha — e vi a porta para o jardim. Havia um buraco negro e irregular em sua superfície anteriormente lisa de vidro; e amaldiçoei em segredo minha anfitriã ausente por seu sacrifício da precisão menstrual à amenidade doméstica. O meu próprio anfitrião atual entrou e se colocou no umbral atrás de mim.

— E não se tranque lá, por engano. Por favor.

Entrei no lavatório e fechei a porta, descobrindo-me a olhar para o ferrolho. Havia uma janela estreita que dava para o jardim traseiro da cabana. Eu conseguiria passar por ela, ao que suponha mas ele ouviria quando a abrisse; e o jardim tinha uma sebe espessa em volta — a única saída praticável era dar a volta para a parte dianteira da casa.

Quando voltei à sala de estar vi que ele colocara uma cadeira diante da lareira aberta e que a oferecia a mim. Mantive-me no umbral, tentando escapulir desta última indignidade.

— Estou inteiramente pronto a lhe dar minha palavra. Não darei alarme até que você tenha tempo para sua... escapada, ou como é que a chama.

— Sinto muito — disse, e me ofereceu novamente a cadeira, erguendo algo circular; compreendi então que não arranjaría jeito algum. — Fita gomada. Não vai machucar.

Algo em mim continuou a refugar contra aquela humilhação final. Não me mexi. Ele veio em minha direção. Seu desgraçado rosto, mascarado em *nylon*, obsceno de

algum modo, como se tivesse derretido, fez com que eu desse um passo para trás. Mas ele não me tocou.

Empurrei-o e me sentei.

— Bom menino. Agora ponha as patinhas juntas, certo? — e suspendeu duas tiras de papel colorido que devia ter arrancado de alguma revista. — Por cima dos punhos, certo? Assim os seus pêlos não são puxados quando a fita gomada sair.

Observei-o a passar o papel em volta do meu punho esquerdo. Depois ele começou a colá-lo com força ao braço da cadeira. Não pude controlar a tremedeira de minhas mãos. Via-lhe o rosto, até mesmo — tive tal impressão — a sombra de um bigode sob o *nylon*

— Gostaria de perguntar-lhe uma coisa.

— Pergunte, pois.

— O que o levou a escolher esta casa?

— Pensando em descobrir, não é? — mas antes de qualquer resposta de minha parte, ele prosseguiu: — Certo. Cortinas. Cor da tinta. Para começar.

— O que significa isso?

— Significa que sei farejar os lugares de fins de semana, da distância. Tecido muito bom e de classe, pendurado na janela. Vinte libras de lâmpada a óleo no peitoril. Dezenas de coisas. Que tal essa, então? Não está ruim, certo?

Parecia muito aceitável, mas sacudi a cabeça.

— Por que esta parte do mundo?

Ele começou a trabalhar no outro punho.

— Em toda a parte tem birutas que deixam as casas vazias.

— Você veio de Londres?

— Onde é isso, pode dizer?

Tornava-se perfeitamente claro que eu não conseguiria extrair qualquer coisa significativa de seus lábios. Mesmo assim percebi certa inquietação por baixo de toda aquela graça. Isso se confirmou quando ele, muito apressadamente, mudou de assunto, passando de sua vida para a minha.

— Escreveu muitos livros, não foi?

— Uma dúzia, mais ou menos.

— Quanto tempo levou?

— Isso depende do livro.

— E que me diz do que está escrevendo agora?

— Andei pesquisando o material por diversos anos. Isso leva mais tempo do que escrever.

Ele silenciou por momentos, ao terminar de passar a fita no outro pulso. Depois inclinou-se. Senti que empurrava meu tornozelo esquerdo contra a perna da cadeira, depois a constrição da fita adesiva começou a se fazer sentir por lá.

— Eu gostaria de escrever livros. Talvez ainda escreva um. — E depois: — Quantas palavras tem um livro?

— Sessenta mil é o mínimo normal.

— É muita palavra.

— Não pude notar que elas lhe faltam.

Ele ergueu o olhar por momentos, fitando-me.

— Não como você esperava. Certo?

— Não vou tentar negá-lo.

— Pois é. Bem...

Mais uma vez silenciou, enrolando a fita. Descobrira algures um par de tesouras e agora cortava a extremidade em volta de meu tornozelo esquerdo, passava ao outro pé.

— Eu contaria como a coisa é mesmo. Não é só isso. Tudo. A coisa toda.

— E por que não experimenta?

— Está brincando.

— De modo nenhum. O crime encanta as pessoas.

— Certo. Lindo. Depois olhe quem vem bater em minha porta.

— Você teria de disfarçar as circunstâncias reais.

— Nesse caso não seria verdade. Certo?

— Você acha que Conrad...

— Ele era Conrad, não?

Ouvi o estalido da tesoura, indicando que a perna se achava presa, e ele as puxou para fora, verificando se a fita não cedia.

— Seja lá como for. Diversos anos. Isso? É bastante tempo. Pôs-se em pé e olhou o que tinha feito. Eu era acossado pela sensação incômoda de que me tornara um embrulho, um simples problema e embalagem firme. No entanto vinha também o alívio. Nenhuma violência poderia ocorrer agora. Ele disse:

— Certo.

Foi à cozinha mas voltou quase no mesmo instante com um pedaço de corda de roupa e faca de cozinha. Colocou-se diante de mim, medindo duas braças e começou a cortar e serrar a corda com a faca.

— Você, talvez? Escreva a meu respeito... o que acha disso?

— Creio que não poderia escrever sobre algo que nem mesmo comecei a compreender.

Com puxão rápido ele finalmente soltou a extremidade que queria. Passou para trás da cadeira e ouvi sua voz acima de minha cabeça:

— O que você não compreende?

— Como alguém que, aparentemente, não é um idiota, pode comportar-se como você se comporta.

Ele entremeou a corda de roupa pelas réguas no respaldo da cadeira. Seu braço passou por meu ombro e a levou em volta de meu peito, passando por baixo do outro braço.

— Fique direito na cadeira, sim? — Senti que a corda se apertava, depois a extremidade livre foi novamente passada em volta. — Pensei ter explicado tudo.

— Eu posso compreender os jovens que participam na violência de esquerda... mesmo quando perturbam a vida pública. Eles, pelo menos, estão agindo por uma causa. Você parece estar agindo unicamente para seu proveito próprio.

Ao dizer isso eu, naturalmente, contava obter uma pista mais substancial que viesse confirmar minha hipótese sobre Richard. Mas ele não mordeu a isca. Senti que amarrava a corda atrás da cadeira e, mais uma vez, colocou-se à minha frente e me examinou da cabeça aos pés.

— Que tal isso aí?

— Extremamente incômodo.

Observou-me por momentos, e veio outro enristamento de seu dedo.

— Homem, o seu problema é que você não escuta bem. Silenciei, ele me contemplou por algum tempo.

— Agora vou carregar. E já volto para me despedir.

Apanhou uma valise grande que estava por baixo da janela dando para a estrada e dirigiu-se à porta da frente, que

em parte eu podia ver pelo umbral da sala de estar. Escorou-a, aberta, com a valise e depois desapareceu por momentos na sala de visitas. Saiu de lá com algo pálido e quadrado sob o braço, creio que uma caixa de papelão; apanhou a valise, e depois desapareceu na noite. A porta da frente fechou-se sem ruído. Reinou silêncio por quase um minuto, depois ouvi o som leve de uma porta de carro que era fechada. O portão de vime rangeu, mas ele não entrou diretamente na casa. Percebi o motivo quando ele reapareceu. Mostrou-me meus óculos, que colocou sobre a mesa.

— Seus vidrinhos — anunciou. — Continuam em forma. Tem certeza de que não quer um *brandy*?

— Não, obrigado.

— Fogo elétrico?

— Não estou com frio.

— Certo. Mas tenho de amordaçá-lo. Ato contínuo, apanhou a fita e a tesoura.

— Não há ninguém em distância de ouvir. Eu poderia berrar a noite toda.

Ele pareceu hesitar por momentos, depois sacudiu a cabeça.

— Sinto muito, homem. Preciso.

Observei-o a descolar e cortar quatro ou cinco pedaços da fita, que colocou em fileira na mesa a nosso lado. Quando estendeu o braço com a primeira delas meneei instintivamente a cabeça para o lado.

— Isso é inteiramente desnecessário. Ele esperou.

— Vamos. Vamos terminar como começamos.

Tenho a certeza de que me debateria se ele usasse a força. Mas ele se assemelhava a uma enfermeira aborrecida com a recalcitrância do paciente. Ao fim fechei os olhos e

voltei a cabeça para encará-lo. Senti que o emplastro era comprimido de modo oblíquo em minha boca sombriamente rancorosa. Depois foi alisado nas faces, e depois os outros lugares. Quase voltei a sentir pânico por não poder respirar apenas pelo nariz. Talvez ele sentisse parte desse medo, pois me observou com atenção e silêncio, por diversos momentos. Depois apanhou a faca e tesoura e voltou à cozinha. Ouvi que as recolocava na gaveta. A luz da cozinha foi apagada.

Vou contar tão aridamente o que se seguiu quanto me é possível. Eu não poderia de modo algum descobrir as palavras adequadas para descrever o que sofri. Tinha todos os motivos para supor que ele ia agora deixar-me à minha vigília de sofrimentos. Sairia da casa e seria a última vez que o via. Mas ao voltar da cozinha ele estacou ao lado do aparador e abriu uma das gavetas inferiores. Depois se ergueu com uma braçada dos jornais velhos que Jane guardada ali para acender o fogo. Observei, ainda intrigado com o que ele fazia — eu dissera que não sentia frio — ao se ajoelhar na lareira da velha chaminé que se estendia por metade da parede a meu lado. Começou a embolar e amarfanhar o jornal na pedra central da lareira. Durante tudo isto e o que se seguiu não me olhou uma só vez. Comportou-se exatamente como se eu não estivesse ali.

Ao se levantar e desaparecer, rumando para a sala de visitas, eu sabia... e não sabia — ou não podia crer. Mas tive de acreditar quando ele voltou. Reconheci muitíssimo bem as capas vermelhas do volume grande em que eu registrara meu plano-mestre e os rascunhos à mão de diversos trechos essenciais; e a pequena caixa retangular e marrom, contendo meu precioso fichário de referências. Esforcei-me violentamente, meus pulsos e tornozelos, tentei gritar a despeito da fita gomada que me cobria a boca. Alguma espécie de ruído deve ter saído disso, mas ele não deu atenção.

Monstruosamente, fui obrigado a observar enquanto ele se acocorava e punha meus quatro anos de trabalho intermitente mas insubstituível na lareira ao lado, depois se inclinava à frente, isqueiro à mão, e ateava fogo a duas ou três pontas do jornal. Quando aquilo começou a arder ele tranquilamente lançou punhados de folhas datilografadas às chamas. Seguiu-se uma pasta grossa de documentos em fotocópia — cópias de cartas manuscritas, de críticas contemporâneas às novelas de Peacock que eu laboriosamente descobrira, e coisas assim. Não emiti mais som algum, achava-me incapaz de tal — de que adiantava? Nada o deteria agora, nada o arredaria desse ato bestial e inteiramente gratuito de vandalismo. É absurdo falar de dignidade quando alguém está de pés e mãos atados e senti que lágrimas de raiva indefesa estavam quase marejando de meus olhos; mas meu último esforço foi o de suprimi-las. Cerrei os olhos por momentos, depois voltei a abri-los ao som das páginas que eram arrancadas do registro. Com a mesma calma insuportavelmente metódica ele as lançou ao holocausto crescente, cujo calor eu sentia agora em minhas roupas e no rosto, ou o que ficara descoberto no mesmo. Ele recuou um pouco e começou a atirar mais combustível à frente, em vez de deixá-lo cair na pira, como fizera até então. As fichas de referências foram sacudidas e esvoaçaram, caindo para serem consumidas. Após algum tempo ele apanhou um atizador ao lado da lareira e empurrou uma ou duas folhas e fichas apenas chamuscadas para que também se incendiassem. Se, ao menos, eu estivesse com aquele atizador em mão solta! Gostosamente esmagar-lhe-ia o crânio com o mesmo.

Ainda sem me olhar, voltou à sala de visitas. Dessa feita veio de lá com os dez volumes de meus *Collected Works*, copiosamente anotados, e diversas biografias e livros críticos anteriores sobre Peacock que trouxe comigo e empilhara na mesa. Todos eles tinham pedaços inúmeros de papel surgindo

entre as folhas e sua importância ficara declarada, assim, de modo mais do que patente. Também foram consignados, um por um, às chamas. Ele aguardou, cheio de paciência, abrindo os livros com o atizador quando pareciam arder devagar. Observou até mesmo que meu exemplar de Vida, de Van Doren, tinha a espinha partida e cuidou de escancará-lo para que ardesse, melhor. Julguei que ele ia agora esperar até que todas as páginas, todas as linhas impressas se reduzissem a cinzas. Mas ele se pôs em pé após atirar o último volume ao fogo. Talvez percebesse que os livros queimam com muito menos facilidade do que o papel solto; ou contasse que eles ardessem e fumegassem durante a noite; ou não se importasse, agora que o dano principal havia sido feito. Olhou por momentos prolongados para a lareira e, afinal, voltou-se para mim. Sua mão se moveu, julguei que ia bater-me. Mas o que me apresentou, a um palmo do rosto, como para ter certeza de que mesmo alguém tão "cego" quanto eu não podia equivocar-se quanto ao gesto, foi a mão amarela de punho cerrado — e, por incompreensível que fosse, com o polegar erguido. O sinal de misericórdia, quando não houvera misericórdia alguma.

Deve ter deixado a mão nessa posição inexplicável por cinco segundos, ao menos. Depois se voltou e foi para a porta. Lançou um último olhar ao aposento, parecendo sem raiva, apenas a atitude de um trabalhador caprichoso, verificando se tudo se achava em ordem. Creio que não fui incluído nesse exame.

A luz se apagou. Ouvei abrir-se a porta da frente, depois fechar-se. O portão de vime rangeu e também foi fechado. Permaneci sentado e quase desvairado, com as chamas e as sombras malevolamente lambedeiras; com o cheiro acre que, com certeza, era o mais perturbador de todos, após o de carne humana queimada ou conhecimento humano cremado. Fechou-se a porta de um carro, um motor foi ligado — a manobra, mudança de engrenagem ao fazer a volta na

estrada, o leve brilho de faróis incidindo nas cortinas cerradas. Depois ouvi que o carro se afastava, subindo o morro e se distanciando da aldeia. Nessa direção a estrada (eu sabia, pois o táxi que me trouxera na noite anterior a tomara) ia juntar-se à principal rumo a Sherborne, e passava para o nenhures, dessa maneira.

Fiquei com o silêncio, a catástrofe e as chamas que diminuía. Não vou me estender descrevendo os sofrimentos daquelas nove ou dez horas seguintes; de observar o fogo a se apagar, do desconforto crescente, da raiva furiosa pelo golpe atroz que me fora desferido. Rejeitei todos os pensamentos de reconstruir sobre as cinzas literárias que tinha à minha frente. O mundo enlouquecera, eu já não desejava ter coisa alguma a ver com ele. Dedicaria o resto de minha vida à vingança, a descobrir aquele sádico demônio jovem. Varreria todos os cafés-bares de Londres, faria com que Maurice e Jane me dessem a descrição mais exata de tudo que tinha sido roubado. Levaria à frente implacavelmente minhas desconfianças quanto a Richard. Uma ou duas vezes adormeci, e voltava a despertar minutos depois, como de um pesadelo — para tomar conhecimento de que o pesadelo era a realidade. Movimentei o mais que pude os braços e as pernas para manter a circulação. Tentativas repetidas por afrouxar as cordas ou a mordança falharam por completo, bem como meus esforços por movimentar a cadeira. Mais uma vez amaldiçoei Jane, ou a esteira que ela colocara sobre o chão de pedra. As pernas recusavam a deslizar sobre a mesma e eu não conseguia qualquer espécie de progresso. Conheci o entorpecimento, e depois um frio muito grande — tornados mais amargos pelo fato de que eu rejeitara a oferta de impedir esse frio.

Um amanhecer intoleravelmente lerdo veio se arrastando pelas cortinas. Pouco depois um carro passou rumo à aldeia. Fiz a tentativa inútil de gritar com a boca amordaçada. O carro prosseguiu, seu ruído desapareceu. Mais uma vez tentei

arrastar a cadeira para a janela mas só consegui um metro de percurso após um quarto de hora de esforço. Um último solavanco de frustração quase derrubou a cadeira para trás, e eu desisti. Pouco depois ouvi que um trator vinha pela estrada, certamente partido da fazenda. Mais uma vez fiz todos os esforços a fim de gritar por socorro. Mas a máquina passou por ali lentamente, subiu o morro. Comecei então a sentir medo verdadeiro. Toda a confiança que eu depositara no jovem se perdera por completo naqueles minutos finais. Se era capaz de fazê-lo, era capaz de qualquer coisa. Faltar à sua promessa de contar à polícia seria nada para ele.

Com mais tempo ocorreu-me que se me adiantasse à frente, na direção da frente da cabana, cometia um erro. Havia facas na cozinha lá atrás e, na verdade, achei mais fácil arrastar-me para trás, pois podia exercer mais pressão com os solas dos sapatos. Comecei a seguir rumo à cozinha. Havia uma beirada de esteira de junco que se mostrou medonhamente difícil de atravessar. Mas às onze horas eu conseguira afinal entrar na cozinha — e estava muito próximo a chorar. Já fora obrigado a urinar, ali sentado, e por mais que tentasse não conseguia levar os dedos a qualquer gaveta onde houvesse talheres. Fiquei finalmente reduzido a um desespero inerte.

E afinal, logo após o meio-dia, ouvi que outro carro se aproximava — o sétimo ou oitavo daquela manhã. Mas aquele parou diante da cabana. Meu coração deu um salto. Momentos depois ouvi batidas à porta da frente. Amaldiçoei-me por não ter seguido o plano inicial de movimento. Nova batida, depois silêncio. Eu fervilhava diante da estupidez dos policiais do interior. Mas cometia injustiça com aquele homem. Pouco depois havia um semblante oficial e preocupado a me fitar, pelo buraco aberto no vidro da porta da cozinha.

E assim foi.

Quase um ano já se passou desde aquele momento em que fui libertado, e desejo ser breve no tocante à sequência de fatos.

O policial que me libertou mostrou-se bondoso e eficiente — na verdade eu nada mais recebi além de bondade e eficiência, de todos os outros com quem estive, naquele dia. Assim que me soltou insistiu em proporcionar-me a resposta inglesa imemorial a todas as crises maiores da existência. Só quando me havia visto tomar duas chávenas de seu chá escuro é que voltou ao automóvel e rádio, para fazer o relato da ocorrência. Eu mal havia vestido roupas limpas e um médico chegava, acompanhado logo por dois policiais à paisana. O médico declarou que eu me achava bem, e depois passei por longo interrogatório feito pelo sargento detetive. O delegado, entretantes, dirigia-se à fazenda a fim de telefonar a Maurice e Jane.

Descobri finalmente que não me enganara ao acreditar que tinha uma estória com que trabalhar. "Esse demônio atrevido!" e comentários semelhantes interromperam todo o meu relato. A queima de meu livro intrigou completamente o sargento — tinha eu, talvez, algum inimigo? Foi preciso desapontá-lo colocando-o a par das enormidades a que se prestam os *mafiosi* literários londrinos, a fim de alcançarem seus objetivos nefandos; mas que a cabana fora "escolhida" eis algo que o surpreendeu muito menos. O tipo de crime, e de criminosos, tornava-se cada vez mais frequente. Percebi até uma certa admiração involuntária. Esses "solitários ao acaso" eram criminosos sabidos, ao que parecia; jamais "faziam um trabalho" perto de onde moravam, mas se baseavam em alguma cidade grande e exploravam a nova mania, a de assaltarem as cabanas de fins-de-semana. O sargento confessou que era difícil saber onde procurar. Podia

ser Londres... ou Bristol, Birmingham, qualquer lugar. Inculpou tudo isso às estradas e nova mobilidade que as mesmas permitiam aos "vilões".

De Richard, pensando melhor, eu não disse coisa alguma. Achei que devia a Maurice e Jane, pelo menos, examinar a questão com eles, em particular — o delegado falara com Jane em Hampstead, e esta de lá enviara sua comiseração, com a garantia de que viria imediatamente. Depois o fazendeiro e esposa surgiram, cheios de desculpas por não terem ouvido coisa alguma; em seguida foi um engenheiro da companhia telefônica... Fiquei reconhecido por todas essas vindas e andanças que, pelo menos, faziam-me pensar em outra coisa além do golpe que sofrera.

Maurice e Jane chegaram de automóvel, pouco após as sete horas e tive de recapitular todo o meu relato mais uma vez. Ignorando minha perda pessoal até a chegada, foram bondosos o bastante, na ocasião, para tratarem de seu próprio infortúnio como nada, em comparação ao meu. Apresentei minhas desconfianças no tocante a Richard do modo mais oblíquo possível, mas não lhes poupei os detalhes da filosofia política que recebera. Ao final vi Jane olhar para Maurice e percebi que haviam desconfiado. Minutos depois Maurice pegava o touro pelos chifres e telefonava para o filho em Londres. Mostrou-se diplomático — naturalmente não o acusou de cumplicidade consciente — mas fez sondagem tão firme como qualquer bom procurador deve ser capaz de fazer. Afastou-se do telefone para dizer que Richard jurara jamais ter mencionado a cabana — e que ele (Maurice) acreditava nisso. Mas deu para ver que estava perturbado. Quando o sargento voltou a aparecer pouco depois, a fim de fazer uma lista completa do que tinha sido roubado, ouvi Maurice apresentar a questão ao policial. Fui informado de que a "comuna" recebeu incursão policial em seguida, porém nada mais incriminador foi encontrado além da inevitável *carnabis*. Nenhum jovem por lá correspondia à minha

descrição, sem ter um álibi firme; e nada resultou dessa linha de investigação.

Tampouco resultou coisa alguma, nas semanas e meses seguintes; em expressão pública, continuou a ser nada mais do que um crime menor e sem solução. Nem mesmo posso afirmar que tenha afetado o escritor em mim. Passei um mês de sofrimento — acredito que em algo muito parecido a uma birra profunda — que ninguém a desconhecer o que o livro significava para mim conseguiu aliviar. Mas eu não levarei tudo relacionado ao livro a Dorset. Uma cópia a carbono dos três primeiros capítulos, dactilografados, havia ficado em Londres. E descobri que minha memória era muito melhor do que eu desconfiara antes. Algum tipo de desafio fora feito e resolvi, certo dia, que meus amigos tinham razão e que o Peacock podia ser reconstituído — e já estou além da metade do caminho, nesse sentido.

Este fim à minha aventura deve parecer muito chocho, mas ainda não terminei tudo quanto queria dizer. Há um sentido no qual aquilo que escrevi até agora não passa de um preâmbulo.

Assim como meu Peacock reconstituído não pode ser exatamente o mesmo que aquele rasgado, por assim dizer, de meu útero, não posso ter a certeza de que tenha reproduzido os acontecimentos dessa noite com precisão total. Esforcei-me o mais que pude, mas posso ter exagerado, em especial nas tentativas por transcrever o diálogo de meu assaltante. Ele talvez não empregasse o jargão idiota Poder Negro (ou de onde quer que ele advenha) de maneira tão repetida quanto descrevi, e eu posso ter entendido mal alguns de seus sentimentos aparentes.

O que me preocupa muito mais do que uma ou duas interpretações errôneas, ou imprecisões da memória, todavia, é minha incapacidade contínua em compreender o que aconteceu. Escrevi isto principalmente para tentar chegar a algum tipo de conclusão positiva. O que mais me atormenta deve ser enunciado em forma de duas perguntas. Por que isto aconteceu? Por que aconteceu a mim? Em suma: o que havia em mim que levou aquele jovem demônio a se comportar como o fez?

Não posso encará-lo apenas como incidente comum na guerra entre as gerações. Nem mesmo consigo enxergar-me como representante típico de minha geração e, (a despeito do que possa ter dito em minhas primeiras semanas de raiva) não creio que ele seja típico da dele — ou, para ser mais preciso, não creio que aquele último ato imperdoável seja típico da dele. Eles podem desprezar-nos, mas os jovens de modo geral parecem-me muito mais adversos a odiar do que o fomos, com a idade deles. Todos conhecem a atitude deles para com o amor, os horrores da sociedade permissória e tudo o mais; pouquíssimos observaram que ao desvalorizarem o amor eles também desvalorizaram de modo bastante sadio o ódio. A queima de meu livro, de algum modo, achava-se ligada à necessidade — presumivelmente de ambos os lados — de execração. Nesse aspecto, creio que ele distava muito de típico.

Em seguida surge um enigma; o fato de que seu ato imperdoável foi antecedido por comportamento surpreendentemente suave, quase bondoso. Ao dizer que não queria mais magoar-me fisicamente, acreditei nele. Não fora dito de modo ambíguo, como uma espécie de ameaça por paradoxo. Ele queria, tenho certeza virtual, dizer exatamente o que disse. No entanto isso não se ajusta à crueldade perversa (para com um homem mais velho e indefeso) do que finalmente fez. De início inclinei-me a ler um cálculo frio do comportamento dele: desde o início fora bondoso apenas para

iludir — ou, pelo menos, a partir do momento em que me ligou ao livro no térreo. Mas agora simplesmente não sei. Daria muita coisa — até mesmo uma absolvição, ao que suponho, se isso fosse condição para apresentar a questão — para saber quando ele realmente resolveu fazê-lo. Meu momento desafortunado de condescendência no quarto de dormir o irritara; e minha indagação dos motivos pelos quais assim agia, comparados aos dos revolucionários políticos jovens e genuínos também o ferira, sem dúvida. Mas nenhum dos dois parecia, ou parece ainda, ter merecido desforra tão selvagem.

E vem, igualmente, o outro enigma — o daquele ar distinto de reprovação pelo meu comportamento, que ele demonstrou desde o início. Neste aspecto, tenho um pouco de culpa na consciência, por ser esta primeira vez que contei a verdade. Afirmei à polícia, bem como a Maurice e Jane, que fui tomado de surpresa, dormindo na cama. Ninguém me incriminou por não tentar resistir — nisso, invasor e vítima estiveram em uma minoria de dois. Ainda não tenho certeza de que realmente me incrimino. Os pesares e arrependimentos dependem de eu acreditar na afirmação dele: de que se eu houvesse feito um ruído ele se teria escafedido. De algum modo, não faz sentido que ele queimasse meu livro porque eu o deixasse de atacar. Por que haveria de me punir, por tornar, as coisas fáceis? E o que, em seu comportamento real, com sua irascibilidade muito evidente, sugeria que enfrentá-lo teria ajudado a impedir o que aconteceu? Supondo que eu houvesse sido sarcástico e insultante, ou coisa assim... ter-me-ia saído melhor?

Tentei relacionar o que ele poderia ter odiado em mim, tanto com base lógica quanto sem ela: minha idade, minha insignificância física, a miopia, o sotaque, minha educação, falta de coragem, e tudo o mais meu. Eu com certeza devo ter parecido afetado, antiquado, quadrado e todo o resto, mas com certeza tudo isso não podia perfazer muito mais do que a

figura de um homem idoso vagamente desprezível. Dificilmente eu poderia representar aquilo que ele chamava Eles, o "Sistema": capitalismo. Eu pertencia a uma profissão pela qual ele parecia ter algum respeito — gostava de livros, gostava de Conrad. Assim sendo, por que não poderia ele gostar — ou melhor, por que tinha de me odiar? Se encarasse meu livro sobre Peacock ao modo britânico do *New Left Review*, como mero parasitismo de uma arte burguesa superada, certamente o teria dito. E ele nem de longe se parecia a um marxista intelectual.

Para Maurice e Jane esta explicação semipolítica é a mais convincente. Mas acredito que estejam um pouco preconceituados pelo trauma em sua própria família, causado por Richard. Encaro-o como não apresentando analogia verdadeira com o meu rapaz assaltante, em absoluto. Em momento algum ele me ligou pessoalmente a "Eles". Não demonstrou interesse por minhas opiniões políticas, atacou algo totalmente apolítico: meu livro.

Continua forte em mim a impressão de uma mente melhor do que suas palavras sugeriam, como se ele soubesse um pouco que dizia tolices e estivesse, em parte, a fazê-lo a fim de me pôr à prova: se eu lhe desse tanta corda para fazer o palhaço, merecia então ser feito de imbecil, por minha vez. Mas desconfio que isso é ser complicado em demasia. No íntimo o que ele disse e o modo pelo qual reagi às palavras não tinham qualquer importância. Passando tudo em retrospecto dá para imaginar outros rumos muito diversos pelos quais nossa conversa poderia ter enveredado e, no entanto, terminado com o mesmo resultado funesto.

Devo mencionar uma outra teoria de Maurice: de que o rapaz sofria de algum tipo de esquizofrenia e que o esforço e tensão de conter a minha presença cresceram até que o lado mais violento de sua personalidade teve de se manifestar. Mas após ele ter tomado a decisão ainda me oferecia *brandy* e me

oferecia acender o fogo para obter aquecimento. Isso parece totalmente cômico demais para esquizofrênico. Ademais, em algum ponto ele me ofereceu violência física pessoal ou sugeriu que o tema do exercício consistia em me demonstrar que era dotado de tal lado. Eu me achava atado e amordaçado. Ele podia ter-me esmurrado, esbofetado, feito o que quisesse. Acho-me, todavia, convencido de que meu corpo sempre estava a salvo dele. O que se achava sob ataque era outra coisa.

Pois bem, acredito que exista uma pista importante neste último gesto curioso — o polegar agressivo e em pé, posto diante de meu rosto. De modo muito claro não pretendia transmitir o significado clássico: nenhuma misericórdia estava sendo prestada. Igualmente óbvio é que não pode ter ostentado seu significado moderno mais comum: "tudo vai bem". Observei-o utilizado com frequência pelos demolidores diante de meu apartamento quando voltei a Londres — espetáculo que, descobria agora, exercia certo fascínio mórbido sobre mim, já que a morte e destruição achavam-se muito presentes em meus pensamentos; fiquei impressionado pela variedade de significados que extraíam daquele polegar em pé. Ele simplesmente dizia "sim", quando o ruído tornava inaudíveis os gritos; ou "compreendo, farei o que você quer"; também podia transmitir, de modo bastante paradoxal, tanto a instrução no sentido de prosseguir (se, por exemplo, mantido constantemente para o motorista que faz recuar o veículo) e o de "pare... perfeito". (Quando erguido de repente na mesma manobra.) Mas o que faltava em todos esses usos era a agressão. Somente meses depois é que vi a luz.

Tenho um pequeno vício, gosto muito de assistir a partidas de futebol na televisão. Certeza do que extraio dessa atividade vazia, além da sensação de superioridade intelectual diante de tanta energia sem espírito dedicada ao equivalente moderno do circo romano, essa certeza não tenho. Mas o que chamou minha atenção certa noite foi um jogador que saía

correndo do "túnel" para o gramado e exibia exatamente aquele polegar agressivo para um grupo de torcedores, aos berros, nas arquibancadas próximas; um ou dois responderam da mesma forma. O significado (a partida ainda não começara) era claro: nossa coragem é grande, vamos derrotar o inimigo, venceremos. O eco, em mim, foi muito acentuado. De repente vi o gesto de meu ladrão como advertência: uma partida renhida estava a ponto de iniciar-se e a equipe oposta que ele representava achava-se decidida a vencer. Ele dizia de modo eficaz que vocês não vão sair-se desta com tanta facilidade como imaginam. Talvez recado assim pudesse, com muito mais motivo, ser o meu para ele, mas creio que não. Queimar os meus papéis não passava de prova em apoio do polegar erguido; o que sublinhava ambos era o medo, ou com certeza a abominação ao fato de que, naquela partida que tratávamos, eu entrava em campo com vantagens a meu favor. Por mais improvável que fosse, nas circunstâncias feitas reais, de algum modo eu continuava a ser, a seus olhos, o lado dominante.

Tudo isso me leva a uma conclusão experimental. Disponho de pouquíssimas indicações a seu favor e aquilo que tenho já solapei, reconhecendo que não posso jurar quanto à sua precisão total. Mas creio que parte do uso linguístico por ele empregado (e que por certo se repetia, ainda que não tanto quanto sugeri) se mostra muito significativo. Um foi seu emprego de "homem". Sei que é muito comum entre os jovens, mas pareceu um tanto deliberado em sua aplicação a mim. Embora parcialmente insultuoso na intenção creio que também disfarçava a tentativa um tanto comovente de procurar nosso nivelamento. Desejava dar a entender que nada havia entre nós, a despeito das diferenças em idade, educação, antecedentes e tudo o mais; mas na realidade demonstrava uma espécie de reconhecimento, talvez até uma espécie de pavor a tudo quanto nos separava. Talvez não seja avançado demais

afirmar que o que deixei de ouvir ("homem, o seu problema é que não escuta bem") constituía um grito tácito de socorro.

O outro uso é o daquele "certo", como etiqueta onipresente a todas as formas de afirmação que não o requerem. Sei que é lugar comum entre os jovens, tanto que pode tornar-se perigoso ver mais, nele, do que um mero positacismo — um papaguear insensato. A despeito de tudo isso, desconfio que é uma das expressões mais re-veladoras de nosso século. Pode, gramaticalmente, ser com mais frequência uma elipse para "Isso está certo?" do que para "Eu estou certo?" — mas me acho convencido de que o significado psicológico é sempre do último tipo. Significa, na verdade, *Eu não tenho certeza, em absoluto, de estar certo*. Também pode, está claro, ser dito de modo agressivo: "Não se atreva a dizer que estou errado!" Mas a coisa que não pode significar é certeza de si próprio. Apresenta-se fundamentalmente expressivo de dúvida e medo de, por assim dizer, *parole*, desesperançada, à procura da *langue* perdida. A desconfiança encoberta é da própria língua. Não tanto que pessoas assim duvidem do que pensam e acreditam, mas duvidam profundamente de sua capacidade de dizê-lo. Tal maneirismo é sintoma de urna débâcle cultural. Significa "Eu não posso, ou provavelmente não posso, comunicar-me contigo". E esse, não o social ou econômico, é o verdadeiro subprivilégio.

Mostra-se muito importante, ou assim fui informado, quando estamos diante de tribos primitivas, conhecer os significados que as mesmas atribuem às expressões faciais. Muitos missionários dignos e sorridentes morreram por não compreenderem que estavam saudando homens para quem mostrar os dentes constitui sinal iniludível de hostilidade. Acredito que algo da mesma espécie ocorre quando os usuários de "certo" se defrontam com aqueles que conseguem viver sem essa desditosa palavra. Não vou ao absurdo de sustentar que se eu houvesse entremeado minhas próprias observações com alguns "homem" e "certo" recíprocos a noite

teria tomado rumo diferente. Mas eu me acho, sim, convencido de que o conflito fatal entre nós foi o conflito de alguém que confia na língua e a reverencia e alguém que desconfia dela e alimenta rancor para com a mesma. Meu pecado não foi primordialmente o de ser classe média e intelectual, que eu pudesse parecer mais bem situado financeiramente do que realmente estou, mas o de que eu vivo das palavras.

Logo de início devo ter-me parecido, ao rapaz, a alguém que o privava de um segredo — segredo esse que ele, em segredo, queria possuir. Aquela declaração bastante raivosa de que tinha pelo menos algum respeito pelos livros; aquele desejo claramente anelante de escrever um livro ele próprio (para "contar como a coisa é mesmo" — como se a pobreza de tal frase não viesse castrar *ab initio* o desejo que revelava!); aquele paradoxo surpreendente de palavras e atos na situação, a conversa educada enquanto ele andava pelo aposento, roubando; aquela incoerência que por certo não é de todo inconsciente, em suas opiniões; aquela recusa em ouvir, parecendo até compreender, minhas objeções apresentadas com suavidade; aqueles pulos de uma coisa para outra... tudo vinha tornar a queima de meu livro algo muito justamente simbólico a seus olhos. O que realmente ardera fora a "recusa" de minha geração a lhe distribuir uma espécie de mágica.

Meu destino provavelmente fora selado desde o momento em que eu rejeitara a sugestão de escrever a seu respeito. Na ocasião eu tomara tal desejo como uma espécie de janotaria, narcisismo, chamemo-lo o que quisermos — e escrevamos como espelho para o ego. A meu ver, no entanto, o que ele realmente desejava — pelo menos subconscientemente — era o empréstimo de parte desse poder mágico... e talvez porque ele não pudesse de fato acreditar em sua existência, até o ver aplicado a si próprio. Em certo sentido, colocara sua própria necessidade na balança contra o que eu chamara de novelista

morto desde muito tempo; e aquilo que lhe causara mais ressentimento era a aplicação dessa dádiva preciosa e negada de mágica de palavras a algo tão pouco importante quanto outro obscuro mágico de palavras. Eu lhe apresentara um círculo fechado, um clube selecionado, uma sociedade secreta introvertida, e fora tal o que ele achara que devia destruir.

Não afirmo que tenha sido tudo isso, mas me acho convencido de que foi o cerne da questão. A acusação contra todos nós, velhos e jovens, que ainda damos valor à linguagem e a seu poder é injustificada, com certeza. A maioria de nós, por bem ou por mal, fez o que pode para que a palavra, seu segredo e suas mágicas, suas ciências e artes, sobreviva. Os verdadeiros vilões da peça acham-se muito além do controle individual: o triunfo do visual, da televisão, a criação da deseducação universal, a história social e política (pode algum antigo mestre da língua estar gemendo mais alto no túmulo do que Péricles?) de nosso século incontrolável e Deus sabe quantos outros fatores a mais. Mesmo assim não quero retratar-me como um bode expiatório e inocente. Acredito que meu jovem demônio estava certo em uma coisa.

Eu era culpado de surdez.

Dei deliberadamente a este relato um título obscuro e epígrafe incompreensível. Não escolhi da primeira vez sem tentá-lo em diversas cobaias. A impressão geral pareceu a de que "Koko" deve ser uma grafia idiossincrásica para o "Coco" mais comum e que a expressão, portanto, significava algo no sentido de "pobre palhaço". Isto serve para o primeiro nível de significado, embora eu não desejasse vê-lo ligado a apenas um dos dois participantes — ou, a bem da verdade, que o adjetivo fosse entendido em apenas um dos sentidos. Koko na verdade nada tem a ver com o Coco da trobóscide vermelha e peruca de amarelo-avermelhado. É uma palavra japonesa e significa comportamento filial correto, a atitude correta do filho para com o pai.

Minha epígrafe incompreensível terá a última palavra e servirá como julgamento tanto do pai quanto do filho. Ela se apresenta na triste presciência de uma língua extinta destas ilhas, o corno antigo.

Too long a tongue, too short a hand;  
But tongueless man has lost his land.

(Língua comprida e a mão curta;  
O homem sem língua ficou sem terra.)

## O Enigma

*Quem pode enlamear-se, mas, acomodando-se,  
devagar tornar-se límpido?*

Tao Te Ching

A forma mais comum de pessoa desaparecida é a adolescente, acompanhada de perto pelo adolescente. A maioria nesta categoria vem dos lares trabalhadores e quase invariavelmente daqueles onde existe desarmonia paterna acentuada. Surge outro destaque menor no terceiro decênio na vida, menos acentuadamente da parte dos trabalhadores e constituídos por maridos e esposas que tentam fugir de casamentos ou situações domésticas com os quais se entediaram. As cifras decaem de modo acentuado após a idade dos quarenta anos; casos mais idosos de desaparecimento genuíno e duradouro mostram-se extremamente raros e mais uma vez se confinam aos muito pobres — e mesmo assim àqueles, quase vagabundos, que não têm parentes próximos.

Quando John Marcus Fielding desapareceu, transgrediu assim toda a probabilidade social e estatística. Cinquenta e sete anos de idade, rico, feliz no casamento, com um filho e duas filhas; membro da diretoria de diversas companhias da City (e de modo algum para que seu nome apenas encimasse o timbre das cartas); dono de uma das melhores mansões elizabetanas em East Anglia, com interesse ativo na

direção de sua fazenda contígua, de 1800 acres; mestre — ainda que honorário — de cães de caça, bom atirador... era homem que, se houvesse algum *arium* de estereótipos humanos vivos, serviria muitíssimo bem como modelo de seu tipo: o homem da City vitorioso, que é também proprietário rural e (faltando-lhe apenas o título) *squire* de aldeia. Teria sido muitíssimo compreensível se ele achasse que um ou outro lado de sua vida se tornara por demais absorvente de tempo... mas o aspecto mais profundamente anômalo de seu caso estava em que era também um Membro Conservador do Parlamento.

Às 2h30m da tarde de sexta-feira, 13 de julho de 1973, sua idosa secretária, a Srta. Parsons, viu-o embarcar em táxi à frente de seu apartamento em Knightsbridge, em Londres. Tinha uma reunião de diretoria na City; dali ia apanhar o trem de 5h22m para a sede de seu eleitorado. Chegaria pouco após as seis e meia e trabalharia por duas horas, mais ou menos. Seu agente, convidado para a ceia, levá-lo-ia então de carro pelas doze milhas, mais ou menos, de volta a Tetbury Hall. Adepto fervoroso do valor eleitoral do contato pessoal, Fielding fazia tais reuniões duas vezes por mês. A agenda daquele dia pressagamente apropriado era de todo normal.

Mais tarde descobriu-se que ele jamais comparecera à reunião da diretoria. Haviam telefonado para o apartamento mas a Srta. Parsons pedira o resto da tarde de folga, sendo-lhe concedido — ela passaria o fim de semana com parentes em Hastings. Também os criados diurnos haviam-se retirado. Geralmente exemplar no comparecimento, ou pelo menos ao participar sua ausência inevitável, tal lapso foi perdoado a Fielding e a diretoria cuidou das questões sem sua presença. A primeira percepção de que algo não estava certo, portanto, foi o que ocorreu com o agente eleitoral. Seu parlamentar não se achava a bordo do trem que ele fora receber. Voltou aos escritórios do partido a fim de telefonar para o apartamento de Fielding — e em seguida, sem receber qualquer resposta

por lá, telefonara para sua casa de campo. Em Tetbury Hall a Sra. Fielding não pôde prestar-lhe qualquer auxílio. Falara com o marido pela última vez na manhã de quinta-feira e até onde sabia ele devia encontrar-se onde não se encontrava. Julgava possível, todavia, que houvesse resolvido ir de carro com o filho, estudante pós-graduado na Escola de Economia de Londres. Esse filho, Peter, falara em dia anterior da semana em ir até Tetbury com a namorada. Talvez houvesse falado com o pai em Londres mais recentemente do que ela. O agente concordou em telefonar novamente para a Sra. Fielding em meia-hora, caso o parlamentar ainda não houvesse chegado.

Ela também tentou falar com o apartamento em Londres, mas sem conseguir resposta chamou a Srta. Parsons na casa da mesma. A secretária, no entanto, já se achava em Hastings. A Sra. Fielding procurou em seguida falar com o apartamento em Islington, que o filho partilhava com dois outros colegas da Escola de Economia. O rapaz que atendeu não fazia a menor idéia de onde Peter se achava mas "julgava" que ficara na cidade durante o fim de semana. A esposa efetuou um último esforço — procurou o número do telefone da namorada de Peter, que vivia em Hampstead. Novamente deixou de obter resposta. A essa altura a dama já se achava bastante perturbada. Parecia muito provável que o marido houvesse simplesmente perdido o trem e estivesse tomando o seguinte — e por algum motivo não quisera, não pudera informar a alguém sobre tal atraso. Esperou que o agente, Drummond, voltasse a chamar.

Também o agente presumira um trem perdido ou que Fielding dormira, perdendo assim a estação em que devia saltar e enviara alguém para aguardar as chegadas dos trens seguintes, em ambas as direções. Quando voltou a telefonar como prometera, no entanto, foi para dizer que seu auxiliar não tivera sorte alguma. A Sra. Fielding começou a sentir perplexidade bem clara e algum susto mas Marcus sempre

levava trabalho consigo, inúmeros meios de identificação, ainda que houvesse caído doente ou ferido, sem poder falar. Ademais, achava-se em bom estado, homem desempenado para a idade que tinha — sem problemas cardíacos, nada desse tipo. Os medos muitos tênues que a Sra. Fielding alimentava a essa altura eram muito mais os de mulher que já não era tão atraente quanto fora antes. Na verdade, vinha a ser precisamente o tipo de esposa que foi mais abalada pelo escândalo Lambton-Jellicoe, do início do ano. Mesmo assim, nesse terreno não tinha motivo para qualquer desconfiança. O desagrado do marido, revelado em particular, por causa do' escândalo, parecera o mais genuíno... e de acordo com seu desdém geral pelas orlas mais desregradas da sociedade permissória.

Uma hora depois Fielding ainda não se apresentara aos escritórios do partido ou a Tetbury Hall. Os fiéis eleitores haviam sido despachados com desculpas, pouco sabendo que em três dias a causa de seu desapontamento viria a ser o assunto das manchetes. Drummond concordou em esperar à mesa; a ceia, que de qualquer modo seria informal, sem qualquer outro convidado, foi esquecida. Telefonariam um para o outro assim que tivessem notícia; caso contrário, telefonariam às nove da noite. Foi quando a Sra. Fielding se viu tomada de pânico. E este centralizava-se no apartamento. Ela mandou examinar a linha, encontrou-a em ordem. Telefonou a diversos amigos em Londres, visando a possibilidade remota de que em algum acesso de distração — mas ele não era desse tipo de gente — Marcus houvesse aceito uma ceia ou convite para teatro de algum deles. Tais indagações também nada trouxeram; na maioria dos casos uma explicação educada e dada pelos criados de que as pessoas procuradas se achavam no exterior ou no interior. Efetuou nova tentativa a fim de falar com o filho, mas agora até o rapaz que atendera seu telefonema anterior desaparecera. A namorada de Peter e a Srta. Parsons

continuavam identicamente inatingíveis. A aflição e sensação de desamparo na Sra. Fielding cresciam mas ela era mulher prática e eficiente. Telefonou novamente para um dos amigos mais próximos em Londres — próximo também por viver a apenas um ou dois minutos do apartamento em Knightsbridge — e pediu-lhe que fosse lá e mandasse o porteiro do quarteirão abri-lo para exame. Depois telefonou ao porteiro, dando permissão para tanto e para descobrir se o homem havia visto seu marido. Mas este só pode lhe dizer que o Sr. Fielding não passara por sua mesa desde que ele entrara em serviço às seis horas.

Cerca de dez minutos depois o amigo telefonava do apartamento. Não havia qualquer sinal de Marcus mas tudo parecia achar-se em ordem. Descobriu o diário de compromissos à escrivãzinha da Srta. Parsons e o examinou, lendo de lá o programa do dia. A manhã fora eliminada, ao que parecia, mas nada havia de anormal nisso. Era hábito do Membro do Parlamento manter a manhã de sexta-feira livre para responder sua correspondência menos urgente. Por sorte a Sra. Fielding conhecia um outro diretor da companhia cuja reunião de diretoria estava marcada para as três horas da tarde. O que fez em seguida foi tentar falar com ele e só então tomou conhecimento que o mistério se iniciara antes do fato de que o marido deixara de apanhar o trem de 5h22m; é que a Srta. Parsons também (de modo sinistro, como pareceu, já que a Sra. Fielding nada sabia da viagem inocente a Hastings) desaparecera do apartamento às três horas da tarde. Compreendia agora, está claro, que o que acontecera podia remontar ao dia anterior. Marcus estivera no apartamento às nove horas na manhã de quinta-feira, quando ela própria falara com o marido, mas tudo a partir de então era incerto. Tornava-se muito claro que algo desandara, e desandara gravemente.

Drummond concordou em seguir de automóvel até Hall, de modo que algum plano de ação pudesse ser elaborado;

entrementes a Sra. Fielding falava com a polícia local. Explicou que era apenas uma precaução... mas se podiam examinar os hospitais de Londres ou o registro de acidentados. Pouco após a chegada de Drummond veio a mensagem de que não tinham havido acidentes ou casos de acesso ou ataque cardíaco nas últimas vinte e quatro horas que não houvessem sido identificados. A dama e Drummond começaram a examinar outras possibilidades: um rapto político ou algo parecido. Mas Fielding tinha inclinações levemente pró-árabes, em vez de pró-israelitas. Com tantos outros mais "merecedores" na Casa dos Comuns dificilmente poderia ter sido alvo do Movimento de Setembro Negro ou quejandos; tampouco poderia ele — a despeito de toda a sua crença na lei, na ordem e uma política dura na Irlanda — ter figurado com muito destaque em qualquer lista do Exército Irlandês Revolucionário. Praticamente todos os seus discursos infrequentes na Câmara dos Comuns tinham a ver com finanças ou agricultura.

Drummond fez ver que em qualquer caso tais raptos não teriam silenciado por tanto tempo. Um rapto apolítico não era mais plausível — havia homens muito mais ricos... e por certo uma das duas filhas dos Fieldings, Caroline e Francesca, ambas no exterior, teriam sido vítimas mais prováveis se o objetivo fosse apenas o dinheiro de resgate. E também já haveriam recebido algum contato, a essa altura. Quanto mais examinavam a questão tanto mais parecia que algum tipo de amnésia temporária vinha a constituir a explicação mais plausível. Mesmo assim até os amnésicos percebiam que tinham esquecido quem eram e onde viviam, não? O médico local foi chamado, ainda diante de seu aparelho de televisão e emitiu impressão inicial pelo telefone. O Sr. Fielding demonstrava esquecimento ultimamente? Preocupação, tensão? Mau gênio, aflição? Tudo teve de ser respondido na negativa. Nesse caso, algum choque repentino? Não, nada. A amnésia foi declarada improvável. O médico

sugeriu gentilmente o que já fora feito, no tocante a pacientes que haviam dado entrada nos hospitais.

A Sra. Fielding, agora, começava mais uma vez a desconfiar que algum escândalo puramente particular pairava sobre o horizonte tranquilo de sua vida. Assim como antes imaginara um corpo inconsciente tombado no apartamento em Londres, via um jantar para dois em Paris. Não conseguia, a sério, enxergar a empertigada Srta. Parsons como o rosto feminino à luz das velas, mas aquele verão ela passara menos tempo do que o comum em Londres. A qualquer instante o telefone chamaria e Marcus estaria falando, revelando alguma verdade desde muito oculta sobre o casamento deles... embora tal casamento sempre houvesse parecido aos demais que se conhecia, na verdade melhor, bem melhor do que a maioria em seu círculo. Era preciso supor algo muito clandestino, muito fora da classe e mundo normal deles — alguma bonequinha londrina, só Deus sabia quem. Em algum ponto dentro de si própria e nas particularidades de sua vida a Sra. Fielding resolveu que não queria mais fazer indagações aquela noite. Como todos os bons conservadores, sabia distinguir muito bem entre a imoralidade particular e o escândalo público. O que alguém fazia jamais era tão repreensível quanto deixar que fosse sabido por todos.

Como a confirmar tal decisão o inspetor da polícia local telefonava agora a fim de perguntar se podia ajudar de algum modo. Ela procurou falar com voz calma e sem preocupações, era muito provável que estivesse fazendo tempestade em copo d'água, e assim controlou o homem, desesperadamente aflito para que a imprensa não se envolvesse. Afinal adotou a mesma linha de ação com Drummond. Podia haver explicação natural, um telegrama perdido, um telefonema que a Srta. Parsons se esquecera de dar, e eles deviam ao menos esperar até o amanhecer. E então Peter poderia também ter ido ao apartamento e procurado com mais minúcias.

O criado filipino acompanhou Drummond à porta quando o último se retirava, logo após as onze horas. O agente já extraíra suas próprias conclusões. Também desconfiava de algum escândalo e em segredo achava-se chocado — não apenas politicamente. A Sra. Fielding parecia-lhe ainda mulher atraente, além de ser a esposa de um parlamentar de primeira classe.

Peter, o errante, finalmente telefonou logo após meia-noite. De início não acreditou no que a mãe dizia. Vinha-se a saber agora que sua namorada Isobel e ele haviam jantado com o pai na noite anterior, quinta-feira. O pai parecera inteiramente normal na ocasião e não mencionara, do modo mais positivo, qualquer modificação nos seus planos de fim de semana. Peter logo se pôs a avaliar a preocupação materna, no entanto, e concordou em voltar imediatamente para o apartamento de Knightsbridge e dormir lá. Ocorrera à Sra. Fielding que o marido fora raptado, caso em que os raptadores deviam conhecer apenas aquele endereço; e poderiam ter passado a noite, como ela própria, telefonando em vão para lá.

Mas quando Peter voltou a telefonar — eram, então quinze para uma da madrugada — só pôde confirmar o que o último visitante] dissera. Tudo parecia normal. A cesta de entrada de papéis na mesa da Sra. Parsons não revelava coisa alguma. No dormitório do pai não} se encontrava um só sinal de malas apressadamente arrumadas para qualquer viagem e tanto as malas quanto as valises estavam com o complemento detalhado pela mãe. Nada existe em qualquer bloco de recados sobre um telefonema ao agente ou à Sra. Fielding. No diário achava-se a lista costumeira de apontamentos para a semana seguinte, iniciada com outra reunião da diretoria e almoço ao meio-dia de segunda-feira. Restava a questão do passaporte, mas este se achava normalmente guardado em arquivo no gabinete, que estava trancado — o próprio Fielding e a Srta. Parsons tinham as únicas chaves.

Mãe e filho mais uma vez debateram a questão de dar parte à polícia londrina. Finalmente resolveram esperar até o amanhecer quando, talvez, o enigma secundário da Srta. Parsons poderia ser solucionado. A Sra. Fielding dormiu mal. Ao despertar pela quinta ou sexta vez, logo após as seis horas de sábado, resolveu ir de carro para Londres. Lá chegou antes das nove e passou meia-hora com Peter, examinando mais uma vez o apartamento à cata de qualquer pista. Nenhuma das roupas do marido parecia estar faltando, não se via qualquer indicação de uma partida ou jornada repentina. Telefonou para a casa da Srta. Parsons em Putney mais uma vez. Ninguém atendeu. Era o bastante.

A Sra. Fielding fez, então, duas chamadas telefônicas preliminares. Pouco antes das dez, falava com o Secretário do Interior pessoalmente, na casa do mesmo. Havia em jogo, de modo evidente, mais do que simples considerações de natureza criminal e ela achava que a publicidade era altamente indesejável até que, pelo menos, houvesse sido efetuada pela polícia uma investigação completa.

Alguns minutos depois a procura ao desaparecido se achava, afinal, colocada com firmeza em mãos profissionais.

Na noite de sábado o caso já fora mais esclarecido, embora continuasse sendo mistério. A Srta. Parsons logo fora encontrada, graças à ajuda de um vizinho, em casa dos parentes em Hastings. Mostrou-se profundamente chocada — estivera com os Fieldings por quase vinte anos — e não sabia o que dizer. Ao sair seu chefe na véspera, lembrava-se que o Sr. Fielding perguntara se alguns documentos dos quais necessitava para a reunião da diretoria se achava em sua pasta. A secretária tinha toda a certeza de que ele pretendia seguir diretamente para o endereço em Cheapside onde a reunião se efetuaria.

O porteiro diurno contou à polícia que não ouvira o endereço dado pelo Sr. Fielding ao motorista de táxi mas que

o cavalheiro aparecera de todo normal — apenas "com um pouquinho de pressa". A Srta. Parsons regressou diretamente a Londres e abriu o arquivo. O passaporte se achava no lugar. Não tinha conhecimento de qualquer carta ou telefonema ameaçador, nem de recentes retiradas de elevadas somas em dinheiro, nenhum preparativo de viagem. Nada houvera de incomum no comportamento do chefe, por toda a semana. Em particular, sem que a Sra. Fielding pudesse ouvir, declarou ao superintendente-chefe apressadamente chamado para encabeçar o inquérito ser "absurda" a idéia de outra mulher. O Sr. Fielding era dedicado à esposa e família e ela jamais ouvira ou percebera a menor indicação de infidelidade, em seus dezoito anos como secretária confidencial.

Por sorte o porteiro diurno havia trocado algumas palavras com o motorista de táxi antes que Fielding descesse para embarcar no veículo. A descrição que fez bastou para que o motorista fosse encontrado em meados da tarde. O homem proporcionou provas surpreendentes de que a amnésia dificilmente podia ser a explicação. Lembrava-se distintamente da viagem e tinha certeza do ocorrido. Levou o passageiro ao Museu Britânico e não a Cheapside. Fielding não falara, lera por toda a viagem — quer um jornal ou documentos tirados da pasta. O motorista não se lembrava se ele realmente entrara no Museu já que outro passageiro imediato lhe distraíra a atenção, assim que Fielding lhe pagara a corrida. Mas o próprio museu logo veio dar a pista nesse particular. O atendente principal apresentou de imediato a pasta — já fora observado que a mesma não tinha sido retirada quando o museu fechara as portas na sexta-feira. Estava devidamente fechada à chave — e nada continha, senão um exemplar de *The Times*, documentos referentes à reunião da diretoria e alguma correspondência ligada à reunião com os eleitores em hora posterior do dia.

A Sra. Fielding disse que o marido tinha algum interesse pela arte e até mesmo colecionava gravuras e pinturas

esportivas, de modo casual; mas não conhecia absolutamente motivo algum pelo qual ele devesse ir ao Museu Britânico... ainda que estivesse livre de outros compromissos. Até onde sabia ele jamais fora lá uma só vez durante toda sua vida conjugai. O atendente do vestiário que recebera a pasta de documentos parecia ser o único no museu — cheio com os turistas costumeiros de julho — que se lembrava alguma coisa do Membro do Parlamento. Este havia, talvez, simplesmente saído pela porta do norte e tomado outro táxi. Tal vinha a dar alguma sugestão do comportamento de homem que sabia estar sendo acompanhado; e, de modo firme, de homem decidido a não dar pista alguma de seu destino eventual.

A polícia agora achava que a questão não podia ser mantida em segredo além do domingo e que era melhor divulgar os fatos oficialmente, a tempo para os jornais matutinos de domingo, em vez de receber relatos baseados em boatos disparatados. Alguma espécie de colapso mental parecia, afinal de contas, a melhor hipótese a explicar tudo; e uma fotografia aumentava muitíssimo as possibilidades de reconhecimento. Eles, naturalmente, investigaram muito mais do que a Sra. Fielding percebia; o auxílio do Setor Especial e de Segurança foi solicitado. Mas Fielding jamais tivera patente ministerial, não podia haver a possibilidade de segredos oficiais, algum escândalo de espionagem. E nenhuma das companhias com as quais se achava ligado demonstrava a mínima dúvida quanto à sua idoneidade... um escândalo da City também foi logo eliminado como possibilidade. Restava a de que algo houvesse ocorrido em paralelo no caso Lambton-Jellicoe: um homem que cedia sob a ameaça de uma situação de chantagem. Mas nada havia nele, dessa natureza. Seus documentos foram detidamente examinados; nenhum endereço misterioso, nenhuma carta sinistra foi encontrada. Recebeu igual isenção por parte de todos aqueles que haviam julgado conhecê-lo muito bem em particular. Suas contas

bancárias, sob escrutínio, não revelavam qualquer retirada inexplicada, mesmo nos diversos meses anteriores, mesmo na semana anterior ao desaparecimento. Fizera certa medida de negócios com ações durante o verão, mas seus corretores podiam mostrar que tudo que havia sido vendido viera apenas melhorar sua situação de acionista, pois tinha sido novamente investido. Tampouco fizera qualquer modificação recente no tocante à família no testamento; cláusulas inarredáveis haviam sido preparadas muitos anos antes.

Na segunda-feira, dezesseis de julho, ele se tornava notícia de primeira página em todos os jornais. Publicaram um resumo de sua carreira. Filho mais jovem e sobrevivente de um juiz do Alto Tribunal, fora diretamente do primeiro ano de Direito em Oxford para o exército, em 1939; lutara na campanha da África do Norte como oficial de infantaria e conquistara a N.C.; contraíra calazar e fora mandado de volta como inválido, terminando a guerra como tenente-coronel de gabinete no *War Office*, cuidando principalmente da chefia de Polícia Militar. Após a guerra viera seu êxito como advogado especializado em leis tributárias e comerciais, tendo deixado a Associação de Advogados em 1959 em favor da política; depois seus cargos de diretor, sua vida em East Anglia, e sua posição política era de um pouco à direita do centro, no Partido Tory.

Surgia o tipo evidente de cogitações, tendo a polícia afirmado que não podia ainda eliminar a possibilidade do rapto de motivação política a despeito da decisão aparentemente voluntária de não comparecer à reunião de diretoria que fora programada. Mas o procurador dos Fieldings, que dera informações à imprensa, mostrava-se irredutível em que não havia de modo algum qualquer questão de conduta inadequada, de algum modo ou forma; e a polícia confirmou com toda a ênfase sua informação de que o M. P. era cidadão de total obediência à lei. O Sr. Fielding não estivera sob investigação ou vigilância de tipo algum.

Com base na suposição de que ele poderia ter viajado ao exterior sob nome e documentos falsos, foi feita a verificação em Heathrow e portos principais dando para o Continente. Mas nenhum funcionário encarregado de passaportes, nenhuma atendente de balcão aeroviário ou aeromoça com quem entraram em contato lembrava-se do rosto dele. O Sr. Fielding falava um pouco de francês ou alemão, mas não o bastante para passar por nativo de países com essas línguas e, de qualquer modo, o passaporte que tinha deixado para trás afirmava com vigor que ele continuava na Inglaterra. A cobertura abundante nos jornais e televisão, com todas as fotografias dele, provocaram o número costumeiro de relatórios vindos do público. Todos foram examinados e nenhum deu a parte alguma. Houve também boa parte de cobertura no exterior e Fielding continuou inencontrável apesar de toda publicidade. Se ainda estava vivo tornava-se claro que se achava oculto ou escondendo-se. A última possibilidade dava a entender a cumplicidade de alguém, mas nenhum cúmplice entre os que haviam antes conhecido o M.P. foi encontrado. Certa extensão de vigilância discreta foi efetuada sobre os candidatos mais prováveis, dos quais um era a Srta. Parsons. Seu telefone em casa e o do apartamento foram controlados, mas tudo isto deu em nada. Uma nuvem de embaraço, governamental, policial e particular, formou-se sobre seu desaparecimento. Era coisa totalmente enigmática e os conhecedores do inexplicável assemelharam o caso todo ao de *Marie Celeste*.

Nenhuma reportagem, entretanto, pode sobreviver à ausência de novos acontecimentos. Junto à imprensa Fielding foi tacitamente declarado "morto" cerca de dez dias após o desaparecimento ter sido noticiado pela primeira vez.

A Sra. Fielding, todavia, não era o tipo de pessoa que desanima ou a quem faltassem os meios de cutucar o meio oficial. Providenciou para que o caso do marido continuasse a receber atenção, onde isso importava; à polícia não cabia a

autonomia de que desfrutava a imprensa. O rastro muito fraco esfriava mais e mais e nada podia ser feito até que recebessem novas informações — e recebê-las dependia muito mais da vontade dos deuses do que parecia resultar de maiores indagações. A teia se estendeu, tão fina e tão ao longe quanto aquela aranha sabia fazê-la, mas cabia à mosca mexer-se, agora. Entrementes havia a Sra. Fielding a ser acalmada e ela exigia relatórios do que estava sendo feito.

Em reunião na New Scotland Yard a trinta de julho foi resolvido (com consentimento superior, devemos presumi-lo) retirar a equipe até então totalmente empenhada no caso e deixá-lo de modo efetivo nas mãos de um de seus componentes mais jovens, um sargento do Setor Especial a quem até então tinha sido dada a tarefa principal de reunir as informações sobre as possibilidades "políticas". Em nome, e certamente quando se tratava de satisfazer às exigências da Sra. Fielding no tocante a informações, a investigação continuaria a ser responsabilidade muito mais elevada. O sargento apercebia-se por completo da situação: devia fazer barulheira como se fosse todo um esquadrão policial a trabalhar. Não esperavam dele, na verdade, que descobrisse coisa alguma, apenas que sugerisse que novas pistas estavam sendo ainda investigadas. Como declarou a um colega, seu trabalho não era outra coisa senão cobertura de seguro, caso o Secretário do Interior embravecesse.

Ele também sabia que era uma pequena prova a que o submetiam. Sendo um dos raros componentes da força policial vindos das escolas públicas e, de modo evidente, talhado para uma patente mais elevada desde o dia em que envergara um uniforme pela primeira vez, tinha uma espécie de corda bamba na qual caminhar. As famílias policiais existem, como as famílias do Exército e da Marinha e ele era da terceira geração, na sua, a trabalhar com a lei. Era bem-parecido e de espírito vivo o que poderia, com seus modos e fala de classe média, causar-lhe prejuízo; mas era também

um diplomata. Conhecia muito bem os preconceitos que seu tipo fazia despertar com facilidade na mentalidade pequeno-burguesa tão característica dos escalões médios da polícia. Podia julgar que este ou aquele inspetor era imbecil, podia em segredo gemer diante de alguma preleção burocrática quando métodos menos ortodoxos se mostravam claramente indicados, ou com o jargão tortuoso e repulsivo que alguns dos superiores utilizavam a fim de parecerem "educados". Mas cuidava muitíssimo bem de não demonstrar os sentimentos. Se isso parece maquiavélico, realmente era; mas também o tornava um bom detetive. Inclina-se de modo especial às investigações nos meios sociais mais elevados. Sua profissão não transparecia à distância, em uma casa de jogo grã-fina ou restaurante de luxo. Podia muito bem passar por jovem rico e na moda, e se tal capacidade vinha causar inveja dentro da força policial, também servia para confundir muitas idéias padronizadas sobre a deformação profissional, fora da mesma. Seus antecedentes familiares impecáveis (sendo o pai ainda um respeitado chefe de polícia no interior) vinham ajudá-lo muito; de certo modo, ele era boa propaganda para a carreira — sem dúvida o motivo principal pelo qual fora escolhido para a missão que devia pô-lo em contato com as diversas espécies de pessoas influentes. Chamava-se Michael Jennings.

Passou o dia seguinte à decisão tomada em segredo examinando o dossiê agora volumoso sobre Fielding e ao final do mesmo redigiu para si próprio uma espécie de resumo informal ao qual chamou **Estado da Coisa**. Ali relacionava as possibilidades e argumentos contrários.

1. Suicídio. Sem cadáver. Nenhuma predisposição, nenhum motivo atual.
2. Assassinato. Sem cadáver. Nenhuma indicação de inimigos pessoais. Inimigos políticos teriam

publicamente declarado responsabilidade.

3. Rapto. Nenhum seguimento por raptos. Nenhum motivo pelo qual Fielding sobressaísse como pessoa a raptar.

4. Amnésia. Esses se perdem, não se escondem. Os médicos dizem não às indicações anteriores, não é o tipo.

5. Sob ameaça de morte. Não há indicações. Teria chamado a polícia imediatamente, com base nas indicações prévias.

6. Ameaça de chantagem. Nenhuma indicação de desonestidade ou evasão fiscal. Nenhuma indicação de mau comportamento sexual.

7. Farto da vida atual. Sem indicações. Nenhum problema financeiro ou familiar. Sentido forte de deveres sociais por toda a carreira. Espírito jurídico, não é um brincalhão.

8. Sincronia. Vantagem tirada da tarde de folga dada a Parsons (aviso dado dez dias antes) sugere plano deliberado? Mas F. podia dar-se mais tempo, cancelando a reunião da diretoria e a reunião com o agente — ou dando a Parsons todo o dia de folga. Assim sendo, quatro horas bastaram, supondo-se que a polícia fosse trazida o mais brevemente possível, o fato de que deixou de se apresentar aos eleitores às 6h35m. Planejamento antecipado de muito antes, então? Capaz de entrar em ação com pouco tempo de antecedência?

O sargento, em seguida, escreveu um segundo título:

### **Hipóteses incomuns.**

9. Amor. Alguma pequena ou mulher desconhecida. Teria de ser mais do que sexo. Por algum motivo

socialmente desastroso (casada, classe, cor?). Examinar outras pessoas desaparecidas nesse período.

10. Homossexualismo. Sem indicação alguma.

11. Paranóia. Alguma ameaça imaginária. Nenhuma indicação no comportamento anterior.

12. Fantasma vindo do passado. Algum escândalo antes do casamento, algum inimigo feito durante a guerra ou as fases da carreira como advogado? Nenhuma evidência, mas verificar.

13. Finanças. Modo mais provável pelo qual teria criado uma conta secreta no exterior?

14. Saída para caçada de raposas. Algum paralelo, identificação com a raposa. Extraviar os cachorros? Mas porquê?

15. Casamento liquidado. Alguma espécie de vingança contra a esposa. Examinar se ela não andou dando voltas por aí.

16. Crise religiosa. Crise exibicionista espiritual. Probabilidade nenhuma.

17. Algum caso no exterior, tendo a ver com o fato de ser um M.P., mas não é denunciador de escândalos públicos, nem tipo de capa e espada. Sentido forte de protocolo, teria consultado o Ministério, pelo menos advertido a esposa. Esquecer isso.

18. Filho. Não se ajusta. Voltar a vê-lo.

19. Logística. Desaparecimento total não é manobra de um homem só. Deve ter esconderijo, alguém para comprar comida, vigiar para ele, etc.

20. Deve haver alguma pista circunstancial em algum lugar. Algo que ele disse a alguém, certa feita. Parsons mais provável do que a esposa? Examinar seus amigos em Westminster e City.

Após algum tempo o sargento garatujou mais duas palavras, uma das quais era obscena, em letras maiúsculas, ao fim de sua análise escrita.

Iniciou a semana seguinte com a Srta. Parsons. As filhas, Francesca e Caroline, haviam voltado respectivamente de uma *Villa* perto de *Málaga* e um iate na Grécia e toda a família se achava agora em Tetbury Hall. A Srta. Parsons ficara guardando a casa em Londres. O sargento a fez lembrar toda a manhã de sexta-feira, a do desaparecimento. O Sr. Fielding ditara cerca de quinze cartas rotineiras, depois trabalhara com documentos sozinho, enquanto ela as datilografava. Dera um telefonema ao corretor de seguros e nenhum outro, que ela houvesse percebido. Passara a maior parte do tempo da manhã na sala de estar do apartamento; não saíra, em absoluto. Ela se retirara do apartamento por menos de meia-hora a fim de comprar alguns sanduíches em confeitaria próxima de Sloane Square. Regressara logo após uma hora da tarde, fizera café e levava ao patrão os sanduíches pedidos. Tais refeições improvisadas eram inteiramente normais nas sextas-feiras. De nenhum modo parecia ser outro, em confronto com aquele de meia-hora antes. Haviam conversado sobre o fim-de-semana que ela passaria em Hastings e ele dissera que ansiava por seu próprio fim-de-semana, dessa feita sem qualquer convidado, em Tetbury Hall. A secretária estivera com ele por tanto tempo que sua relação era muito informal. Toda a família a chamava simplesmente de "P". Muitas vezes permanecera no Hall. E se supunha "meio-avó", bem como secretária do patrão.

O sargento descobriu que tinha de pisar com muita cautela, quando se tratava de entrar no passado de Fielding.

"P" mostrou-se ferozmente protetora do bom nome do patrão, tanto em sua fase de advogado como na política. O sargento cínica e secretamente julgava que havia mais meios de transgredir a lei, de modo especial na City, do que sua simples letra; e Fielding estivera formidavelmente bem equipado para as piratarias por esse lado. Ela, no entanto, mostrou-se inflexível no tocante às contas no exterior. O Sr. Fielding não tinha qualquer espécie de tolerância para com os sabidinhos trapaceiros nos impostos — sua opinião sobre o caso Lonrho, o outro escândalo Tory daquele ano, fora idêntica à do primeiro-ministro. Tais andanças eram o "o rosto inaceitável do capitalismo" também para ele. Mas pelo menos, insinuou suavemente o sargento, se ele *houvesse* querido formar uma conta secreta no exterior, saberia como? Mas foi onde ofendeu o orgulho da secretária. Esta conhecia tanto os recursos e casos financeiros do Sr. Fielding quanto o mesmo. Era simplesmente impossível.

Com as possibilidades sexuais o sargento encontrou muralha ainda mais granítica. Ela negara categoricamente qualquer conhecimento antes, nada tinha a aduzir. O Sr. Fielding seria o último homem a se empenhar em uma ligação duvidosa. Era dono de auto-respeito demasiado. Jennings mudou de tática.

— Ele disse algo naquela manhã de sexta-feira sobre o jantar na noite anterior com o filho?

— Mencionou-o. Ele sabe que gosto muito das crianças.

— Em expressões felizes?

— Naturalmente.

— Mas eles não se entendem politicamente?

— Meu caro rapaz, eles são pai e filho. Oh, já tiveram discussões. O Sr. Fielding costumava brincar a esse respeito. Ele sabia que se tratava de fase passageira, nada mais. Certa vez me disse que tinha pensado de modo bem parecido, à

idade de Peter. Sei com certeza que ele quase votou pelos Trabalhistas, em 1945.

— E não deu qualquer indicação de amargura, briga, naquela noite de quinta-feira?

— Nenhuma, em absoluto. Disse que Peter estava com bom aspecto. E que a nova namorada do filho era uma moça encantadora. — Dito isso, aduziu: — Acho que ele ficou um pouquinho desapontado pelo fato de que os dois não iriam ao Hall no fim-de-semana. Mas contava que os filhos levassem vidas próprias.

— Ele, então, não ficou desapontado pelo modo como Peter cresceu?

— Santo Deus, não. Ele se saiu de modo muito brilhante. Academicamente.

— Mas não seguia as pegadas paternas?

— Todos parecem pensar que o Sr. Fielding foi alguma espécie de tirano victoriano. Ele é homem de compreensão muito ampla.

O sargento sorriu.

— Quem são todos, Srta. Parsons?

— O seu superior, pelo menos. Fez-me todas as perguntas que você está fazendo.

O sargento procurou abrandar: ninguém conhecia mais o Sr. Fielding, de modo que ela era realmente a melhor fonte de informações.

— Já vasculhamos os miolos. Naturalmente. Mas ainda não dá para crer que aconteceu. E quanto a tentar achar o motivo...

— Uma adivinhação inspirada? — e o policial voltou a sorrir. Ela baixou o olhar para as mãos entrelaçadas no regaço.

— Bem. Ele se esforçava demasiado.

— E?

— Talvez alguma coisa nele... eu, na verdade, não devia dizer isso. Não passa de cogitação.

— Talvez ajude.

— Bem, se alguma coisa cedesse. Ele fugiu. Tenho a certeza de que, em alguns dias, compreenderia o que fez. Mas estabelecia para si padrões tão elevados que talvez lesse todas aquelas reportagens nos jornais. Eu penso...

— Sim?

— Estou apenas supondo, mas acho que ele podia ficar... profundamente chocado com seu próprio comportamento. E não tenho certeza completa do quê...

— Está dizendo que ele pode ter posto fim à vida?

Ela evidentemente pensava assim, embora sacudisse a cabeça em negativa.

— Não sei, simplesmente não sei. Tenho toda a certeza de que foi algo feito sem advertência. Preparativos. O Sr. Fielding acreditava muito na ordem. Nos canais competentes. Isto é tão pouco característico dele... O método, o modo pelo qual o fez. Se é que o fez.

— Só que funcionou? Se ele quisesse que funcionasse?

— Ele não poderia tê-lo feito de livre e espontânea vontade. Em suas condições normais. É inimaginável.

Por momentos o sargento percebeu uma brandura e impermeabilidade na Srta. Parsons que era, talvez, apenas a compreensão de que ela teria feito tudo por Fielding — até mesmo contar, em tal circunstância, mentiras sem fim. Devia haver algo sexual no modo como o encarava, mas havia, ademais de sua idade avançada e sua presença física, o corpo bastante atarracado, a boca cerrada, os óculos, as roupas

discretamente profissionais da secretária solteirona por toda a vida, e tamanha ausência total de qualquer atração (por mais que se remontasse ao passado e mesmo que tivesse ocorrido algo, certa feita, entre ela e o patrão, a essa altura teria com certeza criado malignidade, em vez da fidelidade que tanto transparecia) que levou as desconfianças a sumirem quase no mesmo instante em que surgiam. Talvez elas colorissem de leve, no entanto, a pergunta seguinte, feita pelo sargento:

— Como costumava ele passar as noites livres aqui? Quando a Sra. Fielding se achava no interior?

— As coisas de costume. O Clube. Ele gostava muito do teatro. Jantava fora com amigos. E gostava de uma partida de bridge de vez em quando.

— Não jogava, não jogava nada?

— Uma incursão, de vez em quando. O Derby e o Grand National. Nada mais.

— Nenhum clube de jogo?

— Tenho a certeza de que não.

O sargento prosseguiu com as perguntas, sempre sondando na direção de algum ponto fraco, algo vergonhoso, por mais distante que fosse, e não chegou a parte alguma. Retirou-se levando apenas uma indicação vaga de homem sobrecarregado de trabalho e uma idéia implausível de que, após um momento de fraqueza, ele cometera haraquiri sem maiores delongas. Jennings desconfiara que a Srta. Parsons lhe contara o que ela queria que houvesse acontecido, em vez do que acreditava em segredo. O pensamento de um patrão discretamente morto era mais aceitável do que o pavor de um patrão encantado por uma lambisgóia ou manchado por algum outro escândalo vergonhoso.

Enquanto se encontrava no apartamento viu também a arrumadeira. Esta nada acrescentou. Nunca encontrara indicação de alguma pessoa desconhecida ter dormido ali;

nenhum fragmento de roupa de baixo, nenhum copo manchado de batom, nenhum par de xícaras de café na mesa da cozinha. O Sr. Fielding era um cavalheiro, afirmou. Se com isso queria dizer que os cavalheiros sempre retiram as indicações, ou nunca dão ocasião de que isso aconteça, o sargento ficou sem saber.

Continuava a favor, talvez porque tantas das fotografias sugeriam um empenho (era singular como poucas delas mostravam Fielding sorrindo) que também lhe conferia uma idéia de sensualidade reprimida, de alguma espécie de solução sexual-romântica. Homem esguio e barbeado, estatura além do comum, que evidentemente se vestia com cuidado até mesmo nos momentos à vontade, Fielding dificilmente poderia repelir as mulheres. Por alguns minutos, um dia, o sargento julgou ter descoberto petróleo naquele deserto de areias. Estivera examinando a lista de outras pessoas desaparecidas naquele primeiro fim de semana. Um detalhe referente a certo caso, uma secretária das índias Ocidentais que vivia com os pais em Notting Hill, chamou-lhe logo a atenção. Fielding estivera na diretoria da companhia de seguros em cuja sede londrina a jovem trabalhara. A pequena de dezenove anos de idade parecia razoavelmente bem educada, o pai era assistente social. Jennings percebeu o golpe com o qual todos os detetives sonham — Fielding, que afinal não fora de ferro, interceptado a caminho de reunião da diretoria, convidado a algum centro comunitário pela jovem, em nome do pai, e se deixando arrastar em ambos os sentidos... castelo na Espanha. Bastou um telefonema para mostrar que a jovem tinha sido encontrada — ou melhor, ela própria fizera parar toda a procura, alguns dias após desaparecer. Imaginara-se como cantora e fugira com o guitarrista de um clube das índias Ocidentais, em Bristol. Situação inteiramente negra.

Com os amigos na City e colegas no Parlamento — ou aqueles poucos que não haviam partido em férias, Jennings

não se saiu melhor. Os homens da City respeitavam a visão e o conhecimento de leis de Fielding. Os políticos davam a impressão, e nisso se pareciam bastante à Srta. Parsons, de que ele era homem melhor do que qualquer um deles — parlamentar de eleitorado rural e classe superior, excelente partidário, sempre bem informado quando falava, camarada muito agradável, muito idôneo... E se achavam uniformemente ignorantes sobre o que poderia ter ocorrido. Nenhum deles podia lembrar-se de qualquer indicação anterior de uma prostração. A pista psicológica essencial continuava tão enganadora quanto antes.

Apenas o M. P. mostrou-se mais esclarecedor — um dissidente Trabalhista, que por casualidade co-patrocinara um projeto de lei não-partidário juntamente com Fielding, um ano antes. E assim haviam estabelecido uma espécie de amizade de trabalho, pelo menos dentro das dependências da Casa. Negava qualquer conhecimento sobre a vida externa de Fielding, ou dos seus motivos para "sumir"; mas logo aduzia que "calhava, de um certo modo".

O sargento perguntou o motivo.

— Não vai contar o que eu lhe disser.

— Naturalmente, senhor.

— Você sabe. Mantinha a si próprio em rédeas curtas. Água parada e tudo o mais. Alguma coisa tinha de ceder.

— Receio não estar compreendendo bem, senhor.

— Ora, vamos, rapazinho. Seu trabalho deve ter-lhe ensinado que ninguém é perfeito. Ou, pelo menos, não perfeito como nosso amigo procurava ser. — Expandiu então sua teoria. — Alguns Tories são sabichões, alguns não passam de cachorros. Ele queria ser ambas as coisas. Homem rico por sua conta e esteio da comunidade. Isto, em nossos dias e época. Está claro que não dá certo. Ele não era tão

imbecil assim. — O M. P. indagou secamente ao sargento: — Já pensou no motivo pelo qual ele não subiu aqui?

— Eu não sabia que não tinha subido, senhor.

— Lugar seguro. Bem dirigido. Nunca se metia em esparrela com os eleitores. Mas não se trata disso, meu filho. Ele não os enganava, no que importa. A Câmara de Comuns é como um animal. Aprende-se a lidar com ela, ou não se aprende. Nosso amigo não tinha como. E sabia, reconheceu isso a mim, certa vez.

— Como foi, senhor?

O M. P. Trabalhista abriu as mãos.

— O velho toque humano? Ele não sabia desempertigar-se... Parecia-se demais ao melhor amigo do trapaceiro que continuava a ser. — Fungou, então. — Toda a capa de renomado assessor fiscal.

— Está sugerindo que ele tenha fraquejado de algum modo?

— Talvez ele tenha fraquejado no outro modo. Resolvendo contara primeira boa piada de sua vida.

Jennings sorriu, fez-se ingênuo.

— Deixe-me entender direito, senhor. Acha que ele estava desiludido com a política conservadora?

O M. P. Trabalhista emitiu leve grunhido de divertimento.

— Agora você está procurando o sentimento humano. Não creio que ele tivesse muito. Diria que estava apenas aborrecido. Com toda essa maldita trapalhada. A Casa, a Cidade, essa de fazer o Grande Senhor Provedor para os bobões. Queria uma saída, só isso. Eu sou um que lhe desejo boa sorte. Que seu exemplo seja seguido.

— Com respeito, senhor, ninguém na família dele, nem junto aos amigos íntimos, parece ter observado isso.

O M. P. sorriu.

— Surpresa, surpresa.

— Eles eram parte da coisa?

O M. P. fez gesto maroto, depois piscou o olho.

— Ele não era um cara de mau aspecto, observe.

— *Cherchez la femme?*

— Aí temos um palpite. Aposto em Eva. Mas é pura adivinhação, lembre-se.

Era realmente um palpite. Não dispunha de comprovação, alguma. O M. P. consultado mostrava-se figura muito mais amplamente conhecida do que Fielding — criatura lutadora, bem como inimigo profissional dos Tories e dificilmente bom observador. Mesmo assim sugerira uma ambição contrariada; e os inimigos às vezes enxergam melhor que os amigos.

Jennings em seguida foi falar com a pessoa que assinalara como teoricamente testemunha-chave — não menos porque ele também soava como inimigo, embora onde se contaria encontrar um amigo. Tratava-se do filho, Peter. O sargento tivera acesso a um arquivo que, oficialmente, não existe. E o mesmo apresentava pouquíssimo com relação a Peter; pouco mais, na verdade, do que mencionar de quem o mesmo era filho. Haviam-no anotado como "vagamente NE (Nova Esquerda)"; "interesse mais emocional do que intelectual, muito longe do núcleo de veteranos". O "vermelho temporário?" em que a anotação rápida sobre ele se encerrara, à maneira singular daqueles tão devotados à causa anti-socialista que estão prontos a espionar por elas (isto é, adotam externamente a causa que odeiam), tinha um ar distinto de genuíno desdém marxista.

O sargento encontrou-se com Peter certo dia, no apartamento de Knightsbridge. O rapaz tinha parte do bom aspecto e elevada estatura do pai e a mesma dificuldade aparente para sorrir. Mostrava-se muito ostensivamente desdenhoso do ambiente de luxo do apartamento; e claramente impaciente por ter de gastar tempo examinando a mesma estória antiga.

O próprio Jennings era virtualmente apolítico. Partilhava a opinião geral (e do pai) de que a polícia recebe tratamento melhor sob um governo Conservador, e desdenhava Wilson. Mas também Heath não lhe agradava muito. Muito mais do que odiar a qualquer dos partidos, odiava a charada geral da política, a mentira e encobrimento que nela transcorriam, os debates e lutas mesquinhas. Por outro lado não era exatamente o porco fascista pelo qual, ao que logo percebeu, Peter o tomava. Tinha boa idéia do processo legal devido, de justiça, ainda que a mesma jamais houvesse sido colocada sob prova verdadeira. E a ele desagradava abertamente o lado físico do trabalho policial, os casos de brutalidade desenfreada sobre os quais ouvira falar e, uma ou duas vezes, testemunhara. De modo essencial, encarava a vida como uma partida que se jogava principalmente para si próprio e só de passagem por certa noção de dever. Estar ao lado da lei fazia parte das regras dessa partida mas não era imperativo moral. Por isso Peter o desagradou desde o início, menos por motivos políticos do que por todos os tipos de motivos vagos, sociais e ligados a essa partida... assim como quem odeia o adversário, de maneira paradoxal, tanto por vantagens tomadas injustamente quanto pelas que são ineficientemente exploradas. O próprio Jennings teria utilizado uma simples palavra, "falso". Não distinguia entre um desdém esquerdista adquirido pela polícia e um desdém de classe hereditária. Percebia apenas o desdém, e sabia muito melhor do que o jovem à frente como esconder tal sentimento.

A "ceia" da noite de quinta-feira surgira de modo bastante casual. Peter telefonara ao pai por volta das seis horas a fim de dizer que, afinal de contas, não iria para casa no fim de semana. O pai sugerira que fizessem uma refeição juntos aquela noite e que trouxesse Isobel. Fielding desejava iniciar logo a noite, aquilo duraria apenas duas horas. Haviam-nos levado a uma nova churrascaria na Rua Charlotte. Ele gostava de "visitar as favelas" em companhia deles, de vez em quando, comer em tal lugar não era novidade alguma. Parecera perfeitamente normal — em seu "comportamento costumeiro e urbano de homem do mundo". Haviam desistido de discutir sobre política "anos atrás". E tinham conversado sobre coisas da família. Sobre Watergate. O pai adotara a atitude do *The Times* sobre Nixon (que o mesmo estava sendo injustamente impedido por procuração) mas não procurou defender seriamente o governo sediado na Casa Branca. Isobel falara sobre a irmã, que se casara com um candidato a (e enquanto isso arruinado) diretor de filmes franceses e logo teria um filho. Os horrores de um parto do outro lado do canal haviam divertido Fielding. Não tinham conversado sobre qualquer coisa a sério, não houvera o menor sinal do que aconteceria no dia seguinte. Haviam-se retirado juntos por volta das dez horas. O pai chamara um táxi (e voltara diretamente para casa, como o porteiro noturno testemunhara antes) e eles tinham ido assistir a um filme tardio na Rua Oxford. Não houvera qualquer indicação de um adeus final, quando lhe haviam desejado boa-noite.

— Acha que conseguiu convencer seu pai, em alguma coisa? Nos dias em que discutia com ele?

— Não.

— Ele nunca pareceu abalado nas crenças que tinha? Farto de algum modo com a vida política?

— Por extraordinário que pareça, também não.

— Mas sabia que ele a detestava?

— Sou apenas filho dele.

— Filho único.

— Eu desisti. Não adiantava. Só se cria mais um tabu.

— E que outros tabus ele tinha?

— Os cinquenta mil de costume. — Peter relanceou o olhar pelo aposento. — Qualquer coisa para manter a realidade à distância.

— Não vai ser tudo isto seu, um dia?

— É o que resta a ver. — E aduziu: — Se vou querer.

— Havia um tabu quanto ao sexo?

— Qual aspecto do sexo?

— Ele conhecia a natureza de sua relação com a Srta. Dodgson?

— Oh, pelo amor de Deus.

— Sinto muito, senhor. O que estou tentando dizer é se acha que ele pudesse sentir inveja.

— Nunca falamos no assunto.

— E o senhor não formou alguma impressão?

— Ele gostava dela. Embora ela não seja criatura vinda da origem correta, e tudo o mais. E ao falar em tabus eu não me referia a que ele esperasse que o filho...

O sargento ergueu a mão.

— Desculpe. O senhor não me compreendeu. Se ele poderia gostar de jovens com a idade dela.

Peter o encarou bem, depois baixou o olhar para os pés esparramados.

— Ele não tinha esse tipo de coragem. Nem a imaginação.

— Ou necessidade? O casamento de seus pais foi muito feliz, ao que creio.

— Querendo dizer que não acredita?

— Não, senhor. Estou apenas perguntando.

Peter voltou a encará-lo por momentos prolongados, depois se ergueu e foi à janela.

— Olhe. Está certo. Talvez você não conheça o tipo de mundo em que fui criado. Mas o princípio orientador desse mundo é o de nunca, nunca, nunca demonstrar o que realmente sentimos. Eu *acho* que minha mãe e pai foram felizes, juntos. Mas não sei, na verdade. É bem possível que tenham andado berrando um com o outro por muitos anos, por trás da porta. É bem possível que ele estivesse dando voltas por aí com bom número de mulheres. Não creio que fosse assim, mas sinceramente não sei. Porque é esse o mundo em que eles vivem e no qual tenho de viver, quando estou em sua companhia. A gente finge, certo? Não mostramos a verdade até que o mundo se rache em dois, por baixo dos pés. — Dito isso, voltou-se da janela. — De nada adianta me perguntar sobre meu pai. Você podia me contar qualquer coisa a respeito dele e eu não poderia dizer categoricamente que não é verdade. Eu *acho* que ele era tudo quanto fingia ser externamente. Mas por causa do que ele é e... simplesmente não sei. O sargento fez silêncio.

— Em retrospecto... acha que ele estava enganando a todos, durante aquela noite da véspera?

— Aquilo não era um interrogatório policial, pelo amor de Deus, Não se estava procurando descobrir coisa alguma.

— Sua mãe pediu, em círculos muito altos, que prossigamos com as investigações. E nós não dispomos de muita coisa para continuar.

Peter Fielding respirou fundo.

— Está certo.

— Essa idéia de fingir a vida... Já notou alguma percepção dela em seu pai?

— Creio que socialmente, sim. Às vezes. Todos os chatos temíveis que tinha de tolerar. A conversinha boba. Mas até isso muito menos frequentemente do que ele parecia estar gostando.

— E nunca deu a entender que queria uma vida sem isso?

— Sem pessoas que ele pudesse usar? Está brincando.

— E em algum momento pareceu desapontado pelo fato de que sua carreira política não fosse mais destacada?

— Também tabu.

— Ele deu a entender coisa assim a alguém, na Casa dos Comuns.

— Eu não disse que não fosse possível. Ele costumava dizer que os assentos de trás são o esteio do parlamento. Eu nunca acreditei nisso. — E ele voltou a sentar-se diante do sargento. — Você não pode compreender. Foi assim para mim, por toda a vida. As caras que adotamos. Para um encontro eleitoral. Para as pessoas influentes de quem queremos alguma coisa. Para nossos velhos companheiros. Para a família. E como me perguntar a respeito de um ator que só vi no palco. Eu não sei.

— E não tem uma teoria para a última cara que fez?

— Tenho apenas três aclamações. Se ele realmente deu o fora de tudo isso.

— Mas não acredita que tenha sido assim?

— A probabilidade estatística é a soma do *Establishment* inglês contra um. Eu não apostaria isso. Se estivesse em seu lugar.

— Suponho que não seja essa a opinião de sua mãe.

— Minha mãe não tem opiniões. Apenas aparências para manter.

— Posso perguntar-lhe se suas irmãs perfilham sua política também?

— Só existe uma ovelha vermelha na família.

O sargento dedicou-lhe um sorriso dos mais ralos. Continuou perguntando e recebeu as mesmas respostas entre raivosas e indiferentes — como se fosse mais importante que a atitude pessoal de quem dava tais respostas se mostrasse clara do que o mistério a ser solucionado. Jennings era inteligente o bastante para adivinhar que algo estava sendo oculto e que podia muito bem ser algum tipo de perturbação, um amor sepultado; que talvez Peter se achasse dividido, metade de si querendo o que serviria melhor seu eu alegadamente independente — uma derrubada espetacular da vida de fingimento — e desejando que tudo houvesse continuado como antes. Ce realmente era, como parecia provável, apenas um vermelho temporário, o mergulho possível do pai no que era o equivalente social, senão político, do socialismo permanente devia mostrar-se muitíssimo mortificante; como se o velho houvesse dito, "Se você vai mesmo cuspir na cara de seu mundo, este é o melhor meio de fazê-lo".

Quando o sargento se levantou para retirar-se, mencionou que gostaria de ver a namorada, Isobel Dodgson, quando esta regressasse a Londres. Estivera na França, em Paris, desde cerca de dez dias após o desaparecimento. Aquilo parecera bastante inocente. A irmã dela acabara de ter o filho esperado e a visita, ao que parecia, desde muito tinha sido combinada. Mesmo assim — no que seria a visão alheia de um golpe brilhante — a srta. Dodgson e as idas e vindas de sua coleção um tanto díspar de parentes-por-afinidade franceses fora observada por alguns dias — e se revelara

monotonamente inocente. Peter Fielding pareceu muito vago sobre quando ela pretendia regressar. Achou que talvez não fosse por outra semana, quando devia retomar seu trabalho em uma editora.

— E ela não pode dizer-lhe algo que você já não tenha ouvido mais de dez vezes.

— Apenas gostaria de falar-lhe por instantes, senhor. Jennings deu prosseguimento a seu trabalho, mais uma vez sem maior resultado além da contemplação de um complexo de Édipo insoluto, em paga por seus esforços.

Mediante apontamento, dirigiu-se então ao próprio Tetbury Hall; embora houvesse, antes de se dar o prazer de visitar seu esplendor arquitetônico e cercado de vala, visitado um número seleta dos vizinhos. Ali obteve uma opinião levemente diversa sobre seu objetivo e a opinião singular de que algo muitíssimo feio (ainda que não determinado) havia sucedido. Também surgiu louvor sem reserva pela vítima, como se *De mortuis* estivesse gravado em todos os corações daquele interior. Fielding era tão bom caçador, ou teria sido se não se achasse inevitavelmente ausente tantas vezes; tão "bom para a aldeia"; tão geralmente benquisto (diversamente do parlamentar anterior). O sargento tentou explicar que um assassinato político sem qualquer comprovação disso, para não falar no cadáver, nem é assassinato nem é político, mas ficou com a impressão de que para seus ouvintes estava apenas traindo uma triste ignorância da realidade urbana contemporânea. Não descobriu pessoa alguma que pudesse acreditar seriamente por um só momento que Fielding podia ter saído por gosto de um mundo prestes a iniciar sua estação de caça e tiro-ao-alvo.

Apenas uma pessoa proporcionou opinião um pouco diferente sobre Fielding, e essa foi o jovem de roupa enxadrezada que dirigia a fazenda para ele. Não se tratava de um mundo do qual Jennings tivesse qualquer conhecimento,

mas agradou-lhe a rispidez lacônica do administrador, homem de trinta anos de idade. Percebeu nele certo reflexo de seus próprios sentimentos quanto a Fielding — uma mistura de irritação e respeito. A irritação vinha com muita clareza, do lado do administrador, de achar que não era autônomo o suficiente. Fielding gostava de "ser consultado por qualquer coisa"; e tudo tinha de ser resolvido na base da contabilidade — às vezes o administrador ficava pensando no porque não haviam instalado ali um computador. Mas reconhecia que aprendera muito, pudera sustentar-se bem. Pressionado por Jennings, surgiu com a palavra "compartmentalizado"; um sentimento de que Fielding era duas pessoas diferentes. Uma impiedosa ao dirigir a fazenda, buscando o lucro máximo; outra, "muito agradável socialmente, muito compreensivo, nada de esnobe nele". Uma quinzena antes do "truque de desaparecimento" suceder, havia tido uma reunião de planejamento com Fielding. Não surgira qualquer sinal de que o dono jamais veria realizadas as coisas sobre as quais tinham debatido. Jennings finalmente perguntou, com discrição, acerca da Sra. Fielding — a possibilidade de que ela houvesse tornado o marido ciumento.

— De jeito nenhum. Por aqui não, pelo menos. A aldeia ficaria sabendo em dez minutos.

A própria Sra. Fielding não negou a improbabilidade. Embora não houvesse confiado em Peter o sargento teve de reconhecer certa justiça na afirmação filial sobre a manutenção de aparências. A ela tinha sido explicado, com muito tato, que Jennings, a despeito de sua patente de então, era "um de nossos melhores agentes" e estivera trabalhando por tempo integral no caso, desde o início — um detetive muito promissor. Adotou seus modos de escola pública, esclareceu que não pretendia sair de sua profundidade social e estava satisfeito com a oportunidade de conhecê-la pessoalmente.

Depois de dizer à dama algo do que estivera fazendo sobre o caso ele começou, sem dar as origens, a adiantar as teorias da Srta. Parsons e do M. P. Trabalhista. A idéia de que o marido pudesse ter compreendido o que havia feito e depois cometido suicídio ou, envergonhado, permanecido oculto, foi considerada inacreditável pela Sra. Fielding. A preocupação única do marido teria sido pela aflição e dificuldades que estava causando e dar fim aos mesmos o mais depressa possível. Ela reconheceu que a publicidade inevitável poderia ter danificado de modo irreparável a carreira política de Fielding — mas sucedia que ele "tinha muitas outras coisas pelas quais viver".

Recusou-se também a aceitar que ele estivesse politicamente desapontado. Não era, em absoluto, um sonhador romântico, desde muito aceitara que lhe faltavam o impulso concentrado e os talentos especiais de candidato ministerial. Não era dos melhores no setor de pancadaria dos debates parlamentares; e passava tempo demasiado nos demais setores de sua vida para contar ser candidato a qualquer lista de ocupantes de Downing Street. Ela revelou que Marcus era tão pouco ambicioso ou totalmente otimista que pensara a sério em desistir de seu assento parlamentar na eleição seguinte. Mas insistiu em que isso não era devido a desapontamento — apenas da sensação, por parte do marido, de que cumprira seu dever. O sargento não discutiu sobre a questão, e perguntou à Sra. Fielding se esta havia formado alguma teoria preferida, explicando o desaparecimento, naquela última quinzena.

— Quase não se falou de outra coisa, mas... — e ela fez aquele gesto de desesperança, elegante e aparentemente muito bem ensaiado.

— Pelo menos acha que ele continua vivo? — E o sargento aduziu depressa: — Como deve achar, está claro.

— Sargento, estou no vazio. Ora espero vê-lo entrar por aquela porta, ora... — ela voltou a fazer o gesto.

— Se ele está escondido, saberia cuidar de si próprio? Ele sabe cozinhar, por exemplo?

Ela sorriu muito de leve.

— Dificilmente levamos esse tipo de vida, como deve saber. Mas a guerra. Certamente poderia cuidar de si próprio. É como se faz, quando se tem de fazê-lo.

— Nenhum outro nome lhe ocorreu... talvez alguém vindo do passado distante?... que pudesse ter sido convencido a escondê-lo?

— Não — e ela adiantou: — Eu vou lhe poupar o embaraço da teoria de que existe outra mulher. Era totalmente estranho à natureza dele esconder qualquer coisa de mim. Está claro que poderia ter-se apaixonado por alguém. Mas jamais o teria escondido de mim... se ele achasse...

Jennings assentiu.

— Nós aceitamos isso, Sra. Fielding. E realmente não ia trazê-lo à baila. Mas, ainda assim, obrigado. — E perguntou: — Nenhum amigo... talvez com uma *villa* ou algo no exterior?

— Bem, naturalmente a pessoa tem amigos com propriedades no exterior. O senhor já deve conhecê-los todos por nome. Mas eu me recuso a acreditar que faria isso comigo e com as crianças. È impensável.

— Suas filhas não podem ajudar de algum modo?

— Receio que não. Elas estão aqui. Caso queira perguntar-lhes alguma coisa.

— Mais tarde, talvez — e procurou degelá-la com um sorriso. — Existe uma questão bastante delicada. Eu lamento muitíssimo tudo isto.

A dama abriu as mãos em gesto de aquiescência — era um martírio gracioso, já que o dever da pessoa a isso obrigava.

— Relaciona-se a tentar formar um retrato psicológico. Já indaguei com seu filho a esse respeito, em Londres. Se as opiniões políticas dele não haviam constituído grande decepção para o pai.

— O que respondeu meu filho?

— Eu ficaria muito reconhecido em ter, antes, sua opinião.

Ela deu de ombros, como se toda a questão fosse levemente absurda, e não "delicada", em absoluto.

— Se ele, ao menos, compreendesse que a pessoa preferiria muitíssimo que ele pensasse por si mesmo, em vez de... o senhor sabe do que estou falando.

— Mas houve algum desapontamento?

— Meu marido, naturalmente, ficou um pouco perturbado de início. Nós dois ficamos. Mas... a pessoa havia concordado em discordar? E ele sabe muitíssimo bem que nós nos orgulhamos dele em todos os outros aspectos.

— Assim sendo, a imagem de alguém que trabalhou com afinco para formar um mundo muito agradável, e depois descobre que o filho herdeiro não o deseja, seria enganadora?

Ela bufou.

— Mas Peter o quer. Ele adora esta casa. Nossa vida aqui. A despeito do que diga. — Sorriu então, com dose muito clara de frieza. — Eu creio que esta é a maior bobagem de todas, sargento. O que já houve de pior ficou para trás, faz muito tempo. E a pessoa tem duas filhas, também. Não se deve esquecer isso. — Afirmou, em seguida: — À parte do pequeno flerte de Peter com Karl Marx, temos na verdade uma família repugnantemente feliz.

O sargento começou a ter parte da mesma impressão que recebera da Srta. Parsons: que a dama escolhera ignorar, em vez de saber. Ele podia achar-se ali porque ela insistira no prosseguimento das investigações, mas desconfiava que isso era muito mais para fins externos do que saído de qualquer necessidade desesperada de descobrir a verdade. Continuou indagando, e não obteve qualquer espécie de ajuda. Era quase como se ela soubesse realmente onde o marido se encontrava e o estivesse protegendo. O sargento foi brindado por uma intuição repentina e estranha, não mais alicerçada em qualquer coisa além de frustração do que as que a própria Sra. Fielding tivera na primeira noite do desaparecimento, que ele devia na verdade estar vasculhando Tetbury Hall, de mandato à mão, em vez de conversar educadamente na sala de visitas. Mas supor a Sra. Fielding capaz de tal crime era esperar que ela fosse algo bem diferente do que tão claramente era... mulher colada a seu papel na vida e sua posição social, eminentemente dotada de pose e eminentemente destituída de imaginação. O sargento também farejou uma vaidade profundamente ferida. Ela tivera de suportar parte do opróbrio; e em algum setor íntimo isso lhe causava profundo ressentimento. Ele teria preferido muitíssimo que ela o houvesse feito às abertas.

Viu rapidamente as duas filhas. Estas apresentaram a mesma frente unida. O papai parecera cansado às vezes, trabalhava tanto, mas era um superpapai. A mais velha das duas, Caroline, que estivera navegando na Grécia quando o acontecimento ocorrera, veio aduzir um aspecto novo e minúsculo — e também divergente. Achava que poucas pessoas "nem mesmo a Mamãe" compreendiam o quanto o lado campestre da vida do pai representava para ele — a fazenda; Tony (o administrador da fazenda) ficava doido com o modo pelo " qual o Papai estava sempre rondando por ali. Mas era só porque o Papai amava a fazenda, ao que parecia. Ele não queria interferir, ele "apenas como que queria ser o Tony,

na verdade". Nesse caso, por que não abandonava a vida londrina? Caroline não sabia. Supunha que o pai fosse mais complicado "do que nós jamais o percebemos". E foi quem veio trazer à baila a mais tresloucada das possibilidades.

— Já ouviu falar do Monte Athos? Na Grécia? — O sargento sacudiu a cabeça em negativa. — Na verdade, passamos de barco por ele, quando estive por lá. É como que reservado para os mosteiros. Só existem monges. É tudo masculino. Nem mesmo deixam entrar galinhas ou vacas. Quer dizer, eu sei que parece ridículo, mas um lugar como esse. Onde ele pudesse estar sozinho por algum tempo, ao que creio.

Mas quando se chegou às comprovações desse anseio por um retiro solitário as duas jovens achavam-se tão no ar quanto os demais. O que o irmão delas julgava hipócrita elas haviam aparentemente achado que era sacrifício próprio, emanado do dever.

Alguns minutos depois a Sra. Fielding agradecia ao sargento pelos esforços do mesmo e, embora o relógio indicasse meio-dia e meia, não lhe ofereceu almoço. Ele regressou a Londres achando, e coberto de razão, que poderia ter ficado no gabinete, logo de entrada.

Sentia-se no fim de seus recursos em todo aquele maldito caso. Ainda havia pessoas com quem tinha de falar, mas não contava que estas aduzissem qualquer coisa ao quadro geral — e quase sempre vazio. Sabia que passara com rapidez de ser desafiado a sentir-se derrotado e que logo seria uma questão de evitar trabalho desnecessário, em vez de procurá-lo. Uma das pistas possíveis que tinha todos os motivos para riscar da lista era Isobel Dodgson, a namorada de Peter. Ela fora interrogada detalhadamente por outrem, durante o inquérito preliminar e não contribuía com coisa alguma de importância. Mas ele guardava algo de mexerico casual sobre ela no Yard; e uma bela jovem é sempre

mudança bem-vinda, ainda se não souber de coisa alguma. Caroline e Francesca haviam-se mostrado muito mais bonitas em nome do que no encontro com elas.

Ela voltou de Paris a quinze de agosto, em meio de uma das semanas mais quentes de muitos anos. O sargento lhe enviara recado, pedindo que viesse falar-lhe assim que chegasse e ela telefonou na manhã seguinte, uma quinta-feira insuportavelmente úmida e quente. Combinaram que ele iria a Hampstead, para vê-la aquela tarde. A jovem parecia precisa e indiferente; nada sabia, não entendia para que o encontro. Mesmo assim ele insistiu, presumindo que ela já houvesse falado com Peter e estava adotando a atitude do mesmo.

A jovem caiu-lhe no gosto no mesmo instante, à porta da casa em Willow Road. Pareceu pouco intrigada, como se Jennings houvesse vindo para falar com outra pessoa que não ela, embora ele houvesse tocado a campainha do apartamento e se apresentado na pontualidade mais rigorosa. Talvez contasse encontrar alguém uniformizado, mais idoso, assim como ele contara encontrar alguém mais seguro de si.

— Sargento Mike Jennings. Polícia.

— Oh, desculpe.

Jovem pequena, o rosto oval provocante, olhos marrons-escuros, cabelos negros; vestido branco e simples com faixa azul descendo até o tornozelo, sandálias nos pés sem meias... mas não era só isso. Ele teve a impressão imediata de alguém vivo, onde todos haviam estado mortos ou se fazendo de mortos; de alguém que vivia no presente e não no passado; e que não se parecia a Peter, em absoluto, por surpreendente que tal fosse. Ela sorriu e assentiu para um ponto atrás dele.

— Será que podíamos ir para Heath? O calor está-me matando. Meu quarto não recebe ar algum, ao que parece.

— Ótimo.

— Vou apanhar minha chave.

Ele foi e aguardou na calçada. Não havia sol, e sim uma neblina de calor opaca, um banho de ar estagnado. Ele despiu o casaco esporte azul-escuro e o dobrou sob o braço. Ela veio então, trazendo uma bolsinha, seguindo-se outra troca de sorrisos cautelosos.

— Você é a primeira pessoa que vejo hoje e que não parece sentir calor.

— Sim? Pura ilusão.

Caminharam pela leve ascensão até East Heath Road; depois a cruzaram, indo para a grama e descendo rumo às lagoas. Ela só voltaria a trabalhar na segunda-feira seguinte e era apenas auxiliar geral na editora. Jennings sabia mais a seu respeito do que ela percebia, com base na verificação efetuada quando se achava temporariamente sob suspeita. Tinha vinte e quatro anos de idade, era formada em inglês, chegara mesmo a publicar um livro de estórias infantis. Seus pais haviam-se divorciado, a mãe vivia agora na Irlanda, casada com algum pintor. O pai era professor na Universidade York.

— Não sei o que possa contar-lhe.

— Esteve com Peter Fielding, depois de voltar? Em resposta ela sacudiu a cabeça.

— Só pelo telefone. Ele se acha no interior.

— O que desejo perguntar é questão rotineira. Apenas bater um papo, na verdade.

— Vocês ainda estão...?

— Exatamente como começamos. Mais ou menos. — Ele passou o casaco para o outro braço; não se podia caminhar sem suar. — Não sei ao certo há quanto tempo você conhece os Fieldings.

Caminhavam muito devagar. Era verdade, embora representando um modo de dizer, que ele gostara de seu vestido, a despeito do calor ela parecia fresca, sob o algodão branco; corpo muito pequeno, delicado, como se tivesse dezesseis anos de idade; mas experiente algures, diversamente de uma jovem de dezesseis anos, segura de si a despeito daqueles primeiros momentos de timidez aparente. Uma jovem sexy, usando forte perfume francês, que se inclinava a evitar-lhe o olhar, respondendo enquanto olhava para o chão ou para o Heath em frente.

— Só neste verão. Quatro meses. Peter, é o que quero dizer.

— E o pai dele?

— Estivemos duas ou três vezes na grande casa dos barões. Houve uma festa no apartamento em Londres. De vez em quando refeições em restaurantes. Como aquela última. Na verdade, era apenas a pequena do filho dele. Sinceramente não o conheci muito bem.

— Gostou dele?

Ela sorriu e, por momentos, nada disse.

— Não muito.

— E por que não?

— Tories. Não fui criada desse modo.

— Muito justo. Nada mais?

Ela fitou a grama, com expressão divertida.

— Eu não sabia que você ia fazer perguntas assim.

— Nem eu. Estou tocando de ouvido.

A jovem lançou-lhe um olhar de surpresa, como se não houvesse contado com tanta franqueza. Depois voltou a sorrir. Ele disse:

— Temos todos os fatos. Agora estamos examinando como as pessoas se sentiam quanto a ele.

— Não era ele, em especial. Só o modo como vivem.

— O que seu amigo descreveu como vida de fingimentos?

— Só que eles não estão fingindo. Eles são assim, não é mesmo?

— Você se importa se eu tirar a gravata?

— Por favor. Claro que não.

— Passei todo o dia caminhando com água.

— Eu também.

— Pelo menos temos água aqui. — Passavam pela lagoa das damas, com sua muralha de árvores e arbustos. Ele lhe dedicou um sorriso curto ao enrolar a gravata. — A um preço.

— Nas lesbicazinhas entusiasmadas? E como sabe que elas andam por aqui?

— Parte de meu tempo em uniforme foi feito na rua. Haverstock Hill?

Ela assentiu e ele estava pensando como as coisas eram simples, ou podiam ser... quando eles não fazem rodeios, dizem o que verdadeiramente pensam e sabem, vivem na verdade o dia de hoje em vez de cinquenta anos atrás; e dizem realmente as coisas que ele sentira mas, de algum modo, não conseguira dizer a si próprio. Passara a não gostar muito de Fielding, também, ou desse modo de vida. Só que a pessoa tinha o cérebro lavado, tornava-se indolente, engolia-se a opinião sobre valores divulgada pelo suplemento colorido dominical dos jornais, as suposições dos superiores, da profissão que se tinha, e se esquecia da existência de

criaturas com espírito loução e independente, que enxergam tudo isso e não se arreceiam...

Ela, de súbito, voltou a falar.

— É verdade que eles surram os velhos sujos por aqui?

Com isso ele foi trazido subitamente de volta à terra, e teve mais choque do que demonstrou, como alguém que procura um peão e se encontra colocado em xeque, mediante simples movimento do adversário.

— Provavelmente. — Ela estava fitando a grama e após um segundo ou dois ele aduziu: — Eu costumava dar-lhes uma chávena de chá. Em pessoa. — Mas a pausa causara seu efeito.

— Sinto muito. Não devia ter-lhe perguntado. — E ela lhe dedicou um olhar de esguelha. — Você não é muito policializado.

— Estamos acostumados.

— Foi algo que ouvi certa vez. Desculpe, eu... — e sacudiu a cabeça.

— Está tudo bem. Nós vivemos com isso. Sabemos livrar-nos dessas coisas.

— E eu interrompi.

Ele pendurou o casaco no dedo, sobre as costas, e desabotoou a camisa.

— O que estamos tentando descobrir é se ele não se teria decepcionado com esse modo de vida. Seu amigo me contou que o pai não tinha a coragem... coragem ou imaginação para sair dessa situação. Você concorda?

— Peter disse isso?

— Foram palavras dele.

Por momentos ela não respondeu.

— Ele era um desses homens que às vezes parecem estar em outro lugar. Você sabe como é? Como se estivessem apenas fazendo os movimentos de quem se acha presente.

— E o que mais? Nova pausa.

— Perigoso não é a palavra... mas alguém... muito controlado. Um pouquinho obcecado? Quero dizer, alguém que não seria detido com facilidade se se convencesse a fazer algo. — Bateu de leve na cabeça, em auto-recriminação. — Não estou explicando muito bem. Mas fico surpresa em que Peter.

— Não pare.

— Havia algo como que fixo e rígido, por baixo. Acho que isso poderia ter produzido coragem. E essa coisa abstrata que ele demonstrava às vezes. Como se fosse outra pessoa. E isso sugere um tipo de imaginação? — Nessa altura, fez careta. — O sonho do detetive.

— Não, isso ajuda. E que me diz daquela última noite? Nessa ocasião você teve a impressão de que ele se achava presente, mas em outro lugar?

A resposta foi a cabeça sacudindo em negativa.

— Por singular que fosse, mostrou-se muito mais alegre que o costume. Bem... digo alegre. Não era esse tipo de pessoa, mas...

— Estava a se divertir?

— Não pareceu apenas fruto de boa educação.

— Alguém que já resolveu o que vai fazer? E que se sente bem, por tê-lo resolvido?

Ela pensou, o olhar baixo. Caminhavam muito devagar como se, a qualquer instante, fossem voltar por onde tinham vindo. Sacudiu novamente a cabeça.

— Sinceramente, não sei. Com certeza não havia alguma emoção escondida. Nada de um arde despedida.

— Nem mesmo quando disse adeus?

— Ele me beijou na face, creio que tocou no ombro de Peter. Não me lembro muito bem dos movimentos reais mas teria notado se houvesse alguma coisa incomum. Quer dizer, o estado de espírito dele parecia um tanto invulgar. Lembro-me de que Peter disse algo sobre ele abrandar, na velhice. Havia essa sensação. Ele saíra de si, para ser bom conosco.

— E não tinha sido sempre?

— Não quis dizer isso. Só... só que não estava apenas fazendo os movimentos de alguém presente mas ausente, como afirmou. Talvez fosse Londres. Ele sempre pareceu situar-se em outro lugar, no interior. A meus olhos, pelo menos.

— É onde todos acham que ele era mais feliz. Ela voltou a pensar e escolheu as palavras.

— Sim, gostava de demonstrá-lo. Talvez fosse a situação familiar. Estar *en familie*.

Ele disse:

— Agora tenho algo muito grosseiro a lhe perguntar.

— Não. Ele não o fez.

A resposta fora dada com tanta presteza que Jennings riu.

— Você é minha melhor testemunha.

— É que estava esperando a pergunta.

— Nem mesmo um olhar, um...?

— Eu divido os olhares que os homens me dedicam em duas espécies. Naturais e inaturais. Nunca me deu um olhar do segundo tipo. Isso eu percebia.

— Eu não queria dizer que ele lhe houvesse dado uma cantada, mas se você sentia alguma espécie de intenção...

— Nada que pudesse descrever.

— Havia, então, alguma coisa?

— Não. Sinceramente não. Acho que foi coisa minha. Tolices psíquicas. Não serve de comprovação.

— Preciso ajoelhar-me?

Ela curvou a boca, mas nada disse. Continuaram caminhando em trilha lateral na direção de Ken Wood. Ele disse:

— Más vibrações?

Ela continuava hesitando, mas sacudiu a cabeça. Os cabelos negros se enrodilharam um pouco, de modo negligente e delicioso, nas extremidades onde tocavam a pele do pescoço.

— Eu não gostava de ficar a sós com ele. Só aconteceu uma ou duas vezes. Pode ter sido apenas a questão política. Mágica simpática. O modo como sempre parecia efetuar uma espécie de transformação química no Peter.

— De que modo?

— Oh, uma espécie de nervosismo. Um estado de espírito em defesa. Não que eles costumassem discutir, como parece terem discutido antes. Tudo muito civilizado, na verdade. Por favor, você não deve dizer coisa alguma sobre isso. Sou eu, com meu modo de pensar, não são fatos.

— E o casamento lhe pareceu certo, tudo bem?

— Sim.

— Você hesitou.

Ela voltara a fitar o chão enquanto subiam a encosta de relva.

— O casamento de meus pais se desfez quando eu tinha quinze anos. Eu como que sentia algo... uma coisinha de nada. Quando o casal sabe e os filhos não. Acho que nas relações reais as pessoas são rudes umas com as outras. Sabem que podem fazê-lo, não estão caminhando em terreno perigoso. Mas Peter disse que eles sempre tinham sido assim. Ele me contou certa vez que jamais soubera de uma briga deles. Sempre aquela fachada. A frente unida. Talvez eu só tenha descoberto tardiamente alguma coisa que sempre estivera por lá.

— Nunca conversou com a Sra. Fielding?

— Nada mais. — E ela fez careta. — Casca grossa.

— Isso de não querer ficar a sós com ele...

— Era uma coisinha de nada, apenas.

— Você já demonstrou que é telepata. — Ela voltou a sorrir, comprimindo os lábios. — Essas vibrações más eram sexuais?

— Apenas algo que ele suprimia. Alguma coisa...

— Pode falar. Por disparatado que seja.

— Algo que ele pudesse de repente me dizer. Que ele pudesse estourar. Não que fosse capaz, em momento algum. Não sei explicar.

— Mas havia nele uma infelicidade?

— Nem mesmo isso. Apenas outra pessoa, por trás de tudo. Não é nada, mas não estou conseguindo compor com os fatos. — Deu de ombros, aduziu: — Quando tudo aquilo aconteceu, algo pareceu ajustar-se, estar no lugar. Não foi um choque tão grande quanto devia ter sido.

— Você acha que a outra pessoa era muito diferente do homem que todos conheciam? — Ela assentiu, com relutância. — Melhor ou pior?

— Mais sincero?

— Você nunca o ouviu dizer alguma coisa dando a entender que ele mudava de política? Rumava para a esquerda?

— Absolutamente não.

— E parecia aprovar você como futura nora? Ela pareceu levemente embaraçada.

— Ainda não estou interessada em me casar. Não foi esse tipo de relação.

— E eles sabiam?

— Eles sabiam que dormíamos juntos. Não havia dessas tolices de quartos separados, quando ficávamos aqui.

— Mas ele gostava de você de algum modo que não a agradava? Ou estarei simplificando demais?

Ela, de repente, lançou-lhe um olhar estranho: uma espécie de avaliação relâmpago de quem Jennings era. Depois olhou para outro lado.

— Podíamos sentar por momentos? Sob aquela árvore? — e prosseguiu, antes que ele pudesse responder. — Estou a lhe esconder algo. Existe uma coisa que lhe devia ter contado antes. À polícia. É muito pequena mas talvez ajude a explicar o que tento dizer.

Novamente aquela ligeireza, um sorriso curto que o fez parar no que ia dizer.

— Por favor. Antes, vamos sentar.

Ela sentou-se de pernas cruzadas, como uma criança. Ele tirou o maço de cigarros do bolso do casaco mas a jovem sacudiu a cabeça ao oferecimento e ele o guardou. Sentou-se então, depois deitou-se sobre o cotovelo, em frente a ela. A grama cansada. Estava inteiramente sem ar. Só o vestido branco com as listras azuis pequenas, muito simples, uma

curva nos ombros dela, por cima dos seios, a pele muito pálida e levemente morena; aqueles olhos, as linhas dos cabelos negros. A jovem partiu uma folha de grama seca e ficou a brincar com ela no regaço.

— A última refeição que fizemos. — Sorriu, então. — A última ceia? Na verdade eu estive só com ele por alguns minutos, antes de Peter chegar. Ele tinha ido a alguma reunião do L.S.E., chegou um pouquinho atrasado. O Sr. Fielding nunca se atrasava. Pois é. Ele me perguntou o que estivera fazendo durante a semana. Estamos reimprimindo algumas novelas de segunda categoria, do período victoriano final... você sabe, aquelas ilustradas, vão imprimir apenas para ganhar dinheiro com a moda... e expliquei que andara lendo algumas. — Continuava a tentar partir a folha de grama com a unha. — É só isso. Eu disse que teria de ir à sala de leitura do Museu Britânico no dia seguinte, para descobrir uma das novelas. — Olhou então para o sargento. — Na verdade, acabei não indo. Mas foi o que disse a ele.

Foi Jennings, agora, quem baixou o olhar.

— Por que não nos contou?

— Acho que "ninguém me perguntou" é resposta bastante.

— Não de alguém com sua inteligência. Ela voltou para a folha de grama.

— Pura covardia, então? E mais o conhecimento de que estou inteiramente inocente.

— Ele não deu maior importância?

— Em absoluto. Foi dito de passagem. Passei a maior parte do tempo falando do livro que estivera lendo aquele dia. Foi tudo. Em seguida Peter chegou.

— E você nunca foi ao Museu?

— Surgiu algum pânico por causa de provas tipográficas. Passei toda a sexta-feira no escritório, revendo aquilo. — Voltou a encará-lo, então. — Você pode examinar. Eles se lembrarão desse pânico a que me refiro.

— Já verificamos.

— Graças a Deus.

— Onde todos se achavam aquela tarde. — Ele se sentou e dirigiu o olhar para a relva até Highgate Hill. — Se você é inocente, por que silenciou a esse respeito?

— Por motivos puramente pessoais.

— Posso tomar conhecimento deles?

— Só Peter. Na verdade estivemos bastante mais desligados do que ligados, por algum tempo. Desde antes. O motivo verdadeiro pelo qual não fomos a Tetbury naquele fim de semana é que me recusei a ir. — Olhou então para o sargento, como a verificar se dissera o suficiente, depois voltou a fitar o regaço. — Eu achei que o único motivo pelo qual ele queria levar-me lá era o de me colocar no que você acabou de dizer... na situação de futura nora? Usar algo que ele finge odiar para tentar me pegar. A mim não agradou. Foi apenas isso.

— Mas você continuava querendo protegê-lo?

— É que Peter está tão desesperadamente confuso a respeito do pai... E eu achei, você sabe... O que quer que eu dissesse pareceria esquisito. E a Sra. Fielding. Quer dizer, *eu sei* que sou inocente. Mas não tinha certeza de que todos os outros fossem. E não dava para ver, ainda não dá, que isso prove coisa alguma.

— Se ele foi a fim de vê-la, o que poderia desejar?

Ela descruzou as pernas e sentou-se de lado, as mãos entrelaçadas em volta dos joelhos.

— De começo pensei que era alguma coisa tendo a ver com o fato de que trabalho com um editor. Mas eu sou figura apagada. Ele sabia disso.

— Você quer dizer que ele pensava em algum tipo de livro? Numa confissão?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não faz sentido.

— Você devia ter-nos contado.

— O outro homem não explicou o que queria. Você, sim.

— Obrigado. E você, ainda assim, foi má.

— Estou devidamente contrita. Baixara a cabeça, ele sorriu de leve.

— Essa sensação de que ele queria contar-lhe alguma coisa... baseia-se nisso ou em algo anterior?

— Havia uma outra coisa pequenina. Em Tetbury, em junho. Ele me levou lá um dia, para ver algumas baias novas que haviam acabado de construir. Não passava de desculpa, na verdade. Para me dar uma espécie de palmadinha nas costas. Você sabe como é. Ele disse alguma coisa semelhante a estar satisfeito pelo fato de Peter me haver encontrado. E, depois, que precisava de alguém com senso de humor. Foi quando disse: "*Como todos nós, animais políticos*". — Ela pronunciava as palavras devagar, como se estivesse a relacioná-las. — Tenho a certeza disso. Dessas palavras, exatamente. Depois alguma coisa sobre como, às vezes, alguém esquece que existem outros modos de viver. Foi tudo, mas ele estava como que tentando me informar que não era perfeito. E que sabia que Tetbury não era o meu lugar. Que ele não desprezava o lugar tanto quanto eu pudesse imaginar. — Aduziu, então: — Estou falando sobre impressões muito leves e muito pequenas. E retrospectivas, ainda por cima. Talvez não signifiquem coisa alguma.

— Está claro que Peter não sabia sobre aquilo do museu.

— Não veio à conversa. Por sorte. Algo nele sempre gostava de fingir que eu não ganhava minha própria vida.

Ele observou esse passado imperfeito.

— E ele não teria acreditado em você... se soubesse?

— Você acredita?

— Você não estaria aqui, de outro modo. Nem a me contar.

— Não, suponho que não.

Ele voltou a inclinar-se sobre o cotovelo e procurou calcular até onde poderia estender a curiosidade pessoal, sob a coberta do dever oficial.

— Ele parece muito confuso. O Peter.

— É o oposto, na verdade. Nada confuso. Como óleo e água. Duas pessoas.

— E o pai podia ter sido o mesmo?

— Só que, no caso de Peter, é uma coisa nua. Não consegue ocultá-la. — Estava falando com a cabeça inclinada, balançando-se um pouco e as mãos ainda entrelaçadas em volta dos joelhos. — Você sabe, algumas pessoas... aquele tipo de vida fingida, criados servindo à mesa e tudo o mais. Está certo, a criatura detesta isso mas, pelo menos, é natural. A mãe de Peter. — Deu de ombros, então. — Ela acredita realmente naquele papel de anfitrião. Deixar os cavalheiros tomando vinho do porto e fumando charutos. — Lançou-lhe olhar de esguelha. — Mas o pai dele. Do modo mais evidente não era um imbecil. Quaisquer que fossem suas opiniões políticas.

— Ele enxergava a verdade?

— Mas alguma coisa nele era, também, inteligente demais para demonstrá-lo. Quero dizer, ele nunca a revelou.

Pedia desculpas, como algumas pessoas fazem. Menos para aquela coisa que me disse. É como uma espécie de discrepância. Não consigo explicar.

— Sorriu para o sargento, então. — É tudo tão tênue. Nem sei porque estou me dando ao trabalho de lhe contar.

— Exatamente porque você sabe que estou dilacerado entre prendê-la por conspiração destinada a eliminar provas e oferecer-lhe uma chávena de chá em Kenwood.

Ela sorriu e olhou para os joelhos, deixou que três ou quatro segundos se escoassem.

— Você sempre foi policial?

Ele lhe contou quem fora seu pai.

— E gosta disso?

— Ser um leproso para a maior parte dos membros de sua geração?

— Falo sério.

Ele deu de ombros.

— Não neste caso. Ninguém, agora, o quer solucionado. É deixar correr, coisas assim. Ficam entre nós.

— Isso deve ser revoltante. Ele sorriu.

— Não foi, pelo menos até esta tarde. — E apressou-se a dizer:

— Isto não é uma cantada. Você é a primeira pessoa que vejo e que trouxe algum sentido à coisa toda.

— E você não está mesmo mais perto...?

— Mais longe. Mas você pode ter descoberto alguma coisa. Havia outra pessoa. Dizendo mais ou menos o que você disse. Só que não o fez tão bem.

Ela deixou outra pausa escoar.

— Sinto muito se disse aquilo agora mesmo. Sobre a brutalidade da polícia.

— Esqueça. Acontece, sim. Os policiais também têm filhinhas.

— Você se sente realmente um leproso?

— Às vezes.

— Seus amigos são todos da polícia?

— Não é isso. Apenas o trabalho. Ter de entrar como autoridade. No mundo oficial? E obedecer a pessoas que nem sempre respeitamos. Nunca se pode ser exatamente quem somos.

— E isso o preocupa?

— Quando conheço pessoas de quem gosto. Que podem ser elas mesmas.

Ela fitava a distância.

— E isso viria a fazer você desistir?

— Viria o quê?

— Desistir de ser você próprio?

— Por que pergunta?

— Só que... — e ela deu de ombros. — Que você usasse essa expressão.

— Por quê?

Ela nada disse por momentos, depois olhou para os joelhos.

— Eu tenho uma teoria minha. Sobre o que aconteceu. É muito avançada e louca. — Sorriu para ele. — Muito literária. Se você quiser ouvi-la, vai custar-lhe uma chávena de chá. — Dito isso, ergueu a bolsa. — Não trouxe dinheiro algum comigo.

Ele se pôs em pé e estendeu a mão.

— Aceito.

Caminharam rumo às árvores de Kenwood House. Ela se manteve firme na proposta que fizera. Sua "teoria" tinha de esperar até que houvessem tomado o chá. Assim é que se falaram mais como desconhecidos totais, ao acaso, do que eram; sobre seus trabalhos, o que levou à decepção em ambos os lados quanto ao encanto e animação que se supõe haver neles. Ela reconheceu, quando Jennings revelou ter conhecimento das estórias infantis, alimentar uma ambição literária geral — isto é, mais adulta. Tentava escrever uma novela mas o trabalho marchava com lentidão, era preciso destruir muita coisa e começar de novo; tão difícil descobrir se era realmente uma escritora ou apenas uma vítima de ambiente literário em casa. Ele sentia um pouco o mesmo no tocante a seu próprio trabalho, e as frustrações e semanas infinitas de não obter resultado algum. Descobriram para grande surpresa mútua, por trás dos antecedentes culturais diversos, certa espécie de identidade tácita de situação. Ele se pôs atrás de sua testemunha no balcão de chá, observando-lhe a parte traseira da cabeça, a pele macia em volta da curva do vestido, as listras azuis engomadas em brancura cremosa; e sabia que tinha de voltar a vê-la, quando não estivesse trabalhando. Não encontrava problemas com as pequenas. Não era uma coisa física, falta de confiança sexual; nem mesmo uma coisa de classe ou cultura; mas algo psicológico, o conhecimento de que ele estava — a despeito da gafe, mas mesmo a gafe fora uma espécie de sinceridade — lidando com um espírito mais rápido e exigente no terreno das emoções e das relações pessoais... isso e a tradicional impossibilidade de que seu tipo pudesse chegar ao dela, com o novo obstáculo político que fora aduzido, se a informação também era sabida e a que ele se referira como lepra. Algo nela ostentava alguma coisa que lhe faltava: um potencial que se apresentava como terreno sem sementeira, esperando apenas aquela improvável deusa do milho; a direção que ele poderia seguir, bastando

que ela a mostrasse. Uma sinceridade, em resumo. Ele não desejara uma pequena tão depressa e tão intensamente, por muito tempo. Mesmo assim, tomou decisão sábia.

Acharam a mesa para os dois, ao canto. Dessa feita ela aceitou o cigarro.

— Vamos ver o que é, então.

— Nada real. Tudo é ficção.

Ela mordeu os lábios, lábios sem pintura, esperando a reação dele.

— Isso soluciona o caso?

— Pensamento lateral. Finjamos que tudo que tem a ver com os Fieldings, até mesmo você e eu sentados aqui agora, esteja em uma novela. Uma história policial. Sim? Em algum lugar existe alguém que nos escreve, nós não somos reais. Ele ou ela decide quem somos, o que fazemos, tudo a nosso respeito. — Brincou então com a colherinha, e os olhos escuros e joviais o fitaram. — Está-me entendendo?

— Pode crer que sim.

— A estória precisa ter um fim. Não se pode conceber um romance policial sem solução. Se você é o autor, tem de achar alguma coisa.

— Eu levei a maior parte do mês passado...

— Sim, mas apenas na realidade. Aí a diferença entre eu não ter muitos fatos, de modo que não posso decidir coisa alguma... e não ter muitos fatos, mas ser preciso que eu decida algo.

Ele sentiu alguma compensação do desequilíbrio — afinal de contas, um defeito naquela pequena, uma tolice cerebral. Tê-lo-ia irritado em alguém menos atraente de outros modos, mas agora vinha simplesmente aliviá-lo. Sorriu, então.

— Nós também jogamos nessa partida. Mas não importa. Ela voltou a morder os lábios.

— Eu proponho deixar de lado a possibilidade *deus ex machina*. Não é boa arte. Uma tapeação horrível, na verdade.

— Seria melhor... Ela sorriu.

— O deus que sai da máquina. Tragédia grega. Quando você não podia chegar a um término lógico com base nas premissas humanas trazia à cena algo externo. Você fazia o vilão ser fulminado pelo raio. Uma parte da chaminé caía-lhe na cabeça. Sabe como é?

— Já voltei a entender.

— Está claro que aquela do Museu Britânico pode ter sido pura coincidência. Por outro lado o homem desaparecido poderia estar realmente decidido a ver aquela jovem. Assim sendo, acredito que o autor o levasse... ao descobrir que ela não estava, afinal de contas, na sala de leituras... a telefonar aos editores onde trabalha. Há um vazio no dia dela. Entre as horas de cinco minutos após o meio-dia, quando deixou o trabalho, até cerca das oito, quando encontrou Peter Fielding para ir a uma festa bem horrorosa.

E, de repente, ele se sentiu mais seriamente fora de suas próprias águas. Debicavam — e isso significava que ela gostava dele? Ou estava sendo oficialmente escarnecido — o que significava que ela não gostava?

— Encontraram-se, então? Ela ergueu o dedo.

— O autor *poderia* fazê-los encontrar-se. Seria preciso ser uma coisa assim improvisada, no impulso do momento. Obviamente tudo podia ser muito mais bem planejado se o homem desaparecido estivesse pensando por algum tempo em desaparecer. Ele teria de dizer algo como... não aguento mais todas as pressões ocultas de minha vida, não ter para quem me voltar, você me parece uma jovem compreensiva e equilibrada, você...

— Essa jovem equilibrada estaria a me contar tudo isto?

— Apenas se tivesse certeza completa de que não poderia ser provado. E talvez tivesse essa certeza. Levando isso em conta, em data tão avançada, a polícia aparentemente nunca chegou sequer a desconfiar de tal encontro.

— Um momento. Foram achadas indicações.

— Dá no mesmo.

— Está certo.

— De modo que ele pudesse levá-la a sentir pena? Tal homem que parece vazio extravasa todo o desalento. Desesperança. Dificuldade terrível em escrever, mas poderia ser feito. Porque acontece que a jovem se orgulha muito da independência que tem de sua capacidade de avaliar as pessoas. E não se esqueça de que ela não tem tempo, em absoluto, para o mundo do qual ele está fugindo. — A jovem real brincava com a colherinha de plástico e o fitava agora, sem sorrir; experimentava-o. — E não existe aspecto de sexo. Ela o está fazendo por pura bondade do coração. E não faz muito. Apenas prepara o local onde ele se esconda por alguns dias, até poder providenciar outro paradeiro por conta própria. E sendo ela o tipo de pessoa que é, tendo resolvido que era a coisa certa a ser feita, nada, nem mesmo jovens e suculentos policiais que lhe pagassem chávenas de chá obteriam os fatos junto a ela.

Ele fitava sua própria chávena e pires.

— Você não está, por casualidade...?

— Esse é apenas um dos modos pelo qual o autor poderia tê-lo escrito.

— Esconder as pessoas não é tão fácil assim.

— Ah.

— Ainda mais quando elas agiram no calor do momento e não cuidaram de preparativos financeiros, que podem ser

descobertos. E quando não são pessoas que agem no calor do momento.

— Verdade nua e crua.

— Ademais, não é assim que interpreto o caráter dela.

— Mais convencional?

— Mais dotado de imaginação.

Ela se inclinou no cotovelo, afastando-se e sorrindo.

— De modo que nosso autor faria melhor em jogar fora esse encerramento?

— Se não tiver outro melhor.

— Mas tem, sim. E pode me dar outro cigarro?

Ele o acendeu e ela apanhou o queixo com as mãos, inclinou-se à frente.

— O que você acha que impressionaria o autor nessa história, até o dia de hoje... se voltasse a ler o trabalho?

— Que ele não deveria ter começado, logo de início.

— Por quê?

— Esqueceu de deixar algumas pistas decentes.

— Isso não sugere algo sobre o personagem principal? Você sabe, nos livros eles têm uma espécie de vida própria.

— Ele não quis deixar indicações a serem encontradas?

— Acho que o autor teria de enfrentar tal situação. Seu personagem principal o abandonou. Desse modo, ele fica apenas com a decisão do personagem, de fazer o que deseja. Nada mais. Sem um fim decente.

O sargento sorria.

— Só que os autores podem escrever como bem entenderem.

— Você quer dizer que as histórias policiais precisam terminar com tudo explicado? Que faz parte das regras?

— A irreabilidade.

— Nesse caso, se nossa história desobedece às regras literárias irreais, isso talvez significasse que é mais verdadeiro na vida? — E ela voltava a morder os lábios. — Deixando de lado o fato de que tudo *aconteceu*. Deve ser verdade, de qualquer modo.

— Eu quase tinha esquecido. Ela usou os pires como cinzeiro.

— Desse modo, tudo quanto nosso escritor podia fazer era achar uma razão convincente pela qual esse personagem principal o obrigou a cometer o terrível crime literário de não obedecer às regras? — E aduziu: — Pobre-coitado.

O sargento sentia o abismo entre os dois; as pessoas que vivem das idéias, as pessoas que têm de viver pelos fatos. Sentia-se obscuramente humilhado, ter de estar ali sentado e ouvir tudo aquilo; e ao mesmo tempo a via despida, deliciosamente despida, na cama. Dele, dela. Qualquer cama, ou cama nenhuma. Os mamilos transpareciam no tecido fino; as mãos eram tão pequenas, os olhos tão vivos.

— E acontece que você a tem?

— Havia um autor na vida dele. De certo modo. Não um homem. Um sistema, uma visão das coisas? Algo que o escrevera. Que realmente o tornara apenas um personagem de livro.

— E então?

— Alguém que nunca deu um passo em falso. Sempre disse a coisa certa, usou as roupas certas, tinha a imagem certa. E certo com o C grande, observe. Todos os papéis que ele tinha de desempenhar. Na City. No campo. O Membro do Parlamento, apagado e cumpridor dos deveres. Assim é que,

no fim, não resta liberdade alguma. Nada que ele possa escolher, apenas o que o sistema permite.

— Mas isso serve para...

— E é quando alguém vem procurar algo muito incomum nele. Por que ele fez algo muito incomum? — O sargento assentiu. Ela lhe evitava agora o olhar. — Tudo isso lhe ocorre. Não deve ocorrer de repente. Devagar. Pouco a pouco. Ele é como algo escrito por outra pessoa, um personagem de ficção. Tudo é planejado. Delineado. Ele é como um fóssil... embora continue vivo. Não é preciso supor mudanças de opinião. Está persuadido politicamente por Peter. Vendo a City como cassino do homenzinho rico e sujo que realmente é. Teria incriminado a tudo por igual. Como foi usado. Limitado. Impedido.

Ela fez a cinza cair do cigarro.

— Você já viu os livros de recortes dele?

— Os o quê?

— Estão na biblioteca, lá em Tetbury. Tudo encapado em couro azul. E orla de ouro. As iniciais dele. As datas. Todos os recortes de jornais que falavam sobre ele. Até os dias em que advogava. Relatórios do *Times*, coisas assim. As menores coisas. Até as minúsculas locais referentes a inaugurações de bazares e o que possa pensar.

— Acha tão incomum?

— Parece mais típico de um ator. Existem também alguns escritores desse jeito. Uma espécie de necessidade obsedante de saber... que foram conhecidos?

— Certo.

— É também uma espécie de pavor. Pavor por terem falhado, por não terem deixado a marca. Só que os escritores e atores se acham em profissões, muito menos previsíveis. Eles podem possuir uma espécie de otimismo eterno sobre si

mesmos. A maioria deles. O livro seguinte será fabuloso. O capítulo seguinte fará os leitores delirar. — Ela o fitava agora, ao mesmo tempo persuasiva e avaliadora. — E, por outro lado, eles vivem em mundos abertos e descrentes. Mundos cãos. Onde ninguém realmente acredita na reputação de ninguém... ainda mais se a pessoa obtiver êxito. O que é bastante sadio, de certo modo. Mas ele não é assim. Os *Tories* levam o êxito muitíssimo a sério. Definem o êxito com exatidão completa. Desse modo, não há saída. Tem de ser posição. *Status*. Título. Dinheiro. E as saídas lá em cima são muito restritas. É preciso chegar a primeiro-ministro. Ou a grande advogado. Ou a multimilionário. É isso, ou então o fracasso. — Ela propôs. — Pense em Evelyn Waugh. Uma terrível esnobe Tory. Mas também muito astuta, muito engraçada. Se você conseguir imaginar alguém assim, com muito mais imaginação do que qualquer pessoa lhe atribui, mas inteiramente sem as válvulas de segurança de que Waugh dispunha. Nenhum livro brilhante, nenhum catolicismo, nenhum espírito. Nada de beber, nenhum comportamento incontrolável na vida particular.

— O que faz parecer a milhares de outros?

— Mas nós temos um fato a respeito dele. Ele fez algo que milhares de pessoas não fizeram. Desse modo, deve ter doído muito mais. Sentir-se fracassado e aprisionado. E forçado... porque tudo era tão padronizado, tão conformista no mundo dele... a fingir que era feliz. Nenhum poder de criação. O Peter me contou. Ele não era bom, nem mesmo no tribunal, como advogado. Tinha, apenas, conhecimento especializado da lei. — E aduziu: — E vinham depois suas inclinações culturais. Certa feita ele me contou que gostava muito da biografia histórica. Vidas de grandes homens. E do teatro, ele gostava muitíssimo de teatro. Sei tudo isso porque havia tão pouca coisa sobre a qual pudéssemos falar. E ele adorava Winston Churchill. O maior canastrão velho de todos eles.

Uma recordação acorria à mente distraída do sargento: a Srta. Parsons, como Fielding "quase" votara pelos Trabalhistas em 1945. Mas isso podia ajustar-se.

Ele pediu.

— Prossiga.

— Cada vez mais ele se sente como esse personagem secundário em livro ruim. O próprio filho o despreza. Assim sendo, ele é um zumbi, apenas uma engrenagem de alta categoria em máquina falsa. De sentir-se muito privilegiado e vitorioso na vida, passa a sentir-se muito absurdo e muito fracassado. — Ela agora traçava figuras invisíveis em cima da mesa, com a ponta dos dedos: um quadrado, um círculo com um ponto no centro. O sargento ficou imaginando se ela usava alguma peça de roupa por baixo do vestido. Via-a sentada em seu colo, os braços dela a lhe envolverem o pescoço, a atormentá-lo; e a brutalidade. As pessoas se apaixonam de repente, sabendo o que o amor passado não lhes ensinara. — Depois, certo dia, ele vê o que pode dar fim tanto à podridão quanto à dor. O que lhe dará certo tipo de imortalidade.

— Dar o fora.

— A única coisa que as pessoas jamais esquecem é o que não foi solucionado. Nada dura tanto quanto um mistério. — Dito isso, ergueu o dedo com o qual fazia riscos na mesa. — Sob a condição de que a coisa permaneça assim. Se ele for seguido, encontrado, nesse caso tudo volta a destroços. Ele regressa em estória que será escrita. Esgotamento nervoso. Biruta. Seja lá o que for.

Agora algo se modificava, fragmentos pequenos de indicações passadas começavam a coagular-se e ouvi-la tornava-se o mesmo a unir-se a ela. O estrépito ao fundo, as outras vozes, o calor pegajoso, tudo começava a se distanciar. Apenas uma coisa o aborrecia, mas ele a deixou em paz.

— De modo que precisa ser para sempre? Ela volta a sorrir.

— Um truque de Deus.

— Como é?

— Os teólogos falam sobre o *Deus absconditus*... o Deus que desapareceu? Sem explicar o motivo. É a razão pela qual nunca nos esquecemos dele.

Voltou a pensar na Srta. Parsons.

— Você quer dizer que ele se matou?

— Aposto nisso até o último tostão. Ele baixou o olhar.

— Esse autor de que fala... ele formou um cenário para isso?

— Não passa de detalhe. Estou tentando explicar-lhe o motivo. O sargento silenciou por momentos, depois voltou a fitá-la.

— Por infortúnio, os detalhes são aquilo de que preciso. Encontrou expressão seca, no olhar dela.

— É sua vez, então. Coisa do seu departamento.

— Nós pensamos no caso. Atirar-se em barca noturna que atravessa o Canal. Mas examinamos. Os barcos estavam cheios de gente, muitos passageiros no convés. As possibilidades são minúsculas.

— Mas não deve subestimá-lo. Ele saberia que era arriscado demais.

— Não faltava nenhum barco particular. Também examinamos. Ela lançou-lhe olhar com leve expressão de conspiração, um pouco de banho em conluio; depois o baixou, recatadamente.

— Eu podia dizer-lhe onde existe superfície líquida adequada. E muito particular.

— Onde?

— No bosque por trás de Tetbury Hall. Chamam-na de lago. Não passa de uma lagoa grande. Mas afirmam ser muito profunda.

— E como é que ele chega lá sem ser visto?

— Ele conhece muito bem a estrada que dá a volta a Tetbury. É dono de boa parte daquilo. Caçadas. Depois de ter vindo de Londres e chegado a uma distância que pode percorrer a pé, está a salvo.

— E nessa parte do caminho?

— Algum tipo de disfarce? Não poderia ter alugado um automóvel. Nem se arriscado ao trem. De ônibus?

— É muita mudança de roupa.

— Ele não tinha pressa. Teria querido estar perto de casa antes do anoitecer. Saltaria algumas milhas antes? Depois atravessaria o campo? Ele gostava de andar.

— Mas ainda tem de afundar na água. Corpos afogados precisam de muito peso para ficarem submersos.

— Algo inflável? Um colchão de ar? Câmara de ar de pneumático? Depois é esvaziá-la, quando flutuou por distância suficiente.

— Você está começando a me dar pesadelos.

Ela sorriu e inclinou-se para trás, entrelaçou as mãos no colo; depois sorriu e explicou:

— Eu também me imagino uma Agatha Christie.

Ele a observava, e a jovem baixou o olhar, fingindo-se compungida.

— Esta falando a sério?

— Pensei muito sobre o assunto, em Paris. Principalmente por causa daquilo no Museu Britânico. Não

conseguia descobrir o motivo pelo qual ele me quis ver. Quer dizer, se ele não viu, foi uma espécie de risco. Poderia ter-me encontrado acidentalmente. E ninguém entra desse modo na sala de leitura. É preciso apresentar um passe. Não sei se foi verificado.

— Com todos os funcionários de lá.

— Desse modo, o que penso agora é que foi uma espécie de recado. Ele nunca pretendeu ver-me, mas por algum motivo queria que soubesse que estava envolvida na decisão tomada. Talvez por causa de Peter. Algo por algum motivo que, na opinião dele, eu representava.

— Uma saída que ele não podia tomar?

— Talvez. Não é que eu seja alguém especial. No mundo comum. Eu provavelmente era muito rara no mundo dele. Acho que foi apenas um modo de dizer que ele teria gostado de conversar comigo. Entrarem meu mundo. Mas não poderia.

— E por que Tetbury Hall?

— Porque se ajusta. Ajusta-se, de um modo próprio a Agatha Christie. O único lugar onde ninguém pensaria em procurar. E sua arrumação e ordem. Ele era muito arrumado, detestava a desordem. Em sua própria terra, sem ter de invadir terra alheia. Uma simples variação de matar-se com um tiro na sala de armas, na verdade.

Ele a encarava com firmeza.

— Uma coisa me amola. Aquelas duas horas após o seu trabalho, aquela dia.

— Eu estava apenas brincando.

— Mas não estava em casa. A Sra. Fielding tentou telefonar para você, na ocasião.

Ela sorriu.

— Agora é minha vez de perguntar se você fala sério.

— Apenas atando as pontas soltas.

— E se eu não responder?

— Não creio que esse autor de que fala permitisse o silêncio.

— Oh, permitiria sim! Aí é que está a coisa toda. As pessoas educadas têm instintos, bem como deveres.

Era troça, mas ele sabia que estava sendo posto à prova; era precisamente aquilo o que devia ser aprendido. E de algum modo estranho o caso se encerrara naquela meia-hora; não tanto porque aceitara a teoria exposta pela jovem, mas que, como todos os outros, embora por motivo diferente, percebia agora que a coisa realmente não importava. O ato estava feito; dissecá-lo, descobrir como tinha sido feito em detalhes, não vinha ao caso. A questão era um rosto vivo com olhos castanhos, entre desafiantes e brincalhões; não cometendo um crime. Ele pensou em um recurso, qualquer coisa sobre sua necessidade de mais perguntas, mas o arredou de si. Ao fim sorriu e baixou o olhar.

Ela disse, com gentileza:

— Agora, preciso ir. A menos que você pretenda me prender por intuição.

Chegaram à calçada diante da casa em Willow Road, e ali se defrontaram.

— Bem.

— Obrigada pela chávena de chá.

Ele olhou para o chão, em relutante atitude oficial.

— Você tem meu telefone. Se surgir alguma outra coisa...

— Que não seja fantasia de alguém com miolo mole.

— Eu não queria dizer isso. Foi interessante. Seguiu-se um silêncio curto.

— Você devia usar uniforme. Nesse caso eu me lembraria de quem você era.

Ele hesitou, depois estendeu a mão.

— Cuide de si. E eu comprarei esta novela, quando for publicada.

Ela aceitou por momentos a mão, depois cruzou os braços.

— Qual delas?

— A novela de que você estava falando.

— Existe outra. Uma estória de assassinato. — Olhou sobre o ombro dele algum ponto mais além na rua. — É apenas o germe de uma idéia. Quando encontrar alguém que possa me ajudar com os detalhes técnicos.

— Como o comportamento e processamento da polícia?

— Coisas assim. Psicologia policial, na verdade.

— Não deve ser muito difícil.

— Você acha que alguém...?

— Eu conheço alguém.

Ela levantou a sandália esquerda um pouco à frente, fitou-a contra a calçada, os braços ainda cruzados.

— Você acha que ele poderia fazê-lo amanhã à noite?

— Você gosta de comer?

— Na verdade gosto muito de cozinhar. — Fitou-o, então.  
— Quando não estou trabalhando.

— Mercado, então? Por volta das oito?

Ela assentiu e mordeu os lábios, com um pouco de desgosto, talvez um acesso de dúvida.

— Toda essa telepatia.

— Eu queria, mas...

— Notado. E aprovado.

Prendeu-lhe o olhar por mais um momento, depois ergueu a mão e voltou-se para a porta da frente; os cabelos escuros, a caminhada esbelta, o vestido branco. A porta, depois de procurar na bolsa e colocar a chave na fechadura, voltou-se por momentos e ergueu a mão. Depois desapareceu no interior do edifício.

O sargento, na manhã seguinte, fez o pedido informal e denegado de que dragassem a lagoa em Tetbury Hall. Depois procurou, com insucesso idêntico, ser retirado do caso, na verdade que o encerrassem tacitamente. Sua teoria nova e altamente circunstancial sobre o que poderia ter acontecido não recebeu aceitação. Disseram-lhe para ir embora e continuar na tarefa de encontrar alguma prova firme, em vez de perder o tempo com psicologia desalinhada; e o fizeram lembrar, com vigor, ser perfeitamente possível que a Câmara de Comuns quisesse saber do motivo pelo qual um de seus componentes continuava desaparecido, quando voltassem a reunir-se em Westminster. Embora o sargento não o soubesse então, o alívio histórico estava próximo — a epidemia londrina de cartas-bombas no final do mês de agosto iria obter aquilo que seu próprio pedido não obtivera, que lhe dessem nova tarefa.

Não estava, todavia, à altura em que o primeiro amanhã terminara, a refeição fora comida, o Sauvignon bebido, os beijos dados, a cozinheira descalça final e gentilmente e persuadida a se pôr em pé e ser despida de um vestido diferente, mas igualmente comprido e agradável (e mostrando-se, como desconfiara, inteiramente indefesa por baixo,

embora ninguém a pudesse chamar de vítima inocente do que se seguiu), inclinado a incriminar John Marcus Fielding por coisa alguma deste mundo.

Os pragmatismos ternos da carne têm poesia que nenhum enigma, humano ou divino, pode diminuir ou rebaixar — na verdade, só pode causá-los, e depois retirar-se.

## A Nuvem

*O, you must wear your rue with a difference*

O dia belo, o início do verão eclodindo cheio de promessas, encharcado em azul e verde, já os dividira no terraço ao lado do moinho, em sol e sombra. Sally e Catherine achavam-se deitadas, como em cadafalso, sobre cadeiras de madeira achatadas e colchões alaranjados, do tipo que se vê em Cannes; com óculos escuros e biquínis, caladas, fora do alcance de qualquer atividade. Peter se sentara à mesinha de calções, descalço e peito nu, em frente a Paul e Annabel Rogers à sombra do pára-sol. As três crianças haviam ido para o gramado por baixo do terraço, tentando apanhar besouros d'água à beira da mesma; ajoelhavam-se ali arranhando a superfície dando gritinhos, murmurando entre si. Libélulas azuis como tinta esvoaçavam por eles, depois uma borboleta em amarelo-enzofre claro. Do outro lado do rio via-se uma vereda de luz burguesa e tranquilamente opulenta, figuras claras, pára-sol vermelho e água-marinha com um brasão de armas por cima (*trouvaille* divertida, em alguma compra do lugar) com a palavra *Martini*; os móveis de ferro fundido e branco, o sol na pedra, o rio verde de jade, as muralhas de salgueiros e choupos, densas e altas, em verde mais claro; água abaixo, o estrondo distante do açude e uma toutinegra oculta; gorjeando canção cheia de riqueza, incerta e nada inglesa.

O cenário era dotado de sensação singular de encerramento, quase o de uma pintura, talvez um Courbet —

ou teria sido se as roupas modernas dos outros personagens, com suas cores, não colidissem, de modo que de uma época inteiramente urbana e sintética não se poderia esperar que combinasse com o local. Este era tão folhoso, tão líquido — e naquele exato instante um papo-figo oculto em meio às árvores por trás do moinho conferiu àquela combinação de calor, água e folhagem uma voz definindo com exatidão seu caráter estrangeiro, sua leve subtropicalidade — tão folhosa, tão líquida, tão calorosamente de seu lugar e estação, a França central e final de maio. E as vozes anglo-saxãs. Tantas coisas colidiam, ou não eram aquilo que se poderia esperar. Se alguém houvesse estado ali, é claro.

— Decisões, decisões — murmurou Paul em tom afável. Com o que o Apóstolo Peter sorriu, pondo as mãos por trás do pescoço e ampliando o peito peludo — adivinhe o que, por baixo de meu calção — para o sol.

— Culpa tua. Aquele jantar. A gente precisa de vinte e quatro horas para se recuperar.

— Mas nós prometemos às crianças — observou Annabel.

— Sinceramente, o Tom não se importará. Ficaré satisfeito por estar ali brincando o dia todo.

Annabel olhou para lá.

— O nosso vai querer, ao que receio.

Paul sugere que Peter e Sally não precisam ir.

— Não, não, está claro que iremos. — Peter desce os braços, sorri de esguelha para eles, no outro lado da mesa. — Só aquela corrida do rush, Põe a nós, escravos, em liberdade, e caímos em inércia total. — E logo: — Você precisa de treinamento para isto. — Aduz, em seguida: — Vocês esqueceram como vivemos nós, os pobres-coitados trabalhadores.

Annabel sorri; ouve ruídos.

— Continue. Pode dizer tudo. — Ele acena com o braço branco e róseo para o rio, englobando tudo aquilo. — Sinceramente. Tem pessoas...

— Você morreria de tédio.

— Ah, é? É só me experimentar. Quer dizer, falando sério, o que você pegaria agora, Paul?

— Quarenta? Se me forçassem.

— Meu Deus.

Peter, de repente, estala os dedos, endireita o corpo, senta-se para encará-lo. É pequeno, de bigode, tem os olhos cinzentos; confiante, já se sabe; e dinâmico, dá para desconfiar. Sabe que é conhecido como homem dinâmico. Macaquinho esperto, sua gaiola é o tempo. Ele sorri, estendendo o dedo.

— Ao diabo com o maldito programa. Idéia muito melhor. Vou fazer a Vovó comprar o lugar como estação de descanso para os produtores esgotados. Que tal?

— Pode ficar com ele por dez libras, se conseguir isso. Peter estende a mão espalmada e lê uma carta imaginária.

— Caro Sr. Hamilton, aguardamos sua explicação para um lançamento em sua última conta de despesas, qual seja moinho a água francês, soberbamente convertido e por completo divino, pelo qual cobrou a soma inexplicavelmente elevada de cinquenta *pence* novos. Como sabe, o teto de despesas para seu padrão sob esse título é de quarenta e nove *pence* por ano, e em circunstância alguma...

Gritos. Piedade.

— Papai! Papai! Tem uma cobra!

Os dois homens se põem em pé, as jovens em roupas de banho erguem o olhar. Annabel ordena calmamente:

— Fiquem longe dela.

Sally, erguendo a cabeça coberta por lenço, pergunta:

— Elas não são perigosas? Annabel sorri, à sombra do pára-sol.

— São apenas cobras verdes inofensivas.

Sally fica em pé e vai ter com Peter e Paul ao canto do terraço, no parapeito com as jarras separadas de gerânios e pitas sobre a água. Catherine se deixa estender outra vez, cabeça voltada para outro lado.

— Está ali! Ali!

— Tom, afaste-se! — grita Peter.

A meninazinha mais velha, Cândida, puxa-o dali oficiosamente. Eles vêem a cobra nadando em linha sinuosa ao comprido da margem de pedra, a cabeça criando ondulação na água. É pequena, não tem dois palmos de comprimento.

— Meu Deus, é mesmo uma cobra.

A jovem Sally segura os cotovelos e se volta dali.

— Não gosto de cobras.

— E nós todos sabemos o que isso significa. Ela se volta e estende a língua para Peter.

— E continuo não gostando delas.

Peter sorri e beija o ar entre os dois, depois se encosta ao lado de Paul e olha o chão.

— Oh, bem. Prova que isto é o Paraíso.

A cobra desaparece entre alguns lírios amarelos na água rasa ao pé do muro do terraço. Para Peter tudo está sempre prestes a desaparecer. Ele agora se volta e senta-se na beira do parapeito.

— Quando vamos fazer nossa sessão, Paul?

— Esta noite?

— Ótimo.

As três crianças vêm subindo os degraus para o terraço. Cândida lança olhar de repreensão a Annabel.

— Mamãe, você disse que não ia ficar por aí sentada a manhã toda.

Annabel se põe em pé, estende-lhe a mão.

— Venha, então, ajudar-me a arrumar as coisas.

Sally, ajoelhando para deitar-se outra vez na cadeira de praia, diz:

— Annabel, eu posso...

— Não, por favor. É só tirar as coisas da geladeira. Catherine permanece deitada e em silêncio, atrás dos óculos escuros, como um lagarto; queimada pelo sol, armazenando calor, absorta em si própria; parecendo-se muito mais ao dia do que a gente que o povoa.

Andam sem rumo por um prado na margem distante do rio, o barbudo Paul à frente levando a cesta de bebidas em companhia das filhas e do garotinho; Annabel e sua irmã Catherine um pouco para trás, levando as outras duas cestas; e a trinta passos atrás deles o produtor de televisão Peter e sua namorada Sally. Mergulhados até os joelhos na grama alta de maio, nos botões de ouro e margaridas de caule alto; além e acima os morros pedregosos e íngremes que se aproximam, as fachadas de rocha na vegetação enfezada, o mundo diferente para o qual partiram. Andorinhas gritam, bem altas no céu muito azul. Não sopra vento algum. Paul e as crianças entram em um bosque, desaparecem em meio às folhas e sombras, depois seguidos por Annabel e irmã. O

último casal fica ociosamente à luz solar cheia de flores. Peter passou o braço pelo ombro da pequena, ela está falando.

— Eu não entendo. Até parece muda.

— Eles me avisaram. Ela o fitou por instantes.

— Gostou?

— Oh, deixe disso.

— Você não parava de olhar para ela ontem à noite.

— Só para ser educado. E você não pode ter ciúmes daquela noite que passou.

— Não tenho. Estou apenas curiosa. Ele a puxa mais a si.

— Mesmo assim, obrigado.

— Eu pensei que os homens gostavam de águas calmas.

— Você está brincando? Aquilo tudo é representação dela.

Ela o fita, ele dá de ombros, depois vem o sorriso dele, como um fungado. Ela arreda o olhar.

— Eu estaria do mesmo jeito. Se fosse você. — Ele a beija na cabeça. — Seu porco.

— Está fazendo tempestade em copo d'água.

— Você quer dizer que *você* não queria. Se fosse eu.

— Doçura, não é preciso...

— Você iria para cama com qualquer garota nova.

— Usando pijamas negros.

Ela o arreda de si, mas sorri. Usa uma blusa marrom-escura e sem mangas sobre calças de algodão listradas de creme-claro, branco e preto; boca de sino e bem justa no traseiro. Tem cabelos louros e compridos, que sacode com frequência demasiada. O rosto ostenta certa indefensabilidade

e maciez vagamente infantis. Está convidando a si regimentos inteiros ao estupro; Lados a imortalizou. O próprio Paul, que também tem olhos, a espia; muito dada ao papel de namorada avançada, uma peteca em pedaços plásticos. P é a letra do alfabeto, para ela. Peter toma-lhe a mão. Ela continuou de olhar fixo à frente, e diz:

— O Tom está adorando, pelo menos. — E aduz: — Eu bem queria que ele não me olhasse como se não soubesse quem eu sou. — Ele lhe aperta a mão. — Sinto que Annabel fez mais por ele em algumas horas do que eu consegui fazer em três dias.

— É que ela recebeu treinamento, apenas isso. Na idade de Tom eles são todos uns cachorrinhos egoístas. Você sabe. Todos nós não passamos de substitutos de meninos. É assim que ele marca as pessoas.

— Eu já tentei, Peter.

Ele volta a beijar-lhe a cabeça, depois passa a mão pelas costas dela, acaricia-lhe os fundos.

— Nós temos de esperar mesmo até esta noite?

— Filho da puta atrevido.

Mas ela remexe o traseiro elegante e sorri.

À frente Annabel rompe o silêncio com Catherine que vestiu calças Levis brancas, camisa roxa; e tem uma bolsa de lã vermelha listrada, feita na Grécia, a tiracolo no ombro.

— Você não precisava vir, Kate.

— Não faz mal.

— Vamos sentar e conversar um pouco mais, por favor?

— Nada lenho a dizer. Não consigo pensar em coisa alguma. Annabel passa a cesta que está carregando para a outra mão,

lança olhar sub-reptício à irmã.

— Não posso fazer nada, num caso destes.

— Sei disso.

— Você não precisava tornar a coisa tão evidente.

— Sinto muito.

— Já que o Paul está...

— Bel, eu compreendo.

— E ela tenta, pelo menos.

— Não posso esconder-me atrás de um sorriso. Assim como você faz.

Dão alguns passos em silêncio. Catherine diz:

— Não é apenas... — e emenda: — a felicidade alheia. Sentir que você é mulher isolada. Por todo o resto do tempo.

— Isso passa. — E ela acrescenta: — Se você tentar.

— Agora, está falando como a mamãe. Annabel sorri.

— É o que Paul está sempre dizendo.

— Esperto, esse Paul.

— Mau.

— Convidado.

— Isto não é justo.

Catherine responde ao olhar rápido com um sorriso.

— A velha e estúpida Bel? Com o marido horroroso, casa horrorosa e filhos horrorosos? Quem seria capaz de invejá-la?

Annabel estaca, em um de seus pequenos desempenhos teatrais.

— Kate, eu não pareço pensar assim!

— Parece, sim. E eu preferiria muito ter de invejar você do que não invejar. — Fala então, sobre o ombro: — Você, pelo menos, é real.

Annabel caminha atrás dela.

— De qualquer modo, a Candy é horrorosa. Tenho de tomar alguma providência no caso dela. — E aduz: — É culpa de sua excelência. Ele não pára de dizer que se trata de "fase passageira", isto é, não me aporrinhe, pelo amor de Deus, com meus filhos.

Catherine sorri, Annabel diz:

— Não acho graça. — E depois: — E não sei porque você se voltou tanto contra eles.

— Porque eles desvalorizam tudo.

— Nem metade do que você subestima.

Isso faz com que Catherine silencie por momentos.

— Seres humanos a dez por um vintém.

— Você nem mesmo os conhece. — E Bel acrescenta: — Eu acho que ela é muito boazinha.

— Como a sacarina?

— Kate.

— Não tolero atrizes. Principalmente atrizes ruins.

— Ela se esforçou muito, ontem à noite. — Catherine dá de ombros, levemente. — Paul acha que é muitíssimo esperto.

— Usável.

— Você, na verdade, é o esnobe intelectual mais pavoroso que conheço.

— Não estou incriminando Paul.

— Mas eles são amigos nossos. O Peter é.

Catherine volta-se para Bel, baixa os óculos e por momentos a fita nos olhos: você sabe muitíssimo bem o que quero dizer. Outro silêncio, o som das vozes das crianças em meio às árvores em frente. Annabel volta a deixar que

Catherine siga em frente onde a trilha se estreita, fala para as costas da mesma:

— Você vê coisas tão horrorosas nas pessoas... não é necessário.

— Pessoas, não. O que as faz o que elas são.

— Só que você as incrimina. Você incriminá-las. Catherine não dá resposta,

— Pois é o que você faz.

De trás vê Catherine assentir de leve e sabe que aquilo é sarcasmo, não concordância. A trilha se alarga e Bel volta a emparelhar-se com ela. Estende a mão e toca a manga da camisa roxa de Catherine.

— Gosto desta cor. Foi bom você ter comprado.

— Você, agora, está sendo transparente.

— Ridículo, terrível: não se pode esconder o sorriso.

— "Catherine! Não admito que fale assim com sua mãe!"

Bel, a menina má, fazendo mímica para chegar ao alvo, fazer lembrar, quando alguém dormia com raiva e só havia uma criatura lúcida e compreensiva no mundo. Para quem agora se estende a mão, sentindo-a apertada... e depois, de modo típico, aquele egocentrismo enviesado e mau, tão desvalorizadamente feminino; oh, como a odiava às vezes (o que ele havia dito certa ocasião, a obsidiana por baixo do leite), levava alguém tão próximo à nudez e de odiar o olhar como se não passasse de brincadeira, só fingimento...

— Oh, Kate, veja! Ali estão minhas orquídeas borboletas.

E Annabel segue até pequena clareira ensolarada nas árvores ao lado da trilha, para onde cinco ou seis colunas esguias e brancas da delicada flor se erguem acima da grama — ajoelha-se, esquecendo tudo, senão as flores. Ao lado das duas mais altas. Catherine fica em pé ao lado.

— Por que elas são suas?

— Porque eu as encontrei no ano passado. Não acha uma lindeza? Bel tem trinta e um anos, é quatro anos mais velha do que a

irmã, mulher mais bela, mais cheia de corpo e face mais redonda, o rosto pálido e cabelo vermelho, mas irlandesa, olhos irlandeses secos e cinzento-verdes, embora o sangue venha apenas do lado de uma avó e jamais tenham morado naquele país, faltando-lhes o sotaque. Em seu velho chapéu de palha e vestido creme de mangas soltas parece um pouco a matrona, a excêntrica, a dama literata de nossos dias; sempre à sombra, sua pele sardenta é alérgica ao sol. Aquela despreocupação calculada no modo de vestir, mas sempre uma espécie de elegância aleatória, uma diferença que toda a mulher que passa a conhecê-la bem acaba invejando... até detestando; não é justo que seja recordável tão mais frequentemente do que a criatura consciente da moda. E agora, do outro lado do rio, o rouxinol de repente irrompe em gorjeios. Annabel fita suas orquídeas e toca uma delas, inclina-se para cheirar as flores. Catherine olha a irmã ajoelhada e ambas se voltam, ao ouvirem a voz de Peter.

— São orquídeas selvagens — diz Annabel. — Orquídeas borboletas.

O homem e a jovem de cabelos compridos, ligeiramente mais alta, aparecem perto de Catherine, que se afasta para o lado. Parecem desapontados, um pouco perdidos quando vêem como as plantas são pequenas e insignificantes.

— Onde está o celofane e a fita roxa?

Sally ri, Annabel acena a mão para ele, em repreensão; Catherine fita um instante o rosto dele, depois baixa o olhar.

— Escute aqui, deixe eu apanhar sua cesta — diz Peter.

— Não importa.

Ele, no entanto, a toma.

— Libertação dos homens.

Ela sorri muito fracamente. Annabel se põe em pé. Ouvem a voz de Cândida chamando-os em meio das árvores; as árvores francesas luxuriantes, a voz inglesa jovem, peremptória, de timbre alto.

Um lagarto encantador. Todo verdinho.

Reúnem-se, os cinco adultos e três crianças, e caminham juntos pela sombra e sol, as três mulheres e as crianças agora um pouco à frente, os dois homens conversando para trás; passam pelo sol e pela sombra, sempre a água à esquerda; são sombras de conversa, silêncio na luz do sol. As vozes são inimigas de pensar; de pensar não, do pensamento. Dava (bendito abrigo) para ver Catherine tentando e se esforçando, sorrindo para Sally, fazendo até uma ou duas perguntas como alguém que joga pingue-pongue contra a vontade... jogo tolo mas, já que você insiste, se Bel insiste, se o dia insiste. Todas as três mulheres esforçavam-se sem muito empenho por ouvir em meio às próprias vozes o que os dois homens diziam, atrás delas. A "sessão" começara de modo informal, ao que parecia. Aquele seria Peter, sempre pronto a pôr as coisas em ação, juntar os recursos, organizar-se; antes que a oportunidade principal desaparecesse como uma serpente em moita de íris amarelas. Como aquele que é intimamente avarento se retesa quando vê que gastam seu dinheiro; sorrisos e sofrimento; depois as oportunidades.

A chave da coisa, dizia ele, era um jeito, um gancho no qual pendurara o problema. Vinha a ser realmente uma explicação — por que tantos vinham comprar casas naquela região, seria apenas o motivo econômico, por exemplo? Alguma espécie de fuga? Simplesmente moda, o efeito bola de

neve? Ele enunciava idéias sem parar, quase sem ouvir as respostas de Paul; já se percebia a futilidade de tal exercício, a agitação desnecessária de tudo aquilo, o planejamento e debate infinitos do que teria sido tão bom como estava, sem planejamento algum, sem toda aquela conversa; assim como uma reportagem tem de ser feita depressa e por sorte, improvisada. Uma espécie de ensaio, ele estava dizendo; em profundidade, não apenas fotografias fantasiosas, na base do olha-só-a-sorte-que-certa-gente-tem. E todo aquele *nonsense*.

Cândida gritou quando um martim-pescador, um clarão azul, espadanou no ar à frente deles.

— Eu vi primeiro! Não foi, mamãe?

Como aquele grifo desnecessário, sempre a assinalar o que é óbvio.

— Eu não quero, do modo mais terminante, cinquenta minutos de belos quadros — disse Peter, como se belos quadros pudessem prejudicar-lhe seriamente a carreira.

O que se perdia, em seguida, era aquilo que nunca se tivera com vigor nas melhores ocasiões: o sentido de continuidade. Sentido tal como, devo fazer isso, B, embora não tenha objetivo, beleza ou significado aparente, porque é algo que vem entre AeC. Assim sendo tudo agora se tornava como pequenas ilhas sem comunicação, sem outras ilhas para as quais esta ou aquela constituía um trampolim, um ponto após outro ponto, etapa necessária. Ilhotas postas em seu próprio mar ilimitado, ilhotas que alguém atravessava em um minuto, em cinco minutos quando muito, depois vinha uma ilha diferente, mas era a mesma: as mesmas vozes, as mesmas máscaras, a mesma vacuidade nas palavras. Só os estados de espírito e os cenários mudavam um pouco, porém, nada mais. E o medo era tanto de ser deixado para trás quanto o de continuar: das ilhas já ultrapassadas e das ilhas que ainda vinham. A pessoa que se dá a teorias de linguagem, de ficção, de ilusão; e também a fantasias tolas. Como a se

sonhar que alguém seja um livro sem os últimos capítulos, de repente: fica-se para sempre naquela última página incompleta, um rosto amado que se debruça sobre orquídeas selvagens, uma voz que rompe o silêncio, uma piada estúpida — transfixado, sempiternamente, como uma fotografia mal tirada. E a única pessoa que compreendia... Bel é uma vaca sutil e Paul, o Paul bovino e impermeável — não se sabe na verdade porque se está ali.

Mas também não se sabe porque se deve estar em outra parte, a menos que seja para descobrir o desejo de que se está ali, afinal de contas. Talvez a continuidade seja apenas ter desejos, pequenas correntes brilhantes e seguras de lâmpadas de rua à frente. O mais assustador não é querer o amor de qualquer um, ou de voltar a querê-lo um dia. Mesmo se ele voltasse... cada qual é a condição. Não perdoar coisa alguma e não dar coisa alguma, nada querer, era o que tudo aquilo realmente significava; aceitar ser levado como um embrulho de uma ilha para a outra, observando, julgando e odiando — ou seria aquilo provocante e desafiador? Surpreenda-me, prove que estou errado, volte a juntar as ilhas?

Deve-se ocultar a impressão disso. Jamais serviria que alguém viesse tirar vantagem do sofrimento da pessoa...

Estacam onde as encostas se tornam íngremes junto ao rio, anunciando a garganta à frente; o rio mais rápido, rochas e arroios, a terra incultivável até mesmo pelos camponeses franceses. Logo rio acima de onde param se espalha adormecida uma aglomeração pitoresca de enormes pedras cinzentas, como manadas de elefantes pétreos que vieram beber na beira do rio. Bel escolhe um lugar, pequeno planalto acima da água e sob uma bétula, onde existe sombra e sol; ajoelha-se e começa, auxiliada por Sally e Catherine, a tirar as coisas das cestas. Paul recolhe as duas garrafas de vinho e as latas de Coca-Cola, levando-as ao rio para esfriá-las. As duas meninazinhas vão com ele, depois descalçam os sapatos

e enfiam os pés cautelosos onde um afluente corre, muito raso, sobre as pedras; gritam, enquanto Peter afasta-se um pouco em companhia do filho, ao que parece livre para brincar de pai por um ou dois minutos, agora que já disse o que queria, já declarou seus negócios, já deu sua justificação matutina para a existência.

Paul descalça os sapatos e tira as meias, arregaça as calças em movimentos metódicos e cômicos como um viajante idoso à beira do mar; Paul com os cabelos prematuramente grisalhos e barba entremeada de branco e preto, quase cortada, mais obscuramente náutica do que literária, um pouco demasiadamente inclinada a intelectual distingue; agora chapinhando na água e cutucando no encaço de Cândida e Emma, revirando as pedras à procura de lagostins. As três mulheres sob a bétula. Sally abre o zíper lateral da calça, despe-se, tira a blusa marrom. Continua usando o biquíni com que estivera no moinho; azul-anil e flores brancas, um elo de latão em cada quadril, outro que junta as pontas da parte superior por trás; pequenas vagens esbeltas, pernas flexíveis. A pele não combina com o tecido do biquíni, que reclama o queimado do sol. Volta a observar. Ela parte como um cisne na direção de Peter e do menino, em pé sobre pedra uns cinquenta passos de distância. Bel e Catherine descem para o sol na direção de Paul e das meninazinhas. A água faiscante, os pés chapinhando; as libélulas e borboletas, os botões de ouro e margaridas dos campos e pequenas flores azuis como borrões de céu. As vozes, movimentos; caleidoscópio, é balançar e tudo desaparecerá. A pele nívea e sardenta de Bel quando sorri, seu sorriso de Juno inexpressiva, por baixo da aba larga do chapéu de junco; e ele tem janelas, uma treliça aberta em volta da copa. Núcleos, elétrons. Seurat, o átomo é tudo. A primeira ilha verdadeiramente aceitável do dia. *En famille*: onde as crianças reinam. Pois a doce e formosa Robin é toda a minha alegria. Na época em que cantava fragmentos de melodias antigas.

— É lindo — berra Cândida para eles, com sua costumeira autoridade inefavelmente judiciosa. — Venham. Ainda não queremos comer.

— Oxalá eu acreditasse em bater em crianças — murmura Bel. Catherine sorri e atira para o lado as sandálias de algodão.

A ilha seguinte, cinco, ou talvez dez minutos depois. Paul apanhou um lagostim muito pequenino; a incoerência encantadora, a construção breve, desintegra-se. Todos eles o rodeiam ao levantar cada pedra. Candy e Emma berram em prelibação ao levantar de cada pedra, lagostim ou não; depois berram por Peter, Sally e Tom para que voltem. Caçada, coisa séria. Paul agarra, tendo entre os dedos uma forma pouco maior de lagosta, bem a tempo de mostrar aos convidados. Santo Deus. Fantástico. Cândida volta correndo, a caixa de plástico para mostrar o que o papai está procurando. O garotinho sob a bétula. Peter entra na água ao lado de Paul. Encantador. Competição. Uma partida. Sally toma a mão de Tom e o leva à caixa de plástico para mostrar o que o papai está procurando. O garotinho olha, depois recua quando um dos lagostins tenta saltar para a liberdade. Sally se ajoelha, passa o braço pelos ombros da criança. Como uma cena de transferência sobre chávena de chá Regency; a pose da Fé, Esperança e Caridade; destinada àqueles para quem o chá não era bastante.

Surge figura vinda das árvores, do caminho pelo qual vieram: um pescador, camponês que veio pescar com botas de borracha e brim desbotado, o rosto corado usando chapéu de palha, com mão negra; homem de cinquenta anos mais ou menos, firme, indiferente a eles. Traz comprido caniço de bambu em paralelo ao chão, sobre o ombro; embornal de lona, verde-claro e tingido pendurado ao outro ombro. Por um segundo eles param de procurar lagostins; põem-se em pé, os homens com aspecto bastante tolo, infantilmente culpados,

invadindo a água; também as crianças, como a perceber que aquele intruso trouxe algum perigo obscuro. Mas ele continua caminhando tranquilamente, passando pelo lugar do piquenique e indo ter à luz do sol, descendo a grama na direção deles, caminhando rio acima. Percebem que o homem tem os olhos cerrados pelo sol. Ao chegar a eles e passar, leva o dedo à orla do chapéu.

*'sieurs...' dames.*

*Bonjour — diz Paul. E em seguida: Bonne pêche.*

*Merci.*

E ele continua com firmeza rumo às pedras e árvores estranguladas na garganta acima; desaparece, mas ainda assim deixa uma esteira, algum lembrete de que aquilo é terra estrangeira, com sua própria vida e costumes. O que estão ouvindo? *Ça ira.* O murmúrio de multidões, passadas noturnas. A lâmina agudíssima da segadeira ajustada ao cabo. Talvez simplesmente porque ele é pescador sério, tem uma função no dia. As crianças frívolas voltam à sua ocupação. Apenas Catherine observa aquelas costas em azul até que finalmente desaparecem.

*Ah, ça ira, ça ira. Les aristocrats en les pandra,* e deixa a água, como se a arrastasse consigo. Ela enfia os pés nas sandálias de algodão e começa a se afastar, fingindo examinar as flores e dando as costas para as vozes, os gritos, as maldições e palavrões. Oh, é uma beleza. Pega-o esta noite. Depressa, por favor, está na hora. Boa-noite Bill. Boa-noite Lou. Boa-noite. Boa-noite. Há uma trilha estreita dando a volta por trás da primeira pedrona que ali está impedindo o caminho, metade na água e metade na margem, o caminho. Lá em cima Catherine volta-se para olhar os outros. Os dois homens trabalham agora lado a lado, Peter levantando as pedras, Paul batendo. Bel se afasta despreocupadamente da água e caminha de volta à árvore do piquenique. Tira o

chapéu e alisa os cabelos como se estivesse esgotada, ao entrar na sombra.

Catherine prossegue andando, descendo além das pedras, desaparecendo. A trilha continua tortuosa em meio à manada de pedras, nivela-se um pouco, depois sobe bastante de regresso às árvores acima do rio. Torna-se ruidosa, tumultuosa. Os habitantes locais chamam aquele lugar de Premier Saut, o primeiro salto; quase uma queda, uma garganta de água estreitada, lugar famoso para pescar trutas. Catherine desce para o lago comprido que está por cima daquilo: o frescor, as profundidades, o musgo e samambaias. Uma lavandisca, um espiro de amarelo-canário, voa em pequenos saltos na extremidade distante do lago. A jovem senta-se na pedra à beira da água, por baixo da margem íngreme; fita a água verde-escura e flácida rio acima, as manchas e brilho da luz do sol, as partículas que dançam no ar, a ave com sua cauda neurótica. Apanha um graveto e o atira no lago, observa-o flutuando, depois tomando velocidade e sugado e desaparecido sobre o tumulto estrangulado da Saut. Foi-se, foi-se.

Agora senta-se um pouco inclinada à frente, como se tivesse frio, agarrada aos cotovelos, fitando a água. Começa a chorar. Parece choro sem emoção alguma. As lágrimas marejam devagar dos olhos e se arrastam pelas faces abaixo, sob os óculos escuros. Ela não faz qualquer tentativa por afastá-las do rosto.

Bel chama, lá embaixo da árvore, ao lado da toalha enxadrezada roxa e toda sua arrumação estendida de *charcuterie*, pães compridos, queijos, facas, os copos de piquenique; as maçãs e laranjas, os três potinhos de *mousse* de chocolate para as crianças. Cândida chama de onde está:

— Oh, mamãe! Nós não estamos prontos ainda!

Mas Paul lhe murmura alguma coisa, Sally se volta, branqueia com seu corpo o caminho ensalgueirado de volta a

Bel; é uma pequena ensalgueirada agora; depois Emma, a filha mais jovem que vem correndo, passa por ela e o pequenino Tom também começa a correr, como se a comida fosse desaparecer. Depois vêm os homens e Cândida trazendo a caixa de plástico com os quatro lagostins apanhados até então, ela a se queixar de que bastava pegar mais um e haveria lagostins para todos na ceia, precisam pegar outros após a refeição. Sim, sim, está claro que pegarão. Mas todos sentem fome. Paul lembra-se do vinho e vai buscá-lo, onde o deixou a esfriar; a garrafa de *Muscadet sur lie*; a outra de Gros-Plant pode esperar.

— Quem quer coca levanta a mão!

Sentam-se e esparramam-se no chão, adultos e crianças, em volta da toalha. Somente Paul permanece em pé, ocupado com o saca-rolhas. Peter dá uma palmada no traseiro de Sally quando esta se ajoelha à frente para servir Coca-Cola às crianças.

— Isto é que é vida!

— Não diga!

Ele beija as costas nuas dela e pisca para Tom. Annabel chama:

— Kate? Comida! Depois, Cândida e Emma:

— Kate! Kate!

— Chega. Ela virá quando quiser. Emma diz:

— Mas pode acabar tudo.

— Porque você é uma comilona.

— Não sou!

— É, sim!

— Sandy!

— Mas ela é mesmo. — E bate, ao movimento da mão da irmã. — Convidados primeiro.

Bel diz:

— Querida, segure os copos de vinho para o Papai.

Sally sorri para Emma, do outro lado da toalha; criança mais bonita, mais tímida e sossegada; ou talvez seja apenas por contraste com a pequenina pseudo-adulto da irmã. Se Tom, ao menos... ela espalha pânté no pão para ele, que observa, desconfiado.

— Mm. Isso parece formidável.

Emma pergunta se os lagostins podem comer um pouco daquilo. Peter ri e ela parece um pouco magoada. Cândida lhe diz que é uma boba. Paul faz com que Emma se mexa e venha sentar-se a seu lado. É Cândida, agora, que parece magoada. Paul espia para a sombra rio acima, na direção das pedras, depois fita Bel. Esta lhe dedica leve maneio da cabeça.

— Papai, onde vai?

— Vou só procurar a Titia Kate. Ela pode ter adormecido. Cândida lança um olhar curto à mãe.

— Aposto que ela está chorando outra vez.

— Querida, coma. Por favor.

— Ela está sempre chorando.

— Sim. Peter e Sally compreendem. Todos nós compreendemos. E não vamos falar sobre isso. — Faz então uma pequena *moue* na direção de Sally, que sorri. Peter serve o vinho.

— Mamãe, posso tomar um pouco?

— Só se você parar de falar tanto.

Paul se põe em pé sobre a primeira pedra, olhando a garganta Depois desaparece. Eles comem. Peter:

— Escuta aí, esse negócio é maravilhoso. O que é, mesmo?

— As *rillettes*?

Cândida diz:

— Você nunca comeu isso antes?

— Comemos todos os dias. Quase todos os dias. Peter dá um tapa na própria cabeça.

— Pego outra vez. Estava a ponto de fechar o maior negócio de todos. Aí descobriram que ele nunca havia comido *rillettes*. — Põe o sanduíche na toalha, volta-se e cobre o rosto com as mãos. Um soluço. — Sinto muito, Sra. Rogers. Não sirvo para ser visto à sua mesa. Não devia ter tanta presunção.

Ouvem que Paul chama Kate lá da garganta. Peter emite outro soluço teatral. Bel diz:

— Veja só o que você fez.

— Bobagem dele.

— Peter é muito, muito sensível. Sally pisca para Cândida.

— Sensível como um rinoceronte.

— Pode me dar um pouco mais? — pergunta o pequenino Tom.

— Mais, *por favor*.

— Por favor.

Peter olha ao redor, por entre os dedos, para Cândida. De repente ela voltou a ser criança, dá uma casquinada; depois engasga. Emma observa de olhos brilhantes, depois começa a dar risadinhas também. O pequenino Tom os observa, muito sério.

Paul viu o roxo da blusa algum tempo antes de chegar ao ponto na trilha do qual ela subira para o tanque de água. Não falou, até estarem pé, acima dela.

— Quer comer, Kate?

Ela sacudiu a cabeça sem se voltar, depois estendeu a mão para os óculos escuros sobre a pedra ao lado e os colocou no rosto. Ela hesitou, depois desceu ao lado dela. Após momentos, estendeu a mão e tocou no ombro róseo.

— Se, ao menos, soubéssemos o que fazer. Ela fitava o tanque de água.

— É tudo tão estúpido. Alguma coisa, de repente, parece assumir o controle.

— Mas nós compreendemos.

— Oxalá eu compreendesse.

Ele sentou-se na pedra ao lado dela, um pouco voltado em outra direção.

— Você tem cigarro, Paul?

— Só Gauloises.

Ela aceitou um cigarro do maço que ele tirou do bolso da camisa, inclinou-se para o fósforo, inalou a fumaça, depois a soltou.

— Nada aconteceu ainda. O agora está parado, antes de acontecer. Sei que vai acontecer, como foi antes. E não posso evitá-lo.

Ele inclinou-se à frente com os cotovelos sobre os joelhos; assentiu, como se tais fantasias fossem inteiramente racionais, ele próprio as tivesse. Homem tão bom; e penoso, precisamente porque estava sempre a tentar. Seja como eu, suave, homem, ajuste-se ao que tem: vendas, se não tiver nome. Mesmo após todos esses anos a barba cerrada, a boca fina, levava a pessoa a contar com ascetismo, sutileza, inteligência rigorosa; não apenas decência, mediocridade, tocar de qualquer jeito.

— Kate, você não é o tipo de pessoa que pode usar refrões batidos conosco. O que nos deixa a nós, pobres seres mortais, com a língua bem presa. — Ela inclinou a cabeça por momentos. — Por que está sorrindo?

— Você e Bel são os deuses. Eu sou a pobre mortal.

— Por que acreditamos em refrões batidos?

Ela volta a sorrir de leve, silenciou, depois falou para agradá-lo:

— A Bel me perturbou. Não foi culpa dela. Eu sou uma cadela arrogante com aquelas duas.

— O que foi que ela disse?

— Aquilo.

— Você está sofrendo muito. Nós compreendemos como é difícil.

Ela voltou a soltar fumaça.

— Perdi toda a noção do passado. Tudo é presente — Mas balança a cabeça, como se dizer as coisas assim as torne tão vagas que não fazem sentido nenhum. — O passado nos ajuda a dar os descontos. É quando não se pode escapar ao...

— O futuro também não devia ajudar?

— Não é alcançável. Você está acorrentado agora. Ao que você é. Ele apanhou a pedrinha e lançou-a a poucos palmos de distância, à água. A armadilha, o cavalete e tortura; como se lêem as pessoas como livros e conhece os signos delas melhor do que elas próprias.

— O melhor jeito de romper as correntes assim não é obrigar a si própria a se comportar... — e ele não termina a frase.

— Normalmente?

— Pelo menos fazer os movimentos.

— Como o Sr. Micawber? Alguma coisa acaba aparecendo?

— Minha cara, o pão também é um refrão batido.

— E precisa de uma fome. Ele sorri.

— Bem, existe um tipo de fome, não acha? Pelo menos por nos frustrar a todos nós que queremos ajudá-la.

— Paul, eu juro que todas as manhãs eu... — Ela não continua. Ficam sentados lado a lado, olhando para a água.

Ele diz com suavidade:

— Não somos nós, Kate. Mas as crianças. Ficamos protetores em demasia. Mas elas realmente não compreendem.

— Eu tento compreender. Ainda mais com elas.

— Eu sei.

— É isso de ter perdido por completo o poder de volição. Sentir-me à mercê na menor observação que façam. Aconteceu. Tudo voltar a estar em exame. Tentar descobrir porque. Porque ele. Porque eu. Porque a coisa. Porque qualquer coisa.

— Oxalá você tentasse escrever tudo isso.

— Não posso. Você não pode escrever o que está vivendo. — Ela lança a ponta do cigarro à água e depois pergunta, abruptamente: — Você e Bel estão assustados, achando que vou tentar matar-me também?

Ele nada diz, mas depois pergunta:

— E não devíamos estar assustados?

— Não. Mas já pensou no que significa o fato de eu não o ter feito?

Pelo menos desta vez ele pensa antes de responder.

— Temos tido esperanças sobre o que significa.

— Acho que o significado verdadeiro deve ser que gosto do que sou. Aquilo que me tornei. — Lança-lhe um olhar, a cabeça romana fitando a água; senador sábio, desejando não ter vindo encontrá-la. — Preciso debater, na verdade. Explodir. E não de conversa suave.

Ele faz uma pausa.

— Eu bem queria que não fôssemos pessoas tão diferentes.

— Não desprezo, Paul.

— Só a meus livros.

— Você tem muitos milhões de leitores felizes para contrabalançar isso. — E ela aduz: — E eu não invejaria tanto a Bel, se o desprezasse.

Ele baixa o olhar.

— Bem...

— Isso é falsa modéstia. Você conhece seu trabalho.

— À nossa maneira.

— Eu sei que a Bel é uma déspota. Por baixo.

— Às vezes.

— Não somos irmãs verdadeiras. Apenas dois estilos de intransigência.

Ele sorri.

— De tortura. Mantendo um homem faminto longe da comida.

E assim como não se podia deixar de sorrir diante da ingenuidade deliberada de Bel, belas camisas roxas, realmente, sorri-se agora para ocultar a mesma ofensa: ao mesmo olhar desviado, que deixa alguém abandonado, a impaciência. Fala-se de transmutação e tudo em que o homem pensa é em pão e vinho.

Ela se põe em pé e ele também, procurando-lhe os olhos por trás dos óculos escuros.

— Acertaremos tudo isso conversando, Kate. Quando eles houverem ido embora.

Sem aviso ela o abraça e sente que ele se encolhe diante desse sopetão, o modo pelo qual o agarra. Enterra a cabeça por momentos no ombro dele, os braços de Paul a envolvem. Dá-lhe palmadinhas nas costas, depois toca-lhe o alto da cabeça com a boca. Pobre homem, embaraçado. E ela já está pensando: prostituta, atriz, calculadora — por que fiz isto? E idiota: que bispo carrega explosivo — ou o entregaria, em sua catedral?

Caro bovino. A parte animal, matar bezerrão tão belo.

Ela se afasta e sorri para o olhar perplexo dele, depois fala como jovem invejosa:

— Como são felizes os muçulmanos...

Annabel senta-se de costas para o tronco da bétula; mãe-deusa presidente, sem sapatos e sem chapéu, levemente enfunada pelo vento. Cândida, que tomou mais de um copo de vinho, está esparramada pelo chão, a cabeça em seu regaço. De vez em quando Bel toca-lhe o cabelo. Sally afastou-se para apanhar sol; de volta à grama, uma garrafa de Ambre Solaire ao lado. Insinuações do odor do vinho vão até onde se acham os dois homens, Peter sobre o cotovelo, de frente para Paul, que ainda está sentado. As duas crianças mais novas foram para a água, construindo ali uma represa de pedrinha. Catherine senta-se escorada sobre um braço entre Peter e Annabel, observando uma formiga pequena e marrom a lutar em meio aos caules da grama com uma migalha de pão. Estão agora com os copos de vinho cheios de café trazido na garrafa térmica.

Paul esboça uma novidade para o programa, a curiosa média-clássica das relações inglesas com a França, como desde os dias do *milord* e o *grand tour* o visitante inglês típico, vindo àquelas bandas, sempre foi educado e razoavelmente bem de vida e conservador, está claro; como a imagem resultante tem sido a de boa vida exigente, esnobismo na comida e nos vinhos e tudo o mais, bom lugar para esquecer todas as desvantagens de se viver em país profundamente puritano, embora *ça va de soi* o lado puritano também permite à pessoa desprezar-lhes profundamente a política e sua ridícula burocracia napoleônica centralizada, ao mesmo tempo, com uma parte diferente de si própria, de modo que não admira termos uma reputação de perfídia, não compreendemos que a nação arquicentralista na Europa é a Inglaterra, está perguntando quem mais faz zumbaias às idéias londrinas de vida, assim como os ingleses fazem, quem mais se resigna de modo tão absurdo ao modo pelo qual nos comportamos e falamos e vestimos, olhe só como os franceses só se importam com a qualidade da comida e da culinária, enquanto tudo com que nos importamos é saber se os outros convidados estão devidamente vestidos e a maldita arrumação de mesa, se parece boa e limpa, fazendo assim uma confusão terrível...

— Escutem — diz Bel. — Escutem o papa-figo.

Por momentos, Paul pára no que diz. Ouvem o assovio líquido que vem do outro lado do rio. Bel diz:

— A gente nunca os vê.

— Prossiga — pede Peter, e estende a mão para o cigarro, tardiamente o oferece a Catharine, que recusa com meneio da cabeça.

— Isso parece interessante.

— Paul quer dizer que confundimos uma idéia de modo inteiramente ridículo, o mito de uma França centralizada a

partir de Versalhes, e o desdém atual do francês por qualquer coisa que venha atrapalhar seu prazer individual. Quando nós, em nossa terra, com nossa crença de que somos tremendamente livres, democratas e politicamente independentes, na verdade somos a nação mais conformista do mundo, no que toca ao prazer pessoal. Aí porque (enfrentando o paradoxo improvisado) todo o governo francês é ingenitamente fascista e a verdadeira nação francesa ingenitamente incapaz de aceitar o fascismo por muito tempo; enquanto *nosso* amor pelo conformismo se acha por toda a parte, como cultura é o ideal para uma tomada fascista, que tivemos de aperfeiçoar toda a bobajada constitucional, e só Deus sabe quantas outras medidas públicas de salvaguarda contra nossas próprias naturezas.

— Eu gostaria muitíssimo de fazer isso combinar, de algum jeito — disse Peter.

— Outra coisa — diz Paul, servindo-se do resto do Cros-Plant no copo de Candy, tendo Peter recusado com aceno da mão, outro resultado de não ser a França um país para onde os membros da classe trabalhadora de nossa terra vêm, sem *tournées* preparadinhas, e ninguém podia mais dizer que era um ódio proletário à imunda comida estrangeira e ao imundo sexo latino, olhem só (ah, como se olha) que iam agora aos magotes para Majorca e a Costa Brava e Itália e Iugoslávia e Deus sabe onde mais, porém muito mais o ódio a um país que ainda precisa ser educado e avançado para compreender e desfrutar, algo que se deixava para os malditos esnobes e hedonistas da classe média ou, pelo menos, era essa a imagem ridícula do lugar que se divulgara, como ia dizer antes de desviar-se, bebeu demais, também explicava a ilusão francesa corolária sobre a Inglaterra como país de monarcomaniacos fanáticos, de beijo duro e chapéu de como, que viviam para cavalos, cachorros e *le sport* e o famoso sangue-frio e toda a putaria restante. Era só olhar para um *château* que conheciam a poucos quilômetros de distância e

Peter seria capaz de adivinhar o que tinha o lugar mais destacado na maldita sala de estar? Uma carta emoldurada da secretária do Duque de Edimburgo, agradecendo ao conde pelas condolências ao falecimento do sogro de sua Real Alteza. Você sabe, diz Paul. A gente desiste.

— Ele fala inglês? Talvez pudéssemos usá-lo. Bel explica:

— As pessoas da classe trabalhadora não vêm à França porque é caro demais. Tudo muito simples.

Peter sorri.

— Você está brincando. Nem faz idéia do que alguns deles ganham, nos dias de hoje.

— Exatamente — confirma Paul. — É uma coisa cultural. Aqui eles supõem que o freguês quer o melhor. Nós supomos que eles querem o mais barato.

— Fizemos um programa sobre *tournées* coletivas há dois anos. Inacreditáveis, algumas das razões que eles apresentavam. Lembro-me de uma velhota em Majorca a dizer que aquilo de que mais gostava era saber que todos recebiam a mesma comida e a mesma espécie de quarto.

Ele dá um tapa na própria cabeça, como se sua incredulidade viesse comprovar a estupidez da velhota referida.

— É o que digo. Maldito país onde pessoas podem escolher como vão gastar o dinheiro que têm.

— Se tiverem — reitera Bel.

— Nada a ver com o dinheiro, pelo amor de Deus. Estou falando sobre a lavagem cerebral que recebem. — Dito isso, volta-se mais uma vez para Peter. — O camponês francês, até mesmo um operário de fábrica, importa-se tanto com o que come e o vinho como qualquer outra pessoa em degrau muito mais elevado na escada econômica. No que toca ao prazer são inteiramente igualitários. Quer dizer, olhem só como se

preparam para um casamento. Até mesmo um lavrador, ou carteiro. Comida magnífica, Peter, você não consegue imaginar como seja. E toda a preocupação dedicada àquilo, o cuidado, o trabalho de irem ao açougueiro para discutirem sobre a carne e a *pâtisserie* e a *charcuterie* e tudo o mais.

Louvai a Deus por aditivos econômicos.

Peter assente, depois ergue o olhar conglobando Paul e Annabel.

— Gente de sorte, então? Não é possível esquivar-se a isso?

— As pessoas têm um sentido de privilégio. De modo inevitável.

— Mas você parece afirmar que devia ser abandonado. Você realmente quer as hordas de Manchester e Birmingham por aqui?

Bel sorri.

— Boa pergunta. Pergunte ao Camarada Rogers. Ele espalma a mão para a esposa.

— Só porque a *tourné* coletiva é precisamente o que a França não tem para oferecer. É onde ainda temos de descobrir as coisas por nós mesmos.

— O que requer espírito educado?

— Espírito aberto, apenas isso. E não na camisa-de-força da ética puritana.

— Também gosto deste aspecto. — Ele sorri para Annabel. — Mas até onde ele é típico, Annabel?

— Oh, acho que é um reacionário expatriado bastante comum. E você, Kate?

Catherine sai-se com um leve sorriso e nada diz.

— Vamos, cunhada. Defenda-me das punhaladas nas costas.

— Se alguém é feliz, está claro que não deseja mudança alguma nas coisas.

— Mas alguém pode querer partilhar um pouco disso, não?

Bel é quem responde por ela.

— Querido, por que não encara os fatos? Você é o maior socialista de gabinete que já existiu.

— Obrigado.

— Uma garrafa de Jolly, e é mais Mao que qualquer pessoa. Peter solta uma casquinada.

— Olha só, que linda expressão, Annabel! Mais Mao. Não quero esquecer.

Paul brande o dedo para Annabel; é o horrível monge russo que existe nele.

— Minha doçura, o objetivo do socialismo a meu ver é o de elevar a humanidade. E não fazer com que todos desçam ao mais baixo denominador comum, tão querido do coração capitalista.

Eles prosseguem, prosseguem; odeia-se esse Paul, que estende a discussão, explanador infinito da grandiosa mandrágora cultural. Quando tudo que se vê, de algum jeito, é a aflição cansada de pessoas noturnas, autômatos esgotados pelo trabalho, para quem a pessoa só pode ser profundamente feliz, por cima, encolhida, indefesa. Motivar, explicá-los, é a vulgaridade suprema, a mentira suprema... uma espécie de canibalismo. Comer carne de porco no almoço; depois retalhar todas as outras vidas, a realidade em picadinhos, como complemento. A colheita foi efetuada. Tudo quanto resta são restolhos e aparas: fragmentos, alusões, fantasias, egos. Apenas as cascas da conversa, o restolho sem sentido.

E bastante denso sem todas aquelas palavras que rodeiam e zumbem; bastante irreal, oh, totalmente irreal sem a irrealidade adicional de todas aquelas idéias masculinas saltitantes, fervilhantes e descontínuas e o conhecimento de que eram germes, cresceriam, em certa noite de inverno milhões sem conta observariam sua progênie e adoeceriam por sua vez. Compreendia-se muito bem a indolente irritação de Bel: não era tanto a pontificação, porém o vê-lo ceder ao mesmo por causa tão pequena, uma bobagem tão indigna, rasteira e miúda; que nada havia nas árvores senão a madeira com que construía suas cabanas grosseiras de tolices efêmeras. Para quem o real, o vivo, o inexplicado é o elemento proscrito; somente a salvo quando enlatado.

Sabia-se: Paul podia ter dito que queria exterminar os franceses, fosse lá o que fosse, o oposto exato do que afirmara, e aquele caixão-homem pequenino e desgraçado teria assentido e pronunciado seus "incríveis" e "fantásticos", procurando um novo aspecto.

E a pessoa sabia que era por sua culpa: não devia ter chamado Bel de déspota. Tudo aquilo era para desmentir, de modo que vinha provar.

Isto: e as árvores verdadeiras, duas crianças perto da água, a jovem calada ao sol, deitada agora sobre o estômago, o traseiro pequeno e afetado, em branco e azul-anil. As árvores e arbustos e pedras na superfície, os penhascos silenciosos por cima, planeta de vida calcinada, sol sem ventos, o dia que mofa como as extremidades dos pães da refeição, não mais translúcido e sublime mas, de algum modo, opaco e estático; toda a culpa das vozes dos homens, aquele inútil, infinito e anti-higiênico coçar-feridas e as vozes de homens *soí-disant* sérios. Só as mulheres sabiam, agora. Mesmo a jovem insípida sabia apenas do sol nas costas, da grama e terra por baixo de si. Bel só tomava conhecimento de si própria e da cabeça do filho adormecido, dos movimentos

do outro filho pequeno lá embaixo no rio; o que ela dava à conversa, até mesmo seu leve espicaçamento de Paul, era indulgência, em seu papel de eixo tranquilo; para manter a roda girando um pouco. Bel já fora vista certa feita, em noite de verão em casa, quando eram apenas eles quatro, espicaçar Paul de modo muito mais afrontoso. Ele se pusera em pé abruptamente e saíra para o jardim. Um curto silêncio embaraçado. E em seguida Bel que se levantara de modo igualmente abrupto e saíra da sala, indo diretamente para fora, para o entardecer, tinham visto tudo pela janela, indo ter onde Paul se achava, na extremidade da relva. Ela o fizera voltar e lançara os braços em volta dele, impulsiva. Aquilo parecera quase uma lição. Haviam visto do interior da casa e eles sorriram. Jamais o tinham debatido ou mencionado em seguida. Era coisa a ser guardada com miçangas e broches antigos; coisa pela qual chorar, e a noção que se tinha do eu apresentável mudara muito.

Se fosse Bel; se fosse de si mesma, além de todo o orgulho.

Agora Emma vinha devagar para onde os quatro adultos se encontravam e se punha ao lado da mãe.

— Eu quero deitar como a Candy.

— Querida, deixe-a dormir. Não há espaço para você também. Emma lança um olhar para a tia, que lhe estende a mão. A menina se ajoelha, depois afunda e cai à frente, no regaço oferecido. Catherine lhe afaga os cabelos claros, afasta feixes sedosos desses cabelos, tirando-os da face. Paul inclina-se sobre o cotovelo e boceja.

— Pois bem, aí temos a pessoa mais sensata daqui. Peter sorri de lado, fita Catherine.

— Desculpe. É monstruoso estar falando do trabalho em dia divino como este.

— Gostei de ouvir.

Ela toca a gola da blusa amarela da criança, evitando-lhe o olhar. Paul resmunga:

— E não concorda com uma só palavra do que diz. Catherine dá de ombros muito debilmente e olha para ele, do outro lado da toalha de piquenique.

— Só pensando no que Barthes disse.

Peter pergunta quem é Barthes; e pergunta, tem-se a impressão, como se achasse que se escreve Bart e é um primeiro nome. Paul explica. Peter estala os dedos.

— Alguém andou-me falando sobre ele, faz poucos dias.  
— Senta-se e se volta para Catherine. — O que diz ele?

Ela fala como se estivesse a se dirigir a Emma.

— Ele analisou os guias turísticos. Em um livro de ensaios. Como os guias vendem a idéia de que todas as coisas utilitárias e modernas são monótonas. As únicas coisas interessantes são os monumentos antigos e o pitoresco. Como o pitoresco passou a se ligar de modo quase exclusivo às montanhas e praias ao sol. — E complementa: — É tudo.

Em matéria de incoerência, ninguém pode superá-la. Paul diz:

— Isso de montanhas começou com os românticos com certeza. Ela passa os dedos pelos cabelos de Emma. Começou com

Petrarca, mas a pessoa não deve saber demasiado.

— Eu acho que ele estava tentando fazer ver que a falta de imaginação na viagem vem principalmente das classes médias. A noção de classe média sobre o que é bonito. Como os guias dedicam três parágrafos a alguma igreja de qualquer cidade, e depois deixa de lado a própria cidade viva, reduzindo-a a duas linhas.

Paul volta a afundar-se no outro lado da toalha do piquenique e põe as mãos atrás da cabeça.

— Por motivos eminentemente bons, em geral.

— Se você acha que a arquitetura do século treze importa mais do que a realidade do século vinte.

— E por que não? Para quem está de férias?

Ela estende à forma reclinada de Paul um livrinho.

— Nesse caso, por que odeia as imagens falsas dos ingleses e dos franceses? Eles são exatamente a mesma forma de realidade escolhida.

— Não vejo o motivo.

Tolices. É provocá-la um pouco, torna-se quase humana. Ele sorri, agora.

— Você aprova os estereótipos burgueses do que vale a pena ver durante as férias. Qual a diferença entre eles e os estereótipos burgueses da personalidade nacional que tanto lhe desagradam?

Ele fechou os olhos.

— Se eu puder tirar uma soneca rápida, pensarei em resposta realmente esmagadora a essa pergunta.

Bel diz:

— Como os poderosos caem.

— Não apoiado — diz ele, cruzando as mãos sobre o estômago. Peter deita-se de costas sobre o cotovelo, encarando-a.

— Este camaradinho não é difícil à beca de entender? Foi o que me contaram.

— O recado geral parece bem claro. Bel murmura:

— A Kate preparou um dos livros dele em inglês.

— Santo Deus. Foi, mesmo?

— Não preparei. Só fiz a revisão.

— Ela praticamente reescreveu a tradução.

— Se é assim que você descreve uma ou duas sugestões que fiz.

Ela adverte Bel, ou tenta adverti-la. A outra não enfrenta seu olhar. Não se pega Bel dessa maneira.

— E qual é o recado principal? Ela hesita, depois mergulha.

— Que existem todos os tipos de categorias de sinais pelos quais nos comunicamos. E que um dos mais suspeitos é a língua... principalmente no caso de Barthes, porque foi muitíssimo corrompida e destorcida pela estrutura de poder capitalista. Mas o mesmo se aplica a muitos outros sistemas de sinais não-verbais pelos quais nos comunicamos.

Peter mastiga uma folha de grama.

— Se você se refere à publicidade... coisas assim?

— Esse é um campo de manipulação notadamente flagrante. Muita comunicação particular também é publicidade. O mau emprego... ou apenas uso desajeitado dos sinais. — Tarde demais para parar, está-se aprisionado. — Uma frase é aquilo que o orador pretende que seja. O que ele, em segredo, deseje que signifique. E isso pode vir a dar no oposto. O que ele não quer que ela signifique. O que significa como indicação de sua natureza real. Sua história. Sua inteligência. Sua sinceridade. E assim por diante.

Paul fala, embora pareça dormir:

— Até que tudo sobre o significado venha a importar, menos o significado. "Passe-me o sal" torna-se uma estrutura de sinais preche de sentido. E o pobre e maldito sal nunca é passado.

Catherine sorri.

— Às vezes.

— Alemão — resmungava Paul. — Não é francês. Bel diz:

— Cale a boca. Vá dormir.

Peter está fazendo sinais: eu sou um sujeito sério. Chega a ponto de falar devagar.

— Esse camarada que andou falando dele... não existe alguma coisa sobre a religião das classes médias ser a afirmação banal?

— Eu acho que ele disse o *ethos*.

— Porque a originalidade é perturbadora... certo?

— Depende do contexto.

Bel fita a cabeça baixa da irmã, cogitando.

— Como?

— Existem contextos de classe média nos quais se espera que a pessoa pareça original. Divertida. Até mesmo revolucionária. Mas o contexto é uma espécie de sinal revogador. Ele suplanta.

— Por exemplo, com que rapidez você vai dormir após o almoço quando acabou de amaldiçoar a sociedade que lhe permite dormir depois de almoçar.

Paul murmurou:

— Essa, eu ouvi.

Peter não se deixa distrair.

— Com que, então, a originalidade verdadeira tem de ser ativamente revolucionária? Certo? Era isso que o camarada queria dizer.

— Eu acho que as pessoas como Barthes interessam-se muito mais em fazer as pessoas se aperceberem de como se comunicam e tentam controlar uma à outra. A relação entre os sinais abertos, quer sejam verdades ou não, e o significado verdadeiro do que está acontecendo.

— Mas você tem de modificar a sociedade antes, não é?

— Espera-se que seja isso o que faz a percepção maior.

— Mas eu quero dizer, você sabe... se é apenas recolher afirmações banais das pessoas, é apenas observação das palavras. Como a observação de pássaros, não?

— Presumo que até a ornitologia tenha suas utilidades.

— Mas dificilmente seria o tema principal, não acha?

— Seria, se a ave fosse a base da sociedade humana. Como acontece que a comunicação o é.

Ela espia com o canto dos olhos, pois a despeito de tudo isso este olhando para Emma, vendo que ele assente. Como se ela houvesse dito alguma coisa. Compreende que é muito simples, ela o odeia; embora ele seja fortuito, ignorável desse modo, começa a conquistar seu direito a ter um emblema, um sinal medonho. Pois ele não está testando — ou debicando — Barthes e a semiótica, porém ela. Ele se refere a coisinhas masculinas e infantis tais como: não sei porque você não sorri para mim, o que foi que eu fiz, por favor demonstre respeito quando escolho minhas palavras porque sei que você não gosta de outras que eu uso.

Emma senta-se de súbito, depois vai ter com a mãe e cochicha em seu ouvido. Bel chama-a a si, beija-lhe a face, precisa esperar.

— Você acha que isso pode ser posto na televisão?

— O que pode... ?

— Esse camarada Barthes. O que você acabou de me dizer.

— Eu acharia que deve ser lido, principalmente lido.

— Mas não o interessaria? É esboçar algumas idéias... quero dizer, se essas coisas de sinais não são todas verbais, talvez fosse divertido ilustrá-las.

Ela lhe lança um olhar rápido. Ele está cutucando algum inseto na grama com o caule, cabeça baixa; cabelos compridos e ruivos. Ela volta a olhar Bel que sorri com gentileza, mortalmente, o braço passado em volta de Emma.

— Não sou perito sobre ele. De modo algum. Existem centenas...

Ele sorri.

— Os peritos fazem *scripts* horríveis. São usados para verificar. Entrevistar, talvez. Eu preferiria muitíssimo alguém que conhece os dados essenciais. Alguém que teve de trabalhar a coisa por si própria.

Bel diz:

— Estão-lhe oferecendo um emprego. Peter diz:

— Somente uma idéia. Que acabou de sair de minha cabeça. Catherine em pânico.

Peter diz:

— Falo sério. Se você quiser venha falar comigo sobre o assunto. Na próxima vez que estiver na cidade. — Apalpa então o bolso de trás. — E faça o favor de me dizer qual o título desse livro de ensaios.

— *Mitologias*. — Ela volta a dizê-lo, com pronúncia à inglesa. Ele o anota em caderninho. Catherine volta a olhar Bel, que está com ar de divertimento, aprovação, não se sabe; depois volta a fitar Peter a seu lado.

— Eu não conseguiria fazê-lo. Nunca preparei um *script* em toda a minha vida.

— Os autores de *script* andam por aí aos montões. Isso não é problema.

— E que modo horrível de falar dos pobres-coitados — comenta Bel, e depois em tom ocioso: — Sobre qualquer um, na verdade.

Cadela.

— Sinto muito. Mas eu...

Ele guarda o caderninho e dá de ombros.

— Se mudar de idéia.

— Sinceramente, não vou mudar.

Ele abre as mãos; e ela fita Bel para informar-lhe que, ao menos em parte, inspirou a recusa. Mas Bel está com sua armadura de doçura. Insta para que Emma vá em frente.

— Vá. Agora.

Hesitando, Emma vai para o lado de Catherine, onde se inclina à frente e lhe cochicha ao ouvido.

— Agora?

A meninazinha assente.

— Emma, não sei se consigo pensar em um.

— Poderá, se tentar. — Aduz, então: — Como no verão passado.

— Estou sem prática. Bel diz:

— Ela descobriu um lugar secreto. Vocês não serão ouvidos.

— É encantador. E segredo completo.

— Só você e eu?

A meninazinha confirma com meneios enfáticos da cabeça. Depois cochicha:

— Antes que a Candy acorde. Catherine sorri. Muito bem.

— Venha. Você precisa andar depressa.

Estende a mão para a bolsa grega, depois se põe em pé e toma a mão de Emma. A criança a leva dali, por trás das árvores, rumo à trilha de onde vieram, depois a toma. Peter a

observa desaparecendo, um olhar curto a Bel, depois ao chão que tem diante de si.

— Não está lavrando um tento, ao que receio.

— Oh, santo Deus, não se preocupe. Ela é toda uma massa de cócegas defensivas, neste momento. Foi muitíssima bondade sua sugeri-lo.

— Ela vai voltar a...?

— Creio que sim. Quando houver aceito o que aconteceu.

— Horrroso — diz Peter.

— Acho que ainda é muito cedo.

— Sim, está claro.

Paul começa a roncar baixinho.

Bel murmura: capadócio velho e bêbado.

Peter sorri, faz um pouco de silêncio.

— Ouvi dizer que ainda vem muita coisa por aí. Foi o Paul quem disse.

— Sim. Eles contam com o bastante para um livro final.

— Terrível. — Ele sacode a cabeça. — Alguma coisa assim. E logo assim.

— Eles são sempre os mais vulneráveis, não acha?

Ele confirma e depois de momentos volta a sacudir a cabeça. Mas olha agora em volta para Sally estendida ao chão, depois para o filho.

— Oh, muito bem. Meu famoso ato paterno e intermitente. Levanta-se sobre os joelhos, põe-se em pé, sopra um beijo para Bel — almoço ótimo — e vai para onde Tom constrói a represa.

— Puxa vida, Tom, meu Deus, está uma maravilha.

Paul ronca, dormindo. Bel fecha os olhos e sonha com um homem que conheceu e quis, mas com quem não conseguiu ir para a cama.

O lugar "secreto" não é muito distante, subindo um pouco a encosta da trilha onde uma pedra extraviada separou o resto da manada. Há um pequeno vale no matagal além do mesmo; uma entrada de pedra fora de vista que recebe o sol, com margaridas e espiras brilhantes e azuis de esclaréias, um pouco de trevo, uma papoula vermelha isolada.

— Emma, isso é lindo.

— Você acha que eles vão nos encontrar?

— Não, se ficarmos calados. Vamos nos sentar ali. Por baixo da arvorezinha. — Ela se senta, a criança ajoelha-se a seu lado, na expectativa. — Vou lhe dizer uma coisa. Você apanha algumas flores. Eu penso em uma estória.

Emma se põe em pé, estabanada.

— Qualquer flor?

Catherine assente. Apalpa a bolsa vermelha à procura de cigarros, acende um deles. A criança desce para o sol no chão da pequena concavidade, mas olha de lá.

— Está claro.

Nada vem. Nenhum fantasma nem mesmo da narrativa mais simples, apenas o fantasma daquela última ilha esotraçada. Uma bondade, o que mais? Até mesmo tanto para Bel quanto para ela. E nada, nada, senão fuga. Para a infância, a coisinha feminina em sua camisa amarela e calções brancos, as pernas à mostra, puxando com seriedade as flores recalcitrantes e sendo muito boa, calada, sem olhar, como se estivessem brincando de esconde-esconde; é um brinquedo, não uma arte. A sobrinha pequenina e de cabelos claros que se tem, a favorita, a crença que se deposita na inocência, na pele macia, na boca fechada e olhar cândido; a

quem se devia amar muito mais do que se amava. Aquela estranha divisão entre crianças pequenas e as mulheres que não são mães; Sally, a tentativa desastrada de não ser *sexy*, solícita, pronta a cuidar e servir. O motivo pelo qual se tinha verdadeira inveja de Bel. Evolução. Não se deve chorar, é preciso pensar atentamente.

Se, ao menos. Se, ao menos. Se, ao menos. Se, ao menos. Se, ao menos.

— Está pronta, Kate?

— Quase.

— Sinto calor.

— Venha, então.

E a criança sobe a pequena distância até onde Catherine se acha sentada à sombra por baixo do espinheiro e ajoelha-se de novo com as flores que trouxe.

— Bonitas.

— As azuis são horríveis. Não querem partir.

— Não faz mal.

Emma apanha uma das margaridas ainda em botão, depois fita Catherine; e volta a baixar o olhar.

— Acho ruim, quando você não está feliz.

— Também não gosto, Emma. Mas às vezes não se pode evitar. A criança fita seu punhado de flores.

— Se você não consegue pensar em uma estória, não tem importância. —Aduz, então: — Não me importo muito.

— Só um pouquinho?

Emma faz que sim, satisfeita com essa graduação. Um silêncio de espera. Catherine aspira a fumaça, sopra-a pela boca.

— Era uma vez uma princesa.

E Emma se movimenta, com a insistência estranha das crianças no sentido de que os rituais apropriados devam ser obedecidos; põe no chão as flores e depois arrasta um pé à frente, volta para sentar ao lado de Catherine, que passa o braço por ela, chama-a a si.

— Era bonita?

— Ela ganhava as competições de beleza?

— As princesas são importantes demais para entrarem em competições de beleza.

— Por quê?

— Porque essas competições são para moças estúpidas. E ela era muito inteligente.

— Mais inteligente do que você?

— Muito mais do que eu.

— E onde morava?

— Logo além daquele morro. Faz muito tempo.

— É uma estória de verdade?

— Não me importo se não for.

Catherine joga o cigarro à distância, agarra a única palha à vista.

— Era também muito triste. Sabe por quê? — Emma sacode a cabeça em resposta negativa. — Porque não tinha mamãe nem papai. Não tinha irmãos nem irmãs. Ninguém.

— A estória vai acabar bem?

— Teremos de ver.

— Espero que acabe. E você?

Aquele terceiro mundo estranho, além de nossos poderes. Catherine afaga o flanco da menina.

— Um dia ela foi a um piquenique com todos os irmãos e irmãs. E a mãe e o pai, que eram rei e rainha. Eles vieram aqui. Aqui mesmo onde estamos? — Emma assente. — Mas ela era malcriada, achou que ia fazer uma travessura. Ia esconder-se e fazer com que todas a procurassem. Por isso veio para este lugar onde estamos sentadas, agora, e sentou-se, mas estava muito quente, por isso ela se deitou e sentiu um sono muito grande.

— Ela dormiu.

E quando acordou estava tudo escuro. Tudo que podia ver eram as estrelas. Ela chamou pelas pessoas, chamou muitas vezes. Mas ninguém respondeu. Ficou muito assustada. Voltou a chamar, outras vezes, mas era tarde demais, todos tinham ido para casa. Tudo que ela ouvia era o barulho do rio. Laplaplaplapla. Tarde demais, tarde demais, tarde demais.

— Eles não procuraram a princesa?

— Isso tudo aconteceu faz tanto tempo que as pessoas não sabiam contar. Veja só, como era esse tempo... o próprio rei só sabia contar até vinte. E eles tinham vinte e três filhos. Por isso, costumavam contar até vinte e depois adivinhar.

— Não deram falta dela.

— Por isso, ficou sozinha. — E de nenhures, estoriado; o futuro fora concedido, inversão das circunstâncias. — Ela quis voltar para casa a pé, mas não parava de cair, não sabia onde estava na escuridão. E assim se afastou cada vez mais. Os espinhos rasgaram o vestido, ela perdeu um dos sapatos. Começou a chorar. Não sabia absolutamente o que ia fazer.

— Estava muito assustada?

Catherine puxa a sobrinha um pouco mais a si.

— Você nem imagina como estava assustada. E não adiantou nada, quando o dia nasceu. Porque ela descobriu

que estava em uma floresta enorme. Nessa floresta só havia árvores, árvores sem fim.

— A mamãe e papai dela não sabiam que ela estava perdida.

— Eles compreenderam, sim. Naquela manhã, e vieram procurar a filha. Mas a filha se tinha afastado muito, durante a noite. E tudo que encontraram foi o sapato perdido.

— Eles devem ter pensado que tinha sido comida pelo lobo.

— Você é esperta. Foi exatamente assim. Por isso voltaram para casa, muito tristes. E lá estava ela, a muita distância na floresta, sozinha de todo. Com muita fome. Mas de repente ouviu uma voz. Era um esquilo... você sabe? Ele lhe mostrou onde havia nozes para comer. Depois veio um urso, mas não era urso bravo, era um urso muito camarada, e mostrou a ela como fazer uma casinha e uma cama de samambaias. Depois todos os outros passarinhos e animais vieram e ajudaram a princesa, mostrando como podia viver na floresta.

A menina estendeu o braço para tomar a mão livre de Catherine, como se fosse um brinquedo. Seus dedinhos tocaram na aliança de prata, tentaram virá-la.

— E o que aconteceu depois?

— Eles fizeram dela uma espécie de protegida. Traziam comida e flores e coisas bonitas para a casa. E ensinaram a ela como era a floresta. E como só havia uma coisa ruim na floresta. E sabe o que é? — Emma sacode a cabeça em negativa. — Os homens.

— Por quê?

— Porque homens cruéis vinham para a floresta e caçavam os pobres animais. Era o único tipo de homens que eles conheciam, compreendeu? Por isso achavam que todos os

homens eram cruéis. E disseram a ela que devia fugir e se esconder, se visse um deles. E ela acreditou no que diziam. Por isso tornou-se muito tímida e acanhada também.

— Como um ratinho.

— Exatamente como um ratinho. — Passa os dedos pelo peito amarelo de Emma; esta estremece e se encolhe, juntando-se ao corpo de Catherine. — E foi assim que viveu, por muitos anos. Até crescer e ficar uma moça grande.

— Que idade ela tinha?

— Que idade você quer que ela tenha?

— Dezesete anos.

Catherine sorri para a cabeça loura.

— E por que dezesete?

Emma pensa por momentos, depois sacode a cabeça; não sabe.

— Deixe para lá. Era exatamente a idade dela. Foi quando aconteceu uma coisa muito extraordinária. Ela veio para este mesmo lugar outra vez, para aqui onde estamos sentadas, e também era um dia muito quente, como o de hoje. E mais uma vez aconteceu. Debaixo desta árvore. — Emma olha para cima, como a relembrar-se de que ali está. — Mas quando acordou desta vez, não era noite. Continuava sendo dia, porém ainda mais terrível do que antes, porque em volta havia enormes cachorros de caça. Muitos parecidos a lobos. Todos eles rosnando e latindo. Ali e ali. E ali, também. — Ela estremece, encostada no flanco de Emma, que não responde. Está indo longe demais. — Foi como um pesadelo. Nem mesmo conseguia gritar. Mas apareceu algo ainda pior. Adivinhe o quê?

— Um dragão?

— Pior do que isso.

— Um tigre.

— Um homem:

— Um caçador.

— Foi o que ela pensou. Porque ele estava vestido como caçador. Na verdade, porém, era muito gentil e educado. E não era velho. Tinha exatamente a idade dela. Dezesete anos. Mas você se lembra que ela acreditava nos animais. Por isso, embora visse que ele era muito gentil, ficou bastante assustada. Pensou que ele a ia matar. Mesmo quando ele chamou os cachorros para afastá-los. Mesmo quando ele apanhou algumas flores e as trouxe aqui, onde ela estava deitada, se ajoelhou, dizendo que ela era a moça mais bonita todo o mundo.

— Ela pensou que ele estava fingindo.

— Ela não sabia. Queria acreditar nele, mas não parava de pensar no que seus amigos animais tinham dito. Por isso continuou deitada, sem se mexer, e não disse coisa alguma.

Emma agora se movimenta, torce-se e afunda no colo da tia, fitando-lhe o rosto.

— O que aconteceu depois?

— Ele a beijou. E ela, de repente, não sentiu mais medo. Sentou-se, tomou as mãos dele, começou a contar-lhe tudo. Como não sabia quem era, tinha esquecido o nome. Tinha esquecido tudo. Porque ficara muito tempo na floresta com os animais. E ele então lhe disse quem era. Era um príncipe.

— Eu sabia.

— Sabia porque você é inteligente.

— Isso é o fim?

— Você quer que seja?

Emma sacode a cabeça com firmeza. Observa o rosto da tia quase como se o príncipe e a princesa, bem como os

fonemas, pudessem sair-lhe da boa. O processo. Não é preciso acreditar nas estórias; apenas em que elas podem ser contadas.

— O príncipe disse que a amava, queria casar-se com ela. Mas havia uma dificuldade. Por ser príncipe, só podia casar-se com princesas.

— Mas ela era uma princesa.

— Tinha esquecido. Não estava com roupas bonitas. Nem com uma coroa. Ou com coisa nenhuma. — Ela sorri. — Não estava com roupa nenhuma.

— Nenhuma!

Catherine sacode a cabeça. Emma ficou chocada.

— Nem mesmo...? — Catherine sacode-lhe a cabeça outra vez. Emma morde os lábios. — Isso é falta de educação.

— Ela era muito bonita. Tinha cabelo castanho-escuro comprido, pele marrom muito linda. Era exatamente como um pequeno animal selvagem.

— E não pegava resfriado?

— Estavam no verão.

Emma assente, um pouco perplexa devido a essa anomalia, mas intrigada.

— Pois é. No fim o príncipe teve de ir-se embora, sentindo-se muito triste por não poder casar-se com aquela meninazinha bonita sem roupa. E ela ficou em lágrimas porque não podia casar-se com ele. E ali estava ela, chorando sem parar. De repente ouviu-se um pio. Piauauau. Lá de cima. Na árvore.

Emma retorce o pescoço para ver, depois volta a fitar Catherine.

— O que foi?

— Você sabe o que foi.

— Esqueci.

— Uma coruja. Uma coruja velha e marrom.

— Eu sabia, pode crer.

— As corujas são muito espertas. E aquela era a mais velha e mais esperta coruja de todas. Na verdade, era um mágico.

— O que foi que ele disse?

— Piauau, piauau, não... chore... menina. Emma sorri.

— Diga outra vez. Assim mesmo. Catherine repete.

— Depois ele desceu voando, ficou ao lado dela e disse a ela o que podia fazer. Pela mágica. Para ser uma princesa era preciso morar em palácio? Bem. Ele lhe daria roupas bonitas. Ou poderia dar-lhe um palácio. Mas não poderia dar-lhe as duas coisas ao mesmo tempo.

— E por que não podia?

— Porque a mágica é muito difícil. E só se pode fazer uma mágica de cada vez. — Emma assente, concordando. — Tudo em que ela pensava era voltar a ver o príncipe. Por isso suplicou à coruja que lhe desse as roupas bonitas. E num instante ela não tinha nada. No seguinte, estava com um belo vestido branco e uma coroa de pérolas e diamantes. E malas e mais malas de outras roupas e chapéus e sapatos e jóias. Cavalos para carregar tudo aquilo. Criados e criadas. Exatamente como uma princesa de verdade. Ficou tão feliz que se esqueceu do palácio. Montou no cavalo e galopou para o castelo onde vivia o príncipe. E de início tudo correu maravilhosamente. O príncipe levou-a para conhecer o rei e rainha, que a acharam muito bonita, julgando que fosse muito rica. Com roupas tão lindas e tudo mais. Disseram imediatamente que o príncipe podia casar-se com ela. Assim que eles houvessem visitado o palácio da princesa. Ela ficou sem saber o que fazer. Mas está claro que teve de fingir que

possuía um palácio. Por isso convidou-os para o dia seguinte. Foi quando todos se vestiram muito bem e saíram para ver o palácio dela. Ela contou exatamente onde deviam ir. Mas quando chegaram lá... foi uma loucura.

— Não havia palácio algum.

— Só um campo velho, sem nada, estragado. Tudo enlameado e úmido. E lá estava ela no meio daquilo, com todas as roupas lindas que tinha.

— Eles acharam que ela era boba.

— O pai do príncipe ficou com muita, muita raiva. Achou que aquilo devia ser alguma brincadeira estúpida, ainda mais quando ela fez mesura e disse, "Bem-vindo a meu palácio, majestade". A princesa estava tão assustada que não sabia o que fazer. Mas a coruja lhe dissera que a palavra mágica transformaria as roupas que tinha em palácio.

— Diga qual era.

— Era o pio da coruja, mas dito ao contrário. Auauaupi. Você sabe dizer?

A menina ri e sacode a cabeça negativamente.

— Ela sabia. Por isso, disse. E logo em um clarão surgiu um belo palácio. Pomares e jardins. Agora, porém, ela não tinha mais roupa alguma. Nem um pedacinho. Você devia ter visto as caras do rei e da rainha. Ficaram chocadíssimos. Como você ficou, faz pouco. Que coisa terrivelmente *grosseira*, disse a rainha. Que menina sem vergonha, disse o rei. E a princesa ficou desesperada. Quis se esconder, mas não pôde. Os criados começaram a rir e o rei ficou com raiva cada vez maior, disse que nunca tinha sido tão insultado. A pobre pequena perdeu a cabeça. Desejou ter de volta todas as roupas. Mas foi quando o palácio desapareceu e eles voltaram ao campo velho e estragado. O rei e a rainha se fartaram. Disseram ao príncipe que ela era uma feiticeira má e que ele

nunca, nunca mais devia voltar a vê-la. E depois todos foram embora, deixando-a debulhada em lágrimas.

— E depois, o que aconteceu?

O papa-figo gorjeia lá nas árvores perto do rio.

— Eu não lhe contei qual o nome do príncipe. Era Florio.

— Que nome engraçado.

— É muito antigo.

— E como era o nome dela?

— Emma.

Emma franze o nariz.

— Que bobagem.

— Por quê?

— Eu sou Emma.

— Por que você pensa que mamãe e papai chamaram você de Emma?

A meninazinha pensa, depois dá de ombros: que tia estranha, que pergunta estranha.

— Eu acho que foi por causa da menina numa estória que eles leram.

— A princesa?

— Alguém um pouco parecida com ela.

— E ela era bonita?

— Quando a pessoa passava a conhecê-la, sim. — Cutuca a barriga de Emma. — E quando ela não ficava a fazer perguntas.

Emma se contorce.

— Eu gosto de perguntar.

— Nesse caso, nunca terminarei.

Emma encobre a boca com a mão encardida. Catherine beija um dedo e o coloca entre os olhos que a observam, em seu regaço. O papa-figo gorjeia mais perto, agora na margem em que se encontram.

— A princesa pensou em todos aqueles anos na floresta, quando tinha sido tão feliz. E como estava infeliz, agora! Por isso, no fim, ela voltou para cá, para esta árvore, a fim de perguntar à coruja sábia o que podia fazer. Lá estava a coruja, ali em cima, sentada naquele galho, um olho fechado e o outro aberto. Ela contou o que tinha acontecido. Como perdera o príncipe Florio para sempre. Depois a coruja lhe contou algo muito sábio. Contou que se o príncipe a amasse de verdade, não se importaria em saber se ela era ou não uma princesa. Ele não se importaria, se ela não tivesse roupa ou jóia ou palácio nenhum. Ele a amaria por si mesma. E até que fizesse isso, ela nunca seria feliz. A coruja disse que ela não devia mais sair procurando por ele. Devia esperar até que ele viesse encontrá-la outra vez. E depois lhe disse que se ela fosse muito boa e muito paciente, e fizesse o que lhe dizia, seria possível fazer mais uma mágica. Nem o príncipe nem ela envelheceriam, nunca mais. Ficariam com dezessete anos para sempre, até voltarem a se encontrar.

Catherine sorriu para a sobrinha.

— Ainda está esperando. Por todos esses anos. E os dois continuam com dezessete anos. E nunca se encontraram. — O papa-figo canta outra vez, afastando-se rio abaixo. — Escute.

A meninazinha retorce a cabeça, depois volta a fitar a tia. Mais uma vez a flauta trissilábica e estranha. Catherine sorri.

— Flo-ri-o.

— É um pássaro.

Catherine sacode a cabeça, negando-o.

— A princesa. Ela chama o nome dele.

Uma dúvida na sombra; uma minúscula crítica literária — Razão, o pior monstro de todos eles — se mexe.

— A mamãe diz que é um passarinho.

— Você já o viu alguma vez?

Emma pensa, depois faz que não, com a cabeça.

— Ela é muito esperta. Você nunca consegue vê-la. Porque ela é tímida, por não estar com roupa alguma. Talvez tenha estado nesta árvore por todo o tempo. Ouvindo o que dissemos.

Emma dedica um olhar desconfiado ao espinheiro.

— A estória não termina com felicidade para sempre.

— Você sabe quando eu me afastei antes do almoço? Fui encontrar a princesa. Estava conversando com ela.

— O que foi que ela disse?

— Que acabou de saber que o príncipe já vem. Por isso ela o chama pelo nome tantas vezes.

— E quando é que ele vem?

— A qualquer dia. Não tardará.

— Eles serão felizes, então?

— Está claro.

— E vão ter filhinhos?

— Muitos filhinhos.

— É muito feliz, então, você não acha?

Catherine concorda. Os olhos inocentes procuram os olhos adultos e então a meninazinha sorri, devagar; e o corpo se movimenta com um sorriso, ela se ergue, transformada agora em pequena traquina afetuosa, torce-se e monta nas pernas estendidas de Catherine, escorrega e se agarra, obriga a tia a cair de costas, beijando-lhe a boca, os pequeninos lábios compridos — depois dá risadinhas livres, enquanto

Catherine rola o corpo e faz cócegas. Ela grita, contorce-se; depois fica parada, os olhos transbordantes de expectativa e peraltice, já esquecida da estória, ao que parece; mais uma pequena dose de energia a ser gasta.

— Ache-ei vocês! — gritou Cândida a plenos pulmões, ao lado da pedra que as ocultou da trilha lá embaixo.

— Vá embora — diz Emma agarrando-se como proprietária a Catherine, enquanto se senta. — Nós te odiámos. Vá embora.

Três horas da tarde. Paul acordou, apóia-se no cotovelo ao lado de Bel, que agora está de costas, e lê *The Scholar Gipsy* em voz alta. Bel fita as folhas e ramos da bétula. A voz de Paul alcança Sally, ao sol. Peter está deitado ao lado dela, de calção. As três crianças encontram-se novamente à beira do rio, de vez em quando suas vozes fazem contraponto para o zumbido tranquilo da leitura de Paul. Catherine não se acha à vista. O dia tornou-se estranho, dia no qual o calor e a impressão de que tudo está parado parecem prolongados além de seu zênite natural. À distância, em algum lugar do vale, há o som de um trator, mas quase inaudível acima do leve rugido vindo do Premier Saut, o zumbido dos insetos. As folhas da bétula estão imóveis, como se houvessem sido moldadas em cera verde translúcida e colocadas sob enorme campânula de vidro. Olhando para elas Bel tem a ilusão deliciosa de que está olhando para baixo. Pensa em Kate, ou acha que esta está pensando nela, enquanto Paul lê; apenas algumas linhas, pequenas alterações e mudanças na voz dele, são ouvidas. É uma espécie de culpa fácil; tornar-se mais convencida de seu próprio contentamento. Bel acredita na natureza, na paz, em fluir, e logicamente tanto em uma ordem de coisas inevitável como em outra, beneficente; e não em algo tão masculino e determinado quanto um Deus, mas muito mais em algum equivalente vago de si própria a olhar com suavidade e idiossincrasia por trás de toda a ciência e a

filosofia e a inteligência. Simples, firme, fluindo como o rio; a lagoa, e não o salto... encrespamento só em certos momentos, a fim de provar que a vida não é, nem precisa ser... e que beleza de tecido seria feita daquelas folhas, bétulas verdes sobre palavras victorianas, com pouquíssima mudança, apenas os usos de palavras, e mesmo assim somente à medida em que os anos mudassem as folhas de bétulas, mas não de modo absoluto, verdadeiramente.

— "Donzelas que das aldeias distantes vêm para dançar em volta do olmo Fyfield em maio..."

Tudo se torna coerente.

Ela começou a ouvir o grande poema, que conhecia quase de cor; leituras anteriores do mesmo, às vezes ela lera, sua história particular na vida com Paul, e as ramificações, recordações; como a pessoa podia viver nisso, se ao menos Catherine, donzelas em maio... se, ao menos, não tivesse de ser tudo *Hamlet*, aquela estória lacrimosa e intelectual deplorável, tudo muralhas e ventos e jogos de palavras no inverno. Fugas deliberadas quanto a toda a simplicidade. Absurdo, colocar-se no papel de Hamlet; talvez Ofélia, isso não era possível impedir às vezes. Mas o outro necessitava de uma vontade tão má, uma escolha deliberada. Quando Bel estava em Somerville tinha sido feita uma tentativa: um Hamlet mulher. Absurdo. Continuava-se a pensar em rapazes com papéis principais nas pantomimas, em vez de Sarah Bemhardt. Tramas, dramas, ação de longo alcance: quando existem lindos poemas verdes com os quais viver, quanto aos homens tem-se de aguentar ler o que escrevem e talvez esta noite, se der vontade, ser montada por eles. Absurdo. Se, ao menos, a pessoa houvesse recortado aquela coisa no Observador sobre como secar as folhas, devia ser glicerina, e manter-lhes a cor. E como acalmar Candy, naquela estridência pavorosa.

— "Ainda nutrindo a esperança irrealizável. Ainda agarrando-se à sombra inviolável, com um impulso livre à frente irrompendo, à noite, os ramos prateados da vereda... Ao longe, nas orlas da floresta, onde ninguém persegue..."

Ela dorme.

Um ou dois versos depois Peter se levanta, olha para Sally ao chão, as costas dela, ela desatou a parte superior do biquíni, dá para ver o lado do seio branco. Ele apanha a camisa de mangas curtas, as sandálias, caminha descalço para onde estão as crianças. Acha a leitura de poesia coisa claramente pretensiosa, vagamente embaraçosa; e fica aborrecido com o modo pelo qual as pessoas se acham derreadas por ali, o modo pelo qual Sally parece estar caída e drogada ao sol; a lentidão. Uma bola para jogar, qualquer coisa, qualquer saída para a energia normal. As crianças também o aborrecem. Põe-se em pé e observa.

Sally a melhor, o resto do biquíni tirado, por trás de uma moita: uma boa enfiada rápida. Mas é uma pequena convencional, mais tímida do que parece... apenas moldável, como todas as pequenas que teve, desde que a esposa se retirou; e com o preço — não muito inteligente, não muito inesperado, nem muito seco e perceptivo, de modo algum; quando se olhava a situação, desesperançadamente fora da profundidade dela com Bel e a maldita irmã. Não deviam tê-la trazido. Era fácil tê-la por perto, fazê-la deitar-se e ser visto em sua companhia. Como certos programas. O que alguém mereça, queria mais.

Tom, pelo menos, parece satisfeito com o fato de que a irmã mais velha e tão segura de si lhe dá ordens, o pobre filho da puta. Ela serve como *doublé* da mãe. Peter veste a camisa e olha para trás, por baixo da bétula. As costas azuis de Paul, Bel que está prostrada, o vestido creme caído, duas solas de pé róseas... vamos dizer a coisa, dava vontade de tê-la, não se sabia o motivo, mas sempre tivera tal vontade. Peter volta-se

rio acima. Inclina-se na primeira pedra por momentos, a fim de afivelar as sandálias, depois prossegue e vai em meio às árvores, a ravina estrangulada, acima do Premier Saut, por onde Catherine seguiu antes. Chega até a descer para onde ela sentou-se, fica olhando o tanque de água; pensa em nadar. Talvez o faça com pressa um tanto demasiada. Lança um graveto ao meio do tanque. Com rapidez demasiada, é certo. Abre o calção e urina na água.

Volta para a trilha, depois segue por ela em meio ao cinturão íngreme de árvores, rumo aos penhascos acima. Chega à clareira. A terra se inclina, faixas de arbustos espinhosos e de giestas divididas por faixas compridas de cascalho. Começa a escalar a faixa mais próxima, cinquenta, depois cem passos, até onde pode olhar para trás sobre as árvores e as pedras, vendo a clareira e o rio: as formas pequenas das crianças na água, Sally deitada como a deixou, Paul e Annabel sob a bétula, creme e azul, fazendo sua coisa altamente civilizada. Apalpa o bolso procurando o cigarro, depois lembra-se que os deixou lá na toalha de piquenique: fica pensando no motivo pelo qual se deu ao trabalho. O calor. Volta-se e fita o penhasco que se eleva acima dele, cinzento e de ocre avermelhado, um ou dois ressaltos já lançando sombra ao sol que declina. Aspectos, ângulos. Morte. Ele continua subindo mais cem passos até onde a terra se torna vertical, uma muralha de pedra.

Agora volta pelo sopé do penhasco, acima da vegetação e escarpa por baixo. Há uma espécie de trilha de cabritos, com excrementos antigos. O penhasco faz a volta, distanciando-se do rio; o calor parece maior. Ele olha as crianças, pensando se deve chamá-las. Algum grito de guerra, algo que interrompa tudo aquilo. Não importava o que as pessoas pensassem, acabar com a frescura dos outros era aquilo que se devia fazer; realizar as coisas, alisando aqui, indo às brutas ali; jogar a partida pelas próprias regras rápidas que se tem. O ponto alto em produzir, a pressão, nunca se permanecia

muito tempo, era questão de mexer-se; sugava-se o sumo, depois se passava ao próximo. Ainda assim, era um convidado. Gostava do velho Paul, a despeito de todas as suas coisas. Invejava o velho Paul; muito bem, como na essência alguém desejaria algum dia para si próprio, saía-se Bel. Aqueles olhos que brincavam, debicavam, sorriam; e nunca cediam por completo. Ela era tão pouco óbvia... as securas, a simplicidade zombeteira que não enganava pessoa alguma; cinquenta Sallys em seu dedinho e um belíssimo par de tetas, aquele vestido de ontem à noite.

Homem desempenado e de altura acima da média, voltou-se e fitou o penhasco acima da cabeça, ficou a imaginar comodamente se estava a salvo de pedras rolando.

O sol erótico. Sol masculino. Apoio, e a pessoa é morte. Seu poema uma vez. Está-se com as roupas de baixo, com óculos escuros e pálpebras cerradas, percebendo o desenrolar das coisas, as luas desditosas; oculta e esperando. Também deve estar perto. Pensava-se nisso até com Emma, já que ele está aqui, também esperando, a cada instante. Daí porque a pessoa não aguenta outras, elas o obscurecem, não compreendem como é belo, agora que ele colocou a máscara; tão distante do esqueleto. Mais sorridente, vivo, quase em carne e osso; e igualmente inteligente, chamando. O outro lado. Paz, uma paz negra. Se a pessoa não tivesse visto os olhos de Emma, se não ouvira quando dissera que odiamos, respirando sim, sim, sim.

Odiamos. Estéril. Agarrara-se a tudo, menos isto: a covardia, espera, esperar sem se atrever.

A morte. Tinha-se mentido ao boi, não era em absoluto ser incapaz de fugir ao presente; mas ser todos os futuros, todos os passados, ser ontem e amanhã; o que deixava o hoje

como um grão frágil entre duas mós implacáveis e imensas. Nada. Tudo era passado, antes de acontecer; eram palavras, cagalhões, mentiras, esquecimentos.

Por quê?

Infantil. A pessoa devia agarrar-se às estruturas, aos acontecimentos certos. A interpretação dos sinais. O sinal da pessoa era alfa, a criatura preciosa (oh, sim), rara, dá para ver. Com todo os defeitos preciosos de alguém, esse alguém enxerga. Cometeu um crime terrível e isso prova que a pessoa vê, pois ninguém mais admite sua existência. Serrou-se o galho em que se estava sentado. Emporcalhou se o próprio ninho. Transgrediram-se provérbios. *Ergo* a pessoa a provar que enxerga. Enxergava-se, era isso. Tempos de verbo.

Poluição, energia, população. Todos os Peters e todos os Pauis. Não irão embora voando. As culturas moribundas, os países moribundos.

A Europa acaba.

A morte da ficção; e já era tempo.

Mesmo assim a pessoa continua deitada, como em novela escrita por autor que ninguém admira mais, em uma arte que se tornou obsoleta, sentindo-se erótica e autoconspurada; como se alguém o houvesse feito antes, sabendo que era planejado, provado, inevitável. Como pegara uma certa vez, em cemitério; e escrevera *Transando entre sepulturas*. Não se gostava: do poema, e não de ter transado.

*Il faut philosopher pour vivre*. Isto é, a pessoa não deve amar.

Lágrimas de autocomiseração, a mão oculta nos cabelos 'furtivos. A transferência de epítetos. É queimar e extirpar; banir; anular; aniquilar. Não voltarei. Não como sou.

E Catherine permanece deitada, compondo e decomposta, escrevendo e escrita, aqui e amanhã, na grama

alta do outro lugar oculto que descobriu. Cadáver jovem e de cabelos escuros, com a boca amarga; as mãos nas ilhargas, faz por pensar em fazer; em suas roupas íntimas sem paralelo, olhos cerrados e negros.

Onde tudo se inverte; depois de entrar, onde nada sai. O buraco negro, o buraco negro.

Sentir-se tão estática, sem vontade; sombra inviolável; e no entanto tão potente e tão bem-posta.

Ainda não havia a menor sombra de vento quando Peter, agora tão entediado com sua estada de meia-hora no mato como estivera quando levado a procurá-lo, voltou para ter com os outros. Eles e o rio desapareceram da vista quando desceu uma encosta de pedras soltas na direção da manada de pedras elefantinas, que se estendiam até certa medida na direção dos penhascos. Não se imaginava como eram grandes, até se encontrar entre elas. Aqui e acolá os espaços entre as pedras estavam tomados de vegetação enfezada. Era preciso voltar, encontrar passagens mais fáceis. Parecia-se a um labirinto natural, embora os penhascos por trás dessem a direção aproximada a ser tomada. Calculara mal a distância, a trilha de cabritos devia ter-se distanciado mais do rio do que percebera. Depois quase pisou em uma cobra.

O ofídio desaparecera quase antes de poder vê-lo. Mas havia alguma espécie de figura em suas costas? Tinha quase certeza de que sim. Devia ter sido uma serpente. Seria com certeza uma serpente quando ele voltasse para contar aos outros. Conseguiu arrancar o galho de um arbusto desgarrado e prosseguiu com mais cautela, agitando o mato verde à frente, como se estivesse procurando minas explosivas com detector eletrônico. E então, de súbito, sua pequena provação de cinco minutos terminara. Chegou à trilha que descia rumo ao rio; era fraca e sinuosa, mas tinha objetivo. Viu a copa da bétula de Annabel a duzentos ou trezentos passos para baixo. A trilha se abria, serpeava em meio às

pedras ponderosas que brilhavam muito levemente, deviam ter mica, ao sol. E depois, por espaço ensombrecido entre dois dos megalitos, descendo o morro, a cerca de dez metros de distância viu Catherine.

Ela estava deitada de costas ao lado de outra pedra enorme. Tinha o corpo quase oculto pela grama comprida; tão oculta que quase deixara de vê-la. O que lhe chamara a atenção tinham sido as sandálias vermelhas de algodão, encarapitadas sobre a pedra por trás da cabeça dela.

— Kate?

A cabeça dela se volta e se ergue com rapidez acima da grama, para vê-lo em pé entre as duas pedras e sorrindo. Acusadora, estendida à frente, como uma ave sobressaltada. Ele ergue a mão tranquilizadora.

— Desculpe. Achei melhor avisar-lhe. Acabei de ver uma serpente. — Meneia a cabeça na direção e aduz: — Logo ali, faz pouco.

Continuam os óculos escuros a fitá-lo, depois ela se senta apoiando-se no braço, relanceia o olhar em volta e vira-se para fitá-lo, dando de ombros. Ninguém por ali. Ele vê que ela não está no biquíni que usara de manhã, mas nas roupas de baixo, que não combinam: porta-seios brancos, calcinha marrom-escura; não é como ela gostaria de ser vista. Os óculos escuros dizem ser culpa dele o fato de existirem serpentes. Intruso eterno, um subtraidor.

— Será que você tem um cigarro?

Ela hesita e depois estende o braço com relutância para o lado e ergue um maço de Kent tirado da grama. Ele joga fora o galho e vem para onde Kate se encontra. Ela continua apoiada sobre o braço, as pernas enrodilhadas. Ele vê a calça Levis dobrada e a camisa roxa que ela esteve usando como travesseiro. Oferece-lhe o maço, depois volta a estender a mão para a bolsa grega, de onde tira o isqueiro; ambas as coisas, a

caixa pequena e branca e o cilindro alaranjado de polietileno, sem fitá-lo.

— Obrigado. Quer?

Ela sacode a cabeça, ele acende o cigarro.

— Sinto muito se não usei tato, depois do almoço. Eu sinceramente não queria que aquilo se parecesse a caridade.

Ela volta a sacudir a cabeça, fitando-lhe os pés. Não importa; por favor, vá embora.

— Posso imaginar como... — mas a imaginação parece faltar-lhe no meio da frase. Devolve o isqueiro e os cigarros. Ela os aceita em silêncio e ele desiste, com pequeno gesto de desalento.

— Não queria perturbá-la. Foi só a serpente.

Ele já está se voltando quando ela se mexe; seu braço tem quase a rapidez da serpente. Os dedos o agarram logo acima do tornozelo, no toque mais curto, mas suficiente para fazê-lo parar. Depois a mão se estende ao lado da pilha de roupa e apanha uma bisnaga de creme bronzeador. Suspende-o na direção dele e depois o aponta para as próprias costas. A mudança de atitude tão repentina e inesperada, tão banal e implicitamente amistosa, a despeito da falta de expressão no semblante dela que ele ri.

— Está claro. É o meu forte.

Ela se deita sobre o estômago, fica a se apoiar sobre os cotovelos. Ele se senta ao lado, bem, bem, bem, e desatarraxa a tampa da bisnaga; uma pequena língua estendida de *café-au-lait*. Ela sacode os cabelos escuros à frente, depois erguer a mão para ter certeza de que os libertou dos ombros; fica ali deitada, olhando a pilha de roupas e esperando. Ele espia o rosto desviado e sorri para si próprio; depois aperta a bisnaga, fazendo sair para a palma da mão esquerda um pequeno verme do creme.

— Quanto por pé quadrado?

Mas a única resposta que recebe é um minúsculo dar de ombros. Estende-se então e começa a esfregar o creme no ombro esquerdo dela, depois desce para a omoplata. Há leves marcas de grama, feitas quando ela se deitou de costas. A pele está quente, absorve o creme. Ele afasta a mão e nivela a palma para receber mais creme da bisnaga. Como se ela estivesse esperando essa perda de contato momentâneo, afunda-se à frente, por completo, depois retorce as mãos e solta o porta-seios. Ele está sentado e preso, enquanto aperta a bisnaga; como se houvesse chegado a uma encruzilhada inesperada na estrada; como alguém em discussão percebe, de repente, a refutação oculta do que afirmou na frase anterior. Aberta a bisnaga. Silêncio. Ela volta a se erguer sobre os cotovelos, o queixo apoiado nas mãos, o olhar perdido na distância.

Ele murmura:

— Você tem a pele muito lisa.

Mas agora compreende, sabe que ela não responderá. Começa a esfregar o creme no ombro mais perto de si, mais creme desta vez, depois desce até onde a pele ficou franzida, levemente marcada pelas alças do porta-seios. Não oferece a menor reação à palma da mão que faz círculos, embora ele esfregue com mais firmeza e mais devagar, descendo em ambos os lados, até o centro do dorso baixo. Quando ele pára a fim de apanhar mais creme, um leve odor que faz lembrar rosas, *patchouly*, ela afunda à frente e se estende outra vez, o rosto voltado para outro lado, acolchoado nas mãos, os cotovelos para fora. Ele esfrega para a frente e para trás acima da faixa de pano púrpura forte que lhe divide o corpo.

— Está bem?

Ela nada diz, nem faz o menor sinal. O calor, o corpo deitado. Ele hesita, engole em seco e depois fala em voz mais

baixa.

— As pernas?

Ela continua inteiramente imóvel.

Lá embaixo, fora da visão, o grito de uma criança vem como punhalada, mistura de raiva e queixa; parece-se a Emma. Um gemido mais fraco, lágrimas iminentes. Depois um "eu te odeio!" berrado.

É Emma, sim.

Surge uma voz tranquilizadora. Depois reina o silêncio.

A mão de Peter parou no centro das costas de Catherine. Prossegue agora, subindo devagar e descendo também, os dedos se arrastando cada vez mais longe pelos lados, em fingimento de trabalho completo e indiferentemente feito; quando tudo está ereto, armado, doido, em todos os sentidos doido. O nervo cheio de sangue, o selvagem domesticado; por saber o que se quer; e, de algum modo, coisa afrontosamente engraçada e erótica. Ele deixa os dedos acariciarem o lado esquerdo e oculto do corpo dela, alisarem a orla da axila. Ela movimentava o braço esquerdo, tirando-o de sob o rosto, estende a mão para a coxa e empurra para baixo o lado da calcinha. Depois recoloca a mão sob a face. Peter hesita; depois joga fora o cigarro; estende o braço e apanha o tecido onde ela o tocou. Ela rola o corpo para um lado, depois para o outro, de modo que possa despi-la. Ele aperta mais creme da bisnaga e começa a passá-lo sobre as faces, sobre a curva da cintura, depois para cima e para trás. Inclina-se e lhe beija o ombro direito, morde-o com suavidade; oleosidade de odor doce. Ela não tem qualquer reação. Ele se inclina sobre o cotovelo ao lado do corpo e sua mão esquerda acaricia, um pouco mais baixo, a pele macia em cima das coxas, das faces, a linha da greta.

Despe então a camisa. Ajoelha-se em seguida, olha rapidamente em volta. Inclina-se sobre ela e puxa a faixa

retorcida de pano púrpura. Quando a mesma chega aos joelhos, ela ergue as pernas para que fiquem livres. Mas é só isso. Ali está deitada e nua, a cabeça voltada para outro lado, esperando. Ele se ajoelha e volta a olhar em volta; depois senta-se, lança-se para trás e despe o calção. Vem de quatro sobre as costas dela, põe as mãos em suas axilas. Ela movimenta a cabeça de modo que esta fique comprimida no dorso das mãos e no chão. Ele puxa com gentileza o ombro esquerdo, para fazê-la voltar-se. Ela continua inerte. Ele puxa com mais força, ela cede um pouco, o corpo faz meia-volta, embora o rosto continue voltado e oculto, enfiado no chão. Ele a força com mais brutalidade para que se vire. E agora o rosto à vista volta-se para a esquerda. Perfil. Á garganta nua, a boca. Ele estende a mão e retira os óculos escuros. Os olhos estão fechados. Afasta então uma madeixa de cabelos escuros da face. Depois rasteja e se agacha para trás, beija os pêlos púbicos, depois o umbigo, depois cada seio. Ela está excitada, fingindo ou não. Ele se baixa sobre ela, procurando a boca desviada. Mas como se o peso dele fosse o sinal, ela volta ainda mais o rosto para o lado. Ele insiste e ela sacode a cabeça agitadamente para o outro lado; um capricho repentino, suas unhas nos ombros dele, empurrando-o com frenesi, contorcendo-se, debatendo-se, sacudindo a cabeça com violência da esquerda para a direita. Ele volta a ajoelhar-se, de quatro. As mãos dela o soltam. Ela continua deitada, a cabeça voltada para o lado.

— Kate! Peter!

Vozes das crianças, filhos de Paul, talvez igualmente os filhos de Sally e Bel; vozes em coro, em concerto, como se houvesse um regente. Há um eco distante vindo do penhasco. E depois, como era inevitável, Cândida anunciando sozinha:

— Nós já vamos! Vamos.

Catherine volta a cabeça, abre os olhos e fita o rosto de Peter. É estranho, como se não pudesse enxergá-lo, como se

estivesse olhando além daquele sorriso dele, sorriso de conhecedor, levemente zombeteiro. Ele tem e sempre terá a idéia de que ela fitava algo além dele; não Peter. É uma pose, está claro; apenas o divertimento mórbido de uma pequena neurótica e maluca, com o cio. Muito neurótico, e muito sexy. Pegá-la assim, desse modo, só uma vez; pegar aqueles olhos claros e estilhaçados.

— Kate! Peter!

Ela o fita por três ou quatro segundos mais, depois se volta calma e submissamente, como se ele o ordenasse, entre suas pernas e braços abertos; novamente deitada de bruços, o rosto enterrado no chão, ela espera.

Sally se vestira e Bel estava em pé, falando-lhe sobre roupas de criança ao lado das três cestas de piquenique já arrumadas, sob a bétula. Paul e as três crianças continuavam na água, tentando achar mais lagostins enquanto esperavam. Foi Bel, que por coincidência olhava naquela direção, quem viu Peter em primeiro lugar, o aceno dele, ao surgir pela trilha vinda de rio abaixo. Ela ergue a mão indolente em resposta e Sally se volta. Ele vem sorrindo.

— Desculpe. Terreno muito acidentado naqueles morros lá.

— Estivemos gritando feito malucos.

— Está cheio de serpentes. Fiquei com medo de que os garotos quisessem ir me procurar.

Sally se encolhe.

— Serpentes!

— Quase pisei numa delas.

— Oh, Peter! Bel diz:

— Eu devia tê-lo avisado, Existem algumas.

— Está tudo certo. Ela bateu em retirada.

— Puxa — e Sally volta o rosto, cheia de desagrado. Bel sorri:

— Você não viu a Kate, por acaso? Ele olha além dela, procurando.

— Não. Ela não...?

— Não faz mal. Talvez já tenha ido para casa. — Volta-se e chama os outros. — Vamos. Peter voltou.

— Oh, mamãe! Ainda não pegamos bastante. Bel caminha rumo à água. Sally fita Peter.

— Onde foi?

— Ali em cima — e ele faz gesto vago na direção dos penhascos.

— Eu bem queria que você não se afastasse assim. Fiquei assustada.

Ele relanceia o olhar pela grama.

— Estava chateado. O velho Paul e a leitura dele. Como se portou o Tom?

— Muito bem.

— Viu os meus cigarros?

Ela se inclina sobre uma das cestas, vasculha a mesma e entrega os cigarros. Cândida aparece, acusadora.

— Nós gritamos e gritamos!

Ele lhe fala sobre as serpentes. Agora as mesmas estão em plural muito seguro.

Lá pela água, Bel defronta Paul, fitando além dele, na direção da garganta.

— É uma pena, mesmo. Não sei o que fazer com ela.

— Ela pode ter prosseguido.

— Nesse caso, pelo menos, era para nos avisar. — Fala com Emma, ainda brincando com o pequenino Tom em volta da represa que construíram. — Querida, agora nós vamos. Pegue o Tom e vista suas roupas. — Emma não dá qualquer atenção. Bel olha para Paul. — Eu resolvi essa tarde. Nós nos preocupamos demais. E isso faz o jogo dela.

— Você quer que eu vá procurar?

— Não. — Ela fala com mais aspereza. — Emma! E depois a Paul:

— Eu sei que você queria trabalhar com o Peter.

— A intenção geral era essa.

— Não sei o que ela está querendo provar.

— Duvido que ela mesma saiba. — Volta-se então para Emma. — Emma, tem certeza de que a Titia Kate não disse que ia para casa, quando você a deixou?

— Ela se perdeu outra vez? Bel segura-lhe a mão.

— Não, querida. Não importa. Venha, agora. E o Tom também. Paul diz:

— Eu não me importo.

Bel lança-lhe um olhar de esguelha.

— Não.

Ela toma a mão de Emma, em seguida a do pequenino Tom, depois parte de volta à bétula. Sally vem a seu encontro e a liberta de Tom. Paul acompanha-os, esfregando a barba.

Sob a árvore Cândida diz que não podem ir para casa sem Kate. Bel afirma que ela provavelmente voltou para casa, a fim de tomar chá. Peter pergunta em que direção ela seguiu. Sally se ajoelha, enxugando as pernas e pés de Tom com toalha verde-escura. Cândida alvitra que Kate foi mordida por uma serpente. Bel sorri.

— Elas não matam, querida. Teríamos ouvido gritos dela. Provavelmente continuou andando.

Representando Hamlet ofidicamente bem. Sally passa a toalha a Bel.

— Está toda molhada — queixa-se Emma, esquivando-se da mesma.

— Criancinha — comenta Cândida.

Paul se volta, sorri maldosamente para Peter.

— Aquilo de que um bom piquenique precisa mesmo é de um sargento regimental à antiga.

Peter ri.

— Um superdia. Lugar formidável. Será bom usá-lo de algum modo.

— Sinto muito por causa da Kate. Ela está sendo muito difícil.

— Espero que não sejamos nós.

— Santo Deus, não. Só... a Bel se preocupa. A voz firme de Bel se faz ouvir:

— Emma, se não calar a boca dou-lhe um tapa.

Os dois homens se voltam, Emma está em pé, os lábios apertados e à beira do choro, enquanto a mãe lhe esfrega com força as pernas. Cândida faz uma cambalhota a fim de mostrar que não está cansada de modo algum e é inteiramente adulta. Bel puxa para cima as calças roxas-tijolo de Emma, depois as prende, beija-a na cabeça.

— Pois bem — diz Paul. — Para a frente, soldados de Cristo? Ele segue à cabeça da turma, tendo Cândida ao lado e voltando pela trilha. Peter os acompanha, segurando o filho pela mão. — Um dia e tanto, Tom, você não acha?

Depois vêm Bel e Sally com Emma entre as duas, indagando sobre os lagostins.

É questão de um minuto e as vozes se afastam, o lugar do piquenique esvaziou-se; a bétula antiga, a grama, as sombras que se encompridam, as pedras, a água murmurante. Uma poupa, cor de canela, preta e branca, mergulha no ar sobre a água e pousa em um dos ramos mais baixos da bétula. Após algum tempo ela salta para a grama onde estavam sentados; põe-se em pé, ergue o leque da crista. Depois a crista desce, rápida, o bico curvo, e uma formiga morre.

Uma das sandálias de Emma se soltou e Bel ajoelha-se. Sally prossegue andando a fim de emparelhar-se a Peter e Tom. Atrás, ao voltarem a caminhar, Emma começa a contar à mãe, se esta jurar que não contará à Candy, que não foi perdoada por ter pisado em linda casa de gravetos ao lado da represa, a casa-floresta da Princesa Emma que os animais ajudaram a construir, o conto narrado pela Titia Kate; ou sua versão já revista da estória que ouviu, que terminará sem qualquer ambiguidade. À frente Sally vem ao lado de Peter, que continua segurando a mão do filho. Ele estende o braço distraído pelas costas dela, que lhe fareja o ombro.

— Que creme de bronzear você andou usando? Ele também fareja.

— Só Deus sabe. Estava ali no chão. — Pisca o olho e faz careta. — O Tom quer viver aqui, agora.

Ela estende o pescoço à frente e indaga:

— Você quer, Tom? Gostou daqui?

O guri assente. Precisam caminhar em fila indiana, onde a trilha se estreita em meio à vegetação luxuriante de arbustos. Peter empurra Tom à frente. Sally vem por último, olhando as costas de Peter. A trilha volta a alargar-se e Tom pergunta se farão outro piquenique amanhã.

— É provável, meu velho. Não sei. Mas nós nos divertiremos, seja lá como for.

Sally caminha um pouco atrás do ombro de Peter, sem o tocar, observando-lhe o rosto.

— Você tem certeza de que não a viu?

Ele lhe lança um olhar severo, ela volta a fitar a trilha, e diz:

— O teu cheiro é igual ao dela, de manhã. Entre divertido e incrédulo, ele pede:

— Querida, pelo amor de Deus. — E logo: — Não me acuse. O creme deve ser dela. Eu só o apanhei, depois do almoço.

Ela continua olhando a trilha.

— Não vi o creme, quando arrumamos as coisas.

— Nesse caso ela deve tê-lo levado, quando se afastou. E pelo amor de Deus, pare de ser...

Ele arreda o olhar.

— Muito obrigada.

— Não tem de quê.

— Pelo menos sei que sou uma cacete. Ele sacoleja o braço do filho.

— Vamos, Tom. Vamos correr até ali, aquela árvore. Pronto? Vamos!

Corre em frente por algumas passadas, mas deixa que o menino de quatro anos o alcance e ultrapasse.

— Você ganhou! — retoma a mão dos filhos e eles defrontam Sally, que desce devagar para onde se acham. — O Tom ganhou.

Ela dedica ao filho um sorriso ralo e simbólico. Peter estende a mão e apanha a cesta que ela carrega, puxa-a um pouco a si com o outro braço e lhe cochicha ao ouvido:

— Na verdade, gostei dela e muitíssimo. Mas estou guardando a necrofilia para minha velhice.

Ela se afasta, pacificada apenas um pouco.

— Você me faz sentir insegura.

— Vamos, Tom. Tome a mão de Sally.

Eles continuam andando com o meninozinho entre si. E ele murmura, sobre a cabeça da criança.

— Você vai ter de achar motivo melhor do que este.

— Você acabou de dar um.

— Empate, então.

— Você não dá qualquer vantagem.

— Olhe só quem está falando.

— Você gostaria de me deixar cuidando de seus pijamas. Durante o dia. Esquece que eu existo.

Ele respira fundo e não precisa responder. Em frente, onde a árvore dá lugar ao primeiro prado, vêm Paul e Cândida em pé no campo aberto, voltados, olhando para o céu. Cândida vê que eles vêm e aponta, animada. A folhagem impede que compreendam o que ela quer dizer, mas uma vez chegados também ao prado, podem enxergar.

Uma nuvem, mas nuvem misteriosa, o tipo de nuvem de quem ninguém se esquece porque é tão anômala, tão discrepante do conhecimento meteorológico que até os mais destituídos de observação a observam. Ela vem do sul, por trás dos penhascos que Peter escalou e cuja proximidade, no local do piquenique, deve ter escondido o que, na planície, teria sido evidente desde muito antes; por isso dá a impressão de que veio rastejando, feroz e pressaga, um grande amontoado de algodão cinzento de orlas brancas, pairando sobre a muralha rochosa e portador iniludível de tempestades. Sempre prenunciada pelo calor abafado do dia...

mesmo assim, assusta. E a luz de sol vespertina ainda pacífica e sem vento, em torno, parece de repente fantasmagórica, falsa, sardônica, as garras de uma armadilha muito bem disfarçada. Peter diz:

— Meu Deus. De onde veio aquilo?

Paul está em pé de braços cruzados, observando a nuvem.

— Às vezes acontece. Calor demasiado, de repente. Depois o ar frio que sai dos Pirineus.

Candy olha para Sally.

— Vai trovejar e dar raios a noite toda. — Aduz, então: — Estamos preocupados com a Kate.

Paul sorri e lhe afaga os cabelos.

— Ela vai surgir. De qualquer modo, talvez já esteja em casa. Preocupando-se conosco.

— Aposto que não está. — Candy, que não aceita condescendência, ergue a cabeça e fita o pai. — Aposto dois francos com você, papai.

Ele não a ouve e apanha a cesta, depois recua e se põe ao lado de Peter e Sally.

— Escutem, por que vocês não continuam? Eu vou esperar Bel. — Apalpa no bolso, tira de lá alguma coisa. — Aqui está a chave, Peter. — Volta-se, então: — Candy, você vai com eles para casa, por favor, e...

Cândida aponta.

— Ali estão elas. Vadiando, como se costume.

Todos se voltam. Bel e Emma vêm devagar pelas árvores, Emma falando e à frente, caminhando para trás, de modo que não pode observar o rosto da mãe. Mas quando vê o rosto erguer-se em frente ela se volta e vem correndo juntar-se ao grupo no prado. Paul caminha de volta para Bel.

Evitando o olhar de Peter, Sally pergunta:

— Não é melhor você ir procurá-la também? Ele faz careta.

— Acho que eles próprios preferem lidar com o caso. — Olha então para o filho. — Quer montar em minhas costas, Tom?

Sally o fita, enquanto ele ergue a criança, pondo-a no pescoço e depois corre pela grama em círculo, sacolejando o rostinho nervoso. Tom se agarra bastante, assustado demais para falar.

— É melhor eu ir com você — disse Cândida a Sally. — É quase certo que se perca, se não a acompanhar.

Emma os alcança.

— Peter, posso montar nas costas? Por favor!

Cândida estende o braço autoritário para impedir-lhe o caminho.

— Não, não pode. Vamos para casa.

— Eu quero montar nas costas.

Peter começa a trotar pelo prado, sacolejando Tom para cima e para baixo. Sally olha para onde Paul e Bel estão agora em pé conversando; Paul com as mãos nos quadris, de frente para o rio.

Cândida fita a irmã.

— Por que não experimenta?

De súbito ela corre e agarra Emma, quando esta se volta, querendo correr rumo aos pais. Emma grita, Paul se volta e berra.

— Candy! Pare com isso!

— A Emma está sendo malcriada!

— Não estou!

— Deixe-a em paz. Vá para casa com Peter e Sally. Sally propõe:

— Vamos, Candy.

Cândida hesita, depois belisca o braço da irmã, mas solta-o imediatamente e se afasta. Outro grito.

— Seu *animal!*

Cândida olha para Sally, dá de ombros.

— Ela não passa de uma criancinha.

Emma corre atrás dela, bate-lhe com força nas costas ao passar, depois prossegue correndo até onde Peter e Tom estão trotando pelo prado a fora. Cândida sai em sua perseguição. Emma começa a gritar e logo cai. A irmã a alcança e começa a bater-lhe. Os gritos são constantes, mas não de dor verdadeira. Não, não, não. Sally volta-se para olhar a floresta. Parecem ter desistido de controlar as crianças, agora ambas as costas se voltaram, como se esperassem que Kate surgisse na trilha além. Sally recolhe a bolsa que Peter deixou na grama e começa a seguir para onde Cândida se ajoelha sobre Emma, que está mais calada, tudo parece uma brincadeira agora, mais cócegas do que beliscões. Eu prometo, diz Emma. Prometo. Além delas Peter e Tom desaparecem em meio aos choupos na extremidade distante do prado. Sally volta a olhar a nuvem.

Aquelas pessoas que ela não conhecia até hoje; aquele país e campos estranhos; este papel que tem de desempenhar, aquilo de não ter por perto uma mulher para quem se possa voltar, aquilo de ser vagamente explorada, desdenhada, desconfiada, mal amada, cansada, queimada de sol, tão longe de casa; período pré-menstrual, mas não pode ser; aquela vontade de chorar, mas faltando a coragem para tanto. Passa pelas duas crianças ignorando-as, embora ergam o olhar, triunfais e traquinas, querendo ser vistas. Começa a revirar as roupas limpas das crianças, enquanto caminha, e a

toalha de piquenique e a coleção de coisas no fundo da cesta que carrega; como se houvesse perdido algo.

Aconteceu? Acontece?

Aconteceu. Ela parou de procurar quando Cândida veio correndo e começou a caminhar a seu lado. A criança nada disse, mas não pára de olhar para trás. Afinal Sally fez o mesmo: Emma no meio do campo, deitada de costas, apenas os joelhos róseos à vista, fingindo-se de morta.

— Está só fingindo — diz Cândida, para explicar. Acontece.

E depois de alguns passos, ele pergunta:

— Por que você não é casada com o Peter?

Do outro lado do rio, se alguém fosse uma ave observadora em meio à folhagem, tê-los-ia visto desaparecer; depois Paul e Bel aparecem do outro lado do prado caminhando com mais rapidez na direção do local onde Emma agora se senta, à espera deles. Paul aponta para trás na direção da nuvem e Bel relanceia o olhar em volta, enquanto caminha. Chegam à meninazinha que ergue os braços. Cada um deles toma um dos braços e a põe em pé. Assim prosseguem: depois de algum tempo ela começa a apalpar e cabriolar, sustentando-se momentaneamente em pleno ar entre eles, erguida por suas mãos. A cada vez que salta seus cabelos longos e claros sobem e descem com o movimento. Eles emitem gritos enquanto ela assim prossegue entre os dois, e a menina partilha nos gritos. Mas logo param por momentos. Paul apanha a filha e ela passa o braço por seu pescoço. Os três prosseguem caminhando mais devagar, mas ainda assim não é calmamente; como se houvesse algo a ser apanhado ou, talvez, algo de que fugir.

Desaparecem em meio aos choupos. O prado ficou vazio. O rio, o prado, o penhasco e a nuvem.

A princesa chama, mas não há ninguém, agora, para ouvi-la.

Fim

{1} Devo agradecer ao Dr. Nicholas Mann, do Rembroke College, Oxford, pela ajuda que me prestou em algumas linhas mais difíceis.

{2} O texto diz "em um castelo", mas parece óbvio que signifique Exeter, então uma cidade fortificada. Marie saberia da sua importância na época da Saxônia Ocidental e do cerco de William, O Conquistador, em 1068. Os saxões tomaram Devon e Exeter dos celtas na última metade do século 17, logo a origem de Eliduc deve anteceder àquela época. Totnes, por sinal, é um porto frequentemente mencionado no "matière de Bretagne".

{3} O cavaleiro soudoyer deve ser entendido (ao menos no romance) numa acepção mais honrada do que o mercenário da Renascença ou da era contemporânea. Talvez o melhor equivalente seja o samurai japonês.

{4} O cinto em voga na Idade Média era formado por elos e tinha um colchete na ponta. Amarrava do lado por um mecanismo de vaivém. Há um exemplar soberbo, do século XIV, em madeira espinhosa, feito para uma dama da Bretanha, no "Victoria and Albert Museum".